



**VNiVERSiDAD
D SALAMANCA**

CAMPUS DE EXCELENCIA INTERNACIONAL

***Gênero, Migração e Transmigração: Mulheres do Brasil no
Reino da Dinamarca***

***Autora: Railda de Macêdo Matos
Orientadora: Profa. Dra. M.^a Esther Martinez Quinteiro***

2013

UNIVERSIDADE DE SALAMANCA

**PROGRAMA DE DOUTORADO PASADO Y PRESENTE DE LOS DERECHOS
HUMANOS**

Gênero, Migração e Transmigração: Mulheres do Brasil no Reino da Dinamarca

Tese apresentada ao Programa de Doutorado Pasado y Presente de los Derechos Humanos, como requisito para a obtenção do título de Doutor pela Universidade de Salamanca.

Railda de Macêdo Matos

Orientadora: Profa. Dra. M.^a Esther Martinez Quinteiro

2013

A tese intitulada “**Gênero, Migração e Transmigração: Mulheres do Brasil no Reino da Dinamarca**”, apresentada no âmbito do Programa de Doutorado “Pasado e Presente de los Derechos Humanos”, como requisito parcial para a obtenção do título de **Doutor pela Universidade de Salamanca**.

Vº Bº da Orientadora

Profa. Dra. M.^a Esther Martinez Quinteiro

Ninguém nasce mulher, torna-se mulher.
(Simone de Beauvoir, 1949)

Dedico este trabalho aos meus filhos Erika, Julius Peter e Anna Beatriz como também ao meu companheiro de jornada, Jens, pelo amor, carinho e apoio incondicional.

AGRADECIMENTOS

Sonhos que se sonha junto é realidade

(Raul Seixas)

À minha orientadora, professora doutora **M.^a Esther Martinez Quinteiro**, com a qual tive a honra de poder compartilhar muitas ideias, pela competente orientação e apoio, me fazendo acreditar que seria possível.

Às mulheres que abriram, generosamente, suas vidas e compartilharam comigo seus segredos em forma de entrevistas. Sem vocês este trabalho não seria possível.

À professora doutora M.^a Dolores de Brito Mota, pelo apoio intelectual e emocional.

À professora Ana de Oliveira Campos, professora Noquinha, que, ao abrir as portas de sua sala de aula, me preparando para o exame de admissão, no quinto ano primário, proporcionou a minha entrada no antigo curso ginasial.

À minha amiga Dinás Lichemi pelo apoio nesta jornada.

À pessoa que me ensinou o significado do amor incondicional, compartilhou comigo o pouco que tinha e que me encheu de amor: Minha dindinha, Jovelina Brito da Silva, a querida Jove.

Aos meus filhos Erika, Anna e Julius por ter me “suportado” nos dias de *stress* e a Jens, meu companheiro de vida, pelo amor, carinho e incentivo.

À minha mãe, dona Maria, Maricotinha, Maricota e Cota que me mostrou que superar adversidades é um exercício cotidiano e que isto não deve ser motivo para se desistir dos sonhos. Um exemplo de garra da mulher nordestina que nunca desiste e luta, sempre.

À minha família que sempre esteve ao meu lado em todos os momentos da minha vida. Especialmente minhas primas Maria, Avelange, Gilsara, Tamar e Bia e a minha tia Maria.

Aos meus colegas do doutorado pela amizade e solidariedade. Especialmente a Fabricia Milanezi, Celma Tavares e Niedala Tilhoscas.

Aos amigos que fiz durante o doutorado e com os quais compartilhei momentos importantes de minha vida. Com especial atenção para Laura Ribeiro, Pavlova Christine Cavalcante, Maria Kroiss e Jonas.

A Glauce Maciel, professora de literatura brasileira, pelo apoio incondicional em todos os momentos do percurso deste trabalho.

Às minhas companheiras do Núcleo de Estudos Sobre a Mulher e Relações de Gênero da Universidade Estadual de Feira de Santana, do qual tenho a honra de ser cofundadora. Com especial atenção à Verbena Laranjeiras e Sonia Carvalho Lima.

À Universidade de Copenhague/København Universitet, em especial ao Núcleo de Estudos Latino Americanos, da Faculdade de Humanidades, pelo apoio em me conceder um gabinete para trabalhar e pesquisar entre os meses de novembro de 2011 e junho de 2012.

À Dona M.^a Yolanda López Bermejo, secretária do Departamento de História Medieval Moderna e Contemporânea, pela disponibilidade em apoiar e orientar em todos os momentos.

Vanessa Stephensen, Margareth Marmorì e Aleksandra Stepanenko, agradecimentos eternos.

À Valdemiro Lopes Marinho que me mostrou o “caminho” do doutorado e que me fez acreditar que seria possível trilhar por ele.

À minha “irmã”, Tania Nogueira que tem trilhado ao meu lado desde a minha adolescência, percorrendo, juntas, desde o tempo da militância clandestina durante a ditadura civil e militar brasileira até hoje.

À Jaime Cunha, meu irmão adotivo, que dedicou sua vida lutando pelas causas democráticas e que sempre me incentivou e esteve comigo nos bons e difíceis dias. Obrigada também pela família ofertada.

À Eva Pacheco que me ajudou com as transcrições das entrevistas.

À Maria Morais, que, mesmo longe, tem sido meu anjo de guarda de todas as horas.

À Karla Imbiriba por ter, gentilmente, cedido o desenho para a capa.

À Tania Serra pela amizade e apoio, sem limite, em normatizar a bibliografia dentro das normas estabelecidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT.

RESUMO

Neste trabalho de investigação analiso as vivências das brasileiras na Dinamarca, que migram em razão de reunificação familiar, a partir de uma pesquisa de campo de cunho qualitativo e quantitativo, e situa-se dentro do campo dos estudos de gênero, migração e transmigração. Os dados quantitativos foram obtidos, basicamente, através do Serviço Dinamarquês de Imigração e do Serviço Dinamarquês de Estatística. Os dados qualitativos são o resultado de entrevistas com imigrantes brasileiras com residência oficial na Dinamarca, dentro do estatuto de reunificação familiar. No estudo procurou-se investigar quem são estas mulheres e as dificuldades legais e sociais que se confrontam ao imigrarem para um país de uma cultura diferente a antes vivenciada. A análise do material coletado em campo associado às entrevistas levou-me a identificar a não existência de um perfil unitário que pudesse classificar estas mulheres, mas sim, que estas fazem parte da mesma pluralidade de vivências e realidades existentes no Brasil e que são transportadas para o *além-mar*. Com esta mudança, elas passam por um processo de desconstrução e reconstrução de identidades, redimensionando novas fronteiras se e estar, culturalmente, em outras “terras”.

Palavras-chave: Migração Feminina; Gênero; Política de Imigração; Brasileiras; Reunificação Familiar; Identidades; Dinamarca.

ABSTRACT

This research work focuses on a deep analysis of the experience of Brazilian women living in Denmark who migrate due to family reunification. This thesis meet its aims through a methodology of extensive field research using qualitative and quantitative sources, within the framework of gender and migration and transmigration studies. The quantitative data was obtained through the Danish Immigration Service and the Danish Statistics Service. The qualitative data is the result of interviews with immigrant Brazilian women living officially in Denmark under the legal status of family reunification. This study investigates who these women are and all legal and social obstacles they meet when immigrating to another country, and facing a culture different from what they are used to. The analysis of the material collected in the field along with the interview materials, led to the identification of the non-existence of a unique profile under which to classify these women, but rather was drawn to the conclusion that they are part of the same plurality of experiences and realities existing in Brazil and which are transported overseas with them. With these changes, these women undergo a process of deconstruction and reconstruction of identities, recreating new frontiers of 'culturally being or existing' in another "land".

Key-words: Female Migration; Gender; Politics of Immigration; Brazilian women; Family Reunification; Identities; Denmark.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	7
RESUMO	9
ABSTRACT	10
ÍNDICE DE TABELAS, QUADRO, FIGURA E FOTOS	15
ÍNDICE DE GRÁFICOS	16
LISTA DE SIGLAS	17
1 INTRODUÇÃO	19
1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	19
1.2 METODOLOGIA E FONTES DA PESQUISA	23
1.2.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	24
1.2.2 OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO	40
1.2.2.1 <i>Objetivo geral</i>	40
1.2.2.2 <i>Objetivos específicos</i>	41
1.2.3 AS HIPÓTESES	41
1.2.4 O TRABALHO DE CAMPO E FONTES.....	42
1.2.5 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	49
1.2.5.1 <i>Material</i>	56
1.2.5.2 <i>O estudo no campo</i>	58

2	APORTES TEÓRICOS	61
2.1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	61
2.2	NAÇÃO	61
2.3	GÊNERO E MIGRAÇÃO	70
2.4	DIREITOS HUMANOS NUM MUNDO GLOBALIZADO.....	77
2.5	MIGRAÇÃO, TRANSMIGRAÇÃO, PROSTITUIÇÃO E TRÁFICO DE MULHERES – BRASILEIRAS EM OLHARES ESTRANGEIROS.....	89
3	A REUNIFICAÇÃO FAMILIAR NO ÂMBITO DA LEGISLAÇÃO	102
3.1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	102
3.2	REUNIFICAÇÃO FAMILIAR NA DINAMARCA: QUANDO O ESTADO É O CAUSADOR DE INSTABILIDADE- 2002-2011	102
3.3	QUANTOS PONTOS TÊM O SEU AMOR? O NOVO MODELO DE IMIGRAÇÃO DINAMARQUÊS.....	110
3.4	ANÁLISE DE PEÇA SOBRE A LEGISLAÇÃO	117
4	MEU BRASIL BRASILEIRO NO REINO DA DINAMARCA	125
4.1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	125
4.2	OS NÚMEROS DIZEM MUITO	126
4.3	BRASILEIRAS NA VIDA REAL DA DINAMARCA: NÚMEROS GANHANDO VIDA	140
4.3.1	Considerações iniciais	140
4.3.2	Faixa etária	140
4.3.3	Local de origem no Brasil	141
4.3.4	Estado civil	143

4.3.5	Religião	144
4.3.6	Raça/Cor.....	145
4.3.7	Aquisição de nacionalidade dinamarquesa.....	150
4.3.8	Nível de escolaridade	156
4.4	CLASSE SOCIAL.....	169
4.5	AMOR, CONEXÕES E REDES SOCIAIS.....	172
4.6	EXPECTATIVAS DA FAMÍLIA NO BRASIL	175
4.7	IMAGENS DE UM BRASIL VIVIDO.....	176
4.8	A DINAMARCA POR OLHARES LONGÍNQUOS	177
4.9	IMAGENS DE UMA DINAMARCA VIVIDA.....	178
4.10	O BRASIL POR OLHARES LONGÍNQUOS.....	179
4.11	AS LEIS DE IMIGRAÇÃO NO COTIDIANO	181
4.12	BRASIL: SENTIMENTOS SOBRE O RETORNO	182
4.13	DESFAZER-SE E REFAZER-SE – CONFLITOS ENTRE SUBALTERNIDADE E CIDADANIA DE BRASILEIRAS NA DK.....	183
5	HISTÓRIAS VIVIDAS.....	189
5.1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	189
5.1.1	A história de Maria Cristina	192
5.1.2	A história de Maria Quitéria	207
5.1.3	A história de Jussara Maria	217
5.1.4	A história de Maria Júlia.....	225
5.1.5	A história de Maria Alice	239
5.1.6	A história de Maria Nazaré.....	248

5.1.7 A história de Maria Renilda	257
5.1.8 A história de Maria Antônia	266
5.1.9 A história de Maria Vitória	279
5.1.10 A história de Maria Laura.....	285
5.1.11 A história de Maria Celma.....	291
5.1.12 A história de Maria Janete	302
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	311
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	321
7.1 BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR.....	331
8 APÊNDICE.....	357
8.1 ROTEIRO DE ENTREVISTA	357
8.2 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCL.....	362
9 ANEXO.....	363

ÍNDICE DE TABELAS, QUADRO, FIGURA E FOTOS

Tabela 1-1. Expectativa de vida ao nascer na Dinamarca – geral.....	54
Tabela 3-1. Auto definição de classe social de imigrantes brasileiras em Dinamarca	171
Tabela 3-2. Como conheceu o parceiro.....	174
Quadro 3-1. As leis discriminam os reunificantes na Dinamarca.....	118
Figura 3-1. Mapa do Brasil - divisão regional.....	114
Foto 1-1. Trabalhadoras polonesas na chegada.....	99
Foto 1-2. Trabalhadoras polonesas na hora do descanso.....	100
Foto 4-1. Carnaval Copenhague.....	127

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1-1. População em Copenhague.....	52
Gráfico 1-2. População geral na Dinamarca.....	53
Gráfico 1-3. Esperança de vida por regiões	55
Gráfico 2-1 Evolução da garantia bancária/ano exigida para autorização da reunificação familiar em Dinamarca - Visto temporário.....	108
Gráfico 2-2 Taxa de desemprego na Dinamarca (%).....	110
Gráfico 2-3. Imigração feminina na Dinamarca-2006-2011	123
Gráfico 3-1. Imigrantes com nacionalidade brasileira.....	130
Gráfico 3-2. Imigrantes nascidos no Brasil: 01/01 2012.....	132
Gráfico 3-3. Brasileiros na Dinamarca.....	134
Gráfico 3-4 Migração Feminina Brasileira, por faixa etária 1990-2012.....	135
Gráfico 3-5. Migração Masculina Brasileira, por faixa etária 1990-2012.....	136
Gráfico 3-6. Número de visto concedido a crianças menores de idade.....	138
Gráfico 3-7. Percentual por Idade.....	141
Gráfico 3-8. Estado civil.....	144
Gráfico 3-9. Religião.....	145
Gráfico 3-10. Raça/Cor	150
Gráfico 3-11. Aquisição da Nacionalidade Dinamarquesa.....	155

LISTA DE SIGLAS

ABD	<i>Associação Brasil Dinamarca</i>
Art.	<i>Artigo</i>
BE	<i>Bloco de Esquerda</i>
BR	<i>Brasil</i>
CB	<i>Clube Brasileiro Terra Brasilis</i>
CD	<i>Constituição Dinamarquesa</i>
CEDAW	<i>Convenção Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher</i>
CIA	<i>Agência Central de Inteligência</i>
CPH	<i>Copenhague</i>
CSF	<i>Casamentos Sem Fronteiras/ Ægteskab Uden Grænser</i>
CPR	<i>Registro Geral da População</i>
DK	<i>Dinamarca</i>
DOPS	<i>Departamento de Ordem Política e Social</i>
DUDH	<i>Declaração Universal de Direitos do Homem</i>
EB	<i>Embaixada da Republica Federativa do Brasil</i>
H	<i>Homem</i>
HM	<i>Homem e mulher</i>
IBGE	<i>Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística</i>
IDDH	<i>Instituto Dinamarquês de Direitos Humanos</i>

JP	<i>Jornal Politiken</i>
M	<i>Mulher</i>
MIPEX	<i>Índex de Políticas de Integração de Imigrantes</i>
MRE	<i>Ministério das Relações Exteriores</i>
OAB	<i>Ordem dos Advogados do Brasil</i>
OIT	<i>Organização Internacional do Trabalho</i>
OMS	<i>Organização Mundial da Saúde</i>
ONU	<i>Organização das Nações Unidas</i>
PC do B	<i>Partido Comunista do Brasil</i>
PNUD	<i>Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento</i>
PS	<i>Partido Socialista</i>
PP	<i>Protocolo de Palermo</i>
PPD	<i>Partido do Povo Dinamarquês</i>
PSD	<i>Partido Social Democrata</i>
RF	<i>Reunificação Familiar</i>
SAE	<i>Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República</i>
SDI	<i>Serviço Dinamarquês de Imigração</i>
SDE	<i>Serviço Dinamarquês de Estatística</i>
UE	<i>União Europeia</i>
UNE	<i>União Nacional dos Estudantes</i>
UNFPA	<i>Fundo das Nações Unidas para a População</i>

1 INTRODUÇÃO

Feitio de oração

*Quem acha vive se perdendo
Por isso agora eu vou me defendendo
Da dor tão cruel desta saudade
Que, por infelicidade,
Meu pobre peito invade*

*Batuque é um privilégio
Ninguém aprende samba no colégio
Sambar é chorar de alegria
É sorrir de nostalgia
Dentro da melodia*

(Noel Rosa)

1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho é o resultado da primeira pesquisa sobre migrantes brasileiras na Dinamarca.

Ao escolher trabalhar com gênero e migração feminina não o fiz por acaso. Desvendar a vida cotidiana das mulheres tem sido um compromisso meu enquanto pesquisadora, e o faço desde a minha graduação.

Pode-se afirmar que a história da humanidade é uma história de migrações. A busca para entender estes processos resultou em pesquisas e reflexões em diferentes áreas do conhecimento. Entretanto, estas reflexões objetivavam entender estas migrações dentro de uma

perspectiva androcêntrica do fenômeno. Com isto, as mulheres apareciam como coadjuvantes deste processo¹.

Ernest George Ravenstein, escreveu no jornal da sociedade estatística em 1885 que “*Females are more migratory than male*”², abrindo uma cortina sobre a participação feminina nos processos migratórios. Entretanto, segundo Lutz (1997) este dado ficou esquecido por quase cem anos. Essa identificação da ocorrência de uma significativa migração feminina mostra ao mesmo tempo a existência desse fenômeno e a sua invisibilização, pois os estudos sobre tal tema não se referiam às particularidades da migração feminina.

Foi somente em 1984 que as mulheres imigrantes começam a receber atenção por sua participação no processo migratório, tendo como pioneiro o estudo de Mirjana Morokvasic³ intitulado “*Birds of passage are also Women*”⁴. Até então, as mulheres migrantes eram ignoradas como parte importante nos estudos sobre migração e processos migratórios.

Se, até a década de 1970 as mulheres eram invisíveis nos estudos internacionais sobre migração, desde então, muitos estudos têm sido feitos, enfocando principalmente as mulheres que migram como trabalhadoras do sexo e que são vítimas do tráfico internacional de

¹ Fui introduzida nos estudos sobre migração internacional de mulheres quando, no ano 2000, tive a possibilidade de participar, em Hanover, Alemanha, de um curso de pós-graduação sobre gênero e migração, dentro de um projeto da Universidade Internacional da Mulher-IFU, sob a coordenação de renomadas professoras na área, entre outras, a professora Mirjana Morokvasic-Müller.

² Tradução livre: “As mulheres migram mais que os homens”

³ MOROKVASIC, Mirjana. *Birds of passage are also Women*. **International migrant Review**, v.18, p. 886-907, 1984.

⁴ As aves migratórias são também mulheres - Tradução livre

peçoas, desvendando uma das problemáticas na qual estas mulheres migrantes estão inseridas.

Outro dado importante que os estudos sobre a migração evidenciam, direciona-se a mostrar que a migração além de promover mobilidade social e novas possibilidades de vida para o migrante, é também responsável por situações de discriminação e exploração, principalmente em se tratando de trabalho e salário.

Estudo recente sobre brasileiras em Portugal, faz emergir uma nova faceta da migração de mulheres brasileiras. Neles, é possível afirmar que, pelo fato de serem mulheres e imigrantes, este grupo é alvo de preconceito e discriminação nos jornais portugueses, sendo identificadas por nomes pejorativos, (Castilhos, 2011)⁵. Entretanto, pesquisando os jornais dinamarqueses Politiken⁶, jyllandsposten⁷ e Berlingske Tidende⁸, não foi possível identificar esta mesma tendência, encontrada nos jornais portugueses, nos principais jornais, dinamarqueses, pesquisados.

Segundo o Fundo das Nações Unidas para a População – UNFPA, as mulheres já são quase metade da população migrante no mundo em 2006, chegando a um número, aproximado de 95 milhões de pessoas num total de 200 milhões de pessoas migrantes no mundo. A participação delas no processo migratório significaria, também, a garantia

⁵ CASTILHOS, Daniela. **Mulheres imigrantes em Portugal: o discurso normativo e mediático de 2004 a 2007**. Salamanca: Universidade de Salamanca, 2012. Tese (Doutorado).

⁶ Politiken, jornal de tendência crítica, pode ser avaliado como jornal de centro esquerda. Também pode ser acessado como: www.politiken.dk.

⁷ Jornal de tendência de centro direita. Pode ser acessado via: www.jyllands-posten.dk.

⁸ Jornal de tendência de centro direita. Pode ser acessado via: www.b.dk.

de fluxo monetário através do repasse econômico para as famílias em seus países de origem (UNFPA, 2006).⁹

A migração de mulheres, dentro da categoria jurídica de reunificação familiar, na Dinamarca, descortina um outro lado em que emoções, paixões, fantasias se imbricam em questões de ordem legal e barreiras culturais e burocráticas.

Este trabalho está dividido em cinco capítulos. O primeiro capítulo, que está inserido dentro da introdução, delinea a metodologia aplicada, o percurso da pesquisa e introduz o campo estudado. Mostro também que, embora a metodologia qualitativa seja o referencial principal para este trabalho, a metodologia quantitativa me proporcionou dados relevantes sobre o objeto estudado. Mostrando, assim, a importância de se aliar as duas possibilidades metodológicas e superar a dicotomia do quantitativo *versus* qualitativo.

Os aportes teóricos que me deram embasamento para este trabalho estão fundamentados no segundo capítulo. Nele delinea os autores e as linhas teóricas importantes para o entendimento do fenômeno da migração. No mesmo capítulo está também inserida a formulação teórica sobre imigração feminina.

A análise das leis de reunificação familiar na Dinamarca foi feita no terceiro capítulo. Foi enfocada no período que abrange a chegada ao poder da colisão de centro direita, 2002-2011, pois foi neste período que

⁹ UNFPA. Estado de la población mundial 2006. **Hacia la Esperanza: Las mujeres y la migración internacional**, p.1. Disponível em: <http://www.unfpa.org/swp/2006/pdf/sp_sowp06.pdf> Acesso em: 28 jul. 2012.

as leis de imigração relacionadas ao estatuto de reunificação familiar sofreram mudanças restritivas resultando em reações contrárias a implantação destas leis por parte significativa dos movimentos sociais e organizações de solidariedade.

O quarto capítulo está dividido em duas partes. Na primeira foram analisados os dados estatísticos sobre a imigração brasileira encontrados dentro do Instituto Dinamarquês de Estatística, Serviço de Imigração e Itamaraty. Apesar de não poder contar com dados mais abrangentes sobre esta comunidade, estes foram fundamentais para a emergência de uma base de análise quantitativa deste grupo estudado. Na segunda parte são apresentados os dados oriundos da aplicação do questionário semiestruturado entre 34 migrantes brasileiras.

As vivências e experiências das migrantes brasileiras em terras estrangeiras, dinamarquesas, se apresentam no capítulo quinto. Este é o resultado das 12 entrevistas gravadas, tendo como base um roteiro aberto e feitas dentro da modalidade da história oral de vida. Estas 12 entrevistas passaram por um processo ajustes e de “limpeza” que tiveram como suporte metodológico de análise a metodologia da história oral de vida, transformando-se em narrativas individuais onde transbordam a riqueza da vivência da vida cotidiana aliada a memória individual das entrevistadas.

1.2 METODOLOGIA E FONTES DA PESQUISA

Esta seção está dividida em duas partes. Na primeira parte fundamento os conceitos básicos da metodologia do trabalho científico com os quais trabalho e, na segunda parte, exponho as técnicas

utilizadas para a captação dos dados, como também insiro o percurso do trabalho de campo da pesquisa.

1.2.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Demo (1995, p. 185)¹⁰ nos orienta que a pesquisa é uma atividade científica que tem como objetivo descobrir uma determinada realidade social:

Concretamente, poderíamos imaginar a situação de alguém que deseje estudar o fenômeno da favela. A favela constitui uma situação social de complexidade considerável. Se perguntássemos quantos fatores entram na composição dela, ficaríamos perplexos e não haveria a mínima possibilidade de enumerá-los todos.

Para Carmo-Neto (1996, p. 364)¹¹ uma pesquisa começa com o ato básico de estudar, sendo isto feito tendo como base um ato sistemático que se desenvolve dentro de um marco científico delimitado. Partindo deste pressuposto, se constrói as fases pelas quais uma pesquisa tem que passar, terminando com o processo “doloroso” da parte escrita da tese. Sobre isto, argumenta o autor:

(...) ainda não há um consenso integralmente isento de opiniões e bem delineado sobre as fronteiras formais de como escrever uma dissertação, proficuamente. Em tal

¹⁰ DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1995.

¹¹ CARMO-NETO, Dionísio. **Metodologia Científica Para Iniciantes**. 3. ed., Salvador-BA: American Word University Press, 1996.

consenso ainda não há, naturalmente, uma forma única de se evitar aqueles problemas que dramatizam o ato de se produzir a tese e traumatizam, impiedosamente, alguns estudantes.

Uma pesquisa objetiva sempre obter resposta ou respostas para perguntas que o pesquisador tem. Para algo que lhe leva a refletir e sobre o qual ainda não existe uma explicação ou uma explicação convincente.

Gil (2008a, p. 05)¹² faz uma crítica contundente a concepção positivista da ciência¹³ por considerar que os fatos sociais, ao contrário dos fatos naturais, não podem ser considerados como “coisas”. Para ele, os fatos sociais “são produzidos por seres que sentem, agem e reagem, sendo capazes, portanto, de orientar uma situação de diferentes maneiras”.

Aprofundando mais a questão, afirma o autor que, a impossibilidade de uma objetividade absoluta nas Ciências Sociais, não invalidaria a pesquisa social e as Ciências Sociais. Ao contrário, seria sim, o princípio positivista, que se mostraria inadequado, haja vista que, a relação sujeito x objeto estabelecida nas Ciências Sociais é uma relação complexa e dinâmica, sendo impossível de compreensão dentro de um enquadramento coisificado.

¹² GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008a. Ver também o livro: GIL, Antonio Carlos. **Métodos como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008b.

¹³ Para melhor compreensão sobre o positivismo orientamos ler Durkheim, Emile. **As Regras do Método Sociológico**. Editorial Presença, 1998. (Coleção: Universidade Hoje) e **O Suicídio**, Editorial Presença, 2001. (Coleção: Universidade Hoje)

A crítica às narrativas mestras da ciência e o crescente desprestígio das mesmas, se dá no mesmo momento de um crescimento da construção de uma epistemologia feminista, com suas várias correntes (HOLLANDA, 1994).¹⁴

Na mesma linha crítica a concepção positivista da Ciência, Philipp (2001, p. 20)¹⁵ afirma a necessidade de construção de outras possibilidades de análise que rompam com o androcentrismo e com a perspectiva axiológica de neutralidade que é à base das teorias epistemológicas positivistas, pois estas não contemplam um modelo epistemológico crítico que é à base dos estudos de gênero e de mulheres. Para esta autora a teoria positivista que busca uma razão para as coisas baseada na objetividade, tem como base um “contexto em que el ser humano varón se convierte en el protagonista de la construcción del conocimiento. El hombre llega a ser el ser racional por excelencia”.

Os estudos de gênero se situam no âmbito de um campo específico das pesquisas sociais. Mesmo com diferentes abordagens, têm contribuído de forma crítica construindo possibilidades para um saber científico crítico que não se resume na aplicação de procedimentos metodológicos.

É importante salientar que o uso da categoria das relações de gênero nas Ciências Sociais, traz um compromisso de uma ruptura

¹⁴ HOLLANDA, Heloisa Buarque. (Org.) **Tendências e Impasses - O feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

¹⁵ PHILIPP, Rita Radl. (Org.) **Cuestiones Actuales de Sociología del Género**. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 2001.

metodológica subvertendo a narrativa masculinizante na história (RAGO, 1998)¹⁶.

Philipp (2001, p. 15)¹⁷ destaca a necessidade de uma resposta da ciência para esta problemática epistemológica. Ressaltando que a peculiaridade dos estudos de gênero está centrada no próprio objeto de estudo que

(...) no equivale si más a um objeto de conocimiento sociológico cualquiera. Se trata de un objeto en vias de construcción y definición permanente que refleja las circunstancias socioestructurales particulares de las relaciones entre los géneros femenino y masculino en la sociedad.

Demo (2000)¹⁸ observa que a crítica à ciência androcêntrica apresenta muitas faces e considera de importância a crítica pós-colonialista e em especial ao trabalho de linha feminista de Sandra Harding, cujo posicionamento critica a uma epistemologia que ela define como “internalista”, entendendo que este modelo positivista da ciência moderna já se encontraria esgotado.

Segundo Stacey (1982), a pesquisa social, superando um modelo positivista, comporta e até reconhece que a experiência pessoal é

¹⁶ RAGO, Margareth. Epistemologia Feminista, Gênero e História. In: PEDRO, Maria Joana; GROSSI, Mirian Pillar (Orgs.). **Masculino, Feminino, Plural**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998.

¹⁷ PHILIPP, Rita Radl. (Org.) **Cuestiones Actuales de Sociología del Género**. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 2001.

¹⁸ DEMO, Pedro. **Educação & Conhecimento - Relação necessária, insuficiente e controversa**. Petropolis/RJ: Vozes, 2000.

também uma condição para o conhecimento, pois esta experiência aliada à formação acadêmica fornece base para a escolha do tema.¹⁹

A migração de pessoas é um fenômeno antigo, que tem apresentado novos aspectos com a globalização, configurando-se em um objeto de estudos das Ciências Sociais e Humanas. Com as crises econômicas envolvendo os países do Norte²⁰, surgem pesquisas objetivando estudar a problemática da migração em um contexto de crise. Estas pesquisas englobam diferentes formas de analisar a problemática, mas tem em comum o fato de apresentarem o objeto estudado reduzido a um número em uma tabela ou a um gráfico.

O objeto deste estudo são mulheres brasileiras migrantes em um país Europeu - Dinamarca. No sentido de compreender esta problemática a pesquisa de campo se situa dentro da pesquisa social qualitativa e dos estudos de gênero, delineando uma estratégia metodológica plural e interdisciplinar, articulando técnicas diversas em vista a obtenção de informações amplas.

Em um encontro de cientistas sociais a pesquisadora Aspásia Camargo (1987, p. 20)²¹ expressou seu desconforto com o caminho da ciência, no final do século passado, com o que ela denominava de “esquizofrenia metodológica”. Esta insatisfação se apresentava frente à

¹⁹ STACEY, M. The sociology of health, illness and healing. In: R. C. Burgess, Exploring society. **British Sociological Association**. London, p. 49-67, 1982.

²⁰ Uso este termo Norte em contrapartida ao que Boaventura coloca como o conceito do Sul, não como uma divisão somente focada na geografia, mas sim como uma realidade social e econômica que agregaria um número de países que, necessariamente não estão no “Sul”, mas que tem em comum uma relação de exclusão e dominação capitalista e colonialista. (SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. 2. ed. Coimbra, 2010).

²¹ CAMARGO, Aspásia. O método qualitativo: usos e perspectivas. In: III CONGRESSO NACIONAL DE SOCIOLOGIA. **Sociologia e Sociologias**. Brasília, 1987, p. 20.

quebra de paradigmas decorrentes do rompimento da visão bipolar da sociologia que se assumia ora privilegiando o método qualitativo e ora o quantitativo como se fossem excludentes em si. Do ponto de vista da pesquisadora ao contrário de se excluírem a “história da linhagem metodológica, a quantitativa e a qualitativa, segue de modo geral o determinismo das oposições irreduzíveis que devemos hoje definitivamente superar”.

Aprofundando mais a questão, Camargo (1987, p. 23)²² afirma que, mesmo tendo o pesquisador como preocupação cotidiana a busca pela objetividade, o método qualitativo revela-se como um instrumento importante em estudos de cunho exploratório, em que não existe pesquisas e dados sobre um determinado objeto que se busca estudar, “este é o caso de áreas de documentação escassa, como a História Política e a Sociologia Histórica no contexto, por exemplo, do continente latino- americano”²³.

A pesquisa qualitativa tem diferentes vertentes dentro das Ciências Sociais e compreende um conjunto de diferentes técnicas e métodos interpretativos, que visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados que são as relações humanas. Elas têm em comum uma crítica às metodologias clássicas: HAGUETTE (1987)²⁴, MINAYO (1996)²⁵, MURILLO (2004)²⁶, CAMARGO (1987)²⁷.

²² Ibid, p.23.

²³ Este é também um importante texto para quem quer trabalhar com a metodologia da História oral, pois a autora faz uma interessante análise desta metodologia.

²⁴ HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1987.

²⁵ MINAYO, Ma. Cecília de Souza. **Pesquisa Social**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996, passim.

Para Minayo (1996)²⁸ é importante ressaltar que o pesquisador social trata de temas que lidam com questões da vida cotidiana, portanto com emoções, valores, crenças e que por isto, não podem ser reduzidos a um simples dado estatístico. No entanto, mesmo assim, considera que o método quantitativo pode ser um aliado complementar para a pesquisa qualitativa.

Demo (2001, p. 8)²⁹ seguindo a mesma linha de análise ressalta a importância do uso das duas possibilidades metodológicas pois:

Todo fenômeno qualitativo é dotado também e naturalmente de faces quantitativas e vice-versa. Parto do ponto de vista de que entre quantidade e qualidade não existe dicotomia, pois são faces diferenciadas do mesmo fenômeno. Métodos quantitativos e qualitativos precisam ser tomados como complementares e como regra.

Para Marconi e Lakatos (2002, p. 66)³⁰ a pesquisa qualitativa:

(...) busca conhecer as diversas situações e reações que ocorrem na vida social, política, econômica e demais

²⁶ MURILLO, Soledad. Introducción a Las Técnicas Cualitativas en un Marco Documental. En: RIOS HILARIO, Ana Belén y FRIAS MONTOYA, José Antonio. **Metodologías de investigación en información y documentación**. Ediciones Universidad de Salamanca, 2002, p. 213-224.

²⁷ CAMARGO, op. cit.

²⁸ MINAYO, op. cit.

²⁹ DEMO, Pedro. **Pesquisa e Informação Qualitativa**. Campinas/SP: Papirus, 2001.

³⁰ MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisa, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

aspectos do comportamento humano, tanto do indivíduo tomado isoladamente como de grupos e comunidades.

Sendo assim, possibilita um trânsito entre experiências tanto individuais como grupais, ou seja, transitar entre o coletivo e o individual, aprendendo com as experiências individuais e observando tendências coletivas.

A explicação do objeto estudado deve ser complementada com a compreensão sobre o mesmo. Pois as pessoas dão significados aos seus atos e isto não pode passar despercebido. Sendo o método quantitativo um procedimento que dimensiona e explica e o qualitativo que compreende os fenômenos sociais (MURILLO, 2004, p. 03)³¹.

Este método basado en la explicación debe conciliarse con otro método basado en la comprensión, es decir, en los significados que las personas dan a “su” realidad, que no siempre se corresponde con la que proviene del conocimiento abstracto.

Ao escolher pesquisar mulheres migrantes assumi, portanto, que isto só poderia se dar dentro de um marco contextualizado, fazendo-se necessário o uso de vários procedimentos que expressem as condições sociais correspondentes às relações sociais que caracterizam as mulheres migrantes estudadas. Por isto, foram aplicados procedimentos de cunho quantitativo, para a obtenção de dados gerais, como também de

³¹ MURILLO, Soledad. Introducción a Las Técnicas Cualitativas en un Marco Documental. En: RIOS HILARIO, Ana Belén y FRIAS MONTOYA, José Antonio. **Metodologías de investigación en información y documentación**. Ediciones Universidad de Salamanca, 2002, p. 213-224.

cunho qualitativo com o objetivo de desvendar as vivências destas mulheres. Dentro do marco dos métodos qualitativos foram feitas entrevistas na modalidade de história de vida. A história de vida tem sido objeto de reflexão dentro dos estudos metodológicos resultando em grandes possibilidades de análises (HAGUETTE, 1987³²; SOARES, 1994³³; QUEIROZ, 1988³⁴; FRAILE e FRADES, 2006³⁵).

Para Soares (1994, p. 23)³⁶, com a história de vida há a possibilidade de um encontro entre o passado e o presente que se manifesta no jogo da linguagem verbalizada e reconstrução da memória. “Somente *a posteriori* podem-se imputar, aos retalhos caóticos de vivência, as conexões de sentido que os convertem em ‘experiência’”.

Queiroz (1988)³⁷ coloca a história de vida no quadro amplo da história oral que também inclui depoimentos, entrevistas, biografias, autobiografias. Considera que toda história de vida encerra um conjunto de depoimentos e, embora tenha sido o pesquisador a escolher o tema, a formular as questões ou a esboçar um roteiro temático, é o narrador que decide o que narrar. A autora vê na história de vida uma ferramenta valiosa exatamente por se colocar justamente no ponto no qual se cruzam vida individual e contexto social.

³² HAGUETTE, 1987, passim.

³³ SOARES, Luiz Eduardo. **O Rigor da Indisciplina: ensaios de antropologia interpretativa**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, passim.

³⁴ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Oraís: do "indizível" ao "dizível". In: VON SIMSON, O.M. (Org.). **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice, 1988, passim.

³⁵ FRAILE, Gonzales e FRADES, Maya. Técnicas de investigación social. **Ciencias de la Seguridad (CISE)**. Universidad de Salamanca, 2006, passim.

³⁶ SOARES, 1994.

³⁷ QUEIROZ, 1988, passim.

Nas observações de Haguette (1987, p. 70)³⁸ a metodologia de história de vida encontra-se dentro de duas perspectivas: Uma que a utiliza como uma forma de se obter dados e, a segunda, que a trata como um documento. Citando Becker (1966, apud HAGUETTE, 1987), informa que quem primeiro utilizou a história de vida foi a Sociologia com o estudo de Thomas e Znaniecki em 1927³⁹. Para esta autora a história de vida não representa os dados convencionais das Ciências Sociais nem, também, uma autobiografia convencional. Pois a história de vida:

(...) atende mais aos propósitos do pesquisador que do autor e está preocupada com a fidelidade das experiências e interpretações do autor sobre seu mundo. Neste sentido o pesquisador deve tomar certas medidas para assegurar que o ator social cubra todas as informações de que ele necessita, que nenhum fato seja omitido,⁴⁰ que as informações recebidas sejam checadas com outras evidências e, finalmente, que as interpretações do autor sejam honestamente fornecidas.

Ataide (1998, p. 23)⁴¹ nos apresenta a possibilidade da história oral de vida. Trabalhando na reconstituição da história de vida das famílias de meninos de rua de Salvador- BA. Constatou que esta seria a abordagem adequada para pesquisar e interpretar esta realidade, pois teria como prioridade,

³⁸ HAGUETTE, op. cit.

³⁹ THOMAS, W.I. e ZNANIECKI, Florian. **The Polish Peasant in Europe and America**, 2. ed. Nova Iorque, 1927.

⁴⁰ Grifo nosso em decorrência de considerar a impossibilidade do pesquisador ter total controle sobre o que diz o entrevistado. Ao pesquisador cabe ser honesto na obtenção dos dados e na checagem dos mesmos. Mas controle sobre omissão foge da relação pesquisado/pesquisador.

⁴¹ ATAIDE, Yara Dulce Bandeira de. **Do rango a utopia – História oral de vida das famílias dos meninos de rua**. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1998. Tese (Doutorado).

(...) a versão do entrevistado, o significado da sua experiência pessoal e a sua riqueza de vivências. Através da narrativa ele explica sua vida, reconstruindo as diversas fases, desde a infância até a idade atual e vai explicitando seus valores o conjunto fatos e experiências sociais que influenciam na sua trajetória.

Fraile e Frades (2008, p. 215)⁴² discorrendo sobre uma das formas mais significativa para a obtenção de dados, a entrevista, compreendem que,

La entrevista consiste en un interrogatorio realizado a un experto, persona capacitada o especialista en un tema o actividad. Permite obtener información, opiniones, conocimientos especializados, actualización de temas, porque se le puede considerar de utilidad para el conocimiento de la realidad social.

Os mesmos autores consideram que a metodologia da história de vida permite ouvir a opinião dos entrevistados de forma aberta, e que a percepção da escuta é fundamental para se alargar as informações sobre o objeto estudado:

Las entrevistas en profundidad implican hacer preguntas, escuchar y registrar las respuestas y posteriormente, hacer otras preguntas que aclaren o amplíen el tema objeto de investigación. Las preguntas son abiertas y los entrevistados deben expresar sus percepciones con sus

⁴² FRAILE, Gonzales; FRADES, Maya. Técnicas de investigación social. **Ciencias de la Seguridad (CISE)**. Universidad de Salamanca, 2006.

propias palabras. Las entrevistas en profundidad tienen la finalidad de comprender la opinión que tienen los entrevistados acerca del tema a investigar⁴³.

Outros autores apontam mais possibilidades e vantagens da história de vida para as pesquisas sócio-históricas. Para Haguette (1987)⁴⁴ a história oral é uma metodologia que essa pode ser empregada nas reconstruções históricas, mas, ressalta que essa carrega uma grande complexidade. Já Camargo (1987)⁴⁵ observando que o uso da história oral vem sendo empregada por sociólogos e antropólogos desde o início do século passado e que continua um importante meio de penetrar no discurso do ator social e chegar a construir análises sofisticadas.

A autora demonstra também que esta possibilidade metodológica propícia aos investigados penetrar em experiências importantes, tais como:

(...) experiências como emigração, mobilidade social, profissional e espacial ou diferentes geracionais [...] Finalmente, quanto aos dados utilizados, podem ser obtidos de fontes diversas: entrevistas, diários, documentos pessoais, fichas oficiais de origem criminal (...)⁴⁶.

As histórias “co-movedoras” de Thompson (2002, p. 342)⁴⁷, interpretam a migração no pós-guerra na Inglaterra, tendo como a

⁴³ Ibid., p. 218.

⁴⁴ HAGUETTE, op. cit., passim.

⁴⁵ CAMARGO, op. cit., passim.

⁴⁶ CAMARGO, op. cit., p. 23

⁴⁷ THOMSON, Alistair. Histórias (co)movedoras: História Oral e Estudos de Migração. **Revista Brasileira de História**, v. 22, n. 44, p. 345-364, 2002.

metodologia da história oral. Ele avalia também que a história oral tem sido de grande contribuição para os estudos sobre migração por proporcionar ricas possibilidades para estes estudos:

Defino “migração” como incluindo tanto migrações internacionais quanto intranacionais e, como a maioria dos estudos de história oral, enxerga a passagem física da migração de um lugar para outro como apenas um evento em uma experiência migratória que abarca velhos e novos mundos e que continua por toda a vida do migrante e pelas gerações subsequentes.

O historiador francês Phillipe Joutard localiza na história oral a grande possibilidade para os estudos da migração, pois “as migrações modernas [...] dificilmente poderiam ser estudadas hoje em dia sem os relatos de primeira mão dos emigrantes” (1983 apud THOMSON, 2002, p. 343)⁴⁸

Thomson (2002, p. 344) ainda salienta a importância de ver a comunidade migrante como uma amplitude de possibilidades e de experiência. Ele considera que é que na observação sobre esta comunidade, torna-se necessário verificar as experiências anteriores à migração e também como esta comunidade vive para além do rótulo de migrante. As fontes orais recuperam histórias registradas inadequadamente ou até mesmo histórias encobertas. Citando o caso de um estudo sobre migração de trabalhadores de minas, feito por Gina Harkell, aonde se pode constatar que os registros feitos pelo ministério do trabalho australiano não eram inadequados:

⁴⁸ THOMSON, 2002.

(...) registros escritos preservados nos arquivos do Ministério do Trabalho, que responsabilizavam os elevados índices de rotatividade na força de trabalho pelas condições terríveis das minas. Na verdade, a evidência oral dos velhos mineiros sugeria que eles teriam suportado as más condições porque precisavam do emprego, mas o testemunho de suas esposas mostrava que as principais razões pelas quais as famílias dos mineiros deixavam as jazidas de carvão de Kent foram a hostilidade local e a ausência de redes de apoio familiar para as esposas dos mineiros ⁴⁹

A observação participante também foi minha aliada no trabalho de campo e, seguindo as considerações de Aguirre Baztán (1995, p. 4) a observação participante é uma grande aliada do pesquisador que sai do seu etnocêntrico e tem a possibilidade de conviver e vivenciar outras realidades:

Para los etnógrafos, conocer, mediante la observación participante, la cultura elegida. A partir de esta nueva vivencia cultural, el etnógrafo, no sólo relativizará su etnocentrismo, sino que su vida se partirá en dos y ya no será, ni de «aquí», ni de «allí» totalmente: una suerte de «esquizofrenia cultural» le acompañará toda la vida. Cuando se ha llegado a vivenciar la «otra» cultura es cuando se la ha hecho propia («apropiada»).⁵⁰

⁴⁹ THOMSON, 2002.

⁵⁰ AGUIRRE BAZTÁN.(ed.). Etnografía. In: **Etnografía: metodología cualitativa en la investigación sociocultural**. Barcelona: Marcombo, 1995, p. 3-20.

Por alinhar-me teoricamente com a perspectiva de que não há um movimento de exclusão, mas sim de complementaridade, e de estratégia para obtenção de dados este trabalho foi construído dentro das duas possibilidades metodológicas: a quantitativa e a qualitativa. Articulando desta forma os dados gerais com o que é vivido e são verbalizados.

Como o objeto do estudo são mulheres brasileiras residentes na Dinamarca, não se poderia fugir de um recorte de gênero transversalizando a metodologia.

Os Estudos sobre a Mulher e seu desdobramento nos Estudos de Gênero, buscaram tirar do limbo a mulher enquanto sujeito político, construindo uma crítica à produção científica centrada numa posição androcêntrica na construção do seu objeto.

Embora a categoria gênero não seja aceita de forma unânime, talvez, até pela complexidade que carrega estes estudos, traz a possibilidade de um novo olhar sobre sujeitos deslocando do plano biológico da noção de sexo para o plano social e suas subjetividades (SAFFIOTI, 1992, p. 192) renovando as possibilidades de análises das teorias do conhecimento e criando uma perspectiva de análise relacional e rompendo com a perspectiva universalizante das ciências ocidentais quando diz que:

As relações sociais, todavia, se inscrevem no plano entre pessoas. Eis porque não se pode abrir mão de uma postura teórica que permita o livre trânsito entre o plano macro e o plano micro. Este ir e vir constitui requisito

fundamental para a percepção, e posterior análise, da dinâmica social⁵¹.

Castro e Lavinias (1992, p. 243)⁵² avaliando que, apesar da importância do pioneirismo, a era do estudo sobre a mulher já estariam sendo ultrapassados pelos estudos das relações sociais de gênero ao afirmar que:

As relações sociais de gênero parecem ganhar, na prática da reflexão, estatuto de paradigma, ao informarem sobre as relações sociais entre homens e mulheres. Neste sentido, esta postura teórica anuncia uma profunda mudança na delimitação do objeto. Se até há pouco, o objeto era a construção social e subordinada do feminino, hoje, remodelado, é a construção das relações sociais entre homens e mulheres, isto é, das relações de gênero.

Machado (1998)⁵³ seguindo a mesma linha de análise de Castro e Lavinias (1992)⁵⁴ avalia que a “desconstrução do gênero” feita pelas feministas do mundo anglo-saxão apontou um novo paradigma metodológico por construir possibilidades de responder questões não antes observadas, assim como, tornar visível a diversidade que se apresenta no mundo social como também possibilitar a desnaturalização

⁵¹ SAFFIOTI, Heleieth I. B. Rearticulando Gênero e Classe Social. In: **Uma questão de gênero**. São Paulo: Rosa dos Tempos/Fundação Carlos Chagas, 1992.

⁵² CASTRO, Mary Garcia e LAVINAS, Lena. Do Feminino ao Gênero: A construção de um objeto. In: **Uma Questão de Gênero**. São Paulo: Rosa dos Tempos/Fundação Carlos Chagas, 1992.

⁵³ MACHADO, Lia Zanotta. Gênero, um novo paradigma? **Cadernos Pagu**, Campinas, 1998.

⁵⁴ CASTRO, Mary Garcia e LAVINAS, Lena. Do Feminino ao Gênero: A construção de um objeto. In: **Uma Questão de Gênero**. São Paulo: Rosa dos Tempos/Fundação Carlos Chagas, 1992.

dos conceitos de ser homem e de ser mulher. Para isto, afirmam que três questões estão sendo colocadas:

Segundo Machado, estas três questões são: (1998, p. 108)⁵⁵

Em primeiro lugar, porque se está diante da afirmação compartilhada da ruptura radical entre a noção biológica de sexo e a noção social de gênero. Em segundo lugar, porque se está diante da afirmação do privilégio metodológico das relações de gênero, sobre qualquer substancialidade das categorias mulher e homem ou do feminino e masculino. E em terceiro lugar, porque se está também diante da afirmação da transversalidade de gênero, isto é, do entendimento de que a construção social de gênero perpassa as mais diferentes áreas do social.

Mesmo afirmando ser este um novo paradigma, na concepção de Bourdieu (1968 apud MACHADO, 1998), um campo intelectual não exige uma noção de consenso. Neste caso o campo dos estudos de gênero não deixa de ser premente pelo fato de não existir um consenso interno em torno do conceito⁵⁶.

1.2.2 OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO

1.2.2.1 Objetivo geral

⁵⁵ MACHADO, op. cit.

⁵⁶ Idem.

Analisar, através de dados de entrevistas, quem são e as condições de construção da cidadania de mulheres brasileiras na Dinamarca, que migraram dentro das exigências das regras de reunificação familiar, artigo 9. da lei de imigração, e os processos identitários que experimentam neste país.

1.2.2.2 Objetivos específicos

- Analisar as condições de inserção dessas imigrantes na sociedade dinamarquesa tendo como perspectiva o exercício da cidadania.
- Traçar um perfil das brasileiras imigrantes.
- Identificar, nas falas das 34 entrevistadas, os processos identitários que essas imigrantes constroem.

Nos objetivos específicos busquei saber:

- a) Qual a origem geográfica destas mulheres no Brasil;
- b) Que trabalho exerciam e exercem no momento;
- c) Como (re) constroem suas identidades de mulheres migrantes;
- d) Se estão submetidas a algum tipo de violência, física ou simbólica;
- e) Como se vêem enquanto mulheres migrantes, membro de um grupo minoritário em confronto com o “outro”.
- e) Que importância tem a representação simbólica do Estado Nação, de origem, o Brasil, para a construção de suas identidades fora dele.

1.2.3 AS HIPÓTESES

As hipóteses foram construídas no segundo ano do doutorado, objetivando o processo de qualificação da pesquisa. Depois de muitas reflexões cheguei a quatro hipóteses que foram as seguintes:

a) As brasileiras se casariam e migrariam para a Dinamarca motivadas por uma “fantasia” de viverem em um país Europeu e vivenciarem a possibilidade do amor romântico, com um parceiro de uma cultura diferente, sendo, também, atraídas pela possibilidade de conhecerem uma outra cultura.

b) Ao se confrontarem com o cotidiano dentro de uma cultura diferente da sua própria cultura materna, enfrentariam problemas de sentimento de exclusão, isolamento e violência simbólica.

c) Apesar da diferença cultural, o Estado do Bem Estar Social, ofereceria, para este grupo, a possibilidade de um de crescimento educacional, profissional e econômico.

d) Que o ambiente de exclusão e isolamento levaria a uma idealização sobre o estado nação, Brasil.

1.2.4 O TRABALHO DE CAMPO E FONTES

A pesquisa foi composta, basicamente, de três etapas:

a) Foi feito um levantamento de dados existentes sobre mulheres brasileiras migrantes, principalmente nos seguintes órgãos e organizações:

- Embaixada da República Federativa do Brasil em Copenhague
- Serviço Dinamarquês de Estatística
- Serviço Dinamarquês de Imigração
- Associação Brasil-Dinamarca

- Clube Brasileiro *Terra Brasilis*
- Ægteskab Uden Grænser/ Casamentos Sem Fronteiras⁵⁷
- Jornais: Politiken, Jyllandsposten e Berlingske Tidende.

A metodologia quantitativa foi a minha aliada nesta primeira fase da pesquisa, leva em consideração as reflexões de Bruschini (1992)⁵⁸ que avaliando a importância das metodologias quantitativas nos estudos sobre as relações de gênero, avalia que estas oferecem números importantes na quantificação dos dados tanto primários quanto secundários. Estudando as pesquisas sobre mulher e trabalho, verifica-se que estas, apesar das lacunas existentes, têm sido fontes que contribuem por desvendar a situação de discriminação salarial e de postos de serviços:

Para Bruschini (1992, p. 299),⁵⁹

Apesar de deficientes, porém os dados existentes permitem extrair muitas informações úteis sobre a situação da mulher e sobre o trabalho feminino. Com apoio em dados globais e oficiais tem sido possível não é conhecer algumas características das trabalhadoras e de sua inserção no mercado de trabalho, mas também contestar certas hipóteses sobre o trabalho feminino (...).

⁵⁷ Casamentos sem fronteiras (amor sem fronteira) - tradução livre é uma organização sem fins lucrativos que trabalha objetivando romper as barreiras impostas pelas leis dinamarquesas para casamentos entre diferentes grupos étnicos além fronteira, como também, manter um link para informação e trocas de informações entre casais dinamarqueses e não dinamarqueses dentro e fora da Dinamarca. Trabalham também junto do parlamento dinamarquês para pressionar por leis justas de imigração por reunificação familiar.

⁵⁸ BRUSCHINI, Cristina. O uso de abordagens quantitativas em pesquisas sobre relações de gênero. In: **Uma questão de gênero**. São Paulo: Rosa dos Ventos/Fundação Carlos Chagas, 1992.

⁵⁹ Ibid

Avaliando que os dados secundários são parte importante de uma pesquisa, fui a campo em busca dos mesmos. Esta fase se mostrou mais difícil e longa do que havia sido pensado *a priori*. Esperávia obter dados sobre brasileiras na Embaixada do Brasil em Copenhague- EB e avaliei que, haja vista a legislação brasileira facultar ao pesquisador acesso a dados oficiais relevante para a sua pesquisa, seria esta, também, a postura recebida da EB.

A Embaixada Brasileira apresentou dificuldades para fornecer dados quantitativos sobre brasileiros na Dinamarca. Mesmo depois de várias tentativas, foram infrutíferos os argumentos que usamos para justificar a necessidade dos referidos dados. Foi sugerido pela EB que fizéssemos contato com órgão federal em Brasília, a exemplo do Tribunal Superior Eleitoral-TSE.⁶⁰

Apesar de ter tido acesso fácil aos dados do SDE, o órgão não tinha muitos dos dados que precisávamos. A maioria dos dados sobre imigrantes brasileiros não estavam separados por sexo, o que era de primordial importância para este trabalho. Uma pergunta fundamental não nos foi respondida: quantas mulheres brasileiras tinham recebido visto temporário tendo como base a reunificação familiar. Este é um dado que só se tem de forma geral.

As associações de brasileiros na Dinamarca se mostraram bastante receptivas, mas, infelizmente, não tinham um banco de dados sobre os associados. Os dados existentes se limitavam a nomes e sexo e, mesmo assim, não poderiam fornecer uma lista com estes nomes por

⁶⁰ Ao solicitar o número de votantes na última eleição de 2010, que eu sabia que a embaixada detinha esta lista enviada pelo TSE, para controle de votantes, mas fui orientada a procurar o tribunal diretamente em Brasília.

compromisso com o sigilo do associado. Mesmo assim, estas organizações foram de extrema importância para a pesquisa, pois foi através delas que consegui construir uma rede de contatos com as possíveis entrevistadas.

Inicialmente tive como objetivo a elaboração de um quadro que possibilitasse o cruzamento de variáveis, tais como: idade, escolaridade, profissão, ocupação, origem e renda, que seriam comparados e analisadas com os dados obtidos através do questionário aplicado. Sendo possível de ser feito com os primeiros dados obtidos no Instituto dinamarquês de estatística.

Na busca por traçar um perfil da mulher brasileira migrante, levei em consideração os aportes teóricos de Weber (1904, p. 139)⁶¹ sobre tipo ideal:

(...) a construção de tipos ideais abstratos não interessa como um fim, mas única e exclusivamente como meio de conhecimento. Qualquer exame atento dos elementos conceituais da exposição histórica demonstra, no entanto, que o historiador – logo que tenta ir além da mera comprovação de relações concreta, para determinar a significação cultural de um evento individual, por mais simples que seja isto, é, para “caracterizá-lo”- trabalha, e tem que trabalhar com conceitos que, via de regra, apenas podem ser determinadas de modo preciso e inequívoco sob a forma de tipos ideais.

⁶¹ WEBER, Max. A “objetividade” do conhecimento na ciência Social e na ciência política, (1904) In: WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez/Universidade Estadual de Campinas, 1992, p.139.

A fase que poderíamos chamar de “arroz de festa”⁶², foi muito intensa tendo participado, enquanto sujeito observador, em todas as festas, comemorações e atividades relacionadas a brasileiros na Dinamarca das quais tive conhecimento. Neste período consegui travar muitos contatos e ouvir muitas histórias que, apesar de não se constituírem como entrevistas formais, foram de extrema importância para a construção dos questionários e para construir uma etnografia dos eventos organizados por brasileiros.

Utilizei a técnica da pesquisa descritiva e me coloquei como um observador das atividades com concentração de mulheres brasileiras: reunião de mulheres, carnaval, festas comemorativas em homenagens a diferentes santos: Santa Bárbara, Santo Antônio, Festa de São João, Festas Natalinas e outros tipos de encontros. Tive como base as observações de Leopardi (2002)⁶³, que defende a descrição nas Ciências Sociais como uma possibilidade de se obter dados e explicações relacionadas a uma determinada situação ainda não explorada, das quais não se têm, ainda, dados.

Depois desta etapa, decidi participar somente em atividades que tivessem uma concentração maior de mulheres brasileiras. Iniciei a elaboração de um caderno de campo objetivando registrar os dados significativos que emergiam das conversas, como também observar o “movimento” do que poderia ser chamado do “ser” brasileira. A expressão corporal em confronto com o “outro” se mostrava presente em todos os eventos.

⁶² Arroz de festa é uma expressão usada no Brasil para definir uma pessoa que comparece em todas as festas para a qual é convidada.

⁶³ LEOPARDI, Maria Tereza. **Metodologia de Pesquisa na Saúde**. 2. Ed. Florianópolis: Pallotti, 2002.

Nesta fase, já com os dados primários e as observações em mãos, elaborei um questionário com perguntas abertas e fechadas para ser aplicado entre 20 entrevistadas. O processo de trabalho de campo e vontade de ouvir o maior número possível de histórias nos levou a um total de 40 entrevistadas. Deste total, 6 entrevistas foram descartadas por não atenderem ao público-alvo da pesquisa – a questão da reunificação familiar.⁶⁴ Esta aplicação se deu de duas diferentes formas:

- A entrevista era realizada com o preenchimento, pela informante, de um questionário, semi estruturado, que era depois devolvido.

- A pesquisadora preenchia o questionário com as respostas que a entrevistada fornecia. Isto se deu pela dificuldade encontrada por uma parte das entrevistadas em preencherem o questionário. Muitas vezes ocasionado pela vergonha de não saberem escrever português corretamente e se exporem sente sentido.

Depois foram feitas entrevistas gravadas com 12 mulheres sorteadas entre aquelas que haviam sido entrevistadas, com o questionário, antes, ou seja, em torno de 30% do total de mulheres entrevistadas anteriormente. Para o sorteio dos nomes foram observadas algumas características distintas entre elas, para que pudéssemos ter uma diversidade de história e experiências. Foi elaborado um roteiro com o objetivo de ajudar a pesquisadora na entrevista, mas as entrevistadas tiveram total liberdade para traçar as suas histórias de vida sem exigência

⁶⁴ Quatro das mulheres entrevistadas eram representatantes de associações relacionadas à imigrantes, e duas das que responderam ao questionário haviam migrado para Dinamarca por motivos de trabalho ou estudos.

de nenhuma linha cronológica. Nesta fase foi utilizada a metodologia da história de vida.

Posicionei-me no cuidado de não cair na armadilha colocada por Duarte (2002)⁶⁵ recorrendo a Velho (1986)⁶⁶ quando assinala que:

De acordo com Velho (1986, p. 148), o risco existe sempre que um pesquisador lida com indivíduos próximos, às vezes conhecidos, com os quais compartilha preocupações, valores, gostos, concepções. No entanto, assinala que, quando se decide tomar sua própria sociedade como objeto de pesquisa, é preciso sempre ter em mente que sua subjetividade precisa ser "incorporada ao processo de conhecimento desencadeado", o que não significa abrir mão do compromisso com a obtenção de um conhecimento mais ou menos objetivo, mas buscar as formas mais adequadas de lidar com o objeto de pesquisa. (p.16)

Nesta fase tive o gravador como um grande aliado e pude “jogar” com a possibilidade de obter o máximo das entrevistadas com o objetivo de construir uma história de vida das mesmas. Sempre comecei com a frase: “fale de você”. Elas tiveram a liberdade de começar por qualquer período, sem preocupação com a ordem cronológica: Infância, juventude, idade adulta, migração se misturavam num movimento de ir e vir.

⁶⁵ DUARTE, Rosália. Pesquisa Qualitativa: Reflexões Sobre o Trabalho de Campo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 115, p. 139-154. mar. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf>> Acesso em: 18 set. 2012.

⁶⁶ VELHO, Gilberto. Subjetividade e Sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

As leis de imigração foram analisadas tendo como base referencial teórica metodológica da análise descritiva e funcional/comparada⁶⁷ das mesmas.

1.2.5 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Bicicletas cruzam as ruas em um movimento de beleza singular. O olhar de quem desconhece este movimento se assusta e o coração acelera o medo do eminente surgimento do típico barulho que representa um acidente entre carros e bicicletas. Para meu espanto de iniciante, bicicleta e carros dividem de forma harmônica o mesmo espaço e, quase que como orquestrados, seguem seus destinos. Esta foi a primeira impressão que tive de Copenhague⁶⁸. Não era o meu espelho, mas ao contrário de achar feio, me encantei⁶⁹.

Conhecido internacionalmente como um país de alta qualidade de vida e um dos países onde os habitantes estão entre os mais felizes do mundo⁷⁰ A Dinamarca faz parte do grupo de países que formam a Escandinávia⁷¹ e têm em comum, além da qualidade de vida,⁷² uma

⁶⁷ BOBBIO, Norberto. **Da Estrutura à Função: Novos Estudos de Teoria do Direito**. São Paulo: Manole, 2007.

⁶⁸ Esta é uma situação vivida em qualquer cidade dinamarquesa. A diferença entre Copenhague e outras cidade esta somente no volume maior de bicicletas nas ruas, por ser, também, a cidade de maior população no país.

⁶⁹ O nome Copenhague em dinamarquês é København. É a junção de Havn – porto e Køben – a compra. Se fossemos fazer uma tradução direta, o nome da cidade seria o porto de compras.

⁷⁰ Esta questão da felicidade é muito controversa, pois, não é possível mensurar a felicidade sem levar em consideração que 500.000 habitantes da Dinamarca consomem antidepressivos (Dados do ministério da saúde) E importantes registrar também que os antidepressivos são chamados na Dinamarca de lykkepiller, ou seja, pílula da felicidade. Ver mais em: www.cienciahoje.pt Acesso 19 mar. 2012.

⁷¹ Finlândia, Noruega, Suécia, Islândia e Dinamarca.

Monarquia constitucional e são regidos por um parlamento. Com uma população de 5,56 milhões habitantes para uma área de 43.098m² o que dá uma média de 128 habitantes por quilometro quadrado. O país é basicamente dividido entre a ilha principal que se chama Zelândia⁷³ onde se localiza a capital, Copenhague, e a parte continental da Jutlândia⁷⁴, tendo um total de 406 ilhas. A maioria dos dinamarqueses, 88,7%, professa o cristianismo, sendo entre estes 87% luteranos e 1,7% outras religiões cristãs. Entre as outras religiões não cristãs se destaca o islamismo com 1,5%.

A Dinamarca tem a Alemanha como fronteira ao sul e ao norte a Suécia e a Noruega. Tanto a Noruega, Islândia e uma parte do sul da Suécia, já fizeram parte do Reino da Dinamarca. Apesar de o Finlandês ser uma língua oriunda de um tronco linguístico diferente do dinamarquês, a língua sueca, a norueguesa e a islandesa são muito próximas o que ajuda a comunicação entre estes países.

O país é o número 16 no índice de desenvolvimento humano, do PNUD, que mede a qualidade de vida de 180 países – o Brasil é o número 84.⁷⁵ Além da qualidade de vida, o nível de organização e as garantias aos direitos individuais e coletivos fazem o país ser uma referência internacional. Foi na Dinamarca que, em 1910, em um congresso de mulheres socialista, se definiu o oito de março como o dia internacional da mulher. As mulheres conseguiram o direito ao voto em

⁷² São considerados os países que implementam a política do Estado do Bem Estar Social e que tiveram forte influência da Social-democracia para a implementação destas políticas.

⁷³ *Sjælland* em dinamarquês.

⁷⁴ *Jylland* em dinamarquês.

⁷⁵ Cf. United Nations Development Programme (UNDP) **Human Development Report Sustainability and Equity: A Better Future for All**, 2011. Disponível em: <Ndr.undp.org/en/media/HDR_2011> Acesso: 30 ago 2012.

1918, e a primeira mulher a ocupar um cargo de ministra na Dinamarca foi à historiadora e socialista, Nina Bang (1866-1928) em 1924, fazendo parte de um governo social democrata.⁷⁶

Mesmo tendo alguns avanços sociais desde o início do século passado, a qualidade de vida do dinamarquês teve um significativo avanço depois da 2ª. Guerra mundial com aumento de salário e de padrão de vida. Isto refletindo, principalmente, no campo da habitação.

Com um movimento contrário ao observado nas capitais de outros países, onde o crescimento da população deu um grande salto nas últimas décadas, a grande⁷⁷ Copenhague caminhou por um modelo inverso. Prédios antigos que estavam em péssimo estado de conservação foram transformados em equipamentos comunitários e praças públicas. Agregado a isto, foram incentivados investimentos no setor de habitação em áreas próximas à Capital.

O resultado do acima exposto, foi uma população decrescente na capital do país, passando assim, a região de Copenhague, de uma população de 974.901 mil habitantes em 1950 para 722.038 mil habitantes em 2011.

Podemos ver, no gráfico seguinte como está representada a população de Copenhague e seu entorno nos anos de 1950 e 2011⁷⁸. Demonstrando o fenômeno do decréscimo da população residente na área,

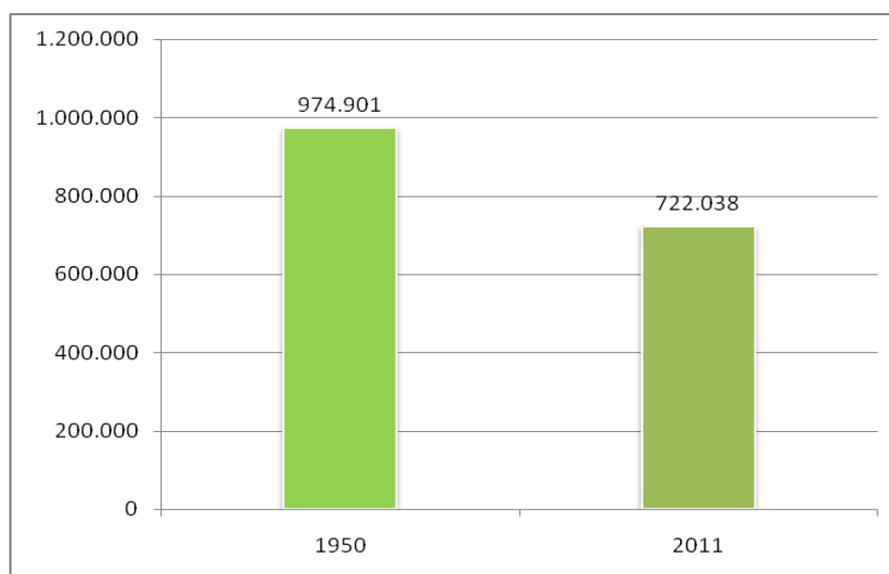
⁷⁶ A primeira mulher a ocupar um cargo de ministra, no mundo, foi a escritora e ativista, Alexandra Michaitowna Kollontai, em 1919, na antiga União Soviética. Segundo <http://da.wikipedia.org/wiki/Nina_bang> e <<http://www.criticadodireito.com.br>> Acesso em: 20 ago 2012.

⁷⁷ A Grande Copenhague comporta, além da cidade de Copenhague, um agrupamento de pequenas cidades no entorno desta.

⁷⁸ Fonte: Serviço Dinamarquês de Estatística - SDE

o que demonstra o fenômeno da migração interna observando uma tendência da população da Capital em movimento para outras áreas.

Gráfico 1-1. População em Copenhague



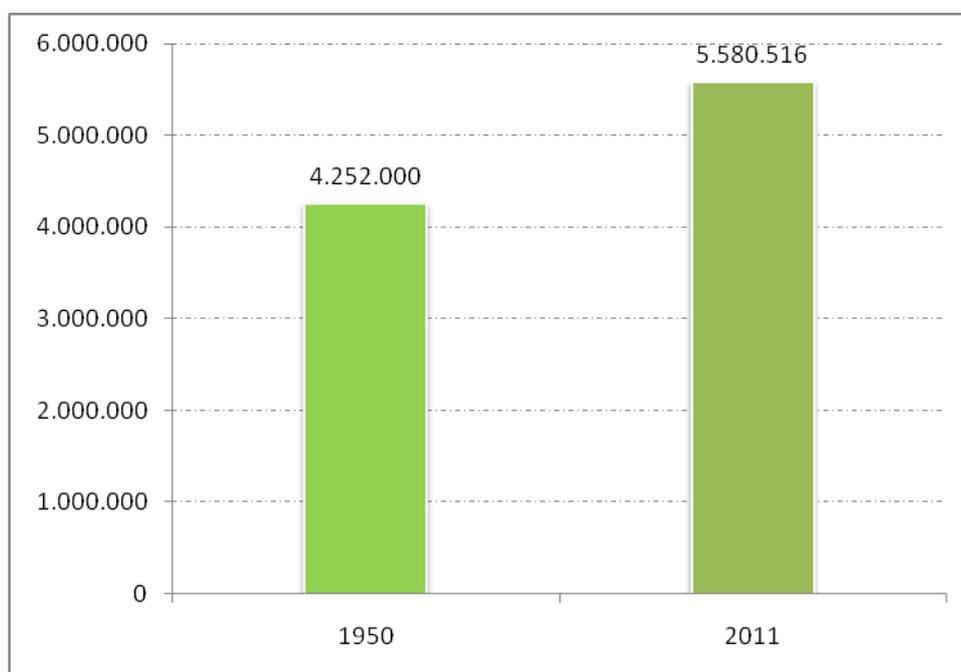
Fonte: SDE. Gráfico elaborado pela autora

No gráfico, a seguir, pode-se ver a linha de crescimento da população geral da Dinamarca nos anos de 1950 e 2011. Ao contrário do ocorrido na capital do país, a população geral apresenta crescimento entre estes anos.

Como já mencionamos antes, se compararmos os dois gráficos, ao contrário do fenômeno de decréscimo do número de habitantes

verificado em Copenhague, entre 1950 e 2011, a população geral da Dinamarca teve um crescimento de 24% entre 1950 e 2011.⁷⁹ Apesar de ser um crescimento de somente um pouco mais de um milhão de pessoas em 51 anos, ele é significativo, pois as taxas de crescimento populacional dos países nórdicos são baixas se comparadas com os países do Sul da Europa.

Gráfico 1-2. População geral na Dinamarca



Fonte: SDE. Gráfico elaborado pela autora

Em relação ao sistema escolar, existe, na Dinamarca, a obrigatoriedade do ensino se faz até a nona classe. Entretanto, não há

⁷⁹ Dados fornecidos pelo Serviço Dinamarquês de Estatística

obrigatoriedade de matrícula escolar. Uma família pode decidir que seus filhos estudem em casa. Para isto, deve cumprir uma série de exigências, como acompanhamento de exames e sociabilidade das crianças. As crianças imigrantes ou de famílias imigrantes, são incentivadas a irem para as escolas, pois é uma forma de construir relações e ter domínio da língua escrita e falada.

Apesar de estar entre os países de melhores condições de vida e da alegria, Dinamarca não se encontra entre os primeiros, entre os países nórdicos⁸⁰, estando a Suécia com uma expectativa acima, em torno de 81 anos, quanto à relação à expectativa de vida ao nascer. Em 2011 a expectativa geral da população era de 78,63 anos, com os homens tendo 76,25 e as mulheres 81,14 anos.⁸¹

Tabela 2-1. Expectativa de vida ao nascer na Dinamarca – geral

Ano Data da Informação (est.)	Expectativa de vida ao nascer	Posição	Percentual (%)
2003	77,1	49	
2004	77,62	47	0,67
2005	77,62	49	0,00
2006	77,79	49	0,22
2007	77,96	46	0,22
2008	78,13	47	0,22
2009	78,3	45	0,22

⁸⁰ Disponível em: <<http://monitordesaude.blogspot.dk/2012/01/saude-e-o-preco-do-desenvolvimento.html>> Acesso em: 28 jul. 2012.

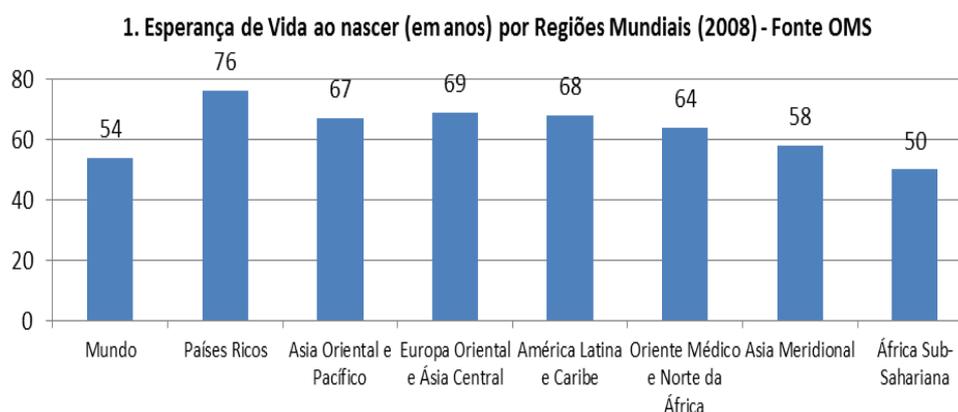
⁸¹ Disponível em: <www.indexmundi.com/es/Dinamarca/expectativa_de_vida_ao_nascer> Acesso em: 28 jul. 2012.

2010	78,47	46	0,22
2011	78,63	47	0,20

Fonte: Serviço Dinamarquês de Estatística

Com uma expectativa de vida ao nascer de 78,63 anos em 2011, coloca a Dinamarca em uma posição melhor do que a média apresentada pela OMS, em 2008, referente aos países ricos, que apresenta a melhor média mundial de 78 anos.

Gráfico 2-3. Esperança de vida por regiões



Fonte: Organização Mundial da Saúde.

Entretanto, este quadro de harmonia e equilíbrio é questionado pela emergência da contracultura que às entranhas estruturais da sociedade dinamarquesa, questionando o projeto social e refletindo sobre o mesmo. Martínez Quinteiro, (2011)⁸² analisando os contradiscursos

⁸² MARTÍNEZ QUINTEIRO, Maria Esther. Discursos y contradiscursos. Las relaciones de género en el cine. In: HIDALGO RODRÍGUEZ, David, CUBAS MARTÍN, Noemí e MARTÍNEZ QUINTEIRO, Maria Esther. **Mujeres En La Historia, El Arte Y El Cine.**

emergentes na linguagem cinematográfica, verifica que este é um meio importante para a socialização de valores e também de contravalores do universo feminino, que podem levar a uma reflexão crítica do sistema patriarcal como um todo. Relacionando o discurso escandinavo ao espanhol ela observa que, p. 26:

Si de este cine escandinavo de contradiscursos contrapuestos como *Millennium* y *Anticristo* pasamos al español de nuestros días, veremos en él atenuar-se la pluralidade discursiva, sin que los esfuerzos legislativos realizados em las últimas legislaturas para instaurar la igualdad de género...se traduzcan en la adhesión del colectivo de los profesionales del audiovisual...

1.2.5.1 Material

Objetivando a obtenção dos dados necessários para o trabalho utilizamos tanto técnicas qualitativas quanto quantitativas. Esta combinação teve como objetivo captar as múltiplas facetas do objeto estudado. Estas técnicas foram utilizadas em diferentes etapas e foram basicamente:

- 1- Levantamento bibliográfico
- 2- Observação participante em reuniões, festas e agrupamento de brasileiros

Discursos de género, variantes de contenidos y soportes: de la palabra al audiovisual. Salamanca. Ediciones Universidad de Salamanca, 2011. p. 11-32.

- 3- Levantamento de dados secundários
- 4- Contatos com organizações de imigrantes na Dinamarca
- 5- Elaboração de questionário semi-estruturado para as entrevistas
- 6- Elaboração de um guia com perguntas chaves para conduzir as entrevista sobre história de vida das “informantes-chave”.

Apesar de presente, a comunidade de brasileiros na Dinamarca pode ser considerada pequena em relação a outros grupos de imigrantes⁸³. A falta de informações específicas sobre a mesma não pode ser fator justificável restrito a um número de inexpressividade comparativa, haja visto que, a carência destes dados dificulta, inclusive, a elaboração de políticas públicas específicas para este grupo. Uma questão de primordial importância para a definição da amostra, relacionou-se ao cuidado de que a mesma refletisse a heterogeneidade em que raça/cor, idade, escolaridade, condição social, condição econômica e origem geográfica no Brasil estivessem presentes, abrangendo as múltiplas possibilidades e amplitude de diversidade da população brasileira que migram e vivem o exercício de estar em outros lugares.

⁸³ O maior grupo de imigrantes na Dinamarca é composto por pessoas oriundas, ou primeira geração, da Turquia, com 60.390 mil pessoas (1,1 % do total da população na Dinamarca) em segundo lugar estão os poloneses e os alemães, com 31.000 mil e em terceiro lugar iraquianos com 30.000. Segundo, <<http://www.dst.dk/pukora/epub/Nyt/2012/NR062.pdf>> Acesso em: 20 ago. 2012.

1.2.5.2 O estudo no campo

O trabalho de campo se apresentou com uma maior dificuldade de se realizar do que tínhamos planejado e avaliado. Dos primeiros contatos até o término das entrevistas transcorreu mais tempo do que o esperado. A dificuldade de conciliar tempo disponível para fazer algo que era do interesse de outrem – neste caso, da pesquisadora, se mostrou presente.

Mesmo avaliando que a estrutura da vida cotidiana na Dinamarca não deixa margem para brechas nas agendas, tornando-se difícil marcar ou remarcar uma entrevista. Isto sempre demandava mudanças nos arranjos familiares em relação às divisões das tarefas domésticas. Num país onde o empregado doméstico não faz parte do cotidiano das famílias, o nível de organização da esfera pública, como o trabalho e a esfera privada, como as atividades em família, são bem estabelecidas. Então a força do convencimento foi uma grande aliada junto com a insistência da pesquisadora na busca para a realização das entrevistas.

A maioria das entrevistas foi realizada nos domicílios das entrevistadas. Com isto, facilitou a possibilidade da entrevista acontecer, por não depender de uso de tempo das mesmas para deslocamento. No entanto, isto tinha que ser feito em um momento em que outras pessoas não estivessem presentes: mais um obstáculo a superar. Pude observar, também, que as mesmas ficavam mais a vontade em casa, afinal, era o espaço de domínio delas, eu era a pessoa de fora, o estranho.

Algumas vezes tive que retornar alguns contatos para refazer questões que não tinham ficado claras, por não ter conseguido perceber esta dificuldade na hora da entrevista.

Além destas primeiras dificuldades, outra surge em vários momentos: a solicitação para desmarcar a entrevista agendada e remarcar para outro dia.

Outras vezes estas solicitações eram recebidas por um sentimento de frustração e desânimo sentimento este que seria superado, depois da realização de uma entrevista enriquecedora.

O deslocamento entre diferentes regiões do país para os contatos requereu disponibilidade de tempo e de recursos econômicos. Esta é mais uma dificuldade vivenciada por todos os pesquisadores que não recebem bolsa para estudos ou pesquisa.

Trabalhar os dados secundários, obtidos no SDE, em outra língua, especialmente a língua dinamarquesa, que é de difícil compreensão, mesmo para quem já fala, escreve e lê, requer uma atenção redobrada. Uma pequena desconcentração pode resultar em um dado diferente e prejudicar uma análise posterior. Por isto, exigi de mim a revisão de qualquer dado obtido em dinamarquês por, pelo menos, quatro vezes.

Outra questão importante, que apresenta ao mesmo tempo um lado positivo e um lado negativo, é o fato de não existirem pesquisas sobre mulheres brasileiras imigrantes no país. Se por um lado o trabalho tem como ponto de partida a originalidade e o despertar de curiosidades, entre as pessoas informadas sobre ele, por outro, senti a falta de outros

trabalhos que me auxiliassem com informações ou parâmetros de comparatividade para com os dados obtidos neste trabalho.

Mas este foi um desafio assumido com um enorme compromisso, pois, como nos orienta Santos e Menezes (2010, p. 9)⁸⁴:

Toda experiência social produz e reproduz conhecimento e, ao fazê-lo, pressupõe uma ou várias epistemologias. Epistemologia é toda a noção ou ideia, refletida ou não, sobre as condições do que conta como conhecimento válido. É por via do conhecimento válido que uma dada experiência social se torna intencional e inteligível. Não há, pois, conhecimento sem práticas e atores sociais.

É o resultado deste desafio de descortinar as experiências sociais das mulheres migrantes que se encontra, a seguir, neste trabalho.

⁸⁴ SANTOS e MENEZES, 2010.

2 APORTES TEÓRICOS

*DA MINHA ALDEIA vejo quando da terra se pode ver no Universo [...].
Por isso a minha aldeia é grande como outra qualquer
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura (...)*

(Alberto Caeiro/Fernando Pessoa)

2.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O objetivo deste capítulo é analisar as diferentes perspectivas teóricas para o conceito de nação, gênero e migração relacionando-os com a questão da migração internacional de mulheres e os fluxos matrimoniais. Objetivando, principalmente, verificar como se articulam a ideia de pertencimento a uma nação com a perspectiva de gênero e migração.

2.2 NAÇÃO

Nas discussões acadêmicas sobre a problemática da imigração internacional é freqüente associar o “ser” imigrante dentro da perspectiva de um grupo que constrói este “ser” em uma relação com o seu país de origem, ou a sua nação. Mas o que é uma nação? Este é um tema controverso e tem sido debatido dentro da academia há muitas décadas. Por isto, neste trabalho, o discurso sobre nação, na contemporaneidade,

objetiva entender a construção do “ser” migrante e suas relações entre o estado nação em que vive e o seu estado nação de origem.

Ernest Renan (1999)⁸⁵ em um artigo apresentado na Sorbonne em 11 de março de 1882 e intitulado *What is a Nation* levanta uma relevante discussão sobre as bases de construção do conceito de nação na modernidade. Para ele, dada a diversidade com que diferentes grupos humanos se reúnem, tornar-se-ia difícil uma única definição que englobasse esta diversidade de pertencimento. Para certos grupos uma determinação geográfica seria o limitador de uma nacionalidade, para um outro a língua poderia ser o fator unificador, para outros já seria a religião - citando o caso dos judeus que, até 1948, não tinham um território próprio. Existem grupos que, apesar de falarem idiomas diferentes, a exemplo dos suíços, buscam uma identidade em comum na vontade de uma união. Mas, argumenta o autor “a essência de uma nação é que todos os indivíduos tenham muitas coisas em comum” e também:

Uma nação é uma grande solidariedade, constituída pelo sentimento dos sacrifícios feitos e daqueles que as pessoas ainda estão dispostas a fazer. Supõe um passado, resume-se no presente por um fato tangível: o consentimento, o desejo claramente expresso de continuar a vida em comum⁸⁶.

O autor argumenta também que, nação é uma construção que tem limites relacionados às categorias tempo e lugar. Sendo a nação, na contemporaneidade, entendida como um sentimento de pertencimento que extrapolaria as delimitações fronteiriças, o distanciamento geográfico ou as diferenças culturais internas.

⁸⁵ RENAN, Ernest. **What is a Nation**. London/New York: Routledge, 1999.

⁸⁶ *Ibidem*, p. 55.

O que é uma Nação? Esta também é a questão que motivou Hobsbawm a escrever seu livro *Nação e Nacionalismo* (1990) defende que a nação como a conhecemos hoje é um fenômeno próprio do capitalismo.

Na concepção de Bresser Pereira (2009), apesar de não existir um consenso, dentro das ciências políticas, sobre o conceito de Estado, estado-nação, nação e sociedade⁸⁷. Aliando-se com Hobsbawm (1990) defende ele que em relação ao Estado, pode-se dividir em duas diferentes formações: Estado antigo e Estado moderno⁸⁸. Entretanto, em relação à concepção de nação, como um fenômeno capitalista já se encontra como um consenso dentro da produção acadêmica.

Para Bresser Pereira (2009, p. 06),

A tese da existência de nações nas sociedades pré-capitalistas é hoje uma tese amplamente refutada por toda uma literatura ampla e recente sobre nação e nacionalismo. Eric Hobsbawm (1990) é especialmente enfático a respeito (...).⁸⁹

Anthias e Yuval-Davis (1992) afirmam que existem discordâncias sobre o ser constituidor de uma nação⁹⁰. De um lado se encontram os “primordialists” e do outro os “modernists”. A base de aporte dos

⁸⁷ BRESSER PEREIRA, Luis Carlos. **Nação, Sociedade civil, Estado e Estado-Nação: Uma perspectiva histórica**. Versão de 18 de março de 2008. Texto para discussão 189, junho de 2009. Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/2659/TD%20189%20-%20Luis%20Carlos%20Bresser%20Pereira.pdf?sequence=1>> Acesso em: 28 jul. 2012.

⁸⁸ HOBBSAWM, Ernest. **Nations and Nationalism since 1780**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

⁸⁹ BRESSER PEREIRA, 2009.

⁹⁰ ANTHIAS, Floya; YUVAL-DAVIS, Nira. “Whose Nation? Whose State? Racial/ Ethnic divisions and “the nation”. In: ANTHIAS, Floya; YUVAL-DAVIS, Nira. **Racialized boundaries. Race, nation, gender, colour and class and the anti-racist struggle**. London and New York: Routledge, 1992. p. 21-60.

primordialistas está assentada na ideia de nação como um fenômeno universal e a dos modernistas como um fenômeno próprio do capitalismo.

Enfatiza os autores Anthias e Yuval-Davis (1992, p. 37) que no espaço da nação é também o espaço das oposições, que se apresenta condicionado às situações políticas a exemplo de tolerâncias e intolerâncias:

Anthias e Yuval-Davis (1992, p. 37) consideram que:

For example, there might be more than one formal language (like in Canada) or they might offer, as an institutional right, interpreters for those who cannot speak the formal language (as in Australia).

Other countries (or the same countries in relation to cultures of minorities outside the constitutive ones) might be much less tolerant of cultural difference. The debate in France about the schoolgirls who wore headscarfs is but a symptom of the persistence of the France perspective, so prevalent during French imperialism, that living under French rule must involve becoming culturally French as well⁹¹.

⁹¹ Por exemplo, existirem mais que uma linguagem oficial (como no Canadá) ou ser oferecido um apoio institucional, como intérpretes, para os que não falam a língua oficial (como na Austrália). Outros países (ou alguns países em relação às culturas minoritárias fora das que fazem parte de sua constituição) são muito menos tolerantes com as diferenças culturais. O debate na França sobre as alunas que usam o véu é um sintoma de persistência na perspectiva francesa, que prevalecia no período do imperialismo francês, em que, viver sob as regras francesas significava se tornar também um francês do ponto de vista cultural. Tradução livre.

Ao analisarem a situação da Inglaterra, os autores avaliam que há uma relação entre o fenômeno de identidade nacional relacionado com uma perspectiva de exclusão racial, pois as ideologias nacionalistas estariam baseadas em uma história em comum.

Hall (2003, p. 47)⁹² vai mais além nesta discussão sobre nação quando levanta a preocupação com as identidades culturais no confronto com o mundo globalizado salientando que:

No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial.

Argumenta também o autor, que a ideia de uma natural identidade nacional, seria na verdade uma construção, pois estas identidades nacionais “são formadas e transformadas no interior de uma representação”⁹³

Esta discussão sobre nação se apresenta importante quando discutimos migração. Ela é um fator preponderante na análise sobre migração internacional, uma vez que coloca em perspectiva o próprio ser

⁹² HALL, Stuart. As culturas nacionais como comunidades imaginadas. In: **A identidade Cultural na pós modernidade**. São Paulo: DP&A Editora, 2003, p. 47-63.

⁹³ Idem, p. 47.

migrante. Para isto os aportes de Bhabha (1990) são de fundamental importância.

Bhabha (1998, p. 199)⁹⁴ constrói seu argumento a partir de sua própria experiência enquanto imigrante e defende a ideia de nação com a construção de uma narração. Ele se apropria da noção de disseminação, do filósofo francês, Jacques Derrida, que alia a sua própria experiência de migrante para construir a sua estratégia de identificação e interpretação do discurso. Esta perspectiva amplia as possibilidades do aparecimento de outros sujeitos, até então escondidos, dentro de uma teoria hegemônica sob o conceito de nação: mulheres e suas identidades, posição de classe, situação de migração. Para ele a nação é o espaço do conflito. Bhabha defende, ao contrário de Hobsbawm (1990)⁹⁵, que o local da cultura é mais temporal que histórico:

Esta localidade está mais em torno da temporalidade do que sobre a historicidade: uma forma de vida que é mais complexa que “comunidade”, mais simbólica que “sociedade”, mais conotativa que país (...) ⁹⁶.

Argumenta também que a produção da narrativa de uma nação é o resultado de uma tensão entre conceitos: pedagógico e performático.

Sendo a Nação uma narração, esta vai sendo construída a partir da posição em que se encontra um “povo” ou uma comunidade. Bhabha pensa a nação pelo que ela tem de descontínuo – ao contrário de outros historiadores; é a sua recusa em construir a ideia de nação narrativa

⁹⁴ BHABHA, Homi. Dissiminação: o tempo, a narrativa, e as margens da nação moderna. In: BHABHA, Homi. **O local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p. 198-238.

⁹⁵ HOBBSAWM, Ernest. **Nations and Nationalism since 1780**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

⁹⁶ BHABHA, p. 199.

histórica e unitária que traz o novo para o discurso. Bhabha (1998, p. 207)⁹⁷ constrói sua ideia de nação por um caminho novo, evidenciando as experiências que estão às margens. São os conflitos das “minorias” que emergem deste discurso:

Na produção da nação como narração ocorre uma cisão entre a temporalidade continuísta, cumulativa do pedagógico e a estratégia repetitiva, recorrente, do performático. É através deste processo de cisão que a ambivalência conceitual da sociedade moderna se torna o lugar de *escrever a nação*⁹⁸.

É na dinâmica entre o pedagógico e o performático que as narrativas da nação são construídas, cruzam fronteiras e são transportadas do local para o global como se fossem uma unidade. Entretanto, estas narrativas unas, são colocadas em confronto com as narrativas existentes em outros novos espaços locais/globais, emergindo, a partir desta posição, novas formas do performático e do pedagógico.

Valiosa, também, para este debate é a concepção de Anderson (1993)⁹⁹ sobre a construção da ideia de nação. A ideia de Anderson sobre uma nação “imaginária” compreende um espaço geográfico delimitado para o sentimento desta imagem. Para ele, uma nação tem quatro características:

- a) Imaginada;
- b) Limitada;

⁹⁷ Ibidem, p. 207.

⁹⁸ Ibidem

⁹⁹ ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas- reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo**. Trad. Eduardo L. Suarez. Fondo de Cultura Económica, México DF, 1993.

- c) Soberana e
- d) Comunidade.

Ela é imaginada, pois não existe um conhecimento de todos os membros uns sobre os outros, que existia, por exemplo, nos grupos tribais. Sendo assim, é sempre a partir de uma visão imaginariamente construída sobre os outros que, os compatriotas, vivem e exercitam um projeto comum, mesmo na certeza de que não se conhecerão enquanto contato individual.

Ela é limitada pelo fato de existirem limites geográficos territoriais e fronteiriços. Independente do tamanho territorial e do número de seus membros, o exercício dos limites fronteiriços são os mesmos.

A soberania é exercida frente às demais nações ou povos e, ao contrário dos antigos reinados, dentro dela o pluralismo religioso é aceitável.

Ela é uma comunidade, pois coexistem diferentes tipos de classes sociais que, independentemente da exploração existente de uma classe sobre a outra, todos estão inseridos em um projeto comum de nação e, morreriam por este projeto.

Entretanto, para entendermos a perspectiva da construção da ideia de Nação, fora do território, a concepção de Bhabha oferece suporte para um discurso de Nação que se encontra em um campo de análise mais performática, ao mesmo tempo em que cria a possibilidade de leitura para vários diferentes grupos emergirem por fora da voz relacionada ao discurso oficial, sobre brasileiras e sobre brasilidade, que, ao contrário do que mostram as estatísticas, comporta um arco íris de diversidade. É esta diversidade que busco tirar do limbo do discurso sobre migração de

mulheres brasileiras na Dinamarca. Esta busca está centrada numa perspectiva teórica de que este não poderá ser visto como um grupo unitário, nem como portadores de uma história única enquadrada em um nome como, “as brasileiras”.

Uma contribuição importante para este debate e a estabelecida por Said (1996, p. 17, grifo nosso)¹⁰⁰ que vê o migrante como a presença deslocada do que é estranho, o estrangeiro. Esta a presença corporal é a prova da existência do outro, do desconhecido. Ele usa esta problemática para discorrer sobre as bases da construção, no ocidente, da identidade do “outro”. Sua análise parte basicamente da hermenêutica, usando como base textos literários e romances produzidos no ocidente sobre o “oriente”. O “oriente, segundo Said, é reconstruído, pelo olhar dos “orientalistas”, como um lugar distante, exótico, um lugar de romances e fantasias. Esta inferência sobre o “outro” pode ser classificada como uma autoridade, um exercício de poder. Esta autoridade manifesta-se claramente no encontro de Flaubert com a cortesã:

Há muito pouca anuência, por exemplo, no fato de que o encontro de Flaubert com a cortesã egípcia tenha produzido um modelo amplamente influente de mulher oriental; ela nunca falou de si mesma, nunca representou suas emoções, presença ou história. Ele falou por ela e a representou (...).

¹⁰⁰ SAID, Edward. **Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente**. Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

2.3 GÊNERO E MIGRAÇÃO

Pode-se afirmar que a história da humanidade é uma história de migrações. O entender estes processos objetivou pesquisas e reflexões em diferentes áreas do conhecimento. Entretanto, estas reflexões compreendiam uma perspectiva masculina, uma vez que a ciência tem uma dimensão de gênero, que ignorava as diferentes condições e perspectivas feminina e masculina.

“A ciência é uma forma de discurso” afirma FARGANIS (1997, p.228)¹⁰¹ e o conhecimento pode ser usado para definir padrões e afirmar uma autoridade. Dentro desta perspectiva é fácil compreender as razões do “esquecimento” da mulher nos estudos sobre migração, pois o “discurso” pertence a quem o escreve. Assim:

A epistemologia feminista contemporânea faz parte da crítica corrente ao modelo cartesiano de ciência, distinguindo-se de outros desafios à mesma por atribuir preconceitos ligados ao gênero tanto ao método científico como à tradição epistemológica ocidental da qual ele faz parte¹⁰².

Mas, o comportamento migratório das mulheres dava seus próprios sinais, como Lutz (1997)¹⁰³ salienta ao referir a importância do geógrafo Ernest George Ravenstein que escreveu no jornal da sociedade

¹⁰¹ FARGANIS, Sondra. O feminismo e a reconstrução social. In: JAGGAR, Alison M.; BORBO, Susan R. (Ed.) **Gênero, Corpo, Conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

¹⁰² Ibidem, p. 224.

¹⁰³ LUTZ, Helma. The limits of Europeans-ness: Immigrants Women in Fortress Europe. **Feminist review**, n. 57, p. 93-111. autumn 1997.

estatística em 1885 que “Females are more migratory than male”¹⁰⁴. Entretanto, este dado ficou esquecido por quase cem anos nos estudos migratórios.

Foi somente em 1984 que as mulheres imigrantes começaram a receber atenção por sua participação no processo migratório, tendo como pioneiro o estudo de Mirjana Morokvasic¹⁰⁵ intitulado: “Birds of passage are also Women”¹⁰⁶. Até então, as mulheres migrantes eram ignoradas como parte importante nos estudos sobre migração e processos migratórios.

Até a década de 1970 as mulheres eram invisíveis nos estudos internacionais sobre migração desde então, muitos estudos têm sido feitos, desvendando a problemática na qual estão inseridas as mulheres migrantes. Um problema a se considerar é a construção de um modelo de análise que comporte a heterogeneidade das mulheres migrantes. Para a autora, este modelo teria que levar em consideração dois fatores importantes:

- 1- Faz-se necessário repensar as análises simplistas sobre a migração por trabalho, pois estas estariam influenciadas pelos próprios conceitos masculinos dos países receptores;
- 2- Que este modelo de análise também comporte a diversidade de gênero das mulheres migrantes, em que os contextos, internos e externos sejam reconhecidos

¹⁰⁴ “As mulheres migram mais que os homens”.

¹⁰⁵ MOROKVASIC, Mirjana. Birds of passage are also Women. **International migrant Review**, v.18, p. 886-907. 1984.

¹⁰⁶ As aves migratórias são também mulheres- Tradução livre

Um outro padrão que se estabelece a partir da década de 1980 é o aumento da imigração feminina para o sul da Europa, principalmente de filipinas, cabo verdianas e peruanas kofman.¹⁰⁷ Uma parte significativa destas mulheres que migram para trabalharem como empregadas domésticas, apesar de terem um nível de educação alto, a exemplo da imigração de latinas americanas e filipinas para a Espanha.

Harzig (1999, p. 9.)¹⁰⁸ levanta uma crítica à forma com que os cientistas analisavam sistemas migratórios como processos lineares que levariam uma população de uma direção para uma outra. Salienta que, dentro de grandes grupos migratórios encontram-se além de subgrupos pessoas em múltiplos movimentos migratórios, sendo assim, a migração, um movimento de trajetórias complexas. Mais ainda, nas pesquisas dos grandes grupos migratórios não aparece à migração feminina. Analisando as políticas migratórias avalia que:

Today immigration policies in Europe and North America not only influence migration processes, - direction, demographic and occupational composition, legality, - they also impose themselves on the migrants identities, maybe even more so than race, class or gender¹⁰⁹.

¹⁰⁷ KOFMAN, Eleore. Female `Birds of passage` a decade later: Gender and Immigration in the European Union. **International Migration Review**, v. 33, n. 2, summer, p. 0269-0299. 1999.

¹⁰⁸ HARZIG, Christiane. **Women Migrants as Global and Local Agents: New Research Strategies on Gender and Migration**. Germany: University of Bremen, 1999.

¹⁰⁹ As políticas de imigração, hoje, na Europa e na América do Norte, não influenciam somente o processo migratório, - direção, demografia, composição ocupacional e legalidade- eles impõem uma identidade própria ao migrante, talvez mais que classe, raça ou gênero. Tradução livre.

Hondagneu-Sotelo e Avila (1997) pesquisando sobre mulheres, “latinas”, migrantes nos Estados Unidos, observa que a maioria destas mulheres trabalham como empregadas domésticas, especialmente como babás. Apesar da pluralidade de situações individuais, para muitas delas, cuidar dos filhos de uma outra família significa deixar seus próprios filhos aos cuidados de outras por muitos anos, e que as fronteiras reais dos estados-nação são um obstáculo concreto para reunificação de mães e filhos. Isto gera um conflito que fica claro no próprio título do artigo, “I`m here, but I`m there”.¹¹⁰ Qual seria então o espaço de vida das pessoas, o espaço geográfico, aonde vive e trabalha, ou o espaço das emoções, aonde vive a família, os amigos?¹¹¹

Em um estudo qualitativo sobre imigrantes peruanos em Madri, Fernandez (2001, p. 18)¹¹² verifica que uma pessoa ao migrar de um país para outro não muda somente do âmbito territorial, mas também para uma nova forma de vida, uma nova cultura, ao qual atribui significados e que:

(...) la adaptación a los nuevos esquemas, que proporcionam sentido a la realidad personal y social de la cultura de destino, no es un proceso sencillo, con mucha frecuencia suelen estar presentes perplejidades, incomprenciones y conflictos que influyen en la identidad de los sujetos.

¹¹⁰ A autoria fala, neste caso concreto, sobre as fronteiras entre os Estados Unidos e o México como um obstáculo para muitas mulheres mexicanas e da América Central reunificar-se com seus filhos.

¹¹¹ HONDAGNEU-SOTELO, Pieerette e AVILA, Ernestine. I`m Here, but I`m There: The meanings of Latina Transnacional Motherhood. **Gender and Society**, v.11, n. 5, p. 548-571. 1997.

¹¹² FERNÁNDEZ, Jesús Labrador. Identidad e Inmigración-Un estudio cualitativo con inmigrantes peruanos em Madrid. **Sociedad-Cultura-Migraciones**, Universidad Pontificia Comillas. Madrid, n. 4. 2001.

Lisboa (2007)¹¹³ seguindo a mesma linha interpretativa, considera que este cambio de lugar significa um processo que ela chama de “desraizamento” do seu lugar de pertencimento para um “enraizamento” em relação ao lugar de chegada.

As mulheres são quase metade da população migrante, chegando a um número, aproximado, de 95 milhões de pessoas num total de 200 milhões de pessoas migrantes no mundo. A participação delas no processo migratório significa também o repasse econômico para as famílias em seus países de origem (UNFPA, 2006, p.1)¹¹⁴.

Para muchas mujeres, la migración abre las puertas de un nuevo mundo donde hay más igualdad y menos opresión y discriminación que limite la libertad y coarte las oportunidades. Para los países de origen y para los de destino, la contribución de las mujeres migrantes puede literalmente transformar la calidad de vida. Sin embargo, esta dedicación entraña un costo, puesto que la migración también tiene un costado sombrío.

O fenômeno da migração no mundo contemporâneo apresenta características nunca antes observadas, principalmente as seguintes:

- 1- A intensificação dos processos migratórios.
- 2- Diversificação em relação a quem migra.
- 3- Complexibilidade em relação ao processo em si – Quem migra não se dirige a um lugar fim. Mas o que se verifica é uma

¹¹³ LISBOA, Teresa Kleba. Fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo: a globalização da assistência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, p. 805-821, set/dez. 2007.

¹¹⁴ **Hacia la Esperanza: Las mujeres y la migración internacional**. Fondo de población de las Naciones Unidas – UNFPA, estado de la población mundial, 2006.

transformação de um processo para um contínuo ato migratório.

Outro dado importante é que a migração além de promover mobilidade social e possibilidades de melhoria de vida para o migrante, é também responsável por situações de discriminação e exploração em nível de trabalho e salário.

Um grande esforço internacional tem sido feito no sentido de regular a migração internacional e garantir os direitos dos imigrantes. Os mais importantes são:

Instrumentos para trabalhadores migrantes:

- Convenção da Organização Mundial do Trabalho-OIT, sobre os trabalhadores migrantes de 1949 (n.º 97). Ano de entrada em vigor: 1952. Número de países signatários: 45
- Convenção da OIT sobre as migrações em condições abusivas e a promoção da igualdade de oportunidades e do tratamento dos trabalhadores migrantes de 1975 (n.º 143). Ano de entrada em vigor: 1978. Número de países signatários: 19

A Dinamarca não ratificou esta convenção.

- Convenção internacional sobre a proteção dos direitos de todos os trabalhadores migrantes e seus familiares de 1990. Ano de entrada em vigor: 2003. Número de países signatários: 34¹¹⁵.

A Dinamarca não ratificou esta convenção. Somente 35 países, na maioria países considerados “send land”¹¹⁶ e não receptores de migrantes, assinaram ratificação da convenção, o que, na prática, inviabilizaria a aplicação da mesma.

Uma grande parte dos estudos sobre mulheres migrantes trazem sempre em comum um erro básico: agrupar por origem de nascimento e fluxo migratórios, mulheres com diferentes experiências, culturas e situação social. Em geral, se analisarmos os títulos dos estudos sobre mulher e migração poderemos encontrar algo em torno de gênero/mulher e minoria étnica, englobando, muitas vezes, grupos de pessoas rivais em seus países de origem.

É importante observar que a dinâmica do fluxo migratório na contemporaneidade está, também, determinada pelo estágio alcançado pelo fenômeno da globalização, e a facilidade de deslocamento é um dos fatores que a impulsionam.

Um outro problema que se apresenta, em geral, nos estudos sobre migração é agrupar diferentes tipos de migração: refugiados, migração por motivo de trabalho, migração por busca de emprego e migração por reunificação familiar - esta, por ser um ato de (re)união de

¹¹⁵ MATIAS, Goncalo Saraiva e MARTINS, Patrícia Fragoso. A Convenção Internacional sobre a Proteção dos Direitos dos Trabalhadores Migrantes e dos Membros das suas Famílias: perspectiva e paradoxos nacionais e internacionais em matéria de imigração. Observatório de Imigração, n. 25, dez. 2007. Disponível em:

<http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col_EstudosOI/OI_25.pdf> Acesso em: 28 jul. 2012.

¹¹⁶ Países de emigrantes

algum membro familiar poderia ser subdividida em três grupos: por casamento, filhos, pais, ou outros familiares.

Este estudo está centrado na análise da imigração de mulheres brasileiras por razão de casamento dentro das regras da reunificação familiar na Dinamarca, e analisa, principalmente, as leis dinamarquesas, referentes a esta problemática, no período de 2002 a 2011¹¹⁷.

Este período foi escolhido por ser o período de ascensão ao poder de um governo de centro direita no qual se pode verificar uma grande e constante mudanças nas leis de imigração.

2.4 DIREITOS HUMANOS NUM MUNDO GLOBALIZADO

É pertinente observarmos a necessidade de uma análise sobre a globalização na contemporaneidade, para entendermos o processo da globalização e sua influência nas questões dos Direitos Humanos no mundo da “alta modernidade”¹¹⁸.

Mesmo muitos autores analisando que a globalização não é um processo novo, mas um processo de cinco séculos, que começando com o mundo moderno, tendo um significativo desenvolvimento durante a revolução industrial e no desenvolvimento capitalista na busca por novos mercados.

¹¹⁷ Serviço de imigração dinamarquês. Disponível em: <http://www.nyidanmark.dk/da-dk/Ophold/familiesammenfoering>> Acesso: 30 ago 2012.

¹¹⁸ GIDDENS, Anthony. Modernidade e Identidade. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. 2002.

No contemporâneo, o fenômeno da globalização avança em duas frentes. Na primeira busca consolidar os mercados já existentes e penetrar em novos espaços/mercados e na segunda, trabalha na construção de novas necessidades de consumo nos mercados já existentes.

Octavio Ianni (1998)¹¹⁹, referência na sociologia brasileira e com uma vasta produção de análise sobre a globalização e as mudanças em curso decorrentes desta na sociedade global e os desafios que as ciências sociais enfrentam para esta compreensão, acredita que o processo da globalização abala quadros sociais como também mentais de referências tanto individuais como coletivas. Com isto:

Rompe e recria o mapa mundo, inaugurando outros processos, outras estruturas e outras formas de sociabilidade, que se articulam ou impõem aos povos, tribos, nações e nacionalidades [...] Os territórios e as fronteiras, os regimes políticos e os estilos de vida, as culturas e as civilizações parecem mesclar-se, tencionar-se e dinamizar-se em outras modalidades, direções ou possibilidades¹²⁰.

Aprofundando sobre a questão colocada anteriormente, o autor analisa os processos recentes da transnacionalização inserindo-o dentro de uma realidade geohistórica:

¹¹⁹ IANNI, Octavio. As Ciências Sociais na Época da Globalização. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.13, n. 37, June 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000200002>

Acesso em: 30 ago. 2012

¹²⁰ Ibidem

(...) já é evidente que a transnacionalização, mundialização, planetarização ou mais propriamente, globalização do mundo, é uma realidade geohistórica, social, econômica, política e cultural. Essa é uma realidade problemática, simultaneamente inquietante e fascinante, por suas implicações práticas e teóricas¹²¹.

Com isto, Ianni lança o desafio para as Ciências Sociais, no sentido de tentar entender as novas dinâmicas da sociedade globalizada, tendo como objetivo principal o combate à *globalização pelo alto*, que mantém a dominação política e controle econômico mundial pelas grandes corporações transnacionais¹²².

Marx, por exemplo, não tinha dúvidas de que chegaríamos ao comunismo, através da revolução proletária. Sob influência desta ideia, e às vezes até mesmo empenhados em viabilizar esta possibilidade histórica, tende-se a analisar a globalização como um certo “desvio de rota”, comparando-a com “aquilo que deveria ser”. Isto implica em que, uma boa carga de emoção, em forma de indignação, ante a análise sociológica. Este sentimento é tão prejudicial quando da análise teórica, quanto útil na ação política que esta análise possa indicar.

Pode-se observar que existe uma interpretação que faz uma ligação direta entre globalização e a atual hegemonia política burguesa, no plano internacional, que é o neoliberalismo. Na busca por se opor ao neoliberalismo, levanta-se uma crítica ao processo de globalização. Critica-se quase que automaticamente àquela. Não se pode negar que a globalização é parte importante para a implementação das políticas

¹²¹ Ibidem

¹²² Ibidem

neoliberais. Porém, não é menos verdade que o *processo* que hoje denominamos globalização, que teve seu início na expansão marítima do capitalismo mercantil, e que passou por diversas fases como a multinacionalização e a transnacionalização¹²³ do capital, comporta outras políticas que não as neoliberais.

Marx e Engels (1989, p. 7) avaliava este processo de internacionalização como a possibilidade histórica da construção do comunismo:

devido ao rápido aperfeiçoamento de todos os instrumentos de produção, com as comunicações imensamente facilitadas, a burguesia arrasta para a civilização todas as nações, até mesmo as mais bárbaras (p. 6). As relações burguesas de produção e de troca, as relações burguesas de propriedade, a moderna sociedade burguesa, que faz surgir como que por encanto, possantes meios de produção e de troca, assemelha-se ao feiticeiro que já não pode controlar as potências infernais por ele postas em movimento. Há dezenas de anos, a história da indústria e do comércio não é senão a história da revolta das forças produtivas modernas contra as modernas relações de produção e de propriedade¹²⁴.

No entanto, o que podemos observar, é que o capitalismo não se destruiu neste movimento, ao contrário do pensado por Marx.

¹²³ Multinacionalização do capital é o processo de expansão das empresas nacionais para o mundo que se transformariam em empresas multinacionais.

¹²⁴ MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**.(Londres, 24 de junho de 1872) Ed. Vozes, Petrópolis, 1989. p.71

O que hoje denominamos de globalização é, de fato, o episódio atual do longo processo de desenvolvimento das forças produtivas, que perpassou transversalmente, sofrendo influências e influenciando, diversas orientações políticas, e, como tal, em cada uma das suas etapas de desenvolvimento acirrou a contradição entre forças produtivas e o modo de produção vigente.

Giddens (1991, p. 11)¹²⁵, objetivando fazer uma análise institucional da modernidade, o que classifica como: “(...) estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVIII (...)”, tendo como ponto de partida a análise dos clássicos da Sociologia – Marx, Weber e Durkheim abrindo uma conexão reflexiva entre o pensamento clássico algumas correntes de pensamento contemporâneo e, a sua própria reflexão sobre a modernidade. Analisa que os chamados “pós-modernos, trabalham na perspectiva de que estamos experimentando uma mudança da ordem saindo da moderna para um “ir além”. Este “ir além” estaria fundamentado em algumas explicações básicas, centradas principalmente em três eixos. Primeiro, dos teóricos que argumentam que vivemos no “limiar de uma nova era” ou “sistema social” onde haveria um domínio da sociedade de informação e da sociedade de consumo na construção do homem virtual. Uma segunda corrente, baseia a sua argumentação na indicação de que estaríamos vivendo numa sociedade do “pós”: “pós modernidade, pós modernismo, “sociedade pós industrial”, pois as transformações institucionais sugeridas indicam a passagem de uma sociedade na qual a produção de bens manufaturados deixaria de ser o centro de relevância , perdendo o poder para o sistema baseado na produção de informação. Inferindo Lyotard, o

¹²⁵ GIDDENS, Anthony. **As consequências da Modernidade**. Trad: Raul Fiker. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

autor lembra que este argumenta que a condição da pós modernidade esta dada quando os três eixos centrais da modernidade são questionados:

- a) questionamento das grandes narrativas;
- b) quebra da fé no progresso humano;
- c) surgimento de novos tipos de conhecimento. Amplia-se a ideia de conhecimento, não se limitando mais ao conhecimento científico

Analisando que a resposta padrão frequentemente dada aos argumentos apresentados por Lyotard, direcionam-se na perspectiva de provar que é possível um conhecimento generalizável sobre a vida social e que padrões de desenvolvimento da vida social podem ser alcançados.

Giddens (1991, p. 95) busca fazer uma abordagem diferente, baseada num novo olhar sobre a natureza da modernidade. Admite que vivemos numa era de pós modernismo, mas, não de pós modernidade. Aponta na perspectiva de que vivemos na fase mais radicalizada da modernidade, o que ele chama de *alta modernidade* onde está dada a possibilidade do projeto reflexivo do eu baseado na segurança ontológica em que os indivíduos têm "(...) a crença que a maioria dos seres humanos têm na continuidade de sua auto-identidade e na constância dos ambientes de ação social e material circundantes".

Giddens (1991) argumenta também que este estranhamento, vivido na contemporaneidade, tem como base o surgimento dos novos movimentos sociais - movimento feminista, movimento negro, ecológicos, etc.-, para os quais, a Sociologia clássica não teria respostas. Esta não

possibilidade de explicação deste momento estaria levando a um “mal estar” por parte dos atores sociais.

Para o autor, as mudanças ocorridas no período moderno foram de tal forma radicalizadas que não encontramos precedentes em outros períodos histórico. Estas mudanças ocorreram tanto em sua forma extencional quanto na intencional. Observa-se que, um dos empecilhos para se observar a descontinuidade da modernidade seria a influência do evolucionismo, mesmo em correntes que o criticam.

Três questões importantes são colocadas na perspectiva de clarear o caráter da modernidade e o seu distanciamento em relação à ordem social tradicional:

1º - *ritmo de mudança*;

2º - *escopo de mudança* (interconexão de diferentes e distantes áreas globais);

3º - *Natureza intrínseca das instituições modernas* (reordenação do estado-nação, dependência de fontes de energia inanimadas, organização dos modernos assentamentos urbanos, etc.).

Indica que, apesar de ser a modernidade o período histórico onde os seres humanos conquistaram o mais alto grau de oportunidades e *confiança* este tem sido, também, o período onde há uma quebra na “confiança ontológica”. Inferindo os três clássicos da Sociologia - Marx, Durkheim e Weber – Giddens avalia que, os dois primeiros pensadores apesar de observarem a característica turbulenta da modernidade via, também, as possibilidades benéficas da mesma e, acreditavam que estas

superariam a primeira. Para Marx, uma nova ordem social surgiria com a superação da luta de classe e, Durkheim acreditava que o industrialismo levaria a uma ordem social harmoniosa. Somente Weber, entre os três, desenvolveu uma visão mais pessimista da modernidade, ao criticar a expansão da burocracia.

Uma análise institucional da modernidade, não pode ser feita usando como recurso uma das perspectivas sociológicas clássica mais sim, caminhando na tentativa de construção da “*dupla hermenêutica*” pois, as instituições modernas têm um dinamismo próprio e uma dinâmica nunca vista de separação *tempo x espaço*, *desencaixe* dos sistemas sociais e da *ordenação* reflexiva das relações sociais.

No mundo pré moderno, o cálculo do tempo vinculava tempo a lugar. O tempo era uma variável imprecisa sempre relacionada a outros elementos. A uniformidade da organização social do tempo veio depois da padronização de calendários e horas, alcançados após a uniformização do “espaço vazio” ordenado após a invenção do relógio mecânico. O espaço passa a ser relacionado ao político e o lugar relaciona-se ao espaço físico/localidade. Como podemos ver, é na modernidade que se dá o deslocamento do espaço em relação ao lugar onde as decisões políticas, econômicas e sociais são dadas pelo espaço, arena política. A concentração das decisões políticas ao local - encontrada nas sociedades tradicionais- é deslocada, e este deslocamento é uma das características fundamentais da modernidade.

É a separação *tempo x espaço* que possibilita a condição do *desencaixe*. Conecta o local ao global e possibilita um passado unitário fundamentado na padronização do sistema de datarão, as relações sociais são deslocadas dos contextos locais e reestruturadas a partir de um novo mecanismo. Com o mapeamento do globo terrestre, *tempo e*

espaço são recombinaados para formar uma estrutura histórico mundial genuína de ação e experiência.

A noção de confiança torna-se assim, um dos conceitos mais importantes no trabalho de Giddens para entender a dinâmica da modernidade. Confiança em tempos de modernidade não está relacionada nem ao tempo nem ao espaço, estando intimamente ligada ao desconhecido, a uma ausência de clareza dos acontecimentos futuros. Ela não pode ser interpretada como uma fé ou crença em uma pessoa ou sistema, ela é sim, derivada da fé, mas, contém uma das questões mais importantes a que o autor aborda que é a noção de *risco*.

Para Giddens (1991, p. 38) a “confiança pressupõe consciência das circunstâncias de risco o que não ocorre com a crença”¹²⁶ A noção de risco não é antiga, ela é própria da modernidade. Na modernidade confiamos que a atividade humana é criada socialmente e que não nos é dada pela natureza. Assim, o conceito de risco substitui o de fortuna (usado nas sociedades tradicionais). Dentro deste campo de análise, observamos que risco não é uma ação individual ele depende da existência de ambientes de *risco*. *Confiança x risco, oportunidade x perigo* são característica bicolores, mas, que permeiam a vida na modernidade.

No panorama do mundo globalizado, o reposicionamento de tempos e lugares estabelece novos fluxos e rotas migratórias, novos ambientes projetores e receptores de migrações, desafiando o conhecimento e o reconhecimento dos diversos sujeitos migrantes neste mundo multidirecional.

¹²⁶ GIDDENS, 1991.

Sassen (2003) aponta que o fenômeno das migrações intensificou-se no quadro atual em que se encontra a globalização mundial. Ela denomina estes fluxos migratórios transnacionais como “contradeografias da globalização”. Fazendo assim, uma relação entre intensificação do movimento migratório com a intensificação do fluxo do capital internacional. Deste modo, os deslocamentos humanos seguem a mesma lógica dos deslocamentos do capital internacional, sendo subordinado, em última instância, a este¹²⁷. É importante considerar o que a autora aponta como invisibilidade do engendramento nas articulações globais que resultam em lucros, tais como: tráfico de mulheres para a indústria do sexo e para outros fins:

Entre los circuitos globales más importantes están: el tráfico de mujeres para la prostitución así como para el trabajo regular; las «exportaciones» organizadas de mujeres como cuidadoras, enfermeras y asistentes del ser-vicio doméstico; las remesas enviadas a sus países de origen por una creciente fuerza de trabajo femenina que decide emigrar. Algunos de estos circuitos operan, ya sea de modo parcial o total, en la economía sumergida¹²⁸.

Entretanto, ela observa, ainda, que o advento do mundo globalizado envolve também inovações tecnológicas em fluxo global e ascensão de setores da economia que são digitalizados e desmaterializados. Mas, vale ressaltar, esta globalização do local, através da revolução digital e das redes sociais, estão possibilitando um fluxo de

¹²⁷ SASSEN, Saskia. *Contradeografias de la globalización- género y ciudadanía en los circuitos transfronterizos*. Madri: Traficantes de su sueños, 2003.

¹²⁸ SASSEN, op. cit, p. 65.

informações sobre o local que tem alcance global. Neste sentido, entendo que o processo de transnacionalização dos fluxos de informações é uma engrenagem social positiva para as denúncias de abusos contra as mulheres, nos diversos campos, e para a luta para a efetivação dos Direitos Humanos.

A autora também aponta que, na economia globalizada o fluxo de trabalhadores está relacionado a outros fluxos de mercadorias, serviços e capital. Considerando, por fim, que é a mobilidade do capital quem cria as condições para a mobilidade do trabalho¹²⁹.

A anistia internacional, em seu relatório de 2009, pontua, a partir de dados da ONU, que 75% dos analfabetos no mundo são mulheres, e que estas também representam 70% das pessoas que vivem em estado de pobreza. Observando estes dados, vemos que a situação das mulheres é uma questão dos Direitos Humanos pois,

La discriminación menoscaba los derechos humanos de numerosos grupos de la sociedad, como los pueblos indígenas, las minorías étnicas, raciales, religiosas o lingüísticas, y las personas migrantes. Dentro de estos grupos, las mujeres sufren doble discriminación, tanto en su calidad de miembros del grupo como por ser mujeres. Además, ciertos grupos de mujeres están especialmente expuestas a la violencia, como las que pertenecen a minorías, las indígenas, las refugiadas, las indigentes, las recluidas en instituciones o en centros de detención, las

¹²⁹ SASSEN, Saskia. *The Mobility of Labor and Capital*. Cambridge University Press, 1988

niñas, las mujeres con discapacidad, las ancianas y las mujeres en situaciones de conflicto armado¹³⁰

É na ambiência de lutas políticas, radicalização do capital internacional e emergência dos estudos e lutas das mulheres que surgem os Direitos Humanos de terceira geração, que são os direitos denominados também como “difusos”. Martinez (1997, p. 186)¹³¹ localiza nestes direitos uma grande possibilidade de construção de um compromisso internacional por solidariedade e erradicação da pobreza com os novos movimentos sociais e mais ainda salienta que:

Junto a ellos, emergen los derechos “inmediatos” o “cotidianos”, de género: derechos de la mujer o del niño; los de colectivos particulares o de minorías, como los del enfermo, los de los indígenas, etc. Derechos acordes con la sensibilidad posmoderna hacia el fragmento y lo marginal, pero que, en el fondo, no son sino concreciones de derechos más generales definidos en su día por la modernidad (...)

Apesar de avaliar que a primeira e segunda geração dos direitos humanos¹³² fizeram e fazem parte da luta pela emancipação feminina pela efetivação dos direitos das mulheres, é a terceira geração destes direitos que nos interessa aprofundar neste trabalho, pois os direitos

¹³⁰ Amnistía Internacional. La Trampa del Género- mujeres, violencia y pobreza. Noviembre, 2009, p.3.

¹³¹ MARTINEZ, Maria Esther. Crises de la Modernidad y Derechos Humanos. In: WICKHAN, Chris et al. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1997, p. 161-188.

¹³² É importante demonstrar que não uso a questão das gerações num contexto de linearidade. Dependendo do lugar ou do momento histórico as lutas unem as diferentes gerações dos direitos.

humanos das mulheres, em geral, e das mulheres migrantes, em particular é condição básica de reconhecimento.

Rangel (1999, p.43)¹³³ considera que o caminho para a “humanização” da mulher é tem um percurso longo a ser percorrido, pois enquanto as mulheres não forem portadoras de direitos plenos, esta humanidade não pode ser classificada como inteira:

Mas muitas vezes violação dos direitos humanos das mulheres estão vinculadas à sua condição de gênero. Sofrem, por exemplo, abuso sexual em situações em que outros de seus direitos humanos estão sendo violados.

2.5 MIGRAÇÃO, TRANSMIGRAÇÃO, PROSTITUIÇÃO E TRÁFICO DE MULHERES – BRASILEIRAS EM OLHARES ESTRANGEIROS

É recorrente nos estudos e análise sobre migração e tráfico de mulheres, uma associação quase que direta deste fenômeno com a questão da prostituição feminina. Nas últimas décadas a prostituição feminina entrou na agenda dos movimentos sociais. Com isto, novas teorias para analisar a problemática lançaram luz sobre a questão e ampliaram os estudos sobre a prostituição e seus desdobramentos no processo migratório.

¹³³ RANGEL, Olívia. Os direitos das mulheres como direitos humanos. **Revista Presença da Mulher**, n. 35, p 42-45, 1999.

Avaliando a projeção da situação das mulheres imigrantes na mídia portuguesa, Castilhos (2011, p. 428)¹³⁴ conclui que existe uma tendência, nos jornais, de inserir as mulheres brasileiras em uma situação do exercício da prostituição, como uma construção da identidade de mulher migrante.

O interesse mediático sobre as mulheres imigrantes centrou-se na criminalidade e prostituição. A imigrante ilegal é retratada como uma transgressora da lei, criminalizada pela sua situação de ilegalidade ou pelos xenófobos como "prostituta", "alternadeira". A principal comunidade imigrante associada a este estereótipo foi à brasileira. A contribuição da imprensa não é adequada, pois desenvolve preconceitos sobre outras culturas e sobre as mulheres imigrantes.

Esta percepção se alia a uma outra também difundida dentro da nossa cultura de ex-colônia, construindo uma imagem dicotômica sobre as mulheres brasileiras, dividindo-as entre as mulheres da casa e as mulheres da rua.

No olhar do estrangeiro, colonizador, inicialmente o português, partindo de uma erotização das "nativas", como mulheres de sexualidade exótica e livre, e, conseqüentemente, a própria internalização dessa imagem e seu uso por setores internos e por estrangeiros em geral. A mulher imigrante por romper com a condição de uma definição de espaço

¹³⁴ CASTILHOS, Daniela. **Mulheres imigrantes em Portugal: o discurso normativo e mediático de 2004 a 2007**. Salamanca: Universidade de Salamanca, 2012. Tese (Doutorado).

estabelecido e assumir os riscos de cruzar fronteiras culturais e geográficas, situa-se dentro de um imaginário de mulher “livre”.

Del Priori (1993, p. 39)¹³⁵ enfatiza que a percepção binária do papel da mulher, desenvolvido na sociedade brasileira, tem origem no período colonial, quando a domesticação da mulher era fundamental para a Igreja Católica. O mesmo fenômeno poderia ser observado em diferentes classes sociais e grupos étnicos, resultando numa estrutura familiar cujo modelo é o da família nuclear europeia (principalmente a portuguesa), onde o papel da mãe está próximo ao imaginário da Virgem Maria:

(...) não percebem que a construção desta santa-mãezinha, tão cuidadosamente elaborada para se distinguirem as mulheres “certas” e normatizadas das “erradas”, acaba por transformar-se numa fenomenal possibilidade de revanche. Não é à toa que, até bem recentemente, os homens da Terra de Santa Cruz – a que hoje se chama Brasil- entronizam e reverenciam no cume de suas casas a santa-mãezinha.

Se a brasileira foi sendo construída como a santa mãezinha ou a boa dona de casa, um outro contraponto também lhe foi atribuído, o da sexualidade explosiva. Esta marca basea-se em uma construção do uso do corpo feminino, como, inclusive, justificador de desigualdades sociais. As representações dos corpos sexualizados o corpo feminino é representado como o “escuro”, o “únido” o “inferior”.

¹³⁵ DEL PRIORI, Mary. **Ao sul do corpo: Condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil colônia**. Rio de Janeiro: José Olímpio; Brasília, DF: EDUNB, 1993.

Bourdieu (1995, p. 157)¹³⁶ argumenta que, nos estereótipos dos corpos socializados, ou seja, nos *habitus*, a cosmologia falonarsica é justificada e reproduzida como uma ordem social universalizadora. É a premissa de que o *habitus* [...] consegue se instituir completamente na objetividade das estruturas sociais e na subjetividade das estruturas mentais [...] e, sendo social e individual orienta a ação do ator social, embora ele não possa ter consciência de como esse processo se realiza.

A necessidade de uma análise sociológica da sexualidade é defendida também por Heilborn (2006)¹³⁷, por entender que a sexualidade perpassa todas as esferas da vida social, determinando os papéis do indivíduo na sociedade. Sendo a sociedade brasileira altamente erotizada, constrói-se também uma ideia de identidade nacional baseada na mesma concepção de erotização. O pano de fundo para esta erotização emerge desde o tempo do Brasil colônia, onde a relação do exercício da sexualidade entre os índios, confrontava com a do colonizador português.

Entretanto, estudando a sexualidade de jovens entre 18 a 24 anos nas cidades de Salvador, Porto Alegre e Rio de Janeiro, Heilborn (2006, p. 56) avalia que esta erotização do cotidiano da mulher brasileira não procede, pois:

O quadro está longe de se aproximar da imagem de país como sexualmente desinibido. Diferenças tão profundas entre homens e mulheres atestam que um código de gênero estabelece fronteiras demarcadas entre a conduta

¹³⁶ BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. **Revista Educação e Realidade**, v. 20, n. 2. jul./dez., 1995. p 133-184.

¹³⁷ HEILBORN, Maria Luiza. Entre as tramas da sexualidade brasileira. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.14, n.1, p. 43-59, jan./abr. 2006.

aceitável para cada categoria de sujeitos. Modos de significação e contabilidade das práticas sexuais se apresentam como demarcadores de universos distintos para homens e mulheres. O destaque dado pelos rapazes ¹³⁸.

Piscitelli (2008, p. 269) constata em seus estudos sobre migração de brasileiras, que as mesmas estão expostas a uma ideia imbricada de raça e sexualidade. Sendo todas categorizadas como mestiças, independentemente da cor da pele e tidas como portadoras de sexualidades transbordantes:

A ideia de que elas são portadoras de uma disposição naturalmente intensa para fazer sexo e uma propensão à prostituição, combinadas com noções ambíguas sobre seus estilos de feminilidade, tidos como submissos, com uma alegre disposição para a domesticidade e a maternidade tende a atingir indiscriminadamente essas migrantes ¹³⁹.

Analisando as sociedades ocidentais contemporâneas, Giddens (1993) ¹⁴⁰ considera que, nelas, as práticas sociais relacionadas ao exercício da sexualidade foram afetadas pela introdução da pílula anticoncepcional. Em decorrência desta descoberta, o exercício da sexualidade e da procriação é vivenciado separadamente, rompendo-se

¹³⁸ HEILBORN, op. cit.

¹³⁹ PISCITELLI, Adriana. **Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras**. Universidade Federal de Goiás, Sociedade e Cultura, v 11, n.2, jul/dez. 2008.

¹⁴⁰ GIDDENS, Anthony. **A transformação da Intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. Trad: Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1993a. ISBN 85-7139-037-1

com o modelo cristão ocidental da sexualidade relacionada à procriação. Rompendo também com o ideário do amor romântico.

É neste contexto de redefinição social e sexual que emerge o feminismo contemporâneo, questionando antigos paradigmas e regras socialmente estabilizadas. As tradicionais dicotomias entre “mãe” *versus* “puta”, “santa” *versus* “impura”, “virgem” *versus* “não virgem”, criadas para diferenciar as mulheres “honestas” das “outras”, perdem sua base de sustentação.

Como consequência do movimento feminista e de sua inserção no movimento social, as discussões sobre a prostituição de mulheres ultrapassam as teorias do desvio e da doença, focadas no corpo feminino, e centra-se em dois polos distintos de análise: a prostituição enquanto uma escolha/trabalho e a prostituição enquanto uma violência/exploração da mulher.

Dentre as pesquisadoras na linha que trabalha a prostituição enquanto uma violência, encontramos Jeffrey (1997)¹⁴¹ argumentando que a prostituição não pode ser aceita como uma forma de trabalho (work) ou como uma forma de escolha (choice), porque ela é, *per se*, uma violação dos direitos da mulher. Pois, argumenta à autora, o corpo feminino é usado como um elemento de negociação e é ao mesmo tempo um campo de prática da violência sexual.

¹⁴¹ JEFFREY, Sheila. **The Idea of prostitution**. Melbourne: Spinifex, 1997.

Kempadoo (1998)¹⁴², ao mesmo tempo em que se posiciona no campo dos direitos humanos das mulheres, defende uma perspectiva diferente da apontada por Jeffrey, a prostituição é um trabalho e a prostituta, portanto uma trabalhadora sexual. Para Kempadoo, usar a terminologia de trabalhadora do sexo significa romper com os estereótipos construídos socialmente sobre a figura da mulher em prostituição. É este estereótipo que baseia as denúncias sobre a prostituição feminina, ligando-a automaticamente a uma situação de vitimização ocasionado pelo tráfico internacional de pessoas.

No entanto Matos (2000)¹⁴³, em estudo realizado com jovens mulheres em situação de prostituição de bordel na cidade entroncamento de Feira de Santana, no sertão da Bahia, observa que as mesmas não se consideram inseridas em uma categoria fixa. Alimentam o sonho de estarem vivenciando uma situação temporária no comércio sexual.

O Brasil é signatário do protocolo adicional da convenção de Palermo¹⁴⁴, organizada pelas ONU em 15 de novembro de 2000, na cidade de Nova York, definindo no artigo 3, a) e b) que,

- a) A expressão "tráfico de pessoas" significa o recrutamento, o transporte, a transferência, o alojamento ou o acolhimento de pessoas, recorrendo à ameaça ou

¹⁴² KEMPADOO, Kamala. Introducing: globalizing sex workers' rights. In: Kempadoo, Kamala & Doezema, Jo (eds). **Global sex workers: rights, resistance, and redefinition**. London/New York: Routledge, 1998, p. 1-29.

¹⁴³ MATOS, Railda de Macêdo. **Elas Sonham Acordadas em Santo Antônio dos Prazeres: Mulheres em prostituição**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2000. Dissertação (mestrado).

¹⁴⁴ BRASIL. Decreto n. 5.017, de 12 de março de 2004. Promulga o Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional Relativo à Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas, em Especial Mulheres e Crianças. **Diário Oficial da União** Seção 1, p. 10 (Publicação Original) , p. 10, 15 mar. 2004. Assinado pelo presidente Luis Inácio Lula da Silva.

uso da força ou a outras formas de coação, ao rapto, à fraude, ao engano, ao abuso de autoridade ou à situação de vulnerabilidade¹⁴⁵ ou à entrega ou aceitação de pagamentos ou benefícios para obter o consentimento de uma pessoa que tenha autoridade sobre outra para fins de exploração. A exploração incluirá, no mínimo, a exploração da prostituição de outrem ou outras formas de exploração sexual, o trabalho ou serviços forçados, escravatura ou práticas similares à escravatura, à servidão ou à remoção de órgãos;

b) O consentimento dado pela vítima de tráfico de pessoas tendo em vista qualquer tipo de exploração descrito na alínea a) do presente Artigo será considerado irrelevante se tiver sido utilizado qualquer um dos meios referidos na alínea a)¹⁴⁶

Mesmo sendo a migração para a prostituição somente uma das formas de migração, é esta que tem chamado mais atenção nos estudos e debates sobre migração. Objetivando coibir o tráfico de pessoas, especialmente voltado à prostituição, o governo brasileiro acaba por cair em uma armadilha conceitual sobre o tráfico de seres humanos, ao enfocar este relacionando-o a exploração para fins de prostituição. Isto se dá em decorrência desta ser denunciada como uma das formas de tráfico internacional de pessoas¹⁴⁷. No entanto, como nos informa Piscitelli (2008, p. 269):

¹⁴⁵ Grifo nosso

¹⁴⁶ Decreto n. 5.017, de 12 de março de 2004 Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/2004/decreto-5017-12-marco-2004-531211-publicacaooriginal-13012-pe.html>> Acesso em: 20 ago. 2012.

¹⁴⁷ Para melhor entendimento deste processo indico a leitura do protocolo de Palermo e as definições do CEDAW.

A maioria das brasileiras que viaja não tem vinculação com este setor de atividade. Entretanto, essa articulação entre marcadores de diferença é ativada independentemente de que as mulheres estejam ou vinculadas à indústria do sexo¹⁴⁸.

Em um outro trabalho, Piscitelli (2008, p. 58) ressalta a dificuldade neste debate pela amplitude conceitual que envolve a problemática:

(...) existência de diferentes definições de tráfico de pessoas e a falta de clareza conceitual dos termos que contribuem para delimitar a problemática, principalmente a noção de exploração, colocam sérios problemas para a produção de conhecimento no Brasil. Neste âmbito se produz a fusão entre crime e violação dos direitos humanos, às vezes utilizada instrumentalmente para reprimir a migração não documentada e também para combater a prostituição¹⁴⁹.

O debate sobre a migração de mulheres está marcado pelos indicativos de prostituição, tráfico e trabalho, existindo uma lacuna interpretativa nos estudos sobre migração, articulando esta problemática com a migração por casamento, ou reunificação familiar.

Harzig (1999¹⁵⁰) expõe a importância da migração feminina como parte de um processo de negociação que envolve uma perspectiva não linear dentro de um sistema maior de migração que envolve múltiplas

¹⁴⁸ PISCITELLI, op. cit.

¹⁴⁹ Ibid

¹⁵⁰ HARZIG, Christiane. **Women Migrants as Global and Local AGENTS. In: New Research Strategies on Gender and Migration.** Germany: University of Bremen. 1999.

engrenagens de negociação de se viver em um processo transnacional negociando e criando estratégias entre o local e o global.

As mulheres migrantes experimentam um processo de viver com um discurso nacionalista em um processo transnacional. Resguardam memórias afetivas mas constroem, também, aspirações sobre o futuro e uma nova vida. Este estar entre duas possibilidades pode, dependendo de políticas públicas, gerar um processo de inclusão ou exclusão social para este grupo Sørensen (1998).¹⁵¹

Pois como analisa Ballesteros (2001, p 27¹⁵²) ao estudar mulheres de religião muçulmana, a cultura não é algo fixo, mas sim um elemento de mudanças contínuo sendo influenciada tanto pelo local quanto pelo global, manter uma parte da sua própria cultura, assim como incorporar novas formas de viver é próprio do processo civilizatório:

Tampoco podemos definir a las mujeres que cambiam como tráfugas culturais, pues la cultura no es fija ni estática y tanto la comunicacion entre distintas comunidades o sociedade y el intercambio de información como las tensiones, las critica o los desenson entre ellas construen reelaboraciones culturais.

Isto se mostra mais necessário ainda, quando constatamos que o único movimento migratório em massa de mulheres, para a Dinamarca, em razão de trabalho ocorreu entre o final do século dezenove e início do

¹⁵¹ SØRENSEN, Ninna. Narrating Identity Across Dominican Words. In: SMITH, Michael and GUOSMIZO, Luis (org.) **Transnacionalism from Below**. New Brunswick/London: Transaction Publishers, p 241-269. 1998.

¹⁵² BALLESTEROS, Maria de la Paz (ed.) **Musulmanas y Derecho a la Cultura-Tradición y modernidade**. Valladolid: Edicions la xara, 2011.

século vinte. Este grupo de trabalhadoras era constituído por mulheres polacas de origem camponesa que se deslocavam para o trabalho nas plantações de beterraba para a indústria açucareira.

A **Foto 2-1 – Chegada de trabalhadoras polonesas**, demonstra o movimento de chegada em massa das trabalhadoras rurais polonesas em uma estação de trem na região de Lollandia. Analisando a foto é possível observar um grupo grande de mulheres que seguem um homem de paletó, chapéu e olhar altaneiro em uma postura de liderança. Contrastando com o conjunto que o segue com expressões faciais e corporais de cansaço decorrente de uma longa jornada de viagem em trem sem conforto.

Foto 2-1 – Chegada de trabalhadoras polonesas



Fonte: Fureso museer. ImmigrantMuseet. Disponível em: <<http://www.immigrantmuseet.dk/index.php?page=roepolakker>> Acesso em: 20 jan. 2012.

Os homens que aparecem, depois do conjunto das mulheres, fazem parte do grupo de carregadores de mercadorias. Pela postura do senhor, à frente dos demais, pode-se classificá-lo na categoria de agenciador de trabalhadores para o trabalho do campo. Esta realidade de um agenciador ou de um “feitor”, foi também presente nas relações de trabalho no Brasil pós-escravocrata. Nesta situação, os agenciados eram, em grande parte, trabalhadores italianos, imigrantes, contratados para o trabalho nas grandes plantações de café, principalmente no Estado de São Paulo, no mesmo período.

Apartir da **Foto 2-2 – Trabalhadoras Polonesas**, pode-se também analisar que as condições de vida destas trabalhadoras sofrem mudanças significativas depois de um período de trabalho.

Foto 2-2 – Trabalhadoras Polonesas



Fonte: Fureso museer. ImmigrantMuseet. Disponível em: <<http://www.immigrantmuseet.dk/index.php?page=roepolakker>> Acesso em: 06 maio. 2012.

Na primeira foto as mulheres estão com trajes simples e carregam pouca bagagem para um período longo de trabalho no campo, já na **Foto 2-2 – Trabalhadoras Polonesas**, as vestes demonstram a aquisição de bens materiais. Além disto, todas se apresentam portando a Bíblia e o crucifixo, demonstrando o exercício de uma religiosidade. Pode-se observar, a mudança também da postura corporal.

Dos trabalhadores polacos nas plantações açucareira, 1/3 eram composto de pessoas do sexo feminino, muitas destas com menos de 20 anos de idade e, em sua maioria, professava a religião católica. Em 1911, os trabalhadores rurais polacos correspondiam a 3,8% dos trabalhadores rurais na Dinamarca, trabalhavam em torno de 14 horas por dia e ganhavam menos que um trabalhador dinamarques.

Apesar do exercício de um duro trabalho saxonal, compreendido entre as 05:00 da manhã e as 19:00 da noite, torna-se para muitas como uma nova possibilidade de vida. Consequentemente, muitas não retornaram para a Polônia, saindo da condição de imigrantes sazonais para a de imigrantes permanentes (Østergaard, 2007)¹⁵³

¹⁵³ ØSTERGAARD, Bent. **Invandrerne i Danmarks historie**. Kultur – og religionsmøder. Odense: Syddansk Universitetsforlag, 2007.

3 A REUNIFICAÇÃO FAMILIAR NO ÂMBITO DA LEGISLAÇÃO

*Porque há o direito ao grito. Então eu grito.
(Clarice Lispector)*

3.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste capítulo discorro e analiso as regras legais que regem a reunificação familiar na Dinamarca. Nele se apresentam os debates e o contexto social e político existente durante os anos do governo de centro e conseqüentemente o fechamento das fronteiras direcionadas a dificultar a migração de pessoas.

3.2 REUNIFICAÇÃO FAMILIAR NA DINAMARCA: QUANDO O ESTADO É O CAUSADOR DE INSTABILIDADE- 2002-2011

O debate em torno das regras sobre unificação familiar¹⁵⁴ na Dinamarca polarizou o debate político nas últimas eleições gerais em 2011 que culminou com a eleição da primeira ministra mulher e do retorno da social democracia ao poder, depois de 10 anos de um governo de centro direita, com uma política de migração de direita, especialmente em relação à questão de reunificação familiar¹⁵⁵.

¹⁵⁴ Neste trabalho a terminologia reunificação familiar está sendo usada para designar, somente, migração por motivo de casamentos transnacionais.

¹⁵⁵ Para conseguir a maioria no parlamento os partidos de centro tiveram que fazer um acordo com o partido do povo dinamarquês – de direita. Este partido, em contrapartida, exigiu definir a política de imigração que seria colocada em vigor.

Analisando a questão da reunificação familiar, Kofman (1999)¹⁵⁶ salienta que esta problemática emergiu no campo político nos anos 1990 como consequência de políticas de restrições de imigração nos países europeus.

Até então as mulheres eram considerados acompanhantes de “guestworker”¹⁵⁷ e não parte integrante do processo migratório. Como simples dependente, eram consideradas sujeitos para os quais não haveria necessidade de entendimento. Uma questão que se apresentava era como compreender a diversidade de experiência destas mulheres e a necessidade de se entender o engendramento do fenômeno migratório.

Até os anos 90 Noruega, Suécia e Dinamarca tinham política migratória de reunificação familiar semelhante:

- Visto temporário nos primeiros três anos de residência;
- Visto permanente depois de três anos de residência¹⁵⁸
- possibilidade de solicitar a cidadania e passaporte depois de um determinado tempo de residência.
- Todos estes processos eram gratuitos.

Em 2002¹⁵⁹, ocorre uma primeira mudança de lei de imigração, com o novo governo de centro direita, com a lei de número 365 de 6 de

¹⁵⁶ KOFMAN, Eleore. Female ‘Birds of passage’ a decade later: Gender and Immigration in the European Union. **International Migration Review**, v. 33, n. 2, p. 0269-0299, 1999.

¹⁵⁷ Trabalhadores convidados - tradução livre

¹⁵⁸ Ouvi, durante o trabalho de campo, de muitas mulheres que migraram para a Dinamarca dentro dos princípios da reunificação familiar, antes de 2002, que as mesmas tinham recebido, sem solicitação previa, o visto permanente, antes mesmo de terem completado os três primeiros anos de residência.

junho. No parágrafo 9, artigo 1, as principais questões que devemos observar referem-se à introdução da exigência bancária, idade mínima de 24 anos para ambos os parceiros, situação de moradia e a controversa exigência de uma relação cultural maior do casal com a Dinamarca. Assim, um casal formado, por exemplo, por uma brasileira e um dinamarquês, cada um teria uma relação cultural com seu próprio país, impossibilitando uma situação de maior relação cultural com a Dinamarca. Esta obrigatoriedade impossibilitaria a reunificação familiar de casais que não tivessem vivido na Dinamarca anteriormente.

Vale ressaltar também, que não havia parâmetros de avaliação sobre a questão da obrigatoriedade da relação cultural. Por ser uma questão subjetiva, dependia de quem estava avaliando o caso à concessão ou não do direito a reunificação familiar. Esta lei foi muito criticada por organizações de direitos humanos e pela imprensa em geral, o que culminou com uma nova proposta de lei que foi enviada e aprovada pelo parlamento em 2003.

A mudança da lei de reunificação familiar, artigo 9, em setembro de 2003, aprofunda a diferença da política migratória existente em comum, entre os outros países nórdicos e Dinamarca. O estado dinamarquês aprova uma lei mantendo as restrições impostas na lei de 2002¹⁶⁰, com a exceção do artigo que exigia da relação cultural maior com a Dinamarca. Continua a exigência para a concessão de visto de reunificação familiar, a obrigatoriedade definindo padrões relacionados

¹⁵⁹ *Jornal Information*, Dinamarca, 8 abril 2012. Disponível em: <<http://www.information.dk/emne/24aarsreglene>> Acesso 15 abril 2012 e também: <http://www.nyidanmark.dk/da-dk/Ophold/familiesammenfoering/>

¹⁶⁰ Neste mesmo ano o Brasil elege o primeiro presidente operário de sua história. Luiz Inácio Lula da Silva, além de operário era um retirante nordestino sem educação formal nem patrimônio político familiar.

idade, condição econômica, tipo de moradia, garantia financeira e obrigatoriedade de estudos da língua.

Entretanto, uma das questões mais relevantes se relaciona com a definição de uma idade mínima aceitável para casamento para o residente na Dinamarca que quisesse se reunir com sua família. Independentemente de ser dinamarquês ou de uma outra nacionalidade, esta pessoa deveria ter 28 anos de vida na Dinamarca para ter o direito de trazer seu/sua companheira para morar na Dinamarca.¹⁶¹ O imigrante, por reunificação familiar, teria o direito automático ao visto de permanência no país depois de sete anos vivendo na Dinamarca, se todas as regras estabelecidas fossem cumpridas. As regras eram basicamente:

- 1- Idade mínima de 24 anos para o imigrante que estaria de mudança para Dinamarca em função da reunificação familiar. Já contida na lei de 2002.
 - A justificativa para isto estava baseada no objetivo de evitar os arranjos de casamentos pelos pais, entre pessoas muito jovens. Como este era um problema observado, principalmente entre a comunidade mulçumana, não sofreu críticas.

¹⁶¹ Vale lembrar que estas regras não são obrigatórias para cidadãos oriundos dos países nórdicos nem da União Europeia. Estes são submetidos a outras regras específicas para estas pessoas dentro das regras da EU.

- 2- Idade mínima de 28 de vida na Dinamarca para o parceiro/a que estaria recebendo o familiar no país. Esta lei incidia tanto para dinamarqueses como para os não dinamarqueses¹⁶²

- 3- Obrigação de participar de cursos de dinamarquês. Estes cursos eram subsidiados pelo estado nos três primeiros anos do visto temporário.
 - esta parte da lei chegou a ser elogiada, pois em decorrência da mesma, mulheres que viviam isoladas, dentro do seu próprio grupo étnico, tinham a oportunidade de aprender a ler, falar e escrever dinamarquês. Abrindo assim possibilidades de contato com a cultura local como também com outras mulheres.¹⁶³

- 4- Definição de rendimento mínimo anual para quem estaria recebendo a/o companheira/o. Este rendimento estava também definido pelo número de pessoas na família.

- 5- Assinatura de um contrato relacionando os compromissos assumidos, como também a assinatura de um documento sobre conhecimento das leis dinamarquesas e o compromisso de respeitá-las.

- 6- Uma habitação de, no mínimo, 20 metros quadrados por pessoa. Importante observar que só poderia alojar no máximo duas

¹⁶² Um dinamarquês que tivesse saído da Dinamarca aos 26 anos e quisesse retornar ou um não dinamarquês que não tivesse vivido 28 anos na Dinamarca estavam na mesma condição: não conseguiriam trazer a/o companheira/o.

¹⁶³ Esta é uma situação evidente entre as mulheres oriundas dos países muçulmanos, por não serem incentivadas a estudarem e a fazerem contatos fora do seu grupo étnico, viviam isoladas sem condições de perceber a cultura na qual deveriam estar inseridas nem terem acesso a conhecimentos sobre as leis dinamarquêsas de proteção as mulheres.

peças por quarto, independente dos tamanhos dos quartos. É também importante compreender que este artigo está relacionado a um padrão de família dinamarquesa: Um casal e 2 filhos. Portanto, as leis são feitas também para enquadrar, os reagrupados, a uma realidade cultural local.

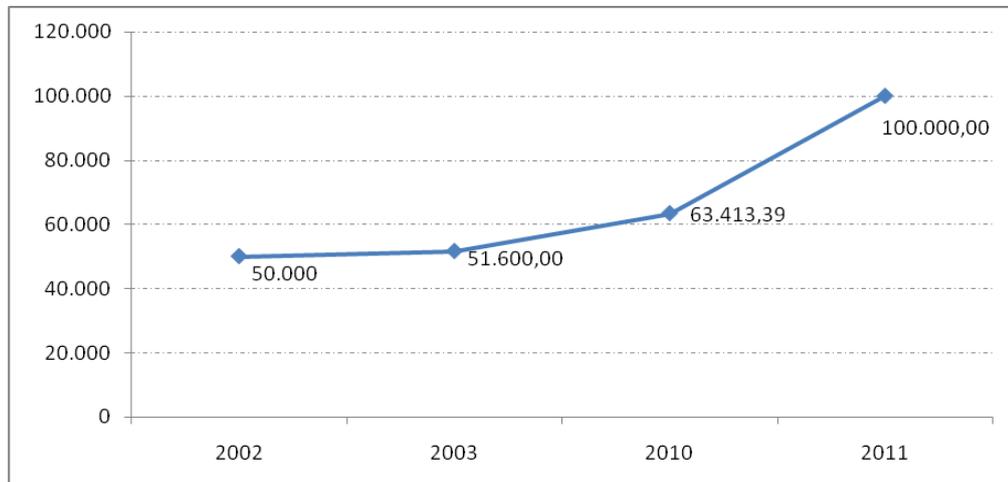
- Este é um exemplo de algo que é feito com o objetivo de dificultar. Por exemplo, uma família composta por cinco componentes: dois pais e três filhas. Se esta família possuísse uma casa de 100 metros quadrado, como exigido pela lei, mas só tivesse dois quartos grandes, seria negado a reunificação familiar, em decorrência das três filhas terem que dividir o mesmo quarto.¹⁶⁴

- 7- Um depósito bancário, como garantia, por um prazo de sete anos, para que em qualquer necessidade de repatriação ou outro problema, o Estado dinamarquês não tivesse nenhum gasto neste sentido. Este depósito era de 50.000,00 coroas dinamarquesas em 2002 51.600,00 coroas dinamarquesas em 2003, aproximadamente 10.000,00 mil dólares americanos. O valor do depósito foi sendo reajustado algumas vezes entre 2002 e 2011, o valor de 2010 era de 62.231 coroas dinamarquesas e, chegando ao valor de 100.000,00 coroas em junho de 2011.¹⁶⁵

¹⁶⁴ É importante salientar que a Dinamarca não oferece as mesmas condições de espaço mínimo de habitação por morador quando recebe os refugiados políticos. Tive a oportunidade de observar, em uma visita a campos de refugiados políticos, famílias dividindo espaços minúsculos, independentemente do número de membros familiares. Isto se repete, também, quando são oferecidas habitações, fora dos campos, para quem já passou pela triagem. Estas habitações também não são avaliadas tendo como base a exigência de área mínima para concessão de visto de reunificação familiar.

¹⁶⁵ Dados obtidos no Serviço Dinamarquês de Imigração.

Gráfico 3-1 Evolução da garantia bancária/ano exigida para autorização da reunificação familiar em Dinamarca - Visto temporário



Fonte: SDI- gráfico elaborado pela autora

Podemos observar que o aumento da garantia bancária de 7 anos para a obtenção do visto temporário de reunificação familiar observada em 2011, segue exatamente a linha contrária das condições econômicas que se encontrava a Dinamarca, com a crescente crise no mercado de trabalho.

O crescente desemprego e o avanço da crise econômica em escala crescente, congelamento salarial e endividamento particular, dificultando que as famílias obtivessem poupanças que lhe garantiriam um saldo parado numa conta específica à disposição do governo dinamarquês. Este era um entrave e, por parte do governo, uma mensagem clara da posição sobre reunificação familiar. É importante observar que o compromisso por parte do governo dinamarquês de combate ao terrorismo internacional e a instabilidade internacional depois

dos atentados às torres gêmeas nos Estados Unidos da América, criaram uma situação propícia para o governo restringir as políticas de migração na Dinamarca¹⁶⁶.

Apesar de se verificar que nos dois períodos de grandes mudanças nas leis de reunificação familiar, serem também períodos de crescimento de taxa de desemprego, avalio que as mudanças de leis não decorrem deste problema, pois entre 2002 e 2003 Dinamarca possuía uma das mais altas taxas de emprego da União Europeia com nível de emprego de 76%¹⁶⁷. Mas sim, que por existir um descontentamento generalizado por consequência do crescimento da taxa de desemprego e, conseqüentemente, o sentimento de insegurança observados nestes momentos, facilitaria a aprovação de políticas migratórias restritivas.

As taxas de desemprego na Dinamarca eram de 5,7% em 1999, 5,3% em 2000, 5,1% em 2002, 6,1% em 2003, 6,2% em 2004, 5,7% em 2005, 3,8% em 2006, 2,8% em 2007, 1,9% em 2008, 4,3% em 2009 e 4,2% em 2010. Estes dados englobam a faixa etária da população compreendida entre 15 a 65 anos de idade. Estes dados ficam mais claro quando se analisa o gráfico abaixo. São dados anteriores ao advento da crise econômica global, que atingiu principalmente setores geradores de emprego e que, deve ter uma significativa mudança na curva de desemprego nos países europeus.

¹⁶⁶ O envio de tropas dinamarquesas para a frente de combate no Afeganistão foi um elemento novo dentro da política internacional da Dinamarca.

¹⁶⁷ Disponível em: <www.europa.eu/legislation_summaries/economics> Acesso em: 20 abril 2012.

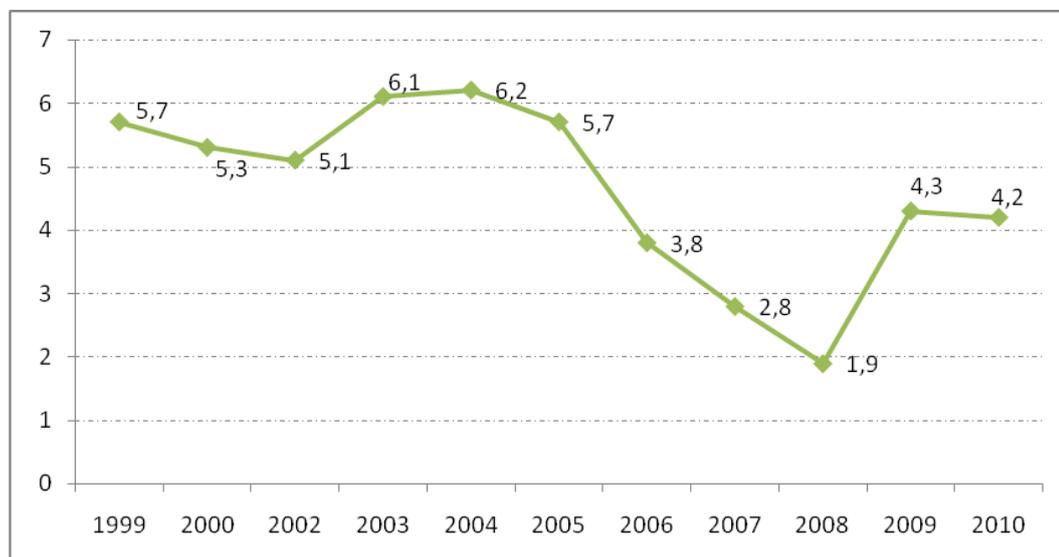
Gráfico 3-2 Taxa de desemprego na Dinamarca (%)¹⁶⁸

Gráfico elaborado pela autora

3.3 QUANTOS PONTOS TÊM O SEU AMOR? O NOVO MODELO DE IMIGRAÇÃO DINAMARQUÊS

Com a crise econômica mundial e a volta da curva ascendente do desemprego entre 2009 e 2010, que o governo de centro direita retorna a discurso sobre a mudança da lei de reunificação familiar na Dinamarca. Esta nova lei é votada e entra em vigor em junho de 2010¹⁶⁹ e traz para o

¹⁶⁸ Definição de taxa de desemprego: Força de trabalho que se encontra desempregada no momento da pesquisa. Disponível em: <www.indexmundi.com> Acesso em: 20 abril 2012.

¹⁶⁹ Um ano antes, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em uma política contrária a que se encaminhava na Europa, sancionava o projeto de lei 1664 que anistiava os estrangeiros que viviam irregularmente no país. O projeto de lei foi aprovado antes pelo Congresso Nacional e beneficiou cerca de 45000 estrangeiros residentes no Brasil e que entraram no país até 1º de fevereiro de 2009. Foram beneficiados tanto quem entrou legalmente, e que ficou por período maior que o concedido no visto de entrada, como também aqueles que cruzaram a fronteira de forma irregular.

cenário do Estado do Bem Estar Social uma nova modalidade de concessão de visto de reunificação familiar baseada em um processo de aplicação de pontos.¹⁷⁰

A Dinamarca é o primeiro país do mundo a aplicar uma política migratória de reunificação tendo como base não as relações familiares. Uma série de exigência que acumuladamente iriam atribuir pontos para a concessão de visto foram colocadas em prática.¹⁷¹ O líder do setor de integração do partido conservador dinamarquês, Naser Klader, político conservador – que chegou a Dinamarca ainda criança com sua família imigrante, defendendo a posição do governo, faz um paralelo entre o sistema de pontos e a obrigatoriedade de idade mínima de 24 anos, para a concessão de visto, salientando que esta iniciativa anterior tinha sido seguida por outros países europeus, a exemplo da Noruega e Holanda.¹⁷²

¹⁷⁰ Em 2005 começou a ser colocado em prática um sistema para se adquirir a cidadania dinamarquês. Uma das obrigatoriedades para se obter a cidadania é submeter-se a uma prova de conhecimentos sobre cultura, história e sociedade dinamarquês. A prova foi iniciada com a divulgação de 200 questões obrigatórias de estudos de onde seriam selecionadas 35 questões, 5 questões seriam novas. Para se obter a aprovação, o candidato teria que ter, no mínimo, 28 questões corretas num tempo máximo de uma hora de duração. No segundo semestre de 2008 o governo considerou que a prova estava de fácil acesso e decidiu que as questões seriam todas desconhecidas e que, o candidato teria que responder 32 das 40 questões corretamente num tempo máximo de 45 minutos. Esta modalidade de prova é aplicada 2 vezes ao ano (SDI). Considero importante informar que, na primeira vez em que esta nova modalidade de prova foi colocada em prática, em dezembro de 2008, somente 1.103 das 4.684 pessoas inscritas para fazer a prova, ou seja, 23,5% dos candidatos foram aprovados. É importante também informar que algumas organizações de solidariedade colocaram candidatos para fazer a mesma prova. Eram candidatos de nacionalidade dinamarquês com nível de escolaridade superior e não conseguiram aprovação. Para se submeter à prova é obrigatório o pagamento de uma taxa de 617,00 coroas dinamarquêsas. Ver em: <<http://www.immigrantmuseet.dk>> e Jornal jyllands Posten <<http://jp.dk>> Secção nacional, 15 dez de 2008

¹⁷¹ Em primeiro de junho de 2012 entrou em vigor uma nova regra para a concessão do visto, temporário, na modalidade de reunificação familiar. Foi retirado o sistema de pontuação. Apesar disto, não houve grandes mudanças nos requisitos básicos. Lei n.418 de 12 Jun. 2012.

¹⁷² Ver em: <<http://politiken.dk/politik/ECE1111030/danmark-er-alene-on-pointsystem-for-udlaendinge/offentliggjort>> 17 nov.2010.

Esta modalidade nova de concessão do visto de reunificação familiar baseia-se nos seguintes critérios:

Se a pessoa solicitante, tivesse mais que 24 anos teria que cumprir com a exigência de 60 pontos. Com menos que 24 anos de idade a exigência subiria para 120 pontos. Estes pontos teriam que ser obtidos em diferentes categorias:

- 1- Experiência de trabalho
- 2- Exames de língua
- 3- Nível de escolaridade
- 4- Pontos complementares

Em relação à experiência de trabalho, a pontuação está dividida em uma destas diferentes categorias de pontos:

- 40 pontos se a pessoa tivesse trabalhado, oficialmente, durante dois anos e meio, nos últimos três anos, na Dinamarca ou, em outro país;
- 40 pontos se tivessem trabalhado por dois anos e meio fora dos últimos três anos, mas dentro de uma “lista positiva” profissional;
- 80 pontos se tivessem trabalhado durante dois anos e meio nos últimos três anos como especialista em uma empresa dinamarquesa;
- 80 pontos se tivessem um trabalho relevante dentro da “lista positiva”;
- 80 pontos se tivessem tido uma relevante experiência de trabalho na Dinamarca com rendimento anual de no mínimo, 375.000,00 coroas dinamarquesas anual.

Com relação a exames de línguas está dividido em duas categorias, sempre observando a exigência do nível mais alto de exame:¹⁷³

- 50 pontos para quem tiver exame oficial de língua em dinamarquês, sueco ou norueguês.

- 40 pontos para quem tiver exame oficial de língua em inglês, alemão, francês ou espanhol.

Em relação à pontuação possível, tendo como base o nível de escolaridade, encontram-se 6 diferentes modalidades:

1- 40 pontos para quem completou, no exterior, algum curso vocacional, profissional ou bacharelado profissional que tenha a mesma equivalência de um curso dinamarquês.

2- 50 pontos para quem tenha completado um dos cursos mencionado no primeiro exemplo, só que feito na Dinamarca.

3- 50 pontos para quem tenha completado um dos cursos mencionados no exemplo 1, com a diferença de ter sido feito em uma universidade.

4- 70 para quem completou um bacharelado acadêmico em uma universidade dinamarquesa ou em uma universidade fora da Dinamarca, que estivesse colocada entre as 50 melhores.¹⁷⁴

¹⁷³ O exame de língua deve ser documentado dentro do nível mais alto existente (C1)

¹⁷⁴ Para isto é observado o ranking de universidades do QS world University Rankings. Ver em: <<http://www.topuniversities.com/university-rankings/world-university-rankings/2011>>

5- 80 pontos se a pessoa já tenha concluído um mestrado ou um doutorado em uma universidade estrangeira.

6- 100 pontos para quem tenha completado um mestrado ou um doutorado em uma universidade na Dinamarca ou em uma das 50 melhores universidades do mundo.¹⁷⁵

Em relação aos pontos suplementares, estes poderiam ser obtidos das seguintes maneiras:

1- 20 pontos, ter exames adicionais em línguas. Por exemplo, se o solicitante usou um exame em dinamarquês, para obter pontos em língua anteriormente, mas tem um exame em inglês, francês, alemão ou espanhol.

2- 20 pontos se a esposa ou esposo do solicitante morar em áreas consideradas de “guetos” ou áreas marginalizadas.¹⁷⁶

3- 10 pontos se a pessoa tiver sido voluntário, por no mínimo um ano, em uma organização humanitária internacional.¹⁷⁷

4- 10 pontos se o solicitante for financeiramente independente, no seu país de origem. Estes pontos não podem ser acumulativos com os pontos relacionados à questão do trabalho.

¹⁷⁵ É importante observar, para efeito de análise, que a universidade dinamarquesa melhor colocado no QS World University Ranking é a Universidade de Copenhague na posição de número 52. Sendo assim, nenhuma das universidades dinamarquesas estariam dentro dos critérios de exigências feito às universidades estrangeiras.

¹⁷⁶ Estas áreas estão definidas na seção 51 b (3) e (4) do ato público sobre moradias, ver em: <<http://www.newtodenmark.dk/family>>

¹⁷⁷ Existe uma lista específicas das organizações humanitárias internacionais aceitas pela imigração e pode ser vista em <<http://www.interaction.org>> ou <<http://www.ngovoice.org>>

Depois que o sistema dinamarquês de imigração avaliar que toda a documentação esta correta¹⁷⁸, o solicitante tem três meses para fazer um exame oral de língua dinamarquesa.¹⁷⁹

Ao mesmo tempo, os contratos relacionados ao visto anterior e que daria direito ao visto permanente, depois de 7 anos vivendo na Dinamarca, foram desrespeitados com a aprovação de uma nova lei sobre concessão de visto permanente que respeitava o direito adquirido por quem tinha se enquadrado na lei anterior e cumprido com todas as exigências legais para obter a residência permanente depois de 7 anos morando, continuamente, no país.

Pelas novas regras uma pessoa poderia solicitar a residência permanente depois de 4 anos vivendo ininterruptamente na Dinamarca desde que conseguisse fazer 100 pontos dentro de algumas exigências.¹⁸⁰

Uma pessoa poderia chegar aos 70 pontos se cumprisse com todas as exigências a seguir:

- Tivesse residência legal na Dinamarca, contínua, há mais que quatro anos;

¹⁷⁸ Além das exigências aqui mencionadas, existem também uma série de declarações e afirmações de compromisso que o solicitante tem que assinar.

¹⁷⁹ Se o solicitante já tiver tido curso de dinamarquês e tiver feito o exame oficial de dinamarquês no nível mínimo de prova de dinamarquês 2, que é um nível intermediário, fica desobrigado a fazer o exame oral de imigração.

¹⁸⁰ Foi também introduzido um novo sistema com a obrigatoriedade de pagamento de taxas para a solicitação de todos os processos no sistema de imigração. Para reunificação familiar a taxa é de 1.725,00 coroas dinamarquesa e para a concessão de visto permanente de 3.550,00 coroas dinamarquesas.

- Assinasse uma declaração sobre integração e cidadania ativa na cultura dinamarquesa;
- Tenha sido aprovado na prova oficial de dinamarquês nível 2. Isto significa o mesmo nível de inglês dos alunos dinamarqueses que já tivessem sido aprovados na 9ª. classe do sistema oficial de ensino;
- Não tivesse sido condenado há 60 dias ou mais na prisão que tivesse algum envolvimento em atos contra o Estado ou contra a segurança nacional.
- Não tivesse sido condenado a prisão por 6 meses, ou mais, independentemente do motivo da condenação;
- Não tivesse dívida com o Estado resultada de alguma condenação no valor de 100.000,00 coroas ou mais;
- Tenha tido trabalho, “regular”¹⁸¹, em tempo integral por, no mínimo dois anos e meio, nos últimos 3 anos. A pessoa deveria estar empregada no mesmo tipo de trabalho no dia em que o visto permanente fosse assinado;¹⁸²
- Não tivesse recebido nenhuma ajuda do sistema social do Estado nos últimos três anos;

Outros 30 pontos para completar poderiam ser adquiridos e 15 pontos poderiam ser adquiridos por uma das situações enumeradas a seguir:

¹⁸¹ Trabalho “regular” é uma das formas de excluir um grupo de pessoas que poderiam de uma ou outra forma não serem avaliados como trabalhadores em um sistema ordinário.

¹⁸² Uma das providências que o Partido do Povo Dinamarquês tomou foi em relação à compra de um super computador para departamento de imigração, objetivando o cruzamento de dados declarados por quem solicitava residência de qualquer tipo.

- Ter participação ativa, como voluntário, ou na direção de uma organização de solidariedade¹⁸³ ou,
- Fazer uma prova sobre como se tornar membro ativo da sociedade dinamarquesa.¹⁸⁴

Para conseguir os 15 pontos restantes seria obrigatório que a pessoa tivesse:

- Ter tido trabalho em tempo integral durante quatro anos sendo este trabalho sido exercido nos últimos quatro anos e meio ou,
- Ter sido diplomado por uma universidade ou alguma instituição de ensino superior na Dinamarca ou,
- Ter sido aprovado no exame oficial de língua dinamarquesa nível

3.4 ANÁLISE DE PEÇA SOBRE A LEGISLAÇÃO

Apresentamos no Quadro abaixo que as leis discriminam os reunificantes na Dinamarca

Quadro 3-1 As leis discriminam os reunificantes na Dinamarca

Referências de residentes	Cidadão dinamarquês/nórdico, refugiado ou residente com	Imigrantes por trabalho ou estudo em uma universidade	Cidadãos da União

¹⁸³ Foram definidos alguns critérios para aceitar uma organização de solidariedade. Por exemplo, voluntários da Cruz Vermelha não eram aceitos. Deveria ser organização como, por exemplo, organização de pais da escola, organização de moradores, treinador voluntário de futebol para crianças, reforço escolar entre outros.

¹⁸⁴ A lei é de junho 2010, mas a primeira prova foi aplicada em junho 2011. Entre junho 2010 e junho 2011 foi impossibilitada a solicitação de visto permanente para aqueles que não tinham atividade voluntária ou fizesse parte da direção de alguma organização de solidariedade.

	residência permanente	dinamarquesa	
Regime Jurídico	Lei de imigração §9	Lei de imigração §9c	Regras de UE/EEE
Limite de idade para crianças	15 anos	18 anos	21 anos
Sistema de pontos para cônjuge	120 pontos se o residente ou o cônjuge tenha menos de 24 anos, 60 pontos. Pontos são dados por educação, experiências profissionais, conhecimento de línguas etc.	Nenhuma exigência	Nenhuma exigência
Relação	Se o residente tiver menos que 28 anos, tem que ter uma forte relação com a Dinamarca	Nenhuma exigência	Nenhuma exigência
Exigências de habitação	Máximo 2 pessoas por ambiente, nenhuma sublocação, contrato de locação mínimo: 3 anos	Nenhuma exigência	Nenhuma exigência
Economia depois da reunificação familiar	O par não pode receber apoio social antes de ter residência permanente	O par não pode receber apoio social antes de ter residência permanente	O par não pode ser uma carga intensa ao sistema social. Trabalhadores e suas famílias são uma exceção.
Garantia econômica	Garantia de 100.000 kr. Por, no mínimo, 4 anos (nível de 2011) para uso em qualquer custo de apoio social.	Nenhuma exigência	Nenhuma exigência
Economia antes da reunificação familiar	O residente não pode ter recebido apoio social nos últimos 3 anos	Recebimento de apoio social pode influenciar o visto de residência do já residente.	Recebimento de apoio social pode influenciar, em alguns casos, o direito do visto de residência do residente.
Matrimônio pro-forma	Circunstâncias gerais, tais como, diferença de idades e casamento em curto prazo é	Sem informação oficial.	Tem que existir relações concretas que indicam um matrimônio pro-

	juridicamente bastante para negar a residência.		forma antes de ser recusado.
Casamento de primos/primas	Contrair matrimônio entre parentes próximos como: primo/prima é considerado casamento forçado e por isso negado automaticamente.	Nenhuma exigência	Nenhuma exigência
Prova de imigração	O cônjuge tem que passar por uma prova de dinamarquês, entre 4-5 meses depois receber a autorização, antes do visto.	Nenhuma exigência	Nenhuma exigência

Fonte: Adaptado do site de apoio a casais binacionais na Dinamarca. Disponível em: <<http://www.aegteskabudengraenser.dk>> Acesso em 20 jun 2012.

Cabe reconhecer que as leis de reunificação familiar na Dinamarca, entre 2002 e 2010 caminharam no sentido de dificultar o ingresso de migrantes no estatuto de reunificação familiar. Estas leis têm características que refletem o momento e as forças políticas em maioria no parlamento dinamarquês sendo apontadas, por inúmeras organizações, nacionais e internacionais, como um desrespeito aos Direitos Humanos.

O Index de políticas de integração de migrantes – MIPEX 2007¹⁸⁵, que analisa as políticas públicas direcionadas à integração de migrantes de vinte e cinco países membros da União Europeia e de três países não membros, apontava em seu relatório a realidade encontrada nas políticas

¹⁸⁵ British Council e Migration PolicyGroup. **Migrant Integration Policy Index**. Tradução: Traducta. Bruxelas: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

de migração dinamarquesas e sua relação frente aos demais países estudados.

No ítem sobre reunificação familiar a Dinamarca, de acordo com o MIPEX 2007 ocupou o lugar de número 26 entre os 28 países membros. Tendo estado incluído entre os países com piores políticas migratórias da UE, pois nestes países o migrante:

Deve submeter-se a um procedimento dispendioso e longo e tem de ultrapassar condições de emprego, rendimento e habitação restritivas. O migrante ou os seus membros de família devem frequentar um curso obrigatório de integração e ser aprovados num teste escrito dispendioso, provando que possui um elevado nível linguístico e nível de cultura sobre o Estado. Inseguro no seu estatuto, um membro da família poder ver a sua candidatura rejeitada ou a sua autorização retirada com base em vários fundamentos, sem a devida consideração pela sua vida pessoal e sem qualquer direito de recurso.¹⁸⁶

Com isto, o MIPEX 2007, em seu relatório anual, em que fazem uma avaliação global dos países da Europa, chega a uma conclusão sobre a Dinamarca relacionada à questão das políticas migratórias de reunificação familiar em que diz:

A Dinamarca foi o único dos 28 países dos MIPEX a obter uma classificação 0% em matéria de elegibilidade. O ponto 1 do artigo 9.º da Lei dos Estrangeiros

¹⁸⁶ MIPEX 2007, p.10.

estabelece os 24 anos como idade mínima para reagrupantes e cônjuges. O ponto 7 do mesmo artigo limita o reagrupamento familiar aos reagrupantes com mais de 28 anos de cidadania dinamarquesa ou aos cônjuges cujos vínculos sejam considerados mais fortes com a Dinamarca do que com o seu país de origem¹⁸⁷.

O Instituto Dinamarquês de Direitos Humanos/ Institut For Menneskerettigheder, denunciou a realidade dinamarquesa avaliando que as leis de reunificação familiar ferem convenções internacionais, a exemplo da Convenção Europeia dos Direitos Humanos pois:

O Instituto considerou que a atual administração das regras dos 24 anos pode levar a violações do direito à vida em família¹⁸⁸.

Uma das consequências da aplicação das novas leis de reunificação familiar foi o observado por SCHMIDT et al (2009 p. 94)¹⁸⁹ quando examina os dados estatísticos suecos e constata um crescente fluxo migratório de dinamarqueses nos dois primeiros anos de casados com parceiros originários de outros grupos étnicos e migrantes para a Suécia. Se, até 2001, a insignificância desta ocorrência levava a um não registro por parte dos serviços de estatísticas, a partir de 2002 este levantamento passa a ser feito, verificando que o número de casais que emigram para a Suécia, em uma situação, de que, pelo menos, um dos parceiros têm menos que 24 anos, e não se enquadram dentro das

¹⁸⁷ MIPEX 2007, p. 52

¹⁸⁸ Institut For Menneskerettigheder- Årsberetning 2004, p. 17. Disponível em: <<http://menneskeret.dk/files/pdf/2004aars.pdf>> Acesso em: 20 jun 2012.

¹⁸⁹ SCHMIDT, Garbi et al. **Ændrede Familiesammenføringsregler**. Hvad Har de Nye Regler Betydet for Pardannelsesmønstret Blandt Etniske Minoriteter. SFI- Det National Forskningscenter for Velfærd. København, 2009.

exigências das leis de reunificação familiar dinamarquesas, é superior ao dos casais que não estão inseridos nestas exigências.

Ela constata também que:

Quase metade das pessoas nascidas na Dinamarca, e que se mudaram da Dinamarca para a Suécia, é casado ou vive em coabitação com um parceiro, que emigrou de um país não-ocidental. Este grupo de indivíduos é constituído pelos descendentes de origem turca e paquistanesa que se mudou para a Suécia. Finalmente, cerca de 20 por cento destes que se mudou para da Dinamarca para a Suécia são casados ou vivem em coabitação com parceiro, que não são residente na Suécia. A explicação pode ser, que estão esperando para se reunir com o seus cônjuges na Suécia (p.108).¹⁹⁰

O enrijecimento das leis de imigração foi justificada, por parte do governo, como uma alternativa no sentido de dificultar entrada de pessoas que migravam por motivo de reunificação familiar baseado em casamentos forçados, prática avaliada como comum em países de religião muçulmana¹⁹¹. No entanto, JEPPESEN (1989)¹⁹² constata em seu estudo sobre casamento forçado entre jovem de origem paquistanesa e

¹⁹⁰ Tradução livre de: Næsten halvdelen af personerne født i Danmark, der er flyttet til Sverige fra Danmark, og som er gift eller samlevende, har en partner, som er indvandret fra et ikke-vestligt land. Denne gruppe af personer består bl.a. af efterkommere med fx tyrkisk og pakistansk oprindelse, som er flyttet til Sverige. Endelig har omkring 20 pct. af de personer, som er flyttet til Sverige fra Danmark, og som er gift eller samlevende, en partner, som ikke er bosiddende i Sverige. Forklaringen herpå kan være, at de venter på at få familiesammenført deres ægtefælle til Sverige

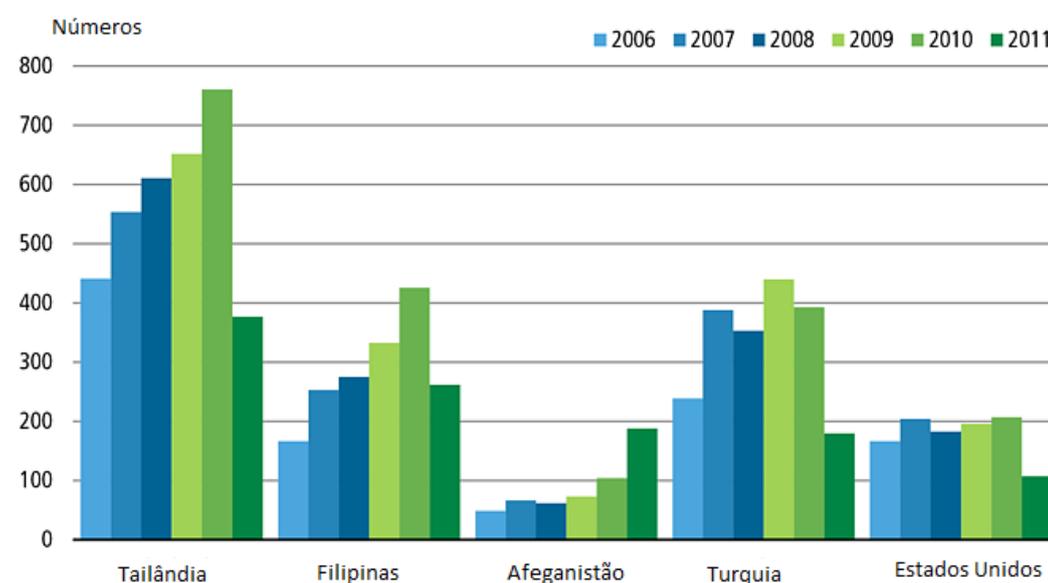
¹⁹¹ A maior população de imigrantes na Dinamarca é oriunda de países que predomina a religião muçulmana.

¹⁹² JEPPESEN, Kristen Just. **Unge Indvandrede: In Undersøgelse af Andengeneration fra Jugoslavien, Tyrkie og Pakistan.** Serie rapport 89:6. Socialforskningsinstituttet. København, 1989.

turca entre 18 e 25 anos, pode constatar que somente 2% dos jovens turcos e 3% dos jovens de origem paquistanesa responderam afirmativamente que seus casamentos foram arranjados pelos pais.

Além deste dado, se observarmos o gráfico abaixo, podemos ver que a maioria das mulheres imigrantes é oriunda da Tailândia e das Filipinas, reduto de férias dos dinamarqueses¹⁹³. Portanto, a justificativa para a aplicação de leis migratórias rígidas, baseadas em uma proteção contra o casamento “arranjado” por famílias não se sustenta.

Gráfico 3-3. Imigração feminina na Dinamarca-2006-2011



Fonte: SDE. Disponível em <<http://www.dst.dk/da/Statistik/emner/indvandrerere-og-efterkommere.aspx>> Acesso em: 20 jun.2012

Pode-se também observar que, o único país onde há um crescimento na concessão de visto é o Afeganistão. A imigração afegã

¹⁹³ É importante informar a incidência significativa de au pairs oriundas da Filipinas e da Tailândia na Dinamarca, fato este que pode estar inflando estes números sobre migração.

tem a concessão de visto baseado no exílio por razões políticas, que não se enquadram na obrigatoriedade de pontuação ou outras regras aplicadas aos que migram por outras razões.

4 MEU BRASIL BRASILEIRO NO REINO DA DINAMARCA

Chiclete com banana

*Eu só boto bip-bop no meu samba
Quando o Tio Sam pegar um tamborim
Quando ele pegar no pandeiro e no zabumba
Quando ele entender que o samba não é rumba
Aí eu vou misturar Miami com Copacabana
Chiclete eu misturo com banana
E o meu samba vai ficar assim
(...)
É mas em compensação
Eu quero ver o boogie-woogie de pandeiro e violão
Quero ver o Tio Sam de frigideira
Numa batucada brasileira¹⁹⁴*

4.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste capítulo analiso os dados sobre migração brasileira na Dinamarca. Ele está dividido em duas partes. Na primeira analiso, basicamente, os dados obtidos no Instituto dinamarquês de estatística e também insiro outras fontes de informação. Na segunda parte, analiso os dados das entrevistas obtidos a partir do preenchimento do questionário semi estruturado da pesquisa, através do qual foi feito um estudo radiográfico, sobre as entrevistadas, buscando mostrar as recorrências e as diferenças em relação às condições de vida vivências e experiências das mesmas.

¹⁹⁴ Samba do baiano Waldeck Artur Macêdo, o Gordurinha e da pernambucana Almira Castilho. Imortalizado na interpretação do paraibano José Gomes Filho, o inesquecível Jackson do Pandeiro.

4.2 OS NÚMEROS DIZEM MUITO

Apesar de numericamente pequena¹⁹⁵, a comunidade dos imigrantes brasileiros na Dinamarca tem uma presença marcante na área cultural do país. Carnaval, shows, roda de samba, capoeira e caipirinha não são novidades na Dinamarca.

O carnaval de Copenhague é realizado todos os anos no início do verão. Mesmo tendo a participação de outras comunidade de imigrantes e também da comunidade dinamarquesa, é clara a inspiração do carnaval carioca exerce sobre ele.

Na **Foto 4-1 - Carnaval em Copenhague**, pode-se ver a imagem de uma típica mulher dos trópicos, reforçando o imaginário das relações de gênero e raça entre o Norte e o Sul: A mulata, sexualmente disponível faz a chamada nos jornais para o carnaval de Copenhague reforçando os esteriótipos de ser o Brasil a terra do carnaval, samba e futebol. Este esteriótipo é também reforçado pela própria comunidade migrante, em uma quase “disputa” frente às “outras” que não saberiam sambar. É também um momento de afirmação cultural e de capacidades. O sambar e gingar é um “capital” simbólico em uma situação de afirmação de identidade. Não basta ser brasileira. Tem que saber sambar, gingar, requebrar e mostrar que se tem qualidades diferentes das demais “locais”.

¹⁹⁵ Para uma observação comparativa, retornem ao capítulo primeiro deste trabalho, onde vão encontrar os dados gerais da imigração na Dinamarca.

Foto 4-1 - Carnaval em Copenhague, 2012



Fonte: Foto Finn Frandsen. Disponível em:
<<http://politiken.dk/ibyen/nyheder/gadeplan/ECE1831569/koebenhavns-kerneval-lukker-efter-31-aar/>> Acesso em: 04 abr.2013

Estas mesmas características apontadas, anteriormente, sobre a inserção da comunidade brasileira na Dinamarca, relacionadas a uma comunidade que, apesar de numericamente pequena se faz presente, foram observadas por Campina (2011, p. 35)¹⁹⁶ ao analisar a comunidade de mulheres muçulmana em Portugal que, ao contrário do esperado para uma comunidade de porte pequeno, são, assim como as brasileiras na Dinamarca, uma comunidade socialmente visível:

(...) no que se refere à análise estatística, a representatividade numérica da comunidade muçulmana

¹⁹⁶ CAMPINA, Ana. Mulheres Muçulmanas em Portugal. (des)conhecimento; (des)informação e (in)visibilidade. In: BALLESTEROS, Maria de la Paz. Musulmanas y derechos a la cultura- tradición y modernidad. Valladolid, 2011, p. 33-46. ISBN: 978-8495213-90-7.

não se apresenta de grande dimensão, mas pela sua acção pública (individual e como grupo)...faz com que seja um grupo visível que se faz “saltar”.”

Apesar das brasileiras fazerem parte de um grupo socialmente visível, esta visibilidade não é refletida em dados oficiais sobre a mesma. Uma questão importante para a qual não foi encontrada uma resposta, ou que não é possível uma única resposta, apesar da busca ser por um número, relaciona-se ao tamanho da comunidade brasileira migrante no país.

Analisando o banco de dados do Serviço Dinamarquês de Estatística pude constatar dois dados diferentes em relação ao número de brasileiros residentes no país. Isto se apresenta em função dos mesmo serem trabalhando de forma desagregadas dentro de duas categorias: Fator de nascimento e fator de nacionalidade.

Os primeiros dados mostravam o número de pessoas que tinham declarado ter o Brasil como o país de nacionalidade, com um total de 1.845 residentes¹⁹⁷, sendo 1.285 mulheres e 560 homens. Podemos considerar que todos são brasileiros natos, haja visto que não há uma procura de nacionalidade brasileira entre pessoas que desejam imigrar para a Europa.

No **Gráfico 4-1. Imigrantes com nacionalidade brasileira**, pode-se ver esta população subdividida entre mulheres e homens. Estes números mostram que percentual da população imigrante brasileira do sexo feminino é de, aproximadamente, 70%, e que os mesmos dados em

¹⁹⁷ Dados disponíveis em: <<http://www.statistikbanken.dk>> Acesso em: 20 jun. 2012

relação à população brasileira imigrante do sexo masculino é de 30%, aproximadamente¹⁹⁸ da população pesquisada.

As mulheres são mais que o dobro dos imigrantes com nacionalidade brasileira na Dinamarca. Em relação a comunidade brasileira na Dinamarca, estes dados seguem o mesmo padrão de imigração já observado nas últimas décadas.

O mesmo fenômeno ocorre em outros países, e se observa um crescente fluxo migratório de mulheres, já apontado em vários estudos sobre migração de mulheres brasileiras para outros países, a exemplo de Castilhos (2012) e Iamanaka (1997). Demonstrando uma feminização da migração internacional.

Iamanaka (1997)¹⁹⁹ estudando as mulheres brasileiras descendentes de japoneses²⁰⁰ que migraram para o Japão em razão de trabalho, as *dekasseguis*, aponta para uma crescente feminização do fluxo migratório do Brasil para o Japão, aonde a população brasileira feminina representava 39% em 1990, tendo passado para 43% em 1994.

Sendo assim, o fenômeno da feminização da migração brasileira na Dinamarca segue uma tendência observada, também, em outras

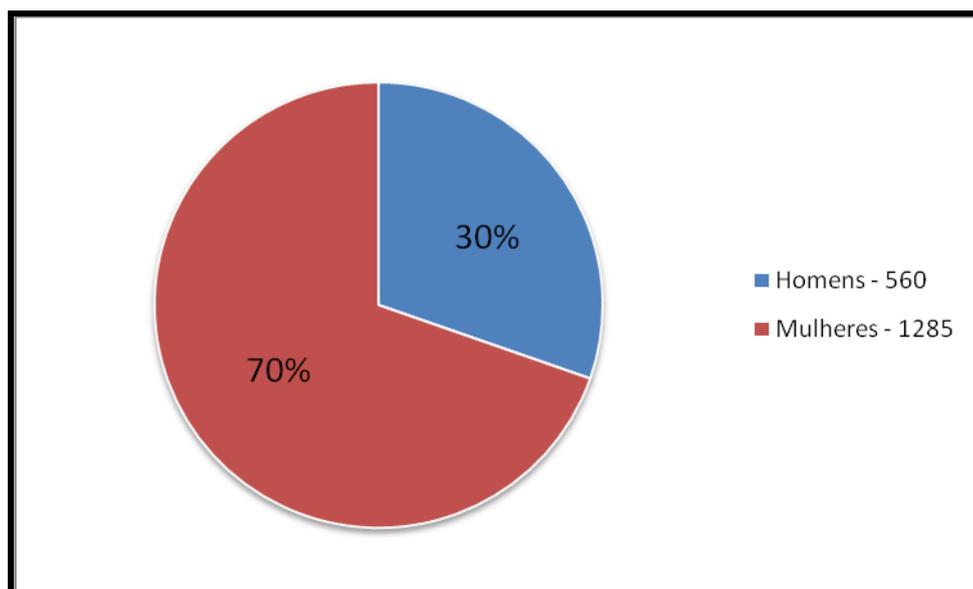
¹⁹⁸ Dados disponíveis em: <<http://www.statistikbanken.dk>> Acesso em: 01 jan. 2012

¹⁹⁹ YAMANAKA, Keiko. Return Migration of Japanese Brazilian Women: Household Strategies and Search for the Homeland. In: BAXTER, Diane; KRULFELD, Ruth (Eds.). **Beyond Boundaries**. Arlington: American Anthropological Association, 1997, p. 11-34.

²⁰⁰ Os primeiros imigrantes japoneses chegaram ao porto de Santos, com o navio *Kasato Maru*, em 10 de junho de 1908, fugindo de uma grande crise na agricultura japonesa. Foram alocados, principalmente na cultura cafeeira, que passava por uma crise de falta de mão de obra, decorrente da decisão do governo italiano, em 1902, em não subsidiar a não continuar subsidiando a imigração italiana para o Brasil. Ver em: <www.grupoescolar.com/pesquisa/imigração-japonesa-nobrasil.html>

pesquisas sobre migração internacional, mesmo quando se observa que a razão originária para a migração seja de uma outra ordem.

Gráfico 4-2. Imigrantes com nacionalidade brasileira



Fonte: SDE- Gráfico elaborado pela autora

No gráfico que vem a seguir, os dados se referem às pessoas que declararam ter o Brasil como o país de nascimento. Nestes encontramos 1.032 homens e 2.032 mulheres. Dando uma soma total de 3.064 imigrantes. Sendo que 66,3% destes são mulheres e 33,7% são do sexo masculino. Pode-se dizer que apesar da diferença numérica, o padrão da imigração subdividida por sexo segue um mesmo ritmo. No entanto, não se consegue perceber o porquê da diferença numérica entre os que são nascidos no Brasil e os que se declararam de nacionalidade brasileira. Algumas suposições poderão ser apontadas:

- Brasileiros com dupla nacionalidade e portador de passaporte de algum outro país da União Européia, que fazem uso deste passaporte no serviço de imigração, pois assim são beneficiados pelas leis de imigração que regem estas migrações e são facilitadoras de mobilidade.

- Dinamarqueses filhos de diplomatas dinamarqueses e de outras nacionalidades que tenham nascidos no Brasil, mas que não detém a nacionalidade brasileira.

- Brasileiros que têm a dupla nacionalidade, nacionalidade brasileira por ter nascido no Brasil e nacionalidade dinamarquesa por ter um dos pais de nacionalidade dinamarquesa. Como não precisam optar e podem manter as duas nacionalidades, é, perante as leis dinamarquesas, um cidadão dinamarquês nascido fora da Dinamarca.

O Ministério das Relações Exteriores do Brasil – Itamaraty, estima a comunidade brasileira vivendo fora do Brasil em três milhões de pessoas. Na Dinamarca, pelas projeções do Itamaraty, a comunidade brasileira no país é de, aproximadamente, 2.500 pessoas.²⁰¹

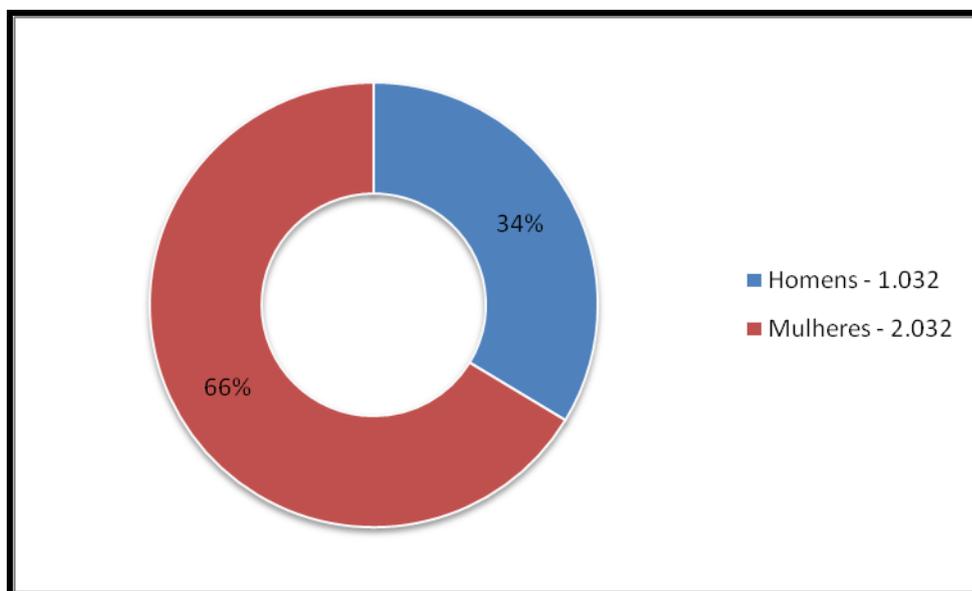
Se verificarmos atentamente o dado do Itamaraty com os dados mostrados nos dois gráficos, o de nascidos no Brasil e com os números de pessoas com nacionalidade brasileira, chega-se a um número que pode-se classificar como um meio termo entre os dois dados mencionados anteriormente. Um dado importante em relação aos brasileiros na Dinamarca, diz respeito à impossibilidade de mensurar a comunidade de brasileiros que estariam “ilegais”.²⁰²

²⁰¹ MRE: Dados disponíveis em:

<<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br>> Acesso em: 30 jul. 2012

²⁰² O termo, ilegais, tem gerado uma série de discussões e existe um movimento, que começou com migrantes africanos na França, chamado de os sem papéis ou sem

Gráfico 4-3. Imigrantes nascidos no Brasil: 01/01 2012



Fonte: SDE- Gráfico elaborado pela autora

Fernandes e Rigotti (2008, p. 3)²⁰³ avaliam que,

Poucos são os países que permitem se ter uma ideia do volume e perfil dos imigrantes brasileiros neles residentes. Em termos do volume, considerando a situação irregular da maioria dos brasileiros residentes no exterior, é praticamente impossível definir uma correta estimativa deste número. Nos censos nacionais, além da periodicidade destes levantamentos não permitir

documentos. A argumentação principal deste movimento, é que um ser humano não poderia se encontrar ilegal em qualquer lugar que morasse no nosso planeta.

²⁰³ FERNANDES, Durvak Magalhães e RIGOTTI, Jose Irineu Rangel. Os Brasileiros na Europa. Notas introdutórias. Texto apresentado no seminário “Brasileiros no Mundo”, dias 17-18 de julho, 2008, Palácio do Itamaraty, Rio de Janeiro.

conhecer as alterações de curto prazo, há o fato de que nem sempre um imigrante irregular está disposto a colaborar. No aspecto administrativo, a fonte mais usada são os registros de permissão de moradia e trabalho, que cobrem somente o imigrante em situação regular.

A mesma situação é encontrada em Portugal, país onde se encontra uma das maiores comunidades brasileiras migrantes. Pelo estudo apresentado por Castilhos (2012) sobre mulheres migrantes em Portugal é grande o número de indocumentados neste país, apesar das recentes normas e leis como o objetivo de regularizar a situação dos imigrantes de uma forma geral. Para esta autora, um dos problemas enfrentados, pelas mulheres brasileiras, refere-se ao estereótipo de prostituta. Mesmo aquelas que migram por outro razão de trabalho são relacionadas a uma identitária marginalizadora.

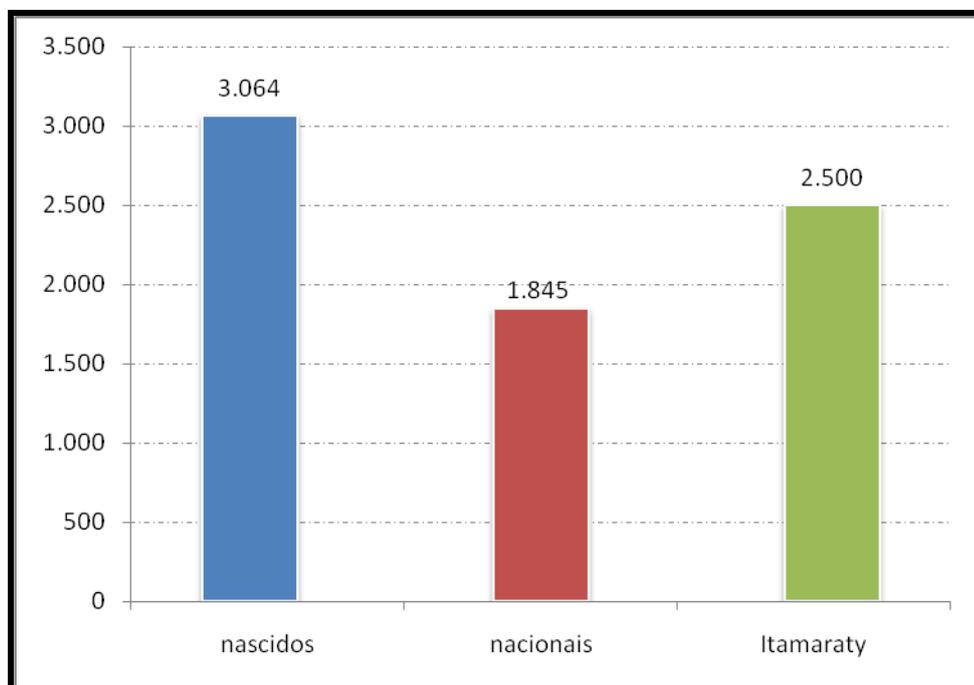
Avalio que a situação da imigração de indocumentados na Dinamarca, difere muito dos grandes países receptores de migrantes na Europa. Além de ser um país pequeno, geograficamente, Dinamarca tem um sistema de registro da populacional muito simples e de fácil controle.

Um único número de identificação, Central de Registro de Pessoas- CPR, acompanha o indivíduo desde o seu nascimento até a morte. É emitida uma carteira de identificação do morador na qual consta o número e o endereço da residência. Os únicos documentos, além do já mencionado, que o morador tem acesso e nos quais constam uma fotografia identificatória, são a carteira de motorista e o passaporte. Mas estes são documentos não são obrigatórios para ninguém. Quando um migrante recebe a sua permissão de residência do sistema dinamarquês de imigração, independente de que tipo de permissão ele adquire, tem

que, obrigatoriamente, se dirigir a sua municipalidade para fazer o seu registro e receber o seu número de CPR.

E com o CPR que os habitantes da Dinamarca têm acesso ao serviço de saúde, educação, biblioteca, como também qualquer transação de âmbito público ou privado, tais como, conta bancária, empréstimo e compras no comércio.

Gráfico 4-4. Brasileiros na Dinamarca



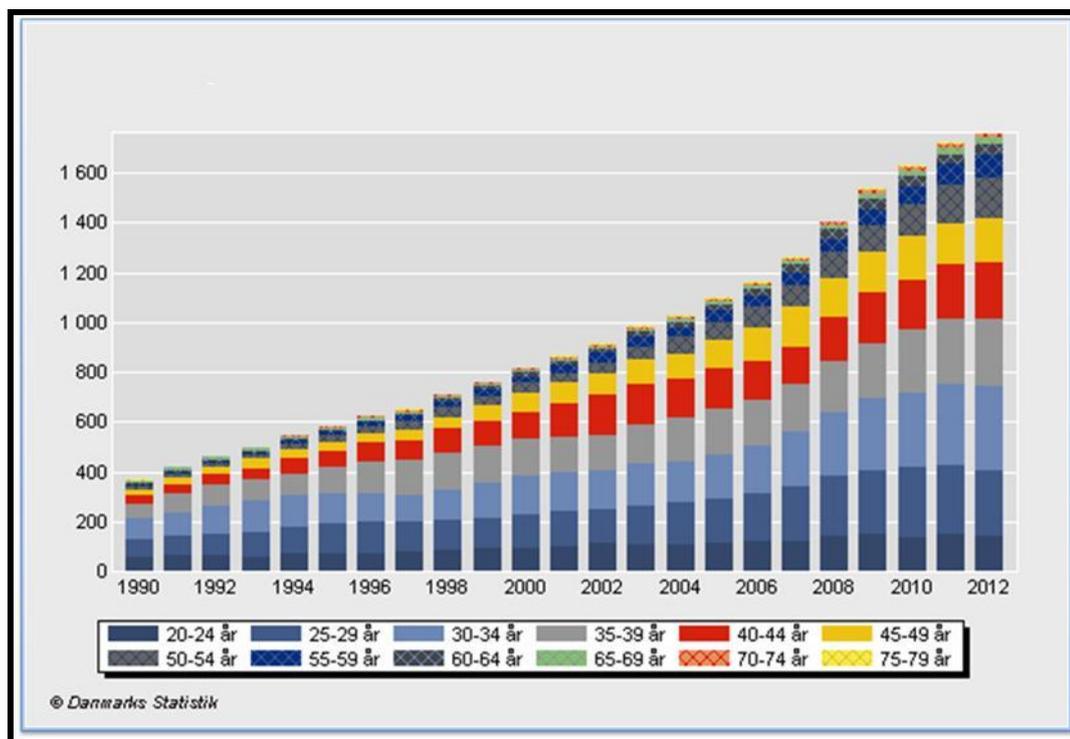
Fonte: Gráfico elaborado pela autora com dados do MRE, disponíveis em: <<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br>> Acesso em: 30 jul. 2012

Tendo estas informações como base, avalio que a margem para a migração dos indocumentados na Dinamarca é muito restrita. Não afirmo que não exista, mas sim, que o sistema de controle da população não deixa uma grande margem para isto quando, a impossibilidade para

acesso aos serviços de saúde e de educação, já eliminaria a possibilidade de casais com crianças viverem indocumentados na Dinamarca.

Ao analisarmos os dados do gráfico, mais abaixo, de 1990 a 2012, em relação pessoas que declararam terem o Brasil como local de nascimento, podemos observar uma curva crescente constante tanto da migração feminina quanto da masculina. Com um crescimento maior para a migração feminina que se constitui, também, como o maior grupo migrante. Pode-se perceber uma curva crescente nas faixas etárias compreendidas entre 25 a 54 anos.

Gráfico 4-5 Migração Feminina Brasileira, por faixa etária 1990-2012

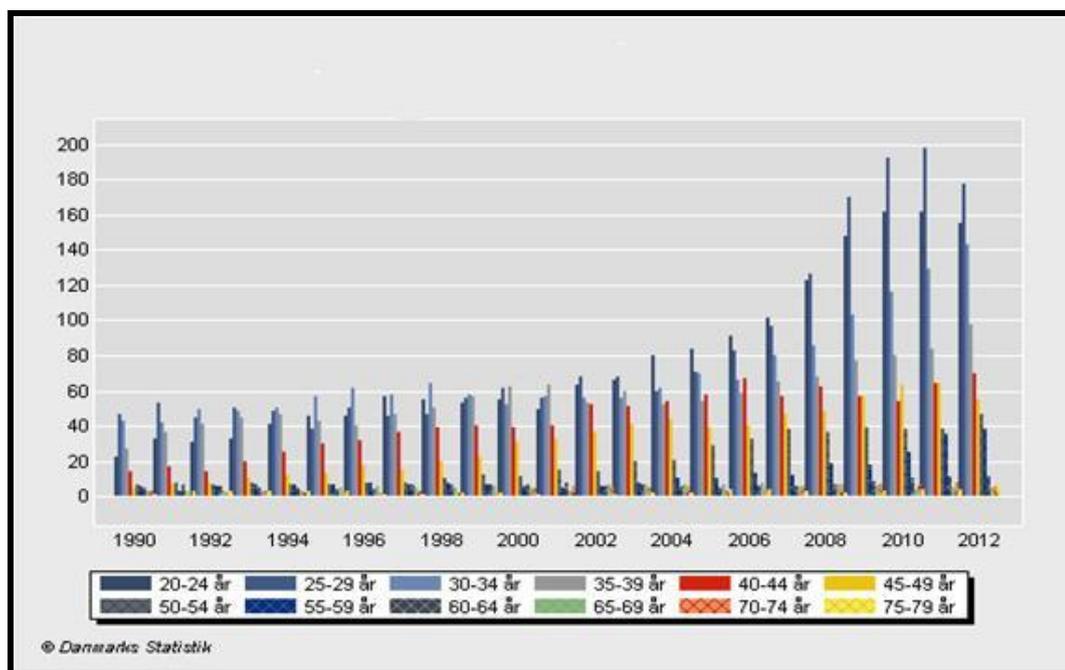


Fonte: SDE. Dados disponíveis em:

<[http:// www.statistikbanken.dk/statbank5a](http://www.statistikbanken.dk/statbank5a)> Acesso em: 18 abr 2012

Um dado significativo em relação à migração masculina, gráfico seguinte, é a verificação de que os homens foram superiores numericamente na faixa etária empreendida entre os 20 a 24 anos nos anos 2010, 2011 e 2012.²⁰⁴ Pode-se avaliar que com as barreiras impostas à reunificação familiar para conjugue com menos de 24 anos, a imigração masculina, provavelmente mais incidente para trabalho e estudos, torne-se superior do que a migração feminina, mudando a curva de incidência nesta faixa etária

Gráfico 4-6. Migração Masculina Brasileira, por faixa etária 1990-2012



Fonte: SDE. Dados disponíveis em:

<[http:// www.statistikbanken.dk/statbank5a](http://www.statistikbanken.dk/statbank5a)>Acesso em: 18 abr 2012

²⁰⁴ Os dados são reportados em 01 de janeiro e compreendem valores do ano anterior.

Analisarmos também os dados referentes aos brasileiros/as, aqui compreendido, os de nacionalidade e não de local de nascimento, que solicitaram diferentes tipos de visto na Dinamarca tendo como base os dados existentes no Serviço Dinamarquês de Imigração, desagregados por motivação de concessão de visto, compreende os anos de 1996 a 2010. Nestes dados podemos constatar que no ano de 2001, foi concedido visto de asilo²⁰⁵, a duas pessoas. Até a anistia política em 1979, a comunidade brasileira na Dinamarca era formada, ou mencionada, como o grupo que chegou como refugiado político.

O Brasil, um país receptor de imigrantes, ainda não apresentava um quadro migratório para o exterior. Salles (1999)²⁰⁶ salienta que, o grupo de refugiados brasileiros em diferentes países não chegava a ser 3000 refugiados políticos. Mas que, a maioria, retornou ao Brasil depois da anistia.

Para as demais razões para concessão de visto, para brasileiros, podemos ver: Reunificação familiar para criança menor de idade, reunificação familiar de outros membros da família, oriundos da União Européia, oriundos da UE em razão de trabalho, oriundos da UE em razão de estudos, visto de trabalho, visto de estudos e outras razões.

Um problema que se apresenta na análise sobre o visto concedido às crianças relaciona-se a não informação do local originário da migração das crianças. Se elas migram juntas com a família com as

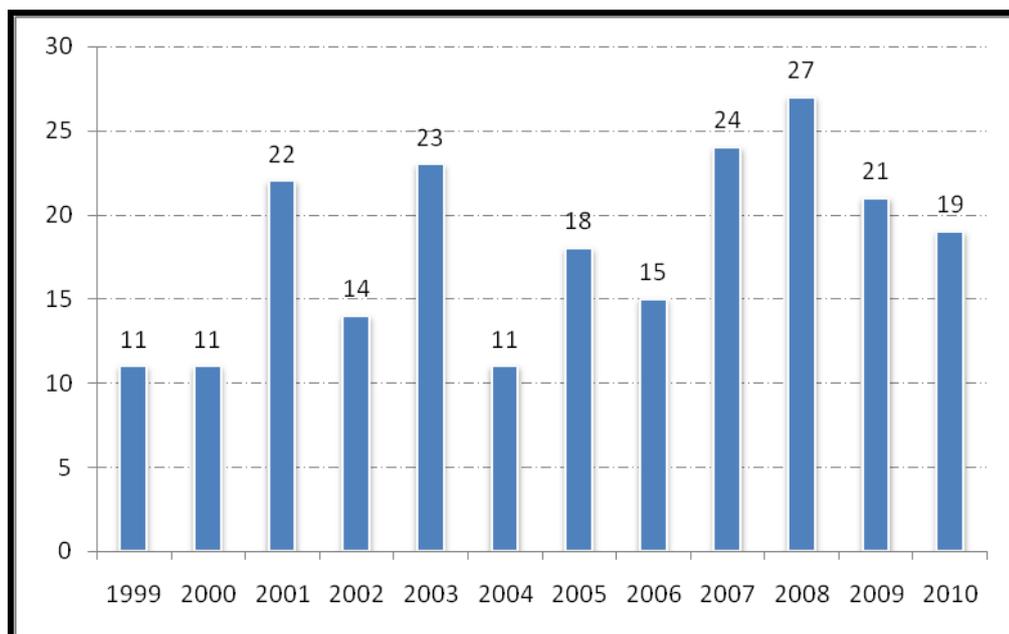
²⁰⁵ Existem várias formas de concessão de visto. Uma é de asilo político é outra é asilo por outras razões. Neste caso não está especificado em que base estes vistos de asilo foram concedidos. A única informação que podemos ter é que foi asilo político.

²⁰⁶ SALLES, op. cit., 1999

regras para habitantes da União Europeia, ou com famílias inseridas nas regras gerais de imigração para os não europeus.

Estas dificuldades em trabalhar os dados estatísticos se apresentaram, também, em vários momentos, pela falta de uma maior abrangência na informação de dados disponibilizada pelo Serviço Dinamarquês de Estatística.

Gráfico 4-7. Número de visto concedido a crianças menores de idade



Fonte: Gráfico elaborado pela autora com dados disponíveis em: <<http://www.statistikbanken.dk/VAN6>> Acesso em: 15 abr. 2012.

A reunificação familiar em Portugal, um dos países de maior fluxo migratório de brasileiros e brasileiras, representou, em 2005, o maior meio de entrada de mulheres migrantes, entretanto estes números tendem a

cair aproximando as mulheres aos homens em relação à motivação para imigração, como nos mostra Castilhos (2012, p. 95)

Analisando a repartição por sexos, em 2005, o emprego era motivo de entrada de apenas 35,4%, das mulheres dos homens, enquanto para os homens representava apenas 59,6 % situação inversa à verificada para a categoria reagrupamento familiar, onde as mulheres representavam 56,3%, contra 27,3% dos homens. Em 2006, —o emprego era motivo de entrada para 82,9% dos homens, enquanto para as mulheres representava 43,4%, situação inversa à verificada para a categoria reagrupamento familiar, onde as mulheres representavam 55,1%, contra 15,9% dos homens [...] Em 2007, apesar das importâncias relativas serem muito próximas, o emprego (43,6%) foi o principal motivo de atracção de mulheres imigrantes ao território português contrapondo-se a 42,8% respeitante ao reagrupamento familiar.

Esta realidade de mudança do padrão de motivação para imigrar, encontrada em Portugal, não foi observada na Dinamarca. Mesmo sendo observada a ocorrência de imigração de mulheres para o mercado de trabalho, especificamente em empresas dinamarquesas que têm filiais no Brasil, a reunificação familiar ainda é a maior motivação para a entrada de mulheres brasileiras no país.

4.3 BRASILEIRAS NA VIDA REAL DA DINAMARCA: NÚMEROS GANHANDO VIDA

4.3.1 Considerações iniciais

Este é o resultado do primeiro estudo feito sobre brasileiras na Dinamarca. Muitas dificuldades se apresentaram nos primeiros passos deste desafio assumido, entretanto, a riqueza e resultantes destes depoimentos, demonstra a importância destes para o debate da construção do conhecimento.

4.3.2 Faixa etária

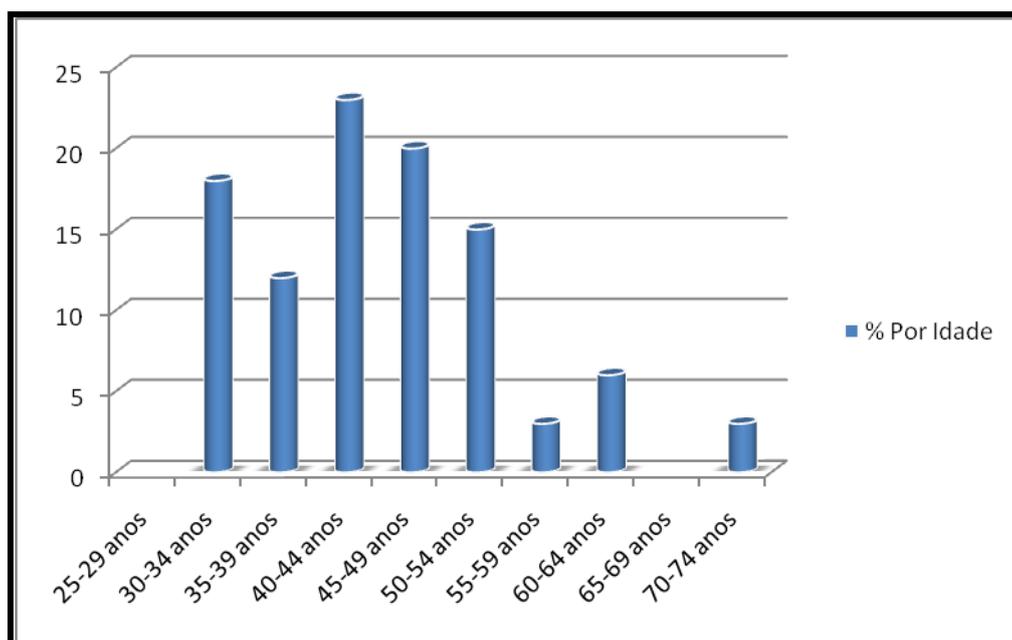
Com relação à idade, como podemos ver no gráfico 4-8, há uma maior concentração de entrevistadas nas faixas entre 30-34 anos e entre 40 e 49 anos²⁰⁷.

Uma primeira observação dos dados acima nos levaria a uma análise preliminar de que a idade estaria relacionada com o tempo de migração para a Dinamarca, ou seja, que as pessoas mais novas seriam as que imigraram mais recentemente. Entretanto, ao ser analisado em conjunto com as respostas relacionadas ao tempo de vida no país, foi possível observar que não seria possível esta afirmação, pois um número significativo das migrantes entrevistadas que estavam na faixa dos 40-49 anos migrou recentemente, inclusive, a única entrevistada na faixa dos 70-74 anos se encontra também nesta situação, por ser casada com um dinamarquês que trabalhava em uma agência internacional, conheceu

²⁰⁷ Observando os dados gerais sobre imigrantes na Dinamarca, podemos verificar que a faixa etária de maior concentração é também a que compreende pessoas de idade entre 40 a 49 anos de idade.

seu esposo no Brasil e, depois, viveram em muitos diferentes países, só vindo a fixar residência na Dinamarca quando já estavam próximo a obter a aposentadoria.

Gráfico 4-8. Percentual por Idade



Fonte: Entrevistas- Gráfico elaborado pela autora

4.3.3 Local de origem no Brasil

Observando a origem geográfica das entrevistadas, pode-se verificar uma diversificação em relação às várias regiões do Brasil. Incidindo uma concentração na região Sudeste, e em alguns Estados do Nordeste. Na região Sudeste com uma concentração maior nos estados de Minas Gerais e de São Paulo. No estado de São Paulo concentram-se o maior número de empresas dinamarquesas no Brasil e no estado de

Minas Gerais encontra-se a maior fábrica de insulina da América do Sul, a dinamarquesa Novo Nordisk, razão pela qual muitos trabalhadores dinamarqueses se dirigem para estes estados, possibilitando a socialização entre brasileiras e dinamarqueses. Na região Nordeste apresenta uma leve concentração nos Estados da Bahia, Pernambuco e Ceará, que são destinos preferenciais para o turismo.

Desagregando os dados por região de origem podemos observar que três das entrevistadas são oriundas da região Sul, vinte são oriundas da região Sudeste, nove da região Nordeste, uma da região Centro-oeste e uma da região Norte. Apesar de se verificar uma concentração maior em duas áreas regionais, pode-se afirmar que mulheres oriundas de todas as regiões brasileiras se encontram em processo migratório. Em 2010, os dados do Censo Demográfico do IBGE sobre emigrantes brasileiros residentes em 193 países do mundo nos apontam que a maioria dos emigrantes são mulheres com taxa de 53,8% entre os emigrantes. Assim como o observado em nosso trabalho de pesquisa, São Paulo e Minas Gerais foram os principais Estados de origem dos imigrantes.²⁰⁸

²⁰⁸Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2017&id_pagina=1> Acesso em: 11 jul.2012

Figura 4-1. Mapa do Brasil – Divisão regional

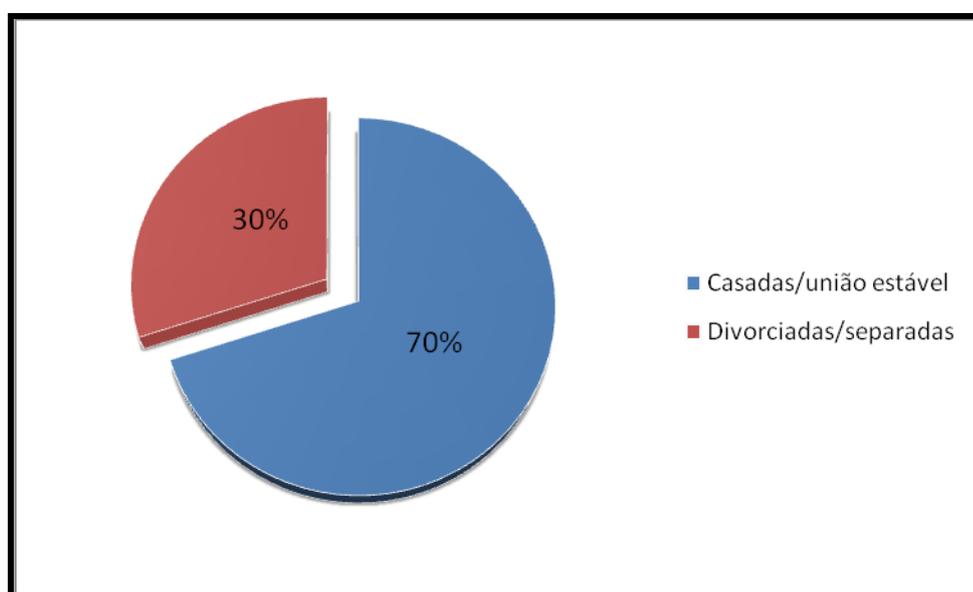


Fonte: Disponível em <<http://blogalize.net/wp-content/uploads/2009/08/mapa-do-brasil.jpg>> Acesso em: 17 jul. 2012

4.3.4 Estado civil

Analisando a situação civil das entrevistadas encontramos que 70% estão casadas ou vivendo em uma situação de união estável e 30% estão divorciadas ou separadas. É importante observar que 21% das que estão casadas ou vivendo uma união estável vivenciam um segundo casamento e que o fazem tendo tido como parceiros anteriores dinamarqueses, com 15% e brasileiros com 6%. Isto demonstra uma preferência para manter uma relação preferencial com um dinamarquês, diferentemente do que nos apresenta o Serviço Dinamarquês de Estatística, sobre outros grupos imigrantes, se pode constatar que, somente um de cada dez moradores originários do Paquistão ou da Turquia encolhe um/a parceiro/a dinamarquês/a para se casar.

Gráfico 4-9. Estado civil

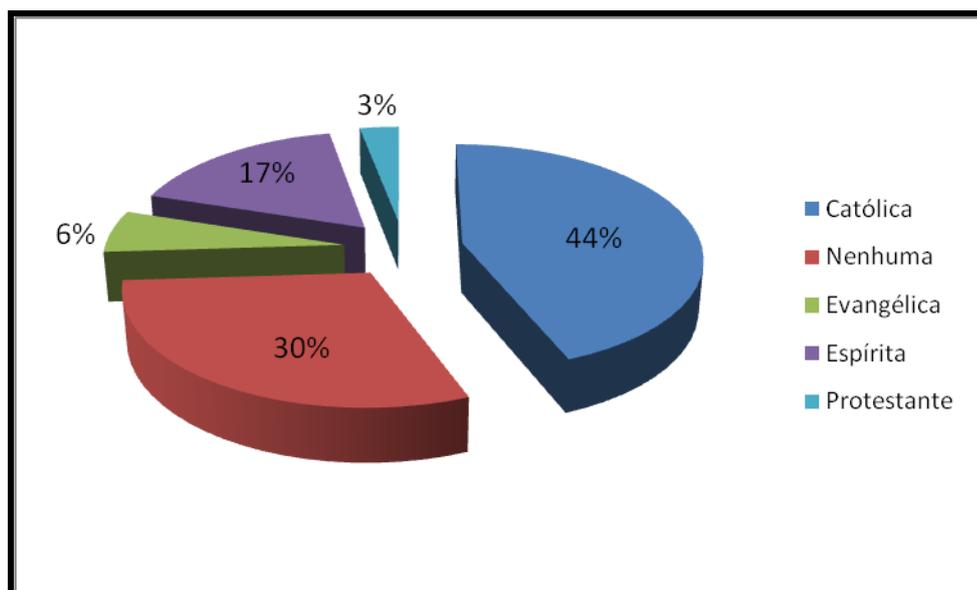


Fonte: Entrevistas-Gráfico elaborado pela autora

4.3.5 Religião

Apesar de a religião católica ser a religião predominante, entre as entrevistadas, com 44%, um dado significativo diz respeito àquelas que declararam não terem religião alguma, 30%. Em seguida temos o espiritismo com 17%. Um dado importante em relação as que responderam espiritismo é que ao fazerem isto relacionavam algumas vezes como um exercício de religiosidade e outras como uma filosofia de vida. Observou-se também que, muitas vezes, a religiosidade é exercida sem uma barreira entre outras possibilidades como ser católica, praticar a devoção a um Santo e também ter sua entidade do candomblé.

Gráfico 4-10. Religião



Fonte: Entrevistas- Gráfico elaborado pela autora

4.3.6 Raça/Cor

Usamos uma questão aberta de autotransclassificação em relação à raça/cor, tendo como base as mesmas categorias usadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Em pesquisa, com indicativo para autotransclassificação de raça/cor, o IBGE usa os indicativos de cores, branca, preta, parda, amarela e a categoria de indígena. Estas mesmas categorias são usadas nas amostras por domicílios realizadas pela PNAD – Programa Nacional de Amostra Domiciliar.

Foi possível constatar a dificuldade de autotransclassificação em relação a esta questão. Verificamos também a dificuldade de se usar raça/cor como uma categoria analítica, como já foi observado em outros trabalhos sobre raça/cor da população brasileira. Na pesquisa mensal sobre emprego do IBGE em 1999 foi incluída uma pergunta aberta sobre a auto classificação em relação à cor/raça da população pesquisada, aonde foi obtida quase 200 resposta diferentes sobre esta questão (Schwartzman, 1999)²⁰⁹. Isto demonstra a dificuldades de delimitar a questão de autotransclassificação em relação à raça/cor por parte de qualquer pesquisa sobre população.

Relacionando esta problemática com os dados obtidos, podemos verificar que 17% das nossas entrevistadas se auto classificaram com cor ou categoria diferentes das definidas pelo IBGE: brasileira, mulata, humana, caucasiana, entre outras, foram as definições explicitadas. Uma das entrevistadas ressaltou que “*não sou cachorra para ser de raça. Minha cor é mulata*”.

²⁰⁹ SCHWARTMAN, S. Fora do foco: diversidade e identidades étnicas no Brasil. **Novos estudos Cebrap**, n. 55, 1999. p 83-96. Também foram encontradas como resposta de autotransclassificação: morena, morena clara, morena escura, jambo, japonesa, etc.

Enquanto uma outra expressou que: “*eu sou uma mistura[...] é que não me vejo como uma raça, eu não me vejo como uma cor, eu me vejo como um todo. Eu sou uma mistura, né?..de índio, de irlandês, de [...]uma mistura*”.

Pude observar também que, assim como o encontrado por Skidmore (1992), apud Carvalho (2003)²¹⁰, o brasileiro define a sua raça/cor relacionando-a com a sua aparência física. Pude também constatar que estas auto classificações mudam a partir de situações valorizadas pelo indivíduo: a negra se auto define como mulata e faz movimentos de samba, enquanto que sua amiga com a mesma “cor aparente” se auto define como negra e o diz com um ar de orgulho em falar sobre sua cor/raça. Ser mulata carrega também um outro compromisso explicitado em uma frase: “quando uma mulata entra no samba, não tem pra mais ninguém”. Ou seja, ela é a dona da situação e tem uma capacidade frente às demais, brancas, brasileiras, humanas, entre outras, que lhe garante os espaços prioritários nas rodas de samba. Nota-se também a existência de um reconhecimento frente a esse fato observado na abertura do espaço de samba.

Dias Filho (1996)²¹¹ em um estudo sobre a identidade racial no comércio sexual baiano, observa que a cor da pele cria uma expectativa de sonhos e fantasias, sendo as morenas-jambo²¹² uma cor valorizada

²¹⁰ CARVALHO, José. A. M. et al. Notas acerca das categorias de cor dos censos e sobre a classificação subjetiva de cor no Brasil:1980/90. **Revista Brasileira de Estudos da População**, v. 20, n. 1, jan/jun 2003

²¹¹ DIAS FILHO, A. J. As mulatas que não estão no mapa. **Cadernos Pagu** (6-7) Campinas, 1996, p.51-66

²¹² Estas se caracterizariam por serem negras com cabelos compridos e arrumados de diferentes maneiras que, segundo o autor, se aproximariam dos biótipos das famosas “mulatas de Sargentelli”, presentes no imaginário popular como símbolo de sexualidade brasileira.

entre as meninas inseridas neste contexto e sua relação com os clientes estrangeiros, revelando uma outra parte da complexidade das análises baseadas na questão racial.

Schwartzman (1999, p. 3)²¹³ vai mais além ao observar também que as dificuldades encontradas ao se trabalhar com as categorias de raça/cor são também oriundas da não existência de uma clara demarcação de características étnicas entre a população brasileira, por isto, afirma o autor que:

Os resultados confirmam que o Brasil não tem linhas de demarcação nítidas entre populações em termos de características étnicas, lingüísticas, culturais ou históricas, o que faz com que qualquer tentativa de classificar as pessoas de acordo com estas categorias esteja sujeita a grande imprecisão. Isto não significa, no entanto, que o tema não possa nem deva ser pesquisado em termos estatísticos, que permitem o entendimento de realidades amplas e significativas, ainda que de delimitação pouco nítida.

Seguindo a mesma linha analítica, Teixeira e Beltrão (2008)²¹⁴ observam a dificuldade de se analisar as declarações de autoclassificação de cor feita pela Pesquisa Mensal de Emprego-

²¹³ SCHWARTZMAN, S. Fora do foco: diversidade e identidades étnicas no Brasil. **Novos estudos Cebrap**, 1999, p. 3.

²¹⁴ TEIXEIRA, M. De Poli e BELTRÃO, K. I. **O Eu e o Outro: A Alteridade Próxima na Declaração de Cor no Quesito Aberto da PME 98**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. Disponível em: http://www.ence.ibge.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=f4be0e6f-5720-40ba-96c3-b59cd35fee39&groupId=37690208 Acesso: 13 jun.2012

PME²¹⁵, por esta ter como base a informação de um só informante por domicílio, que teria a responsabilidade de definir a cor do conjunto familiar.

Verifica-se também, que outros autores que trabalharam a questão nas décadas de 1950 e 1960 enfrentaram esta mesma dificuldade em fazer alguma classificação pela amplitude de possibilidade de autotransclassificação de cor/raça encontradas no Brasil. Teixeira e Brandão (2008, p. 9) inferindo Harris e Kottak (1963) observa que:

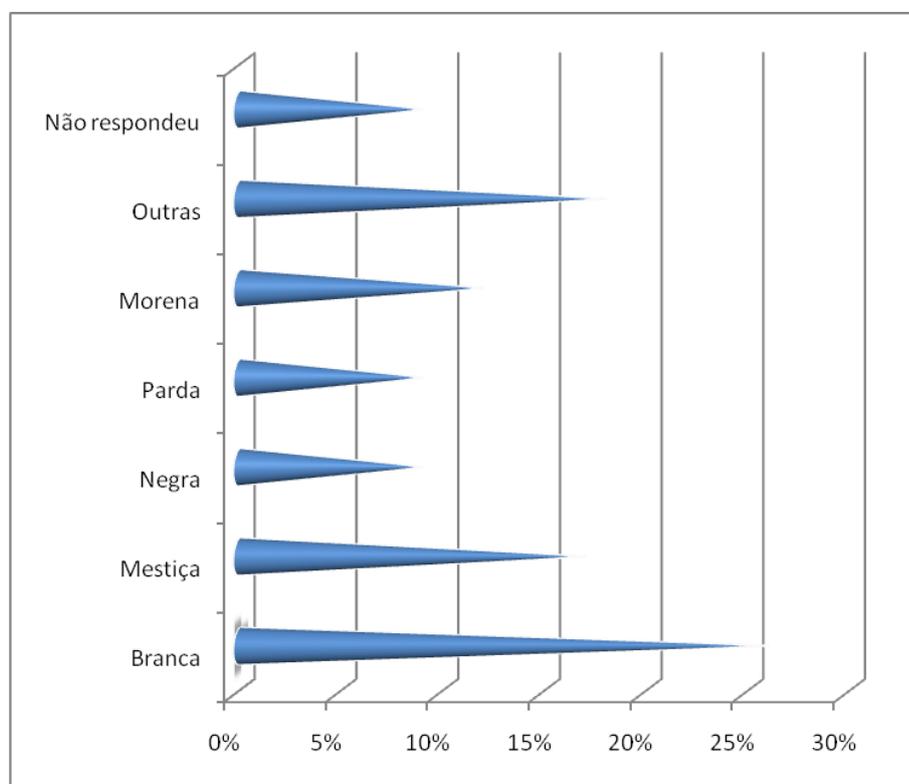
Harris & Kottak (1963, p. 203), enumeraram cerca de 40 tipos raciais diferentes em sua pesquisa em Arembépe (BA). Para todo o Brasil, Harris (1964, p. 57) fala que “cerca de uma” dúzia de categorias poderiam ser reconhecidas conforme as combinações de cor e textura de cabelo, cor dos olhos e da pele.” Hutchinson (1952, p.28) descreveu oito categorias por ele encontradas em Vila Recôncavo (BA): preto ou preto retinto; cabra; cabo verde; escuro; mulato, que poderia ser tanto mulato claro como mulato escuro; pardo; sarará e moreno, concluindo que naquela localidade não era simplesmente uma questão de branco e preto, mas de todas as gradações no entremeio.

Deste modo, podemos afirmar que a amplitude na autotransclassificação sobre raça/cor entre a população brasileira se baseia em uma avaliação ampla e cheia de nuances de caracterizações e que

²¹⁵ A Pesquisa Mensal de Emprego-PME foi iniciada em 1980 e passou por uma ampla revisão metodológica, em 2001, se adequando as recomendações da Organização Internacional do trabalho-OIT. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/default.shtm> Acesso: 13 jun.2012

estas são recorrentes em diferentes pesquisas nas últimas décadas tanto no território nacional quanto entre migrantes brasileiros vivendo em espaços transnacionais.

Gráfico 4-11. Raça/Cor



Fonte: Entrevistas- Gráfico elaborado pela autora

4.3.7 Aquisição de nacionalidade dinamarquesa

A questão da aquisição da nacionalidade dinamarquesa, transformando-as em cidadãs com dupla nacionalidade²¹⁶, se mostrou como um dos pontos centrais das conversas em encontros e atividades de brasileiras. Em 2006 entrou em vigor novas regras para a aquisição da nacionalidade dinamarquesa que colocavam em pauta uma série de exigências, dificultando o acesso à aquisição da nacionalidade.

Estas exigências estavam inseridas em um pacote maior de fechamento das fronteiras dinamarquesas para os imigrantes de uma forma geral. Dentro do quadro de insegurança ocasionado pelas novas políticas de migração, o discurso nacionalista brasileiro, que pude observar nas primeiras incursões de campo, foi traduzido por uma relação pragmática em relação á aquisição da nacionalidade dinamarquesa. Como resultado desta realidade, pode-se ver, no gráfico abaixo, que 56% das entrevistadas tinham nacionalidade dinamarquesa e 44% não tinham adquirido. Entre as que não tinham adquirido a segunda nacionalidade, somente uma, entre as entrevistadas cumpria os requisitos para obtê-la e não o fez por uma decisão pessoal de não solicitar e, uma segunda, por já ter uma outra nacionalidade dentro da União Européia. As demais estavam ainda à espera de cumprir os requisitos exigidos para tal. Este fato demonstra que o discurso nacionalista convive sem conflitos aparentes com o pragmatismo necessário na vida cotidiana. E que a capacidade de

²¹⁶ “**Dupla Nacionalidade: possibilidades segundo a Lei brasileira**

Não há qualquer restrição quanto à múltipla nacionalidade de brasileiros que possuam nacionalidade originária estrangeira, **em virtude de nascimento (*jus soli*) ou de ascendência (*jus sanguinis*)**. Isto significa que todo indivíduo que, no momento de seu nascimento, já detinha direito a cidadania diferente da brasileira, reconhecida por Estado estrangeiro, poderá mantê-la sem conflito com a legislação brasileira. Por conseguinte, a dupla nacionalidade não se aplica ao cidadão brasileiro que adquire nacionalidade estrangeira, ao longo da vida, por casamento ou imigração, entre outros motivos, com exceção feita aos casos onde houver, pelo Estado estrangeiro, imposição de naturalização, como condição para permanência em país estrangeiro ou para o exercício de direitos civis”. Segundo <<http://www.portalconsular.mre.gov.br/faq/dupla-nacionalidade-informacoes>> Acesso: 13 jun.2012

uso dos recursos oficiais, neste caso a nacionalidade, faz parte de uma estratégia de sobrevivência individual.

Outro dado importante relacionado ao antes colocado, relaciona-se ao período de aquisição da nacionalidade dinamarquesa. A maioria que adquiriu a nacionalidade, o fizeram depois do início das mudanças efetuadas pelo governo de centro-direita, apesar de muitas já estarem habilitadas à solicitar a nacionalidade antes, ela só se mostra necessária ante as novas políticas migratórias em curso. Perguntadas o porquê de terem feito esta solicitação, responderam:²¹⁷

Maria Clara- Protelei o mais que pude para dar entrada na solicitação, uma vez que não queria correr o risco de perder a cidadania brasileira. Lembro de amigos que tiveram seus passaportes cassados e, ao darem entrada no Brasil com passaporte dinamarquês, tiveram sérios problemas. Este tipo de problema já não existe mais devido às medidas tomadas pelo Governo Lula²¹⁸.

Maria Laura- Eles não podem me botar pra fora. Agora eu tenho o passaporte.

Maria Joana- No início eu não estava interessada, mas as coisas mudaram(...)

Maria Carolina- Pela segurança. Tenho meus filhos aqui.

²¹⁷ Todos os nomes utilizados para identificação das entrevistadas são fictícios.

²¹⁸ O Presidente Lula visitou a Dinamarca 3 vezes nos últimos anos de seu mandato e, como consequência de negociações e acordos, o parlamento dinamarquês votou uma medida que libera o/a brasileiro/a de abrir mão de sua nacionalidade para adquirir a nacionalidade dinamarquesa.

Quando perguntadas se sentiram mudanças no tratamento e na relação com os dinamarqueses depois da aquisição da nacionalidade nove expressaram que não sentiram nenhuma diferença enquanto quatro responderam que sim, uma não sabia responder e uma estava indecisa sobre a questão. Entre as que sentiram diferenças expressaram que:

Maria Jovelina- Somente a entrada na Europa ficou mais fácil.

Maria Laura- [...] não. Está tudo igual. A diferença é quando viaja para passar na polícia (...)

Maria Clara- Ser cidadão implica não só ter deveres mais também direitos. O direito de participar ativamente no processo político mediante o direito de votar, direito de assumir cargos estaduais, direito de ser recrutado para funções públicas. Da maneira como a política de imigração vem “evoluindo”, no futuro será mais difícil ou mesmo impossível para aqueles que não possuem cidadania terem o direito a diferentes tipos de pensões. Um outro aspecto positivo é o fato de independentemente de qualquer ato infratório cometido não se pode expulsar um cidadão do seu próprio país.

Maria Jerônima- Nenhuma mudança ocorreu em relação à maneira da sociedade local tratar-me: continuo sendo uma estrangeira, pois não possuo a aparência nórdica ou “ariana”. Contudo ocorreu uma grande mudança em relação às leis atuais e autoridades: direito de votar para ministra de Estado; por causa das novas leis para com estrangeiros as repartições públicas me perguntam: você é dinamarquesa? Quando preencho os formulários públicos.

Mais adiante Maria Clara manifesta a situação em que se encontram as fronteiras nos países centrais e o medo e a insegurança dos imigrantes diante da polícia de fronteira nos aeroportos²¹⁹:

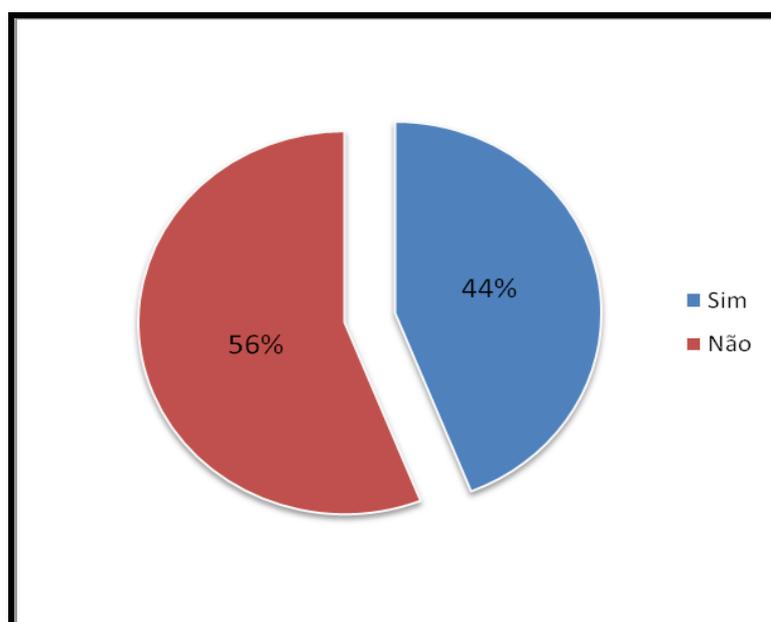
A diferença mais marcante foi relacionada a outros países. Por exemplo, acabou o pesadelo nos aeroportos, passei a entrar e sair nos países europeus, no Oriente Médio e nos EEUU apresentando o passaporte dinamarquês e, a partir de então, já não tive os problemas que tive antes.

Como pode-se ver, estas entrevistadas tinham uma clara visão dos recursos adquiridos através da aquisição da nacionalidade dinamarquesa e manifestaram este dado nas entrevistas. Entretanto, faz-se importante salientar que, entre aquelas que adquiriram a dupla nacionalidade e não manifestaram a ocorrência de mudanças depois desta aquisição, o fizeram através de outras formas, inclusive mostrando a satisfação pessoal em contar que já possuíam o passaporte dinamarquês.

O próprio ato de buscar a aquisição de uma outra nacionalidade, apesar das inúmeras exigências burocráticas para isto, demonstra o valor, em uma Europa que fecha as suas fronteiras, de um “bem” que garanta o livre trânsito e um tratamento diferenciado frente os controles de fronteiras de entrada e saída.

²¹⁹ As manchetes de jornais brasileiros oferecem um panorama dos processos de expulsão que os brasileiros sofrem nos aeroportos do sul da Europa. A Espanha, mais recentemente, tem sido uma porta fechada para os brasileiros que querem viajar para a Europa.

Gráfico 4-12. Aquisição da Nacionalidade Dinamarquesa



Fonte: Entrevistas- Gráfico elaborado pela autora

Por isto, podemos analisar que o passaporte dinamarquês, além de oferecer uma situação de tranquilidade frente às mudanças das políticas migratórias no mundo, é uma porta aberta de entrada em outras comunidades ou nações, é também um elemento de afirmação individual frente ao grupo social formado por brasileiros e brasileiras. Sendo inclusive afirmado por aqueles que o adquiriram depois da aplicação dos novos exames e exigências legais, como uma espécie de prova, uma afirmação de conhecimentos e diferenciação frente aos demais.

4.3.8 Nível de escolaridade

Um dado significativo que leva a entender o sistema educacional dinamarquês e as oportunidades que são ofertadas. Podemos constatar que são oferecidas à todos os imigrantes por reunificação familiar, a possibilidade de fazerem cursos e se requalificando na Dinamarca. Como consequência desta política educacional verifica-se que todas as entrevistadas já fizeram ou estão fazendo algum curso custeado pelo Estado dinamarquês. Vale ressaltar, que no mesmo grupo se encontram entrevistadas que não tinham nem o primário completo ao saírem do Brasil, como também outras entrevistadas que tinham terminado o ensino superior e até com curso de mestrado terminado.

Entretanto, é importante destacar que a dificuldade de reconhecimento de diplomas brasileiros se fez presente, principalmente entre os que migraram há mais tempo. Verificou-se entre as mais jovens a abertura de um canal para a solicitação de equivalência dos diplomas através da abertura do departamento chamado de CIRIUS, ligado ao Ministério da Ciência e Tecnologia.

Até então, as solicitações deveriam ser feitas diretamente às Universidades, o que na avaliação expressada por algumas das entrevistadas, resultava em um processo dificultoso e, quase sempre, com um resultado negativo. Como uma forma de se inserirem no mercado de trabalho, a opção que se apresentava e se apresenta, direciona para a obtenção de uma qualificação em uma universidade ou escola dinamarquesa:

Maria Francisca fez o curso de magistério no Brasil e se formou em fisioterapia na Dinamarca. Foi o curso que desejou fazer.

Maria Dolores Estudava administração em comércio exterior quando decidiu migrar. Fez cursos na Noruega.

Maria Cecília tinha curso superior completo de farmácia bioquímica. Não conseguiu a convalidação por motivo de “(...) o curso de farmácia bioquímica não existe na Dinamarca. Farmacêuticos no Brasil trabalham em laboratório de análises clínicas, enquanto que na Dinamarca há uma profissão de nível técnico, extremamente mal remunerada, para exercer esta atividade. Minha experiência era quase toda em laboratório. Tentei então reconhecer a parte farmacêutica do meu currículo, a faculdade de Copenhague teve dificuldade de entender a carga horária porque o curso no Brasil é um conjunto com análises clínicas e bioquímicas. Os empecilhos foram tantos, causando cinco anos de demora na avaliação dos meus documentos. Acabei por desistir e pedi para fecharem o processo sem obter a resposta final da Universidade na Dinamarca.”

Maria Jardimina tinha graduação e mestrado quando migrou. Teve seu curso convalidado na Dinamarca, mas enfrentou problemas no processo de convalidação causado pelo fato de que havia: “(...)pouca informação dos funcionários da Universidade de Copenhague sobre os procedimentos de validação e sobre o nível de desenvolvimento do Brasil.”

Maria do Carmo tem graduação em comunicação social e é pós-graduada na mesma área. Teve o diploma reconhecido. No momento faz curso de dinamarquês.

Maria Rita teve que abandonar a faculdade privada no Brasil por não ter mais condições de pagar as mensalidades. Está fazendo um curso de técnico de enfermagem com duração de três anos. Tem os estudos pagos pelo estado e recebe o salário equivalente ao de uma técnica já formada²²⁰.

Maria Regina não teve a educação no Brasil convalidada e teve que fazer um curso diferente do que gostaria de ter feito. Mas se declara satisfeita com o curso feito: “ *Eu gostaria de ter feito assistência social, mas conversando com a orientadora da faculdade descobrir que o que eu queria era pedagogia. Hoje estou muito satisfeita por tê-la ouvido.*”

Maria Tereza tem nível superior e não tentou convalidar. Fez as traduções e buscou a possibilidade de fazer um curso de mestrado, pois desejava estudar mestrado em negócios internacionais, mas não conseguiu ingressar no curso “*porque teria que fazer muitas matérias antes de poder entrar no mestrado, e também porque mudei minha estratégia e resolvi estudar e trabalhar em dinamarquês, quando o curso que o mestrado que queria seria em inglês.*”

Maria Patrícia teve o curso universitário reconhecido, mas não trabalha na área de formação.

Sonia Maria tem curso superior reconhecido e está fazendo mestrado.

²²⁰ Em 2007 algumas prefeituras dinamarquesas se encontravam com déficit de mão de obra especializada para atendimento a idosos em instituições de apoio. Por este motivo foi oferecido uma condição diferenciada aos estudantes que desejassem estudar e trabalhar nestas prefeituras: Em contrapartida, teriam que fazer a parte prática dos estudos, em uma das instituições da municipalidade. Durante este período de estudos, receberiam salários como profissionais.

Maria Jerônimo tinha o ensino secundário quando chegou à Dinamarca. Não teve seu diploma reconhecido e teve que fazer matérias de nível de primário e secundário para poder estudar gastronomia.

Maria Felipa tinha nível superior quando migrou. Fez curso de Pedagogia Internacional e estudos sobre desenvolvimento. Trabalha na área dos estudos feitos na Dinamarca.

Maria Laura não tinha nenhuma formação educacional formal no Brasil. O curso de cabeleireiro obtido em Nova York não foi aceito na Dinamarca. Estudou Pedagogia.

Maria Jovelina tinha nível superior no Brasil em relação à validação do diploma comenta que: *“Sim, consegui aproveitamento de matérias, mas tive que fazer um projeto final para aprovação de bacharelado correspondente na Dinamarca.”*

Maria Celma tinha nível superior, mas começou um outro curso acadêmico em nível de graduação. Não buscou a validação, pois *“(…) não, nunca tive interesse. Mas tive créditos reconhecidos pela universidade que cursei aqui.”*

Maria Vitória tinha o primário incompleto quando chegou. Decidiu estudar e fez um curso técnico. Trabalha na área de estudo.

Maria Antonia chegou na Dinamarca com graduação, mestrado e anos de experiência de trabalho. Mas, *“Para ter acesso a um curso de mestrado na Universidade de Roskilde, eu teria de frequentar dois anos de bacharelado.”* Este era o curso desejado. No entanto, a opção foi fazer

o *“mestrado em design, comunicação e mídia” por uma outra universidade.*

Maria Leonor chegou na Dinamarca com o curso superior completo e teve o diploma reconhecido depois de passar por uma série de exames exigidos, a todos, para quem tem diploma de curso superior em um outro país.

Maria Daniela não solicitou a validação do seu diploma universitário no Brasil. Tendo entrado para um mestrado em uma universidade dinamarquesa, foi automaticamente incorporada dentro do sistema de qualificação local.

Maria de Fátima não teve o seu diploma de advogada reconhecido e teve que fazer uma outra graduação em uma outra área do conhecimento.

Tânia Maria não solicitou a validação frente aos órgãos específicos. Solicitou o ingresso em um curso de MBA com o qual se requalificou frente ao sistema de ensino.

Ana Maria teve seu diploma convalidado depois, pois, *“(...)tive que cursar três anos a mais e fazer todos os exames equivalentes aos semestres durante os três anos.”*

Maria Carolina teve seu diploma de nível superior reconhecido na Dinamarca e hoje trabalha na sua área. No entanto, nos primeiros anos, trabalhou em várias outras coisas, inclusive na área de limpeza.

Maria Joana não buscou convalidar seu diploma de advogada. Se sente prejudicada, pois exerceu a advocacia durante 10 anos no Brasil e, hoje, trabalha em outra área.

Leda Maria não tinha terminado a universidade quando migrou. Não tem educação convalidada.

Maria Cristina era professora primária. No momento está estudando para os exames de admissão para o curso de Pedagogia.

Maria Janete não teve uma educação formal depois que terminou o segundo grau. Fez cursos na área de desenho e artes plásticas e busca reconhecimento como artista.

Maria Julia parou de estudar quando terminou o segundo grau, pois precisava trabalhar. Atualmente estuda Pedagogia. Trabalhou inicialmente no setor de limpeza.

Maria Alice não teve o seu diploma de bacharel em ciências jurídicas reconhecido, pois: *“disseram que minha área e, especificamente, brasileira e, portanto o reconhecimento não poderia ser obtido.”*

Maria Nazaré teve seu diploma de bacharelado reconhecido e hoje trabalha em uma organização sem fins lucrativos. Nos primeiros anos trabalhou no serviço de limpeza.

Maria Renilda tinha bacharelado em pedagogia, trabalha na área de formação e, inicialmente, trabalhou como *“au pair”*.

Jussara Maria teve problema em relação ao reconhecimento de seu diploma brasileiro, mesmo sendo obtido em uma universidade de ponta. Responde que *“Não (convalidado) no início, precisei levantar todo o meu currículo de quatro anos com bibliografia incluída (em inglês) para poder ser aceita no mestrado. Na primeira vez foi rejeitado, pois eu não tinha Legislação ou Contabilidade dinamarquesa no currículo.”*

Maria Paula, nível superior, não solicitou convalidação, mas conseguiu um posto de trabalho como professora de Português. Migrou para Dinamarca já perto da aposentadoria.

Maria Quitéria estudava magistério, curso noturno, quando migrou. Estudou técnico em enfermagem, mas se encontra em licença médica depois de um longo período de tratamento psiquiátrico.

Os dados acima confirmam a nossa observação de campo relacionada ao nível de avaliação que a sociedade dinamarquesa tem do seu sistema educacional. É recorrente em uma apresentação, quando se fala em nível de escolaridade, a pergunta que surge a seguir quase sempre é: “estudou na Dinamarca?”, “fez curso na Dinamarca?”²²¹

Eu poderia afirmar que é em relação ao nível da escolaridade em que se observa uma das mais fortes manifestações do sentimento de superioridade dinamarquês. Ele é, aqui, claramente manifestado. Em um país onde as leis são respeitadas e onde a famosa frase “você sabe com

²²¹ Somente para que possam entender a concepção do dinamarquês em relação ao nível da educação do seu país, lembro-me que estava em uma reunião com um grupo que trabalha com inclusão social e, ao me apresentar como socióloga, uma das especialistas em inclusão social, quase que sem pensar, falou: “pena que você não estudou na Dinamarca”.

quem está falando”²²² não é aceito culturalmente, é na educação que se pode manifestar uma posição de superioridade.

Frequentar uma escola dinamarquesa torna-se quase um obrigação, chegando ao ponto de um exercício de uma “coerção” social e institucional, traduzida em cursos não escolhidos e em projetos de vida diferenciados aos programados e desejados levando, muitas vezes, a um sentimento de frustração como o manifestado por Maria Antonia:

(...) como brasileiras, especificamente, temos que lutar contra alguns estigmas, aquela coisa de que brasileira, de que brasileiro é sempre festivo, ou sempre gosta de carnaval, sempre dança, não sei[...]aquela coisa assim[...]que da a impressão de que não levam muito a serio o que nós brasileiros somos, aliás, eu acho que isto tem a ver com algumas das faltas de oportunidades profissionais que você tem aqui, né? Porque você não é, eu, por exemplo, quando cheguei aqui tentei ter meu curso reconhecido pela Universidade de Roskilde, porque eu queria pegar disciplinas extras[...]eles disseram que eu não tinha condições, não poderia[...]teria que voltar para a universidade e fazer dois anos[...]para poder validar meu curso superior do Brasil , e aí eu achei que era uma afronta, um desaforo. Eu tinha meu curso, tinha sido aceito pela Inglaterra, porque não podia ser aceito na Dinamarca? O que é que a Dinamarca tem de melhor que a Inglaterra? (Maria Antonia)

²²² Lei de Jante: ninguém é superior a ninguém.

A importância da educação como uma forma de afirmação individual frente ao grupo é sempre manifestada nas conversas e nos eventos. Ela é também um elemento que desempenha dois papéis excludentes entre si: ao mesmo tempo em que une pela identificação, separa as que são diferentes, as que não atingiriam um determinado nível de compreensão.

Aqui tem três grupos. O das intelectuais, o das que pensam que são intelectuais e o das outras. (Maria Cristina)

“As outras” compreendem o grupo de pessoas que não têm uma educação formal e que também são consideradas as “que não têm nada a perder”. Ao chegarem à Dinamarca sem um diploma, não teriam que recomeçar, fazer de novo. Por outro lado, “as outras”, não estariam sujeitas as mesmas frustrações frente às situações de não reconhecimento de diploma ou dificuldade de exercício da profissão ou até mesmo do reconhecimento das qualificações expressas em situações de discriminação de gênero:

(...) por exemplo, teve a possibilidade de ter promoção agora no final do ano. Eu tentei uma promoção bem alta. Aí o cara não me deu, falou que eu não tinha experiência de gerência, então não dava, mas ele falou: olha, vai ter outra pra posição de supervisor[...]talvez seja uma boa ideia você pegar um pouco menor[...]quando veio esta oportunidade eu tentei e não peguei, e a explicação foi porque meu dinamarquês escrito não era bom²²³ [...]foi desculpa esfarrapada[...]mas teve uma outra

²²³ Jussara Maria estava a trabalho no setor internacional de um banco, aonde a língua de trabalho é o inglês.

colega, dinamarquesa que também não recebeu, super qualificada e a desculpa para ela foi outra desculpa[...]que faltava química com o chefe[...]o caro não usou o dinamarquês nem inglês com ela.(Jussara Maria)

Perguntada sobre se ela avaliava que haveria mais chances para um homem ascender profissionalmente no setor bancário, expressa o conhecimento das dificuldades enfrentadas pelas mulheres executivas em exercerem a equidade de gênero:

Sem dúvida. Foram dois homens que pegaram as vagas. Numa área de crédito, como por exemplo, na nossa área, no nosso grupo, acho que tem [...]cinco mulheres para o dobro de homens, não, três vezes mais homens. É [...]complicado, o banco é muito, não tem tanta oportunidade pra mulher[...]a pessoa pra conseguir tem que correr atrás. (Jussara Maria)

As dificuldades também se manifestam no sentido de tomada de consciência de uma posição diferenciada na escola ou no mercado de trabalho pelo fato de ser imigrante:

As dificuldades que vejo é que entre um dinamarquês e um estrangeiro no mercado de trabalho na arte, por exemplo, eles vão dar prioridade ao dinamarquês, não a mim. Porque é um mercado limitado e a concorrência é grande. Não importa se tenha talento, se eu não tenha talento, se tenha mais capacidade que ele ou não. Isto eu experimentei em vários lugares, vários, vários, vários, senti no teatro aonde fui como assistente de cenografia e me vi passando aspirador[...] Terminando meu curso de Gráfica também, na escola de

design, eu fiz a prova para cenografia. Passei nas três provas. Na hora da entrevista tive dificuldade com a língua. Fiz junto com uma alemã. A alemã entrou mesmo não falando dinamarquês nem inglês, entendeu? Eu falava arranhando o dinamarquês e falava razoavelmente o inglês, entendeu? Mas deram prioridade a ela. (Maria Janete)

Maria Janete demonstra um sentimento de revolta e frustração em sua experiência de migração e exclusão social. Ser preterida em um curso para uma alemã, menos qualificada, e ser confrontada com uma preconceção de incapacidade exercida por outros.

(...) já vivi situações bem desagradáveis por ser estrangeiras, tipo é[...]no curso de animação que eu fiz, o professor falou pra mim: eu acho que você não tem capacidade de fazer isso. Eu disse para ele que ia fazer (o trabalho final) sozinha, porque minha companheira não queria trabalhar comigo, ela não queria trabalhar comigo porque eu era mais ariscada, mais interessada e queria buscar informações e ela não conseguia acompanhar o meu pique, aí eu falei, oh, entrou em atrito comigo, eu falei: bom então acho melhor você encontra uma coisa que lhe agrade[...] Aí fui falar com ele (o professor) e ele disse que não achava que eu tinha capacidade de fazer sozinha. Eu falei que era para ele me dar uma chance. Eu cheguei com um leque, um monte de coisas de decoração, de festa de crianças que eu já fiz durante muitos anos quando ele viu, ele falou: então ta[...]de trinta alunos eu fui a única que terminou o curso com um projeto finalizado, e eu era a única estrangeira. Mas ele colocou o obstáculo de primeira. Falou você não vai ter capacidade de fazer. É isto em cursos

também: você não pode. Ou o que resta é trabalhar como assistente de faxina[...]eu me senti desrespeitada mesmo.
(Maria Janete)

A situação apresentada por Maria Janete é recorrente nos depoimentos em trabalhos de grupos e em entrevistas. No entanto, é importante enfatizar que o trabalho de grupo é uma das questões mais importantes da escola dinamarquesa. Esta percepção de um sistema educacional diferente, em que a competitividade não é incentivada e, ao contrário, o resultado do trabalho grupal é o que é central, muitas vezes aparece como uma dificuldade para quem migra e vem de um sistema com valores diferentes. As contradições verbalizadas no seu depoimento, como veremos a seguir, é só mais um dado de como é difícil apreender novos códigos culturais. Perguntada por que permanece no país:

Por causa dos meus filhos. Porque eles têm um pai maravilhoso e eu não tive coragem de tirar eles daqui. Não pela Dinamarca, por achar que a Dinamarca seja melhor, entendeu? Eu acho que o que eu poderia dar para eles no Brasil seria muito melhor do que eu dei aqui na Dinamarca, entendeu? (Maria Janete)

(...) não queria viver longe dos filhos, mesmo que já estivessem grandes, mas sem nenhum membro familiar[...](Maria de Fátima)

Verifica-se uma tendência no discurso de Maria Janete e Maria de Fátima no sentido de sublimar o amor materno relacionando-o ao ato de sacrifício pelos filhos traduzido no ato de continuarem a viver na Dinamarca. Esta abnegação materna se contradiz quando se pode

verificar que a decisão de ambas em viver na Dinamarca foi anterior ao nascimento ou a migração dos filhos oriunda de um casamento anterior, residentes na época no Brasil.

Badinter (1985)²²⁴ analisando historicamente o fenômeno do amor materno, defende que este não é um fenômeno universal, mas sim uma construção social, um mito, que surge e pode desaparecer dependendo das condições socialmente dadas, não sendo um sentimento inerente à condição feminina, mas uma construção que se adquire em um determinado momento histórico. No Brasil o papel de mãe é vivenciado como uma grande realização para as mulheres, um dever, que muitas vezes é colocado acima dos próprios interesses. O discurso do sacrifício da mãe pelo bem dos filhos é muito presente, sendo comum a sua evocação pelas mulheres mesmo quando as coisas não acontecem dessa maneira.

Pude observar também, durante o trabalho de campo, a luta de muitas brasileiras para trazerem os filhos para morar no país. Esta decisão em garantir a vinda destas crianças estava centrada, além da vontade de ter os filhos juntos baseada no amor materno, em situações concretas de oportunidades vivenciadas, tais como escola, segurança e sistema de saúde igualitária garantidos pelo Estado.

Uma outra tendência verificada entre um grupo de brasileiras situa-se na necessidade de afirmar uma condição social superior a que realmente tinham no Brasil. Analiso isto como uma forma de defesa cultural, pois a negação de uma condição de vida melhor na Dinamarca,

²²⁴ BADINTER, Elisabeth. Um Amor Conquistado: O mito do amor materno. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

seria, por um lado, uma forma de defesa de uma vida ideal existente no Brasil.

Meus filhos teriam uma vida melhor no Brasil. Minha família tem pena de mim. Todos, amigos e família têm pena de mim por viver aqui. Pois quando eu vivia lá estava até melhor economicamente. (Maria de Fátima, auto declarada classe média alta)

No entanto, em outros momentos Maria de Fátima reclamou que a família sempre esperou que ela, como residente na Europa e por ser a única que tinha tido uma educação superior, tivesse condições de ajudá-los financeiramente.

O discurso vai tomando formas variadas dependendo da situação e da interlocução e transformando a identidade de alguns em uma situação geral do grupo: nível de escolaridade e condição econômica familiar são em um *capital simbólico* frente aos demais.

4.4 CLASSE SOCIAL

A auto definição de pertencimento a pergunta sobre a que classe social estava inserida, no Brasil, foi tomada tendo como base as falas das brasileiras em reunião: *minha família é classe média, média alta, pobre, trabalhadora e classe baixa*, relacionados a rendimentos. Os indicadores do IBGE relacionados à população brasileira não poderiam ser aplicados, pois relacionam renda per capita, nível de escolaridade e padrão de consumo.

Não objetivei travar uma discussão relacionada ao conceito de classe, apesar de saber da importância deste conceito nas Ciências Sociais. O conceito de classe tem estado no centro de calorosas e aprofundadas discussões dentro dos estudos feministas, especialmente no feminismo marxista. Se, de um lado a ortodoxia marxista insiste em tê-lo como um de seus pilares básicos, por outro, teóricos mais contemporâneos, nos apontam para uma não existência de uma teoria acabada de Marx sobre classes sociais. Thompson como o seu conceito de experiência trabalha nesta perspectiva, buscando superar a lacuna existente na teoria marxista ao construir novos suportes de análise.

Saffiotti (1992)²²⁵, retoma - em um artigo intenso, uma das discussões mais caras para as feministas marxistas, ou seja, é possível articular gênero e classe social sem enfraquecer a perspectiva de luta de classe no embate contra as desigualdades sociais?

Mas afinal como relacionar gênero e classe social? Nicholson (1987)²²⁶ faz uma crítica contundente a noção de produção de Marx, observando que esta, privilegia aspectos da produção (de bens materiais), deixando em segundo plano o consumo (neste estaria colocado a participação das mulheres na produção e reprodução da vida e da comunidade: lavar, passar, cuidar de filhos, trabalhos assistências e de enfermagem etc.). Esta separação produção (mão de obra assalariada) e reprodução (mão de obra não assalariada) é determinante para a manutenção do estado capitalista. Sendo assim, o marxismo não

²²⁵ SAFFIOTTI, 1992

²²⁶ NICHOLSON, Linda. Feminismo e Marx: Integrando o Parentesco com o Econômico. In: BENHABIB, Seyla e CORNELL, Brucilla. **Feminismo como Crítica da Modernidade**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1987. ISBN: 85-85363-19-3

deu resposta a um dos elementos básicos para a construção de uma crítica abrangente que englobe a importância que a mão de obra não assalariada tem para a manutenção do sistema capitalista.

Saffioti (1992, p. 202)²²⁷ corrobora com esta análise de Nicholson quando avalia que:

Lamentavelmente, Marx e Engles, assim como a quase totalidade de seus seguidores, investiram muito no estudo do ser humano enquanto força de trabalho, descurando-o enquanto protagonista de outros papéis sociais.

Tabela 4-1. Auto definição de classe social de imigrantes brasileiras em Dinamarca

Classe	Quantidade	Percentual (%)
Baixa/pobre/proletária	5	14,7
Média baixa	4	11,9
Média	17	50
Média alta	7	20,5
Alta	1	3
Total	34	99,9

Fonte: Entrevistas

A auto definição, vista na tabela acima, acompanha as linhas definidas pelo governo brasileiro em definição da nova classe média.

²²⁷ SAFFIOTTI, op. cit, p.162.

Observou-se uma amplitude de situações econômicas diferenciadas dentro deste leque amplo de identificação com a classe média.

A nova classe média brasileira foi conceituada pela Secretária de Assuntos Estratégicos da Presidência da República - SAE, tendo como base a avaliação de um grupo técnico de trabalho²²⁸ e de uma comissão de avaliação. Tem recebido inúmeras críticas pela base ampla de renda englobada nela.²²⁹ É importante destacar que, algumas das entrevistadas que declararam pertencer à classe média, em outros momentos deixavam transparecer dificuldades de acesso a bens de consumo básico, como também a ter acesso a escolas. Estes dados nos leva a avaliar que este pertencimento está baseado em uma busca por um reconhecimento de uma ascensão social, rompendo um estereótipos da imigrante que migra com o objetivo de usar o apoio social oferecido pelo Estado.

4.5 AMOR, CONEXÕES E REDES SOCIAIS

A importância das redes sociais nas migrações tem sido apontada em vários estudos que tratam do tema em nível de migrações internas e externas. As redes sociais fazem parte deste processo há muitas gerações. Entretanto, com o advento da internet e das novas possibilidades de contatos e construção de novas redes, as novas redes sociais se tornaram centrais no cotidiano planetário.

²²⁸ O grupo técnico foi composto por notáveis de diferentes institutos entre outros, André Portela-FGV, São Paulo, Arnaldo Barbosa Lima Junior, Ministério da Fazenda e Elisa Caillaux, IBGE.

²²⁹ O novo padrão de rendimento para a definição da nova classe média brasileira, engloba famílias com rendimento, per capita, entre R\$ 291 e R\$ 1.019. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-05-29/nova-classe-media-brasileira>> Acesso em: 20 jun. 2012.

Brito e Ribeiro (2010)²³⁰ observam que as redes sociais oferecem ao migrante, além de apoio logístico no deslocamento, um sentimento de pertencimento a um grupo ou comunidade. Além disto, o desraizamento territorial não significa um desraizamento cultural, ao manter, o migrante, dentro de uma mesma rede cultural de origem.

Pode-se verificar que as relações de amizades e/ou familiares, são suportes importantes e transformam-se em uma conexão sólida de trocas de contatos e informações. Estes contatos são também importantes no estabelecimento de relações e iniciação de namoros e paqueras.

Considerando a importância das redes sociais, o contato estabelecidos em festas e encontros sociais em cafés e bares, se mostraram como o principal aliado para o estabelecimento dos primeiros contatos entre brasileiras e dinamarqueses.

Apesar da maior incidência das respostas em relação ao primeiro contato efetuado com o companheiro não ter se dado através das redes familiares ou de amizade, ficando esta em segundo lugar nas falas, algumas das entrevistadas informaram também que as idas a festas e cafés foram oportunizadas por amigos ou familiares. O que demonstra que a rede estabelecida por estes tem importância significativa no estabelecimento de relações.

²³⁰ BRITO, Gilliard Souza e RIBEIRO, Aureo E. M. Migrações Rurais e fluxos de conhecimentos agroecológico: O caso de Monte Claros, MG. **Qualit@s** revista eletrônica. v. 9, n. 2, p. 5-14. 2010. Disponível em: <<http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/viewFile/689/493>> Acesso em: 18 set. 2012.

Tabela 4-2. Como conheceu o parceiro

Local	Incidência	Percentual (%)
Festa, bar ou café	16	47
Através de amigos e/ou familiares	8	23
Internet	2	6
Local de trabalho	1	3
No Brasil	1	3
Na Dinamarca	1	3
Não respondeu	5	15
Total	34	100

Fonte: Entrevistas

Observou-se também um número significativo de mulheres que migram em razão de casamento sem terem uma língua comum de diálogo com os companheiros. Muitas mulheres brasileiras que chegam à Dinamarca sem falarem dinamarquês ou uma outra língua, além do português, casadas com dinamarqueses que não falam português.

Este imaginário amoroso apoiado por familiares e/ou amigos tem, no primeiro momento, como aliado a falta de uma possibilidade de comunicação verbal através da fala. Constituindo-se como um elemento de construção imaginária do outro. A falta da comunicação oral, que é uma barreira concreta para o diálogo, torna-se, por outro lado, um elemento facilitador da concretização imaginária da figura ideária do parceiro na construção de um amor romântico e idealizado.

4.6 EXPECTATIVAS DA FAMÍLIA NO BRASIL

Inúmeros trabalhos enfatizam a importância da migração para a economia doméstica no país de origem. A emissão de remessa de dinheiros por meios bancários é observada em volume significativo entre os migrantes brasileiros no Japão e nos Estados Unidos.

Esta mesma realidade é encontrada entre trabalhadoras do sexo ou prostitutas na Espanha, que buscam no exercício da prostituição a concretização de uma condição econômica favorável com a aquisição de bens de consumo duráveis no Brasil, Piscitelli (2008)²³¹.

No entanto, surpreendeu o resultado obtido com a pergunta, “sua família depende financeiramente de você?” Quando 29 das 34 entrevistadas declararam que não.

Não, porque cortei o vício e crença de alguns membros da minha família. (Maria Jerônimo)

Não. Mas ajudo quando necessário. (Maria Jovelina)

Não (ajuda) demonstraram uma certa admiração pela minha valentia, por ter mudado de país. (Maria Tereza)

Em relação a minha família, no primeiro ano em que cheguei na Dinamarca, eles tinham aquele pensamento de que aqui

²³¹ PISCITELLI, Adriana. Entre as “máfias” e a “ajuda”: a construção de conhecimento sobre tráfico de pessoas. **Cadernos Pagu** (31), Campinas, julho-dezembro 2008, p. 29-63.

tudo seria mais fácil financeiramente[...] Alguns amigos também têm esta visão de que se você for morar no exterior, você ficará rico(...) (Maria Rita)

Meus primos me acham metida (Maria Dolores)

Maria Jovelina deixa clara a necessidade que teve de romper com a expectativa familiar em relação a um membro que mora no exterior e, que somente por isto, estaria em condições econômicas para ajudá-los.

Diferentemente do encontrado no Brasil, onde a ideia de família englobar um cuidar, tomar conta do outro e ter responsabilidades em compartilhar, a sociedade dinamarquesa se baseia em outros princípios de solidariedade construídos a partir da conquistas de políticas públicas garantidoras de um sistema social que suprir o papel da família encontrado na “*cultura latina*”.

Como moradoras dentro desta ótica cultural, as brasileiras, são influenciadas pelo mesma, refletindo em uma relação de distanciamento ao compromisso econômico com a família de origem.

4.7 IMAGENS DE UM BRASIL VIVIDO

O Brasil que evoca em suas falas, não é um país idealizado, emerge uma visão crítica do país, com ênfase em alguns aspectos negativos:

Um país bom de se viver, mas que oferecia poucas oportunidades (Leda Maria)

No contexto geral não muito boa. Bastante complicada, inflação, desemprego, impunidade e muito mais. (Ana Maria)

Muito tráfico de influência (Maria Joana)

Um país com uma desigualdade feia e triste, corrupção detestável e um povo com inteligência, humor e criatividade para sobreviver a estas condições. (Maria Carolina)

Que era um país de terceiro mundo, subdesenvolvido e sem educação. (Maria Tereza)

Demonstram uma visão crítica do país em que viviam e das dificuldades enfrentadas pela maioria da população.

4.8 A DINAMARCA POR OLHARES LONGÍNQUOS

O que dizem as imigrantes brasileiras sobre a visão que tinham sobre a Dinamarca.

Primeiro mundo, organizado, sistemático (Leda Maria)

Na realidade eu não tinha visão nenhuma, eu não tinha nem interesse de vim, eu vim porque a minha ex-sogra queria conhecer minha filha, eu já estava separada do meu primeiro marido. Então, nessa viagem que eu vim pra cá, pra Dinamarca, eu conheci o meu segundo marido, mas eu não

fiquei, eu voltei pro Brasil, porque eu não tinha nenhuma expectativa, eu não sonhava em morar na Europa, nunca tive esse sonho. (Maria Cristina)

Não tinha conhecimento sobre a Dinamarca. (Ana Maria)

Não conhecia a Dinamarca. (Maria Joana)

Um país com uma política social justa. (Maria Carolina)

Um país moderno, flexível, onde todos tinham oportunidades de desenvolvimento. (Maria tereza)

Um bom lugar e que tudo seria fácil. (Maria Dolores)

Foi recorrente a falta de informação sobre a DK anterior a migração. Sendo um salto ao desconhecido, ao, talvez, sonhado.

4.9 IMAGENS DE UMA DINAMARCA VIVIDA

A imagem expressa sobre a Dinamarca é uma conjunção de aspectos positivos e negativos. Demonstrando que as mesmas têm uma capacidade de ver a realidade sem estar, somente, dentro do quadro da defesa do seu próprio país.

O clima rigoroso. Você recebe o que paga em seus impostos. Qualidade na educação, saúde, rodovias, assistência. Mas as pessoas não são tão felizes como eu imaginava que fossem (Leda Maria)

Comparando com 1988, ano que cheguei aqui, a Dinamarca esta passando por uma fase difícil, índice de desemprego aumentando, filas nos hospitais(...) (Ana Maria)

Há mais imigrantes em postos de trabalho que os dinamarqueses não querem ocupar. (Maria Joana)

Um país rico com mentalidade provinciana. Mas também consigo ver as vantagens de estar num país conservador, por causa da organização e segurança. (Maria Tereza)

O clima, frio, seguido pelo individualismo da população esteve presente na falas como ponto negativo da DK. Interessante notar que os pontos positivos, são um contraponto dos pontos negativos do BR, expressado no ponto a seguir: Seguro/segurança, educação, bons serviços públicos, pouca corrupção e respeito pela individualidade, foram os que tiveram maiores recorrência.

4.10 O BRASIL POR OLHARES LONGÍNQUOS

Me pego sempre dizendo: que vergonha do povo brasileiro! Quando assistimos TV e damos de cara, todos os dias com a corrupção governamental. Com a falta de educação do povo brasileiro com o lixo nas ruas e locais públicos. (Leda Maria)

O Brasil tem mudado muito depois do governo de Lula, e acho que as coisas no Brasil estão prometendo muito. (Ana Maria)

Lutando para vencer a corrupção. (Maria Joana)

Tenho muito orgulho do desenvolvimento rápido do Brasil(...)
(Maria Tereza)

*Acho que esta crescendo e se desenvolvendo a cada ano.
Tenho esperança de um país melhor para o futuro.* (Maria Dolores)

Os sentimentos sobre o que considerariam de positivo no BR estavam centrados em três coisas: a) Humor e alegria; b) Clima e c) relacionamento familiar. Estes seriam um marco divisor entre as duas diferentes culturas.

Entretanto, entre os aspectos negativos estavam a) corrupção; b) desigualdade (social) c) violência e d) miséria, analfabetismo e criminalidade.

Somente uma entre as entrevistadas citou a problemática da desigualdade de gênero e da violência doméstica. O que pode ser analisado como uma afirmação de uma situação que não as tocava mais no cotidiano. Ao vivenciarem relações mais igualitárias no cotidiano da vida dinamarquesa, estas experiências estariam relacionadas a um passado que não afetaria as relações do presente.

Esta realidade não é vivenciada por outros grupos de mulheres migrantes que comportam o contingente de mulheres que buscam a proteção das casas abrigos na Dinamarca ao fugirem de uma relação que tem a violência doméstica presente. No relatório anual de 2011 elaborado

sobre as casas na Dinamarca, Barlach e Stenager (2012)²³² informa que 34% das mulheres que buscam a proteção das casas abrigos não detem a nacionalidade dinamarquesa²³³. Em uma população em que as mulheres adultas migrantes não chega a 5%, este dados refletem a incidência da violência doméstica com uma concentração entre famílias de imigrantes. Já nos dados relacionados ao local de nascimento, os números já indicam uma incidências maior de mulheres que não nasceram no país: 46% não tinham a Dinamarca como o país de nascimento, ao contrário de 54% destas.

4.11 AS LEIS DE IMIGRAÇÃO NO COTIDIANO

O conhecimento sobre as leis de imigração na DK está pontuado a experiência vivida ou próxima. Uma amiga que está em uma situação específica ou a própria pessoa que está sujeita a uma lei restritiva. Em geral, as brasileiras, que já possuem a residência permanente, desconhecem estas leis, manifestando a falta de interesse ao fato de não estarem sujeitas a elas ou, por outro lado, a preocupação e descontentamento frente as mesmas pelo fato de relacioná-las a uma situação específica auto vivenciada ou experimentada por uma pessoa próxima.

Mais ou menos (sobre conhecimento das leis de RF), mas no meu caso não me interessa, tenho nacionalidade (Ana Maria)

²³² BARLACH, Lise ; STNAGER, Kristina. **Kvinder og Børn på Krisecenter**. Odense: LOKK Årsstatistik 2011, 2012.

²³³ Nestes dados não estão computados os números de mulheres migrantes que já adquiriram a nacionalidade Dinamarquesa.

Lei dos sete anos para conseguir a residência definitiva. Depois de seis anos o casamento de uma amiga foi de mal a pior e para não perder a chance de obter o visto, depois de tanto sacrifício, o casal foi obrigado a permanecer junto por mais dois anos, até o visto ser expedido e entregue em casa. Lei dos 25 anos de idade, forçando o casal a se mudar para a Suécia para ficarem juntos. (Maria Cecília)

Muito conservadoras. (Maria Tereza)

Me afeta[...]Jeu trabalho, estudo, pago impostos, caixa de pensão, sindicato e etc. E mesmo assim ainda não tenho direito de votar, ou (residência) permanente. Ainda existem pontos específicos na lei, os quais me impedem de ser um cidadão dinamarquês. Isto me deixa, às vezes, frustrada (Regina Maria)

4.12 BRASIL: SENTIMENTOS SOBRE O RETORNO

Foi inesperado o resultado da resposta à pergunta direcionada a saber se planejavam voltar a viver no Brasil. Das 34²³⁴ entrevistadas 14 responderam que não, 7 responderam que sim e 11 manifestaram que planejam retornar condicionando este retorno a, principalmente, aposentadoria, crescimento e independência dos filhos.

Não. Ainda existe ladrão de gravata, analfabetismo e muita pobreza. (Ana Maria)

²³⁴ Duas não responderam.

Não. Choque cultural (Maria Joana)

Não sei. Não penso muito nisso. Se eu voltar a morar no BR será depois de minha aposentadoria. (Maria Carolina)

As vezes sim(...)(Maria tereza)

Eu sinto falta do calor da terra, do ventinho das 5 da tarde, do idioma, das pessoas. Mas não de morar. (Regina Maria)

Sim, para proporcionar à meus filhos a experiencia e a forma de viver no Brasil. (Maria Jardimina)

Avalio que este posicionamento reflete um reconhecimento por parte destas mulheres sobre as possibilidades e garantias que vivenciam na DK. As garantias que o Estado do Bem Estar Social oferece faz um diferencial para quem é oriunda de um país em que as desigualdades sociais são marcantes.

4.13 DESFAZER-SE E REFAZER-SE – CONFLITOS ENTRE SUBALTERNIDADE E CIDADANIA DE BRASILEIRAS NA DK

A Dinamarca não era um país conhecido para as entrevistadas. Mas o tinham como um país de primeiro mundo, desenvolvido e com muitas oportunidades ou pelo menos, melhores oportunidades que o Brasil. Esse imaginário é pontuado de expectativas, desejos e confiança, sobre um país desconhecido, pode ser compreendido se forem

consideradas as reflexões que norteiam os trabalhos sobre subalternidade e pós colonialismo como os realizados por Bhabha (1998)²³⁵, Spivak (1998)²³⁶, Santos (2004)²³⁷, entre outros autores. Esses estudos apontam formas de construção de relações desiguais entre Norte e Sul, que tornaram o Norte referência para desenvolvimento, sociabilidade e saber.

Nas palavras de Gayatri Spivak (1998) esse processo tornou o Norte “o mundo que nós não podemos não querer habitar”, como uma perspectiva da qual os países do sul não podem escapar, acabando por estender-se até as relações de gênero.

Piscitelli (2005)²³⁸ identificou em Fortaleza a existência de um romantismo e idealização do homem estrangeiro em relato de mulheres que exercem prostituição no âmbito do turismo sexual, bem como em mulheres de classes médias, profissionais liberais que frequentam os pontos turísticos buscando relacionamentos com estrangeiros. Ambos os grupos alimentam expectativas de amor com estrangeiros entendendo que há uma saturação do mercado matrimonial local, seja pela preferência dos homens por garotas jovens ou pelo comportamento machista nas relações íntimas afetivas²³⁹.

²³⁵ BHABHA, H. K. **O Local da Cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Glaucia Renete Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

²³⁶ SPIVAK, Gayatri. ¿ **Puede hablar el sujeto subalterno?** Buenos Aires: FaHCE, Orbis Tertius año 3, n. 6, 1998, p. 175-235

²³⁷ SANTOS, Boaventura de Sousa. **Do Pós-Moderno Ao Pós-Colonial. E para Além de Um e Outro**. Conferência de Abertura do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra, 16 a 18 de setembro, 2004.

²³⁸ PISCITELLI, Adriana. **El tráfico del deseo: interseccionalidades no marco do turismo sexual no Nordeste do Brasil**. Quaderns de l'Institut Catalé d'Antropologia, Barcelona, v. 2004/b, p. 01-15, 2005.

²³⁹ A Revista Veja em sua edição de número 2261 de 21/03/2012 traz uma de título “ As Leis da Atração”, na qual aborda o tema dos casamentos “supranacionais”. Informa que 20 milhões de casamentos, no mundo, são entre pessoas de diferentes nacionalidades e

O sonho de morar em outro país, mais desenvolvido e de encontrar um homem menos machista compõe um imaginário feminino que encontra apoio em aspectos históricos do imaginário brasileiro. O encontro da mulher nativa e do estrangeiro está retratado no romance *Iracema*, escrito por José de Alencar em 1865²⁴⁰, que narra uma história de amor entre Iracema, uma jovem índia tabajara, filha de um pajé, com Martim, um português colonizador do Ceará:

Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se. Diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar; nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo. Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema.

Eles se apaixonam, fogem, enfrentam a fúria dos deuses, guerra entre tribos, ela engravida e ele vai visitar seu povo, deixando-a grávida:

A lembrança da pátria, apagada pelo amor, ressurgiu em seu pensamento. Viu os formosos campos do Ipu, as encostas da serra onde nascera, a cabana de Araquém,

que 300.000 brasileiros se casaram com estrangeiros nos últimos 10 anos. Entre as nacionalidades preferenciais dos brasileiros para casamentos estariam: 40% com americanos; 17% com portugueses e 14% com argentinos, isto entre brasileiros residentes no exterior. Entre os brasileiros residentes no Brasil e casados com pessoas de nacionalidade diferentes 32% destas seriam portugueses; 9% italianos e 8% japoneses.

²⁴⁰ ALENCAR, José de. **Iracema**. (Col. Travessias). São Paulo, SP: Editora Moderna, 1993, p. 5.

e teve saudades; mas naquele instante, ainda não se arrependeu de os ter abandonado²⁴¹.

Ao retornar, Martim encontra Iracema debilitada de tanto amamentar o filho, a vê morrer e a enterra. A história de Iracema mostra esse amor entre nacionalidades, entre culturas, com enormes impedimentos, mas a opção dos dois foi de viver esse amor que acabou levando-a a morte. A curiosidade e atração pelo estrangeiro, o diferente, o desconhecido significa a possibilidade de poder esperar mais de um homem e de uma relação amorosa do que o que se conhece das relações locais. Além disso, morar em outro país, guarda um espaço de pensar numa vida melhor, de mais oportunidades.

Na prática, as mulheres parecem romper com uma situação estabelecida para irem à busca de uma realidade onde possam se movimentar mais, decidir, escolher, fazer coisas que acreditam serem mais difíceis no Brasil.

Eu acho a DK fantástica, eu acho a DK fantástica. A DK tem muitas portas abertas se você quiser correr atrás[...]você pode ir na biblioteca pegar quantos livros quiser, Chega na internet, se não entender, chega lá um moço que ajuda como é que faz. Você tem possibilidades que, infelizmente, no nosso país não tem. No ramo da educação aqui você tem de tudo, sabe? (Maria Cristina)

A minha irmã que me mandou me buscar. Ela falou que aqui tinha uma boa oportunidade pras crianças. E como a vida que

²⁴¹ ALENCAR, 1993, p. 59.

eu vivia no Brasil, eu trabalhava, vendia meu lanche pra sustentar eles. Eu vim pra eles terem um futuro. (Maria Quitéria)

A DK oferece muitas coisas boas para ela (a filha) pela segurança dela poder fazer as coisas sozinhas, então tem mais independência, mais responsabilidade. Mas acho assim, o jeito de ser, de pensar mais aberto, mais flexível. Mas tudo não é preto e branco, tem também uma área cinza(...) (Jussara Maria)

A submissão foi o primeiro movimento que as entrevistadas disseram fazer. Submeter-se a esse mundo e aceitá-lo. Despojando-se de si, de quem eram, da posição que tinham antes, seus saberes, seus significados. Vivenciam o encontro com a diferença dinamarquesa como desigualdade, pela atuação de uma força desestabilizadora que impulsiona uma **desconstrução** da própria identidade. Entendendo a desconstrução como o “caminho da diferença”, percorrendo uma experiência da *estranha*, de fora, que imerge numa cultura outra para se tornar diferente. O percurso desse caminho passa por um desfazer-se marcado pela aceitação das regras e pelo despojamento do que eram, seguido de experiências de apropriação da cultura de DK, até chegar à **diferenciação**, quando são capazes de retomarem sua cultura original para se afirmarem como brasileiras, como este exemplo citado por Maria Cristina:

(...) tem umas brasileiras aqui que eu tenho a maior admiração por elas, pessoas assim que vieram de um nível superior altíssimo eu vi se arrastando com a bunda pra cima, limpando chão aqui na Dinamarca [...] Que ela falou assim, que ela tava

numa empresa limpando, que via uma coisa assim, correlacionada, a uma coisa que ela é formada, tá? E ela via um problema, a pessoa lá, o funcionário com o problema na empresa, e ela vendo assim, ai meu Deus, eu consigo trabalhar com isso, eu consigo solucionar o problema, mas ela tava lá limpando o chão, né? Hoje em dia ela tem uma qualificação maravilhosa, ela corre atrás, ela corre atrás pra se formar pra aprender um idioma, mas hoje em dia ela tem uma qualificação muito alta, ela tem um trabalho legal aqui na Dinamarca entendeu? Eu tenho uma admiração por ela, a maior admiração por ela, por que é uma menina que batalhou.

Arrumei um emprego de limpeza. Também são umas coisas que eu nunca pensei, a gente sempre teve empregada em casa assim. Então pra mim era meio que surreal assim tá fazendo isso aqui, foi um pouco difícil assim. Se bem que eu encaro tudo que é uma outra realidade. Aí eu fiz limpezas, e tive até que aprender a fazer isso, eu não sabia, quem fazia as coisas era a empregada da minha vó. (Maria Nazaré)

5 HISTÓRIAS VIVIDAS

Dom de Iludir

*Não me venha falar
Na malícia de toda mulher
Cada um sabe a dor
E a delícia de ser como é
(...)
(Caetano Velloso)*

5.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Aqui será dada a voz direta as entrevistadas. É o resultado de entrevistas gravadas, seguindo um roteiro aberto. Foram selecionadas 12 informantes entre as 34 entrevistas feitas tendo como base um questionário semi-estruturado, onde cada uma das entrevistadas pode reconstruir sua história e trajetória traçando o fio desejado para expressar suas vivências e experiências. A entrevista gravada se mostrou uma estratégia importante para se construir relatos de história de vida, aonde as experiências e vivências se apresentou nas narrativas, recuperando, muitas vezes para a própria entrevistada,²⁴² memórias até então excluídas das reflexões da vida cotidiana. Foi usado um processo de textualização na busca da construção do resultado das entrevistas em uma narrativa. Pois, como discorre Morin (1993, p. 110),²⁴³

²⁴² Foi recorrente o agradecimento de entrevistadas, manifestando a possibilidade de falarem sobre suas vidas.

²⁴³ MORIN, Françoise. In ESTEVEZ, Jorge (org.) **História Oral**. México: Editorial Antologias Universitárias, Instituto Mora/UAM, 1993, p. 83-113.

El enfoque biográfico nos parece el mejor adaptado para este propósito porque en el curso de una trayectoria de vida puede asir los mecanismos de interacción con el Otro que presiden la elaboración de identidades múltiples y las situaciones en que yuxtaponen, se mezclan y/o se complementan mutuamente, o entran en conflicto.

Tendo as narrativas como base de análise foi possível perceber o movimento de desconstrução e reconstrução de identidades num movimento que poderíamos chamar de bricolagem, pois não são mais as mesmas brasileiras, que migraram, nem tampouco dinamarquesas:

Não sei, talvez porque aqui eu tive que reconstruir minha identidade, então isso é uma coisa que ocupa muito, mas eu sou muito diferente, muito não, mas eu acho que eu sou diferente, e eu não sei até que ponto eu sou brasileira mais, né? Porque voltando ao Brasil agora, eu vou descobrir quem eu sou. (Maria Antonia)

O conceito de **desconstrução**, elaborado por Jacques Derrida (2004)²⁴⁴, foi pensado como uma crítica aos pressupostos dos conceitos filosóficos. Mais recentemente, é no campo dos estudos literários, especialmente os pós colonialistas, que a formatação desse conceito se amplia, centrando-se nos textos, mas buscando descobrir partes que

²⁴⁴ É principalmente nos livros *A Escritura e a Diferença* e *Gramatologia* que as ideias sobre desconstrução foram desenvolvidas por Jacques Derrida. DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2004. DERRIDA, Jacques. **A Escritura e a Diferença**. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1995.

estão dissimuladas e que interditam condutas. A questão central é permitir a emergência de outra fala, além da fala dominante da filosofia, da ciência e da literatura dos países do norte, instituídos como modelares.

A desconstrução não significa destruição, mas sim desmontagem, decomposição dos elementos da escrita, para fazer emergir falas subordinadas. No âmbito desses estudos, Spivak, é uma das principais autoras dos estudos pós colonialistas e da desconstrução, cujo trabalho é entendido por Durão (2009, p. 290)²⁴⁵ como uma politização da desconstrução, “situando-a em um horizonte concreto de lutas e reivindicações, ao mesmo tempo em que textualiza a política, questionando suas aspirações de univocidade da linguagem e presença de sentido”.

Tal perspectiva problematiza as relações entre discurso dominante e a representação dos subordinados ou dos que estão à margem, fazendo:

(...) surgir a pergunta a respeito da lógica da inclusão narrativa, se ao lançar o foco diretamente sobre aquilo que tradicionalmente não se dizia – as mulheres, os negros, os índios, os homossexuais, as crianças, os oprimidos enfim – a literatura paradoxalmente não compactuaria com a dominação. (DURÃO, 2009, p.290)

Tomando como referência os elementos desse pensamento desconstrucionista pós-colonial, propomos pensar uma desconstrução social, experienciada por sujeitos em processos de vida nos quais se

²⁴⁵ DURÃO, Fábio A. **Da Desconstrução à Politização em Gayatri Spivak**. Rev. Let., São Paulo, v.49, n.2, p.289-301, jul./dez. 2009.

encontram imersos na cultura do outro, dominante. Esta desconstrução pode ser pensada como desconstrução social, em que subordinados, neste estudo, brasileiras imigrantes na DK, percorrem o “caminho da diferença”, entendido como um processo cujo rastro produz um binarismo de negação e reconhecimento, desfazendo-se de uma posição e significado anterior, deslocando-se do entendimento que tinham de si como brasileiras, até refazerem-se como brasileiras cidadãs da Dinamarca.

5.1.1 A história de Maria Cristina

Eu me tornei professora muito cedo, porque eu fui freira no Brasil. Eu entrei no convento com dez anos de idade e saí com 22.

Eu tenho dois irmãos e duas irmãs. Eu sou a mais velha de todos.

Antes de vim pra cá, na realidade eu sempre brinco, mas é sério, uma brincadeira séria, eu vim pra cá ainda como criança, como adolescente, porque eu nunca tive uma adolescência normal como qualquer outra, tá? Eu vivi presa no convento, existia muitos tabus, muitos dogmas, muitas coisas que eu tinha medo. Eu tinha medo de sair na rua, eu tinha medo de encontrar um homem na minha vida, eu tinha medo de tudo, né assim? Um medo por não ter conhecido, por ser ingênua, ainda sou um pouco tapada às vezes, sabe? Eu não conheço muitas coisas. Então eu vim crescer aqui na Dinamarca, e to crescendo, né? Porque eu vim assim, eu fiquei assim uns anos naquela coisa, naquele conflito interno, naquela confusão, é pra mim ser adulta agora, porque é que eu tenho que ser adulta agora. Tá entendendo?

O primeiro dinamarquês eu conheci foi justamente quando eu tava trabalhando com eventos, nós estávamos num congresso de engenharia de pesca da Universidade. Mas eu não tava na Universidade, eu estava com relação com a minha empresa que eu trabalhava. Ele trabalhava não, como ele tava ainda aprendendo português essas coisas, ele tava muito engajado na faculdade de engenharia de pesca, então ele fazia traduções em inglês, de livros em português. Hoje ele é tradutor oficial no Brasil, mas na época ele era assim jovem igual a mim, né? Foi por isso que eu conheci. Demorou pra cair a ficha que ele tava paquerando comigo, porque eu sou tapada, porque eu sai do convento, sei do nada, né? Então quer dizer assim, ele teve que chegar pra mim e falar assim, ta vendo, então aí foi uma relação assim, meu primeiro amor, é a pessoa que eu nunca esqueço, aprendi muita coisa com ele, aprendi a construir a minha auto confiança, que eu não sabia que eu ia perder tão rápido, né? Aí eu aprendi um pouco a acreditar em mim, né? Essas coisas, porque existia assim uma insegurança, foi muita coisa, nós tivemos uma filha, mas não deu certo, infelizmente, sofri pra caramba, mas como é que se diz assim, quando eu vim pra Dinamarca eu conheci meu segundo marido porque é da mesma família que ele, é irmão,rsrsrs, eles são irmãos.

Em 93 eu vim com minha filha de dois anos, e aí foi barra, porque no Brasil você é bajulado, você tem a família ao seu redor, existe o fato de ter uma pessoa pra te ajudar, se você quer estudar, se voce quer trabalhar tem uma pessoa pra ajudar, entendeu assim, existe o fator de ter uma pessoa pra te ajudar em casa. Então o choque cultural é de quando você chega aqui. Você tem uma imagem, não que eu venha, no meu caso, não que eu venha pensando em morar numa mansão cheio de

empregados²⁴⁶, mas é que eu pensei que existia esse tipo de ajuda sobre as coisas práticas pra gente poder, é continuar, né? Uma educação, estudar, aprender o idioma, isso aí foi muito difícil, porque quando tem uma criança de dois anos, e você tem que cuidar da criança, e a minha filha brasileira, que tinha todos os problemas burocráticos, documentos essas coisas pra ela se naturalizar na Dinamarca, então foi muito difícil porque eu tive que ficar com ela em casa durante seis anos, né? Ela chegou com dois, né? Depois foi quando eu consegui tudo, porque existia a burocracia da reunificação familiar.

Na realidade eu não tinha nenhuma visão sobre a Dinamarca. O meu primeiro choque era morar num apartamento que não tinha banheiro. Eu vim de uma casa que tinha cinco banheiros, só banheiros tinha cinco, né? e não tinha ajuda nenhuma, tinha que fazer compras, tinha que cuidar de crianças, tinha que, muita coisa.

Então ficava difícil pra eu poder ir numa escola, pra eu poder aprender o dinamarquês, isso aí me tornou, a sua auto estima começa a ficar lá em baixo, muito, muito, muito assim, você começa a não acreditar mais em você.

Trabalhava com eventos no Brasil, numa empresa, né? Então quer dizer assim, foi muito difícil pra mim, me acostumar, ser uma pessoa inerte, na minha cabeça, né? Ficar cuidando de casa, trocando fraldas,

²⁴⁶ A falta de empregados domésticos na Dinamarca é sempre citada nas conversas informais entre brasileiras. O saudosismo ante a impossibilidade de ter alguém para fazer os afazeres domésticos na Dinamarca é manifestado mesmo entre aquelas que já trabalharam em “casas de família” no Brasil e não desejam voltar a exercer a mesma atividade.

isso aí foi muito difícil pra mim, muito difícil, pra eu me acostumar, mas me acostumei e me acomodei, como todo bom brasileiro.

Mas durante um ano, depois de um ano, eu comecei a perceber que não foi uma falha, porque ninguém deve se arrepender das falhas, se aprende com elas, mas a minha filha tinha adotado o segundo marido como um pai, porque ela tava aqui com dois anos, então eu fiquei entre a cruz e a espada, né? Porque na realidade quando você se separa de uma pessoa mesmo sendo do pai alguma coisa assim, é como é que se diz, você tem um pouco de consciência pesada assim, porque você tá tirando uma pessoa que pode ser uma figura paterna da criança, então eu fiquei nesse ponto, como é que eu faço, vou tirar a segunda pessoa que ela de “fazinho”, né? Então eu decidi ficar no meu casamento aguentando, né? Assim, não que não existia nenhum tipo de carinho pelo meu segundo marido, claro que existia, mas eu passei por muitos choques culturais, né? E me aprisionei, me anulei como pessoa também, né? Porque eu vivia muito mais pra casa.

Eu não conheço muitas coisas, então eu vim crescer aqui na Dinamarca, e to crescendo, né? Porque eu vim assim, eu fiquei assim uns anos naquela coisa, naquele conflito interno, naquela confusão, é pra mim ser adulta agora, porque é que eu tenho que ser adulta agora?

Eu tenho 47 anos, então quer dizer assim, eu ainda não me sinto madura, eu não me sinto adulta, mas eu cresci eu tenho outras visões, então quero dizer assim, nesse período todo eu encontrei pessoas piores do que eu, gente, piores. Piores assim, você quando você tem assim uma, quando você leu, quando você teve algum tipo de educação, você tem umas visões, você pode ter, se basear em alguns argumentos, eu vi meninas tão simples que não tinha argumento nenhum daquele ambiente

onde morava. Eu não to menosprezando ninguém tá entendendo? Mas viviam naquele ambiente, então elas não tinham como focalizar outros tipos de ideias, né? Então falei assim gente, vou ter que ajudar esse povo, né? Eu vou ter que ajudar esse povo, então eu peguei, como é que se diz assim, foi isso que eu fiz, decide fundar uma associação brasileira do povão, pra ajudar, e tive, e trabalho até hoje. Tem dinamarqueses também que são casados com brasileiras, eles não entendem porque a pessoa age daquela forma, e ficam, ficam, como é que se diz assim, ficam irritados quando vão pro Brasil por exemplo, né? E eu tento explicar pra eles, seguinte, você tá casado com uma pessoa, você tem um envolvimento amoroso com uma pessoa, tá vivendo com aquela pessoa, convivendo, família e tudo.

Quando você viaja pro Brasil, perguntei pra um dinamarquês, qual é a sua ideia quando você vai pró Brasil? Ele falou assim, ah eu vou de férias. Eu falei, é você vai de férias, mas a sua esposa, ela tá indo pra casa, tá entendendo? ela tá indo pra casa, ou ela vai encontrar a mãe e o pai, fora as comidas, a cultura, a língua, ela sai do avião, ela sai do aeroporto, quando ela chega, as placas são em português bicho, sabe assim? As pessoas que estão falando entre elas, entre si, ao redor, é o mesmo idioma que ela conhece, o ambiente que ela ela nasceu, você tá indo de férias, então pra você não significa nada, mas pra gente que é brasileiro quando sai do aeroporto sente aquele vapor, aquele calor, entendeu?

Fiquei 13 anos sem ir ao Brasil, com muitos desses problemas, essas coisas. Depois um grupo de amigos viram que minha situação econômica tava péssima, fizeram uma vaquinha e me deram um presente: uma viagem pro Brasil. Imagina a minha emoção de ir pro

Brasil depois de tantos anos, tinha crianças na minha família que eu nem sabia que existia, eu sabia que existia, mas eu nem sabia quem era.

O meu pai acabou de falecer, mas a minha mãe, eu tinha meu pai e minha mãe, meu pai estava assim louco, né? Porque minha mãe também, né? A minha mãe estava tão em estado de choque porque quando eu sai do Brasil, ela ainda tinha aquela ideia de que eu era recém noviça, recém freira, né? Então quer dizer tinha alguns costumes que eu adotei pra mim, tive que fazer o meu, a minha própria ação, que quando eu cheguei lá, foi diferente pra ela, ela queria me prender em casa assim, não queria deixar eu sair, queria me prender, eu não podia sair, eu fui sozinha, fui sem criança, então eu passei, era muito engraçado, porque eu cheguei no domingo, segunda feira eu tomei um banho, louca pra ver, depois de 13 anos, ver a cidade, andar na praia, ir na rua, no centro, ver as lojas, né?

Minha mãe me trancou dentro de casa, não deixava eu sair de jeito nenhum, eu passei três dias presa, eu falei tá, podia ser a maneira dela falar to com saudade de você, quero você perto de mim minha filha, mas também é uma maneira de me proteger porque também tem criminalidade aquelas coisas, né?

No Brasil você sente o calor humano, as pessoas são mais assim abertas pra o sentimento, aquela emoção sai, você não se tranca, né? Porque aqui você tem uma mania de você trancar o sentimento, você não fala com medo. Você ter medo de mostrar o que você sente, tem medo de mostrar as coisas que você acha, que você pensa, e por outro lado aqui é um país que você pode, em relação a sentimento não, mas em relação a tua opinião, você pode falar, você vai debater, você vai entrar em conflito

mas tem que ser, se você recuar os conflitos, você é sempre mal entendido, acha que você é uma pessoa que ignora as coisas, entendeu?

É, o Brasil tem uma mania de acomodar, né? Porque pensa assim, se a pessoa tiver, como eu falei, minha educação, não foi uma educação com grandes ambições, né? Então eu nunca tive ambição de ter assim, morraaaaaar numa casa enorme, essas coisas, nunca tive.

Meu último marido era muito dinamarquês, negava tudo que eu fizesse, se tem feijão em casa, ele diz: que é isso? Eu: feijão, ele: não gosto. Então se eu fizesse um cozido com um ossinho, ele porque não compra carne, tem que comprar o osso, assim, né? E não ia pra nenhum evento comigo, ninguém conhecia quem era meu ex marido aqui na Dinamarca, e minha vida foi aqui, minha vida é aqui, né? Então ninguém conhece meu segundo marido aqui, ninguém. É raro quem conheça.

Mas, foram 15 anos de casamento com meu segundo marido, tive umas gêmeas com ele, aguentei troncos e barrancos, porque ele passou uma época que ele perdeu tudo, ele entrou em falência, então eu tive que aguentar, ele morre dizendo que não, que ele não teve, mas ele teve uma depressão seríssima, que eu tive que segurar a barra, tendo crianças pequenas em casa, ele com depressão e tudo, né? E de alguma forma começar poder assim, querer me soltar, porque eu sou uma pessoa muito livre, sabe assim, eu sou muito dona do meu nariz, eu sou muito independente, determinada, mas eu também sou uma pessoa que eu sou muito família também, entendeu?

Quer dizer, eu posso ser livre mas eu quero está bem com a minha família primeiro, tá entendendo? Não é que o meu marido vá me proibir de alguma coisa, mas é uma coisa que eu quero conciliar, então foi uma

coisa assim, que eu tive que lutar, dele ser totalmente contra a minha cultura, apesar de está falando meu idioma, apesar de ta morando com uma brasileira, mas ele é totalmente contra minha cultura, então eu tive que me sobressair, forçar assim: alô, eu sou brasileira, eu moro na Dinamarca sim, mas eu sou brasileira.

Eu posso ser, eu vou ser bem franca²⁴⁷, assim depende muito da brasileira, do brasileiro, da brasileira, na minha opinião as brasileiras assim, de uma maneira mais simples, elas são mais fáceis de se adaptar, né? ou elas usam aquela, roda a baiana, quebro tudo e o marido fica com raiva e manda ela embora ou então o marido consegue segurar, ou existe também, as brasileiras que vem muito lá encima do salto alto, que tem que baixar um pouquinho pra elas, ok? Se elas tem aquela autoconfiança, tem aquele conhecimento que ela veio do Brasil, mas aqui você tem que descer um pouco, aqui tem que descer um pouco, porque na realidade você não é segura do que você ta morando aqui, você não é segura no idioma, você vai morrer e ninguém vai entender o que você tá querendo falar, você pode falar no melhor português, no melhor vocabulário do mundo, eles não vão entender e eles vão fazer o possível pra não te entender.

Tem muita dificuldade porque vem de salto alto, porque o brasileiro tem essa mania de colocar salto alto, né? Então quer dizer assim, não vou dizer que tem que se humilhar, se rastejar, não é isso que eu to dizendo, mas tem que ficar no meio termo, entendeu? Ouvir primeiro, ouvir tudo, e mantém a tua formação, porque se você quiser combater com isso, vai acarretar frustrações terríveis, você vai achar a Dinamarca o pior país do mundo, mas a Dinamarca não é pior país do mundo, todas as

²⁴⁷ Sobre as dificuldades das brasileiras quando chegam à Dinamarca.

portas estão abertas é só você entrar, mas você tem que descer, tem que tirar o salto, entra descalço mesmo, entendeu?

O problema com relação ao choque cultural é que os brasileiros ficam na frustração, porque existem pessoas assim, tem pessoas que quanto mais você tem aquelas expectativas, mas depressões você atrai, por que? Porque você não pode ter assim expectativa fantástica, quando você não tem uma base aqui. Tô falando da Dinamarca, tá? Primeiro, o idioma é lascante, dói, dói você aprender, você chora, você morre, você ainda não entende nada, eu tô morando dezoito anos, ainda continuo nas mesmas falhas, porque existe uma falta de desinteresse da minha parte na realidade, mas enquanto você não tiver segura com o idioma, você vai sempre achar, ah, eu sou burra demais, assim, concentra-se no idioma aprende, a cultura, o que é que tem, tem tudo, você pode ir na biblioteca pegar quantos livros quiser, chega na internet se não entender, chega lá moço me ajuda aqui, como é que faz, você tem possibilidades que infelizmente no nosso país não tem, no ramo de educação aqui você tem tudo, sabe?

O dinamarquês vamos dizer assim, ele não é frio, ele é, eles são umas pessoas assim, bem reservadas, tá entendendo? Mas quando te conhece são outras coisas, são pessoas assim bem, eu não vou dizer assim, que eles vão dizer um bocaaaaado de coisas como o brasileiro quer, mas eles falam, na realidade eles são diretos, o brasileiro já costuma fantasiar colocar florzinha quando vai falar alguma coisa, né? Já eles não, eles são diretos, eles não decoram muita coisa não, eles não fazem bonitinho não, eles são assim grosseiros, é, mas não tô generalizando não, alguns dinamarqueses são assim, não é assim uma coisa generalizada não.

Mas isso aí é numa visão brasileira, porque o brasileiro ele é alegre, calor humano mas é preconceituoso pra caramba.

Existem três panelinhas aqui na Dinamarca, existe a panelinha dos intelectuais, das que acham que são, e existe a panelinha das pessoas mais simples, então ninguém se mistura.

Eu sabia muito bem o que eu ia fazer, mas eu também, e porque eu conheço também a nossa fama de brasileiro no exterior, então quer dizer assim, eu combato muito isso, eu falo pras meninas assim, as meninas da noite, eu falo baixa um pouco o nível, baixa o tamanho, né assim? Não assim na rua, não em público. Nos lugares onde vocês estão, que vocês podem soltar a franga, sabe assim, ah eu não to nem aí, mas tem muita gente que tá, existe, é difícil. Então da mesma forma das meninas de baixo escalão vamos dizer assim, como é difícil as pessoas que estão em alto escalão descenderem também, nunca ninguém chegou ao meio termo, é muito difícil, é muuuito difícil tá entendendo, então essas coisas da trabalho, ninguém pensa que dá, da trabalho. Eu tento ser, eu sou o mais diplomática possível, porque da trabalho prá caramba. Mas assim, a Dinamarca é um lugar assim, que você pode fazer o que você quiser, não tem o preconceito, é isso aí que pega, né?

Aí tem pessoas que entendem assim, a Dinamarca é aberta pro lado educacional, o lado dessas coisas, tem pessoas assim que acham a Dinamarca muito livre, que você pode andar nua no meio da rua, que não vai ter nada, depende de onde você vem, qual é a sua educação de berço, entendeu? Quer dizer assim é, fica bem difícil, sabe? Fica bem difícil, mas essa aí foi uma das razões assim, que eu quis, eu queria ver de perto. Tem umas pessoas que me criticam totalmente por achar que eu perdi muito coisas da minha vida pra ajudar brasileiros aqui, e hoje em

dia, ninguém liga, ninguém fala, eu não ligo não assim, o importante é que eu fiz alguma coisa, eu me sinto assim realizada por um lado, teve umas pessoas que ouviram, não precisa ser todo mundo não, sabe? Tem muito caso de violência doméstica entre mulheres brasileiras aqui?

As crises nos casamentos, isso aí na realidade acontece, quando chega num nível de desespero já de ambas as partes, né? A pessoa não chega pra pessoa a diz assim, alô, eu não entendo o que você tá falando, né? E o outro porque o homem, no desespero, porque a pessoa não entende, o dinamarquês ele é bem mais assim complicado, porque ele é muito mimado nesse ponto, quando ele quer, ele quer, se não for então eu não quero, é mas assim, existe essa dificuldade muito aqui na Dinamarca, né?

Amigo eu não tinha no Brasil, nunca tive, porque eu morei no convento, mas minha família não fala nada, eles acham assim que é difícil porque as meninas, a minha mãe por exemplo, a minha mãe não conhece as gêmeas, as minha gêmeas nunca foram no Brasil, mas é difícil assim por causa das netas, quando eu falo com a minha mãe no telefone, ela pergunta e aí como vão as meninas, eu falo, eu to bem, as minhas filhas também tão, parece que eu não existo assim, falo mãe eu to primeiramente bem, é minhas filhas também tão bem, mas primeiro pergunta das netas, né? Mas assim, outra coisa não, elas não tem, minha família é toda assim, elas não ligam, sabe assim, a minha mãe ela sempre foi muito protetora, então quer dizer assim, quando eu quis voar, sair, bater asa, né? Ela por mais que ela sofreu, ela não segurou não, ela deixou, né? Então, enquanto eu to bem, tanto é que eu nunca falo das dificuldades que eu passei na minha vida, ela não pode me ajudar, ela so ia ficar preocupada lá, quando eu tava grávida das gêmeas, logo quando eu fui tê- las, não quando eu fui te- las, eu fui marcar pro dia 22 de

dezembro de 99, e fui pro hospital no dia 02, porque eu estava cega, princípio de eclampsia, quando eu cheguei no hospital, fizeram os exames, não constataram nada, não tem nada, mas meu amor, minha pressão tá lá encima, minha cabeça tá explodindo, né? E aí, constataram no outro dia que eu tava com eclampsia. Acordei depois de duas semanas, nem sabia que tinha as gêmeas mais, esqueci, acordei assim, toda na UTI, cheia de fios, falei assim, gente onde é que eu to, aí chegou um enfermeiro gay e eu falei: meu nome não é este, meu nome é Maria Cristina, isso em dinamarquês, né? O que é que eu to fazendo aqui, que eu não tô sabendo? Ele disse, ah você não lembra? Você teve duas meninas lindas, quando ele falou assim, você teve duas meninas lindas, eu comecei a ver o flash back da queda que eu tive quando eu fui ter, que teve uma queda, e tal, falei gente cadê, levantei assim o lençol a barriga murcha e cheia de coisa amarela, verde, sei lá o que, falei gente cadê as meninas, aí ele falou, elas tão lá no berçário. Como é que se diz assim, com seu ex marido, eu pensava que elas tinham morrido, aí vocês são incompetentes, aí começou tudo apitar de novo, aí me deram uma injeção pra me acalmar, quando eu acordei, aí perguntaram se eu estava mais calma, e se eu queria ver as meninas, aí eu falei as meninas eu não quero ver agora não, eu quero ver a minha filha mais velha porque era ela que tava perdendo a mãe dela, não as gêmeas, as gêmeas eu não conheço, nem elas me conhecem, aí trouxeram a minha filha, aí pronto, mas eu passei muito tempo, muito tempo no hospital.

Passei quase três semanas, quatro semanas no hospital, porque eu não conseguia andar, parálitica, então quer dizer, teve muita coisa assim, teve muita coisa que impediu pra eu continuar e aí a motivação era dos brasileiros, eu amava, porque eu trabalhava com o povo, porque eu trabalhava com gente, fazia festa de vez enquanto, vinham as críticas, vinham as coisas boas, vinham as coisas ruins, né? Mas eu não tava nem

aí, o povo dizia assim, ah Maria Cristina, não vai fazer nada cultural não? Digo é se você quiser vim fazer, eu vou achar maravilhoso, mas eu não podia fazer cinquenta coisas ao mesmo tempo, quer dizer você é, por exemplo assim, teve uma menina que ela pegou, quis fazer um workshop de bolsa nova, que ela poderia fazer uma palestra, eu faço a cobertura, se você quiser você faça, vai passar uma coisa legal, mas de chegar assim cobrar, como se fosse uma obrigação, eu não tinha nenhuma obrigação de ficar lá, eu fico lá porque eu gosto, tem gente que chega pra mim, ah, não faz nada cultural, não quero, depois, se você vier com projeto, eu faço, alugo um local, to lá ajudando, faço, lavo os pratos, todinho que você quiser, eu te ajudo, mas eu não posso fazer o evento e ao mesmo tempo cuidar de outras coisas né? Existe essas coisas também.

Assim, na realidade, eu não sou uma pessoa muito cheia de ambições, tá? O problema é que eu tinha que ter um trabalho pra pagar a pensão de minhas crianças, porque é eu que pago, porque elas vivem com o pai, então assim, pagando minhas despesas que não são muitas, que é telefone, casa, né? Onde eu moro, a pensão de minhas filhas, só, pagando isso eu tava livre, olhava assim, eu tenho quanto na minha conta, da pra mim sobreviver o mês todo?

No trabalho não é nem por discriminação não, eu acho que isso é o fator inveja, tá? Eu acho assim, que é mais inveja. Inveja assim, que nós temos aquele lado mais aleeeeeegre, de não ter vergonha de sentar no chão, de chegar, colocar uma roupa meia louca e dançar com um bocado de criança, eu fazia isso não é? Eu me apresentei como Xuxa lá na prefeitura de Frederiksberg. Eu tava lendo num jornal, eu tava trabalhando, que havia um evento que chamava dança por um dia, aí eu peguei disse assim, eu tenho dois meses pra preparar umas crianças, aí

fui procurar, fui procurar música, encontrei uma Xuxa da vida brincando com o tchuctchucão, num sei o que num sei o que né? Liguei pra meu chefe da comuna, ele falou escreva dez crianças, falei meu nome é , tá? Eu trabalho na instituição tal, cara as crianças ficava, eu fiz um workshop pras crianças fazer blusinhas aquelas de meia, que corta e coloca continha, igual no Brasil, com o nome da Instituição pintado,elas mesmo pintando, e eu aluguei uma roupa de cachorro, que era um cachorro quando criança, e fiz um filme com isso, um filme com crianças pulando feito louca, ganhamos prêmios, quando eu cheguei de volta, os pais assim todos admirados, chegou uma das minhas colegas, falou assim, mas outras colegas lá do trabalho, falou assim, você lembre que você tá num país que tinha Jantelov.

Ela pegou falou pra mim porque eu fiz esse trabalho bom, que eu não podia pensar que eu era muita coisa, aí eu falei assim olha, eu não nasci nesse país, eu sou brasileira, essas coisas não me toca não, eu sou alguma coisa sim, olha eu fiz um trabalho legal com as crianças sim, adorei, as crianças adoraram, né? Então eles falam essas coisinhas assim, então é mais inveja do que descriminação.

∞

Maria Cristina migrou para DK com o objetivo de contrair matrimônio com o tio de sua primeira filha. Ele não falava português e ela não falava dinamarquês. Hoje vive só e recebe a visita das filhas que vivem com o pai/tio. Apesar do diploma de magistério, obtido no BR e das possibilidades que a DK oferece em termos de formação, entrou no mercado de trabalho quando o marido decretou falência. Reconstroe sua história de vida entre dois polos: a da menina nordestina inocente, quase

freira, e insegura e a da mulher batalhadora que vai a luta, constrói coisas e viabiliza projetos.

Na menina a auto vitimização se apresenta. Ficou em um casamento que já se mostrava falido desde o primeiro ano, para não separar a filha do padrasto. Não estudou porque tinha que cuidar a filha e da casa em um país aonde o serviço de empregada doméstica não é praticado. Os outros, ou o sistema são responsáveis pelos caminhos por ela percorridos.

A mulher batalhadora se separa do primeiro companheiro, não retorna para a casa da família, trabalha com eventos em uma capital nordestina e viaja para uma desconhecida DK, aonde se organiza e milita em ações culturais e de solidariedade.

Rompe com o padrão esperado para as mulheres separadas, e concorda em deixar a guarda das filhas para o ex-marido. Criativa, descobre novas energias para recomeçar a estudar a língua dinamarquesa e busca uma qualificação profissional.

5.1.2 A história de Maria Quitéria

Ah, nós éramos pobres, não passávamos fome, né? Mas a gente era pobre, não era médio, não é? Porque nós somos de uma classe que é trabalhadora, meus irmãos eram carpinteiros, porteiros, como disse, a gente não teve a oportunidade de estudar no Brasil, porque a gente não tinha condição de pagar as escolas públicas, né? Aí, eu estudei, eu fiz o primeiro grau, até a oitava, né? Fiquei três meses na escola normal, antes de viajar pra cá, é meus estudos, fiz o primeiro grau, o ginásio e três meses de escola, de letra²⁴⁸ né? Que é no Brasil a escola de professores.

Eu tenho duas irmãs e três irmãos, é três e três, né? Era sete, mas um morreu. mas a gente se dá também, na casa da minha irmã quando eu vou, eu não faço comida, eu não lavo roupa, eu sou aucovitada²⁴⁹, né? É tudo, na minha família também, mas só que tem uma coisa, quando a gente vai, é a gente que tem dinheiro, né? É a gente que ajuda.

Os dois primeiros, o Bru e a Bre são de um pai, que eu vivi doze anos com ele, e a minha menor, é do outro namorado que eu tinha, que a gente viveu rápido assim, um ano, e eu fiquei grávida, mas não, ele nunca ajudou. o Pe, o pai do Bru e da Bre, depois de dois anos eu tive que jogar ele na justiça pra ele da uma mesada pros dois, e quando eu viajei pra cá, pra trazer o Bru e a Bre, pra ele da autorização, eu tive que abrir mão da pensão dos dois. Então ele não ajudava nada, nunca ajudou.

²⁴⁸ Se refere ao antigo curso normal ou magistério.

²⁴⁹ Usa a palavra no sentido de ser paparicada.

A gente perdeu o contato, ele²⁵⁰ era complicado com negócio de criminalidade, eu não quis ficar com ele, aí a L é só no meu nome, é minha, rsrs. Ela vai fazer 18 anos.

Depois que eu cheguei na DK, eu vim em março, três meses depois eu comecei na escola, aí eu fiz o básico, como você fala, do começo, aí eu fiz quase um ano e meio de escola, porque eu fui subindo, comecei do fundo, a gente vai subindo de nível, eu tava já entendendo, escrevendo as frases, aí eu fui fazer um curso, porque meu marido queria que eu trabalhasse, porque era três filhos e era muito.

Então eu comecei depois, um ano e meio, eu comecei aquele curso de limpeza no escola. Eu fiz quase um ano de curso ao todo, mas eu recebendo. Aí quando eu terminei o curso da limpeza, eu consegui trabalho na prefeitura, de assistente de limpeza. Eu trabalhei uns dois anos e meio, aí eu não quis mais, foi quando eu fui fazer o meu curso, aí eu tive que entrar num curso, para estrangeiro, uma turma só pra estrangeiro, fizemos um ano e meio de curso, que tem um as matérias dinamarquesas, depois que eu terminei eu passei com dez. Aí eu entrei num curso de técnica de enfermagem, foi um ano e oito meses, o meus estudos aqui todos, foi quase seis anos, no fundo até aqui.

Eu queria fazer uma coisa com pessoas que eu trabalhasse, né? Eu queria estudar porque da minha profissão, eu posso estudar para assistente, terapeuta, pra prosseguir, mas eu fiquei doente, eu não pude mais. Os meus estudos aqui na Dinamarca, eu tenho mais estudos aqui, do que no Brasil.

²⁵⁰ Falando do pai da terceira filha

Eu sou aposentada por razões de saúde, porque depois que eu comecei a trabalhar, um anos depois que eu comecei a trabalhar, fiquei doente, aí eu fiquei quase dois anos em tratamento, internada no hospital, aí a minha médica me aposentou. Depois de quase dois anos de doença, eu saiu recebendo, aí ela me aposentou. Até hoje está estável a minha doença, né? Mas se ficar com muita pressão assim, as crianças, negócio de conflito, eu fico assim. É como a minha cabeça parece que vai explodir. Tem que ter calma.

Eu me sinto bem, a gente tem tudo aqui, né? Por isso que eu vim pra cá. Porque quando a minha irmã mandou me buscar ela falou que aqui tinha uma boa oportunidade pras crianças, pro futuro das crianças, né? E como a vida que eu vivia lá no Brasil, eu trabalhava, vendia meu lanche pra sustentar eles, eu vim pra eles terem um futuro. Eu não podia pagar escola, universidade no Brasil. Eu vim prá cá por causa do futuro deles. Só que, quando eles chegou aqui, eles não quiseram estudar como eu estudei, pra ter uma profissão, não sei. Eles se acham mais dinamarqueses do que brasileiros. Mas eu acho que é bom, mas eu fico muito sozinha como você sabe, eu sinto saudade da minha família, dos meus amigos. Eu fui no Brasil, agora eu fui, eu acabei de chegar novembro, eu sento na frente das seis horas da manhã até uma hora da noite e converso com os vizinhos, e aqui a gente fica muito sozinha, solidão, falta de amigos.

Eu achei um pouco difícil, porque como diz a L²⁵¹, ela vai fazer dezoito. A gente já fez procuração pra ela agora em abril, prá botarem um advogado, lá do projeto que ela tá. Porque mudou a lei. Ela tinha direito

²⁵¹ Ela se refere as mudanças nas leis dinamarquêsas, pois a filha que chegou no país com um ano de idade e vai fazer dezoito, não tem direito a residencia permanente.

pela permanência porque ela já tava junto comigo todos esses anos. Mas agora ela tem que fazer uma procuração²⁵². Em alguns, dois anos, três anos, eles dão a permanência. Quer dizer o Bru e a Bre foi automático. Quando eles fizeram dezoito anos, com três meses, eu preenchi tudo, procurei a prefeitura, e aí, eles tem a permanência. Mas pra L., ela não pode ter automática. Ela tem um filho agora, o Ru, de sete meses, e o menino também não é dinamarquês, porque o pai é da Turquia. Ela é brasileira e ele não pode ser dinamarquês. Quer dizer, por um lado, eu acho que ficou ruim prá s pessoas que tem tempo aqui, mudou a lei, né?

Eu não conheço ninguém, eu comecei a ir pros barzinho aqui, né? No começo, como dizem, eles são muito curioso pra saber quem a gente é, mas depois que eles conhecem, eles se eu chegava lá eles falavam comigo, mas depois que eles chegavam a me conhecer, aí eu já sentava só, bebia a minha cerveja sozinha.

No trabalho também. Na escola quando a professora dividiu os grupos, aí foi eu e outra, da Yugoslávia, e eles não quiseram a gente no grupo, que eles iam perder tempo, porque a gente não conseguia ler nem escrever tão rápido como eles. Aí a professora disse não. Nós já dividimos os grupos e vocês vão ter que trabalhar com os estrangeiros. É um modo de começar a se integrar com os estrangeiros. No final das contas, quando eu fui fazer a minha prova, o que eu escrevi, o meu trabalho final, eles não deram atenção, eles fizeram o deles, eu fiz o meu. Eu tirei dez e eles tiraram nove, rsrs. Mas eles não quiseram aceitar a minha opinião, o que eu fiz, né? Quer dizer, no trabalho também. O negócio delas de ficar provando a gente, quanto a gente mais pode, aí elas dão mais trabalho, elas trocavam o plano de trabalho. Elas trocavam

²⁵² Uma procuração para o advogado entrar com um processo.

antes deu chegar. O jeito da gente falar também, que a gente nunca fala perfeito. É por isso que, hoje, eu vivo só aqui dentro de casa.

Do meu primeiro marido, vivi violência psicológica. Porque o meu primeiro marido, eles falavam que eu fiquei doente, porque o meu marido era pedófilo, eu não sabia, e ele me mandou pra escola, e eu estudei, quando eu comecei a fazer os meus cursos na centro, eu tinha que sair daqui no primeiro trem pra chegar lá 08:15h, eu chegava 18hs da tarde. Ele ficava muito com as crianças. Aí eles começaram a dizer que a Bre falou que ele usou ela. Ele era pedófilo. Até hoje, ela tem problemas. Ela não me aceita. Ela diz que eu não cuidei dela, porque eu acho que ela se sente como, que eu sabia das coisas e permitia que ela fosse usada, então o meu primeiro marido foi violência, é abuso sexual. O meu segundo marido era doce, mas depois que eu casei ele mudou, e muito. Gastava o meu salário todo na máquina, bebia cerveja e, quando eu descobrir, nós tivemos uma briga e ele amassou a minha costela. Eu passei mais de duas semanas sem ir trabalhar. Eu não podia nem respirar, por isso nós nos separamos. Depois eu morei no triângulo com o Bru três meses, foi de lá do triângulo que eu entrei nesse apartamento.

Triângulo é uma instituição para crianças. O Bru, a Bre e a L. já moraram lá. Eu também já morei, porque lá eles tem um quarto, que fala, que pode morar mãe e filho se tiver precisão. Eu morei lá três meses e de lá a gente veio aqui pro apartamento.

Eu tava fazendo os cursos, né? A assistente social bateu na porta de casa. Duas assistentes sociais, dizendo que elas queriam conversar comigo. Naquele tempo ainda não falava bem o dinamarquês. Aí elas falaram que as crianças tava lá na escola, que elas não se concentravam, elas falavam que tava acontecendo alguma coisa sexual em casa. Onde

eu tava, o que era que eu fazia, porque é que eu não cuidava das crianças? E aí tinha outro problema: muitas vezes era a Bre e o Bru que iam deixar a L. na cheche, pra eu poder pegar o trêm, eu tinha que entrar no curso 8:15h, eu tinha que pegar dois trens e ônibus pra lá.

A L. tava com um ano, um ano quando veio pra cá, ela faz aniversário em março, ela veio pra cá em abril. A prefeitura veio e falou. Aí desde esse tempo quando a comuna²⁵³ falou que ele tava mexendo com meus filhos eu não quis mais ficar com ele. Ele perguntou o que é que a comuna queria e eu não sabia como esclarecer pra ele o que é que estava acontecendo, porque você sabe, né? Acusar o homem sem eu ter provas, né? Quando foi um dia que eu cheguei em casa, o Bru e a Bre tavam no triângulo. A comuna tinha tirado eles de casa. A L. foi a primeira que tiraram para uma família substituta. Eles começaram a me confrontar, aí eu disse: Eu não sei. Eu casei com ele, ele mandou me buscar, nós casamos, e agora ele quer que eu trabalhe. Mas prá mim trabalhar eu tenho que me integrar, eu to fazendo cursos, eu expliquei pra eles. Eu nunca percebi nada. Se ele fez é escondido. Mas ele não tinha interesse sexual por mim. Mas se eu ficasse em casa não dava pra eu ganhar dinheiro, porque eu não ganhava nada da comuna, aí butaram a L. na família substituta, lá perto de mim, a L. ficou 8 anos morando lá.

Depois de muitos anos que passou, a Bre fala pra mim que ele dava dinheiro pra ela e pro Bru, pra eles irem lanchar. Toda vez que ela precisava de dinheiro ele dava. Mas ela não me falava nada, né? Quando eu mudei prá cá eu não tinha a minha permanência. Aí a comuna ligou para o departamento de imigração, escreveu tudo que tinha acontecido, problema de pedofilia, de que eu tava perturbada mentalmente, assim

²⁵³ Comuna é o nome da municipalidade em dinamarquês: kommunen

como é, não tinha paz. Aí foi que eu tive a permissão de ficar e morar só com meus filhos sem casar.

A minha irmã morava aqui, através dela que eu vim pra cá. Eu sabia que era frio tudo, e que era um país de primeiro mundo, e que a gente tinha chance de ter um bom futuro escolar. Mas no começo eu não queria vim não. A minha irmã começou a ligar, vem, vem que é bom. Aí esse marido que eu tive, pedófilo, que eu casei, ele tava interessado em ter uma mulher brasileira. Passou quase um ano pra mim vim pra cá. Tava o Bru., Bre. e a L. pequenos. Aí tipo porque não? Eu vou tentar.

Quando ele conheceu a minha irmã e o marido dela, é dinamarquês também, o marido da minha irmã, eles ficaram amigos. O meu marido primeiro e eles se conheceram, e ficou amigo do meu cunhado e da minha irmã. Começou a ir jantar na casa deles. Lá a minha irmã mostrou vídeos do casamento, que ela casou no Brasil, as fotos, aí ele começou a ver a nossa família. Aí ela falou que eu não tinha marido e ele começou a se interessar. Ela ligava pra mim e dizia: Olha tem um amigo do La aqui que tá interessado em ti. Eu, mas como? Ele te viu. Ele se interessou por mim, mandou me buscar com as crianças. Ele sabia que eu era só e tinha três filhos.

Naquela época tava ruim, primeiro prá emprego, porque eu nunca tive chance pra mim, eu me escrevia, fazia aquelas provas públicas, mas nunca era chamada. Porque é muita gente quando vai fazer concurso prá emprego no Brasil. A única coisa que a gente podia, eu achava que o Brasil é bom, é um país alegre, a gente se diverte, tem praia, sol, cerveja, prá se diverti é bom, mas a economia, a educação, a saúde, né? O nosso sistema não é como aqui.

A gente sempre foi apegado, a gente sempre foi muito junto e como é, ajuda um ao outro se precisa, porque a gente morava um do lado do outro, pertinho.

A minha irmã ela não quis mais não, mas ela sempre foi mais como é assim desligada da família, dos vizinhos, ela viajou muito cedo, ela começou a viajar, mas eu não, mas ela é mais coisa, a minha relação com os vizinhos não mudou nada, nem com a minha família também.

O problema que eu tive no meu trabalho, é que a gente quando começa a trabalhar, a gente mostra que a gente é caprichosa, a gente quer fazer como a gente aprendeu na escola, e como elas vêm que a gente é caprichosa, elas não querem perder pra gente, aí elas são ciumentas,rsrsrs.

Olha, por um modo eu me sinto orgulhosa de mim, porque eu já fiz, como diz, o que eu pude pra me entregar (integrar) aqui, né? Primeiro pra você vê os meus, as minhas notas tudo. É como diz, fui pra escola, tudo, me formei, trabalhei e fiquei doente, sou pensionista e eu até agora tava falando, eu acho que vou voltar a trabalhar porque eu só ganho cinco mil e novocentos. Ele disse mas tu não pode, tu vai ficar doente de novo, digo é, mas a tua médica já te aposentou, porque se tu for pro trabalho, tu fica doente de novo, eu tenho, continuo tendo o dilema de ganhar pouco, me sustentar, né? Ter o meu dinheiro mesmo.

Dei amor, não cuidei, e primeiro com esse negócio de pedofilia, eu já expliquei, Bre, como é que tu quer que eu fizesse alguma coisa, se eu não sabia, se tu viesse comigo e me falasse, ah, é porque ele, ela diz que ele ameaçava, se ela falasse alguma coisa, ela ia ser mandada de volta pro Brasil, nós três ia ser mandados de volta pro Brasil, é isso que ele

dizia pra ela. Ela começou, foi tirada de casa, começou a mudar, e ela ficou muito revoltada com tudo que aconteceu, né

Quando a comuna foi na minha casa que tiraram a L, eles disseram que não eu não podia dar responsabilidade pra criança aqui não. Eu que tinha que buscar e levar e ir pra escola, era a minha obrigação, eu não podia passar para uma criança a responsabilidade de um adulto. Quer dizer, eu não pude, aí a comuna começou a apoiar ela, aí ela foi tento outra ideia, ah, no BR eu fazia isso, quer dizer que, mas é como diz, lá no BR a gente é obrigada a ajuda a família, e aqui não. Aqui é outra coisa, aqui não pode. As crianças têm que ter liberdade pra brincar. Mas no BR uma mãe com três filhos, mas ela já tava com dez anos, dava pra ela ajudar, mudar a fralda da irmã, como eu pedia pra ela. Mas não pode aqui não. Eu fui repreendida, eu não posso dar obrigação doméstica para meus filhos.

É, isso aí, não foi o que eu esperei, porque e não vim aqui pelo meu futuro, que eu já tava velha, mas pelo futuro deles, pra eles estudarem, terem uma profissão, ser bem de vida. Quando eu fosse embora daqui, eu já tava descansada, que eu sabia que eles iam ficar bem, né? Por isso que eu vim, pelo futuro deles, e por mim também, né?

Quando um homem dinamarquês se interessa, que ele viu pelo vídeo uma mulher brasileira com três filhos e manda buscar no BR, paga passagem e manda buscar que é pra casar, é como diz, não é um bom negócio, a pessoa, depois que eu fui vê, ele tava interessado nos meus filhos, quando ele viu na foto uma mulher, três filhos (...)

Apesar da história triste e da experiência amarga de vida na DK, aliada às dificuldades de sobrevivência no BR, Maria Quitéria é uma pessoa doce e não demonstra nenhum rancor. No Brasil, lutava para superar as dificuldades financeiras com muito trabalho, e mantinha os três filhos com ela. A situação familiar de uma trabalhadora sem formação e de um emprego como autônoma, sem contar com os benefícios de um emprego formal, aliada ao fato de ter que criar tres filhos sozinha, não foram obstáculos para que ela desistisse dos sonhos de estudar.

A vinda para a DK está inserida dentro de uma expectativa de construir uma vida melhor e oferecer aos filhos uma boa educação. Casar-se com um desconhecido era o preço a pagar. No entanto, foi um preço extremamente caro. Sem ter nenhuma condição de avaliação se descobre dentro casada com um pedófilo. Aliada a isto, enfrenta dificuldade de compreender a cultura e a posição da criança e infância dentro dela.

No ambiente familiar da qual é oriunda, as crianças ajudam em casa e a família toda participa solidarizando-se de diversas formas. A filha mais velha ajudar com a mais nova foi o padar de criação que recebeu e que considerou como correto. Mas, esta mesma atitude foi decisiva para que perdesse a guarda das crianças. A nitidez da fronteira, encontrada na família dinamarquesa, sobre trabalho infantil e trabalho de adulto, era desconhecido para ela.

Em momento algum ela não se vê como vítima de tráfico de pessoas. Apesar de ter sido atraída para um casamento de fachada, não considera esta possibilidade.

5.1.3 A história de Jussara Maria

Nasci em São Paulo, na capital e aos oito anos mudamos para uma chácara, uma cidade onde tinha muitas chácaras para o final de semana. Mas a gente morava lá e viajava todo dia pra São Paulo, pra ir pra escola, quase duas horas por dia, ida e volta. Eu tenho dois irmãos, um mais velho e outro mais novo.

Estudei no colégio 12 de outubro em Santo Amaro. Então, essa foi até os meus 12 anos por aí, então, final de semana muito divertido, casa sempre cheia, toda hora com muita gente, mas durante a semana era pesado, era só, dava tempo de estudar e fazer mais nada. E também amizades era complicado, porque morava longe, então só conhecia muito o pessoal que tava de fim de semana em Inuguaçú. Aí meu pai mudou pra Campinas, com trabalho, arranjou trabalho em Campinas e mudamos pra Campinas.

Ele foi gerente financeiro, gerente de vendas, um monte de coisa em uma empresa agroquímica Americana. Minha mãe, dona de casa, administradora do lar. Ela sempre segurou a barra, porque meu pai, quando eu nasci ele não era formado. Ele trabalhava em SP na área contábil e a noite ele estudava administração em Taubaté. Então aos meus quatro anos de idade eu fui vê a formatura dele.

Aí mudamos pra Campinas, mudamos pra Campinas aí foi na época do colegial, e acho que moramos um ano e meio, quase dois anos.

Lá meu pai tava certo de mudar para os E.U.A, ser transferido pra lá, fomos todos, né?

O meu pai trabalhava na Filadelfia e nós morávamos em uma cidade perto. Então foi muito complicado a adaptação lá. Você chega lá e é estigmatizado, terceiro mundo. A única coisa que você vira assim é na hora que você começa a mostrar o que você pode na parte de estudos. Aí o pessoal começa a chegar junto. Eu acho que eu fiquei um mês e meio na ajuda de inglês e depois eu já fui pra aula que o pessoal falava inglês “TOP”, matemática A mesma coisa, ninguém entendia como é que pode uma menina de fora ter boas notas. E tanto que, na formatura da oitava série, lá nos E.U.A, eles têm, uma lista, são os alunos que sempre tiraram notas altas. No dia da formatura o meu nome não foi chamado, mas eu era da lista e eu recebi uma carta em casa do diretor da escola falando que: Bom você é, mas porque eu tava tão pouco tempo na escola, eu não fui chamada lá, na apresentação. Se não eu seria também, né? Moreninha, é então assim, é uma história que já vem meio de longe, né? Aí moramos acho que um ano e meio quase dois anos nos E.U.A. aí meu pai transferiu de volta pra Campinas.

Eu tava falando que eu era tímida, que num sei que, mas com essa coisa de ficar assim, sem social, sem nada, eu comecei a ler muito, eu lia direto, livro sobre psicologia, parara pararara, e lia o jeito dos americanos ser, das americanas serem, de assim não aceitar, não levar desaforo pra casa, de você ter direitos de falar. Quando eu voltei pro BR eu resolvi, cansei, não vou ser mais ser tímida, vou começar a fazer, vou agir. Então quando tava no colegial, no BR, eu era parte do Centro Cívico, montei chapa, fui presidente, um monte de coisa acontecia. Minha mãe falava que eu era uma menina antes de ir e outra depois que voltou. Então nesse aspecto o E.U.A foi bom.

Minha mãe na chácara ela tinha muita empregada, tinha faxineira, tinha motorista, ela tinha muita coisa, mas em Campinas ela tinha empregada, mas ela nunca gostava, então ela sempre ficava na cozinha e empregada no final acabava virando uma faxineira.

Meu pai, minha mãe sempre foram assim, você só tem uma obrigação: estudar. Então, o resto não interessa, estudar, você tem que estudar, e tem que ir bem. Meu irmão mais velho, não era muito não, ele gostava mais de brincar.

Eu queria fazer psicologia, aí meu pai sentou comigo, falou assim querida, muito legal o que você quer fazer, tal. Mas tem certeza que é só isso que você quer fazer? Naquela época assim, não tava muito decidida, mas pensa olha, nessa área de psicologia eu não conheço ninguém, é complicado ajudar. Se você for pra área de administração, você começa e vai ser mais fácil, tem mais facilidade de arrumar emprego. Sempre essa preocupação no Brasil, pelo menos eu tinha também, e aí ele falou assim você vai fazer administração, você mulher, faz economia primeiro, depois faz um mestrado porque você sempre vai ter algo a mais do que qualquer outro cara que fez administração, então fui fazer economia.

Não acho que eu tô arrependida, mas se eu falar assim, eu to feliz, adoro o trabalho que eu tenho, eu não adoro. Mas eu poderia tá fazendo outra coisa na mesma área que eu estudei e tá mais satisfeita.

O que eu cheguei mais perto, foi quando eu tava fazendo o doutorado e que aí tava naquela coisa de fazer pesquisa e poder dar aula, essa parte eu gostei, muito. Mas não paga. Então tem certas decisões que estão baseadas no que você consegue fazer, então hoje em dia, né,

divorciada, tenho que cuidar da I., as responsabilidades são outras, né? Não dá pra ficar pensando o que que você gosta de fazer, o que tem vontade de fazer, só no que tá fazendo.

Tava trabalhando e lá conheci uma grande amiga lá também, e eu e essa minha amiga viemos fazer uma viagem de mochila pela Europa. Resolvemos fazer porque uma das nossas colegas tinham mudado pra cá, e ela aí, falou assim: - Ah, então vão me visitar.

Aí fomos pra Londres, e fizemos uma viagem de um mês, quando terminamos a viagem, começamos em Londres e voltamos em Londres, olhamos uma pra cara da outra, vamos tentar vim pra cá mora uns 6 meses aqui, vamos. Voltamos pra Campinas, né, pra economizar, pra ir morar em Londres, aí falei: Ah, fazer o que lá, né? Vamos vê se a gente faz um mestrado, alguma coisa. Só que 10 dias depois que eu cheguei em Londres essa amiga que eu morava lá, ela trabalhava aonde meu futuro marido e tinha convidado ela pra uma festa, e ela não queria ir na festa sozinha. Fomos lá e ele abriu a porta, e aí desde então caímos um pelo outro, vamos dizer assim, aí, é, foi tipo amor a primeira vista. E aí ficamos lá em Londres, ele quis me trazer pra DK, conhecer os pais dele. Na época eu nem sabia que conhecer pais era tão importante aqui. Minha mãe conheceu todos os meus namorados. aí eu vim conhecer os pais dele, não sabia que era tão sério assim. Prestes pra eu voltar pro BR que a gente decidiu que eu ia tentar fazer um mestrado aqui. Aí eu descobri que eu tava grávida uma semana antes de voltar pro BR. Ele me pediu em casamento. Casamos um dia antes de ir pro BR e aí, um mês depois. ele foi pra lá pra conhecer meus pais.

Me sinto estrangeira na DK, eu sinto que eu preciso voltar pro BR todo ano pra lembrar quem eu sou, porque eu sinto que aqui eu tenho que

me adaptar, eu tenho que de alguma forma me adaptar como a sociedade aceita você agir, por mais que você tente falar nessa hora eu vou ser eu, eu não consigo ser eu, 100% aqui, nas coisas que eu faço, é[...]eu acho difícil, então assim pra mim é uma necessidade voltar pro BR. Antes eu achava que era pra ver meus pais, que é pra ver, não é? Eu preciso voltar lá, porque de repente tem certas coisas que você fala assim, ok! Aí você volta recarregada, pra mais um ano de adaptação.

Você com escolaridade alta já tem dificuldade de aceitar certas coisas, eu fico imaginando, quem vem mais baixo. Mas também depende das expectativas, se você vem mais baixo e você não tem expectativas, talvez seja mais fácil, porque assim que fica tudo por ali mesmo, né? Ainda você tem a possibilidade, de sentar e falar assim, pô de repente eu posso estudar. Então eu acho que nesse aspecto é o contrário, a pessoa que vem com baixa escolaridade começa a ver um monte de oportunidade, aqui você vem com escolaridade, você tem que ficar provando que você tem escolaridade. É um saco, né? Faça-me o favor você tem um diploma de uma boa faculdade no BR, o pessoal olha aqui, faz assim hã?

O fato de como você se veste, de como, como, digamos que a proximidade cultural Brasil é muito próximo com a Dinamarca do que quem tem uma outra religião, principalmente os muçumanos. É que vai em choque com a cultura dinamarquesa. O jeito de ver o mundo, então eu acho que isso entra em choque, eu sinto muito pelo pessoal que é de segunda geração de família muçumana. Eu acho que eles devem sofrer demais, você fica presa entre dois mundos, né? Você não quer negar os valores de seus pais, mas, ao mesmo tempo você tem que morar aqui, tem que viver a sua vida, como é você consegue respeitar os dois, e ser feliz? Eu acho que é complicado, eu brinco quando eu tô aqui, então eu

vou me desbrasilizando até a hora que eu vou pro BR, recarrega, volta de novo (rsrsrsrs), então assim, é diferente, eles vivem esse conflito o dia inteiro, todo dia, eu acho que é pesado.

Espontaneidade, sinto falta desses valores. A pessoa dá valor aquilo que importa. O contato pessoal, eu acho que as vezes o pessoal fica muito na roda do dia a dia, esquece um pouco o pessoal. Nem todos são assim, mas no geral. No BR você tem mais contato com as pessoas, você vai pro supermercado, no ônibus. Dois dedos de prosa aqui, outro lá, sabe? Essas coisas assim, eu sinto falta. Aqui você vai conversar com alguém que não te conhece, o cara fala assim: eu não te conheço, porque você tá falando comigo? Então, é essa espontaneidade mesmo, coisa que às vezes você consegue fazer de repente, não precisa planejar com dois meses de antecedência.

As histórias que você ouve é sempre assim, eles falam inglês, falam, aí todo mundo conversa em inglês com você, durante meia hora, na festa, de repente pronto, vira, e aí é tudo dinamarquês, e sempre foi assim comigo também, né? logo que cheguei, todo mundo que eu conversei é a mesma coisa.

Mesmo brasileira, americana, é o mesmo problema, se você não domina o idioma, é você fica meio que uma outsider. E o dinamarquês tem uma coisa, que ele quer que você aprenda, tem que aprender, então assim, eu tenho uma colega que ela é finlandesa, ela morou na Irlanda muito tempo, e trabalha para uma organização internacional, elas falam inglês o dia inteiro, como é que ela vai aprender dinamarquês? É complicado, né? Então assim, ela ouve, então a gente quando tá junto, a gente não fala dinamarquês, fala inglês direto porque é o mais fácil. Você acredita que tem dinamarquês que quando tá junto dela começa a falar

dinamarquês, fica enchendo o saco. Mas acho que o idioma é o principal problema. Depois você tem que fazer alguma coisa, o que é que você faz, é a pergunta principal, e aí o que é que você faz, né? Ninguém pergunta assim, ai é como você é, só pergunta o que é que você faz, né? Então é, se bem que agora como tem muito dinamarquês desempregado pode ser que isso daí mude um pouco, com a crise. Mas eu acho que é bem por aí.

∞

Oriunda de uma família classe média, que com trabalho e estudo conseguiu chegar a classe média alta, e que sempre valorizou a educação, Jussara Maria teve todo apoio familiar para frequentar boas escolas e se preparar para a universidade.

Em decorrência de transferência por razão de trabalho de seu pai, teve a oportunidade de vivenciar diferentes culturas e aprender outros idiomas na adolescência.

Fez o curso superior orientado por seu pai, apesar de desejar fazer outra coisa. Uma posição pragmática que a acompanha.

Cruzar fronteiras geográficas e culturais não é uma novidade em sua vida. Entretanto, se estabelecer permanentemente na DK acarretou dificuldades na adaptação, isolamento social e sentimento de frustração. A dificuldade com a língua e a saudade da vida no BR fazem parte de seu cotidiano e, apesar de ter uma rede de amigos, verbaliza o sentimento de saudade e de pertencimento a uma outra cultura.

Trabalha em uma instituição financeira de grande porte, com o salário compatível com a função que ocupa, vivencia, entretanto, a discriminação de gênero para galpar postos de chefia.

Em uma posição crítica relacionada a forma pela qual os dinamarqueses não reconhecem a qualidade de ensino das instituicoes brasileiras, não percebe que exemplifica a mesma atitude dos brasileiros em relação as instituicoes de ensino dinamarquesas, pela falta de conhecimentos sobre as mesmas.

O que voce faz ou o que voce é? São duas perspectivas culturais distintas. Na DK predomina o “o que voce faz”, pois este, está relacionada a noção de trabalho, que é valorizada em uma sociedade de tradição luterana.

5.1.4 A história de Maria Júlia

Então vou começar um pouco antes de chegar aqui na DK, eu tava com um bom emprego no BR, e tava muito satisfeita com ele, a minha vida assim, me divertia muito com as amigas, saía muito com as amigas, tive muitos namorados sérios, assim de quatro anos, meus namoros foram todos assim 4 anos, é bem aquela a fase dos 4, o Oi até passou dos 5. Mas assim, tinha a fase dos quatro, mas aí tinha entre safra, e aí saía muito com as amigas, e não faltava nada, sabe? Tinha liberdade, tinha uma boa economia e aí numa viagem a Arraial da Ajuda aí conheci meu namorado²⁵⁴.

O fascínio foi que é diferente do homem brasileiro, eu achava ele muito tranquilo, uma pessoa muito tranquila, sabe? Muito tranquilo, assim eu gostei muito dele, daquela tranquilidade, daquela gentileza, sabe assim? Sem tentar tirar proveito, sabe essas coisas assim? Isso me fascinou muito, me fascina até hoje, tanto que nós somos amigos até hoje, né? E é ele quem toma conta da Bea²⁵⁵. Sabe aquela paixão de verão, paixão de verão é uma coisa que, sabe? Você tá apaixonada aí você vai fazer? ou arrisca tudo ou não arrisca nada, né? E tal, tal, tal. Mas eu vim, eu vim assim, mas eu voltei pro Brasil, sabe?

Eu só vim passear, aí depois eu fiquei aqui, depois voltei pro BR, tava apaixonada, né? Aquela coisa, achava que estava, a gente nunca sabe, né? Não convive, né? Então é isso assim, então minha vinda prá

²⁵⁴ Fala do primeiro namorado dinamarquês.

²⁵⁵ A filha dela com o segundo namorado dinamarquês.

DK foi nessas circunstâncias. Chegando aqui como todo bom conto de fadas ele se desfaz, né? Assim não da certo. Depois eu tive o pai da Bea.

Casei com ele, mas é, eu começo a achar, a minha vida mesmo começou quando eu tive a Bea. Porque até então era uma coisa que, não tinha altos e baixos, não tinha, na minha época era, foi fácil, eu tive a permanência em 2 anos e meio, assim, eram 3 anos mesmo, não sei porque a minha chegou em 2 anos e meio.

Já tenho acho que 14, 15 anos morando aqui. Então quer dizer, na época que eu cheguei era muito fácil, relativamente fácil, eu nunca tive problema nenhum, quanto a isso eu nunca tive problema nenhum.

É inconsciente, totalmente inconsciente, não é porque tem que ser dinamarquês, não, mas acredito que agora eu não ficaria com um brasileiro, a não ser que eu estivesse apaixonada assim, cega, cega. Tem coisas que me incomoda muito no jeito do brasileiro ser em geral.

Em geral, eu acho que os brasileiros são hipócritas, entendeu?

Os homens, mulheres, eu acho que a população geral, assim vive uma, de uma forma. Como outro dia saiu numa matéria sobre os brasileiros, dar muita volta pra falar um não, e eu concordo mesmo, os brasileiros são assim. Já os dinamarqueses não, falam não, não. E aí você pode contar com isso, o brasileiro você não sabe se você pode contar com ele, porque eles nunca falam não direto, então ficam enrolando, aí você fica sem saber, mas então, posso contar ou não, mas ou menos isso. Mas não é isso que a gente tá falando, né? Isso é outra coisa, é apenas uma opinião que eu tenho.

Brasileiro tem aquela fama também de ser mulherengo, fama não é, né? você ver a diferença dos homens brasileiros que vivem aqui e dos dinamarqueses. É lógico que existem dinamarqueses mulherengos também. Mas eu acho que no Brasil tem aquele coisa que tem que ser homem, sabe? Então você vê, eu conheço tantas moças, mulheres bonitas, inteligentes que não têm namorados. No BR os homens ficam ali, só sai pra transar, é mais ou menos isso que acontece. Eu acho que os dinamarqueses eles são mais assim, mas reservados. Eu acho que me fascina um pouco, eu gosto, eu gosto dos homens dinamarqueses, eu gosto do povo daqui em geral, eu gosto dos dinamarqueses, então os homens também.

Eu acho que no início eu senti solidão. Logo no primeiro ano. Nossa, eu não conseguia nem comer comida dinamarquesa, eu rejeitava tudo, sabe? O primeiro natal aqui eu ficava comparando: que no Brasil num sei o que, num sei o que. Hoje em dia, se eu pudesse, eu só passaria o natal aqui. É que tem uma coisa haver com a minha personalidade. Não é que é melhor aqui ou no Brasil, para mim isso aqui funciona melhor, eu me adapto melhor ao natal daqui do que ao do Brasil.

Tem o clima, aquele calor, eu não gosto de calor, entendeu? Difícil assim, parece frescura assim, mas não é assim, eu não gosto de calor, é um stress tão grande que você tem que comprar presente pra todo mundo. Aí você chega e já vai dando presente aí já vai abrindo, tudo elétrico demais.

Eu como mulher me sinto valorizada, mais valorizada aqui na DK, do que eu me sentia no BR. Apesar de eu ter tido namorados assim,

ótimos. Eu, inclusive, tava conversando com uma amiga minha do Brasil. Aí eu perguntei: a sua irmã Geovana não fez face?²⁵⁶ Não, porque o marido não deixa. Oh gente, pelo amor de Deus! Depois de tantos anos na DK eu ouvindo que uma menina no Brasil, que fez duas faculdades, duas universidades, virou do lar e o marido não deixa ter um facebook? Na minha cabeça não entra mais, é assim praticamente dos Flinstones, é muito atraso, mas são muitas que vivem assim. Então, quando eu fiquei sabendo disso, me deu uma angústia, ai que eu não volto nunca prá ficar com um homem desse Só se for prá pagar a língua.

Acredito que todo mundo pensa que a vida é fácil na Europa. Mas a minha mãe já teve aqui, ela viu que não é, que não é essa coisa assim. Mas a minha família me admira muito, porque a minha família sempre me admirou, porque eu sempre fui a mais forte de lá de casa, né? Mas sempre me admiraram. Agora admiram mais porque eu conquistei essa minha independência: tá morando fora, tá morando tão longe do BR.

Assim, eu moro só com a minha filha. Eu não optei por está morando agora com o Ol, apesar da gente ter conversado sobre isso, porque eu não sinto essa necessidade. Não é que eu não goste, não ame. Amo sim. Eu tenho a minha filha e eu penso nela, sabe? Eu tenho essa condição, essa possibilidade aqui na DK. Eu comecei a estudar agora, já tarde, depois dos 40. Quer dizer eu fiz aqueles outros cursos massa aqui, né? Um monte de cursinhos assim, né?

Eu comecei na cantina. Eu trabalhava, eu servia o café da manhã, quer dizer, o café da manhã moleza, né assim? Eu fiquei muitos anos assim, servindo café da manhã, mas depois disso, aí aconteceu aquilo

²⁵⁶ Forma abreviada de falar *Facebook*

tudo, eu me separei continuei trabalhando lá e tudo, eu só parei mesmo quando eu tive Bea, né? Porque quando eu não voltei da licença maternidade, aí que eu fui fazer o curso de dinamarquês.

Mas é, o maior problema primeiro é a língua, né? A língua, esse é um problema pra todo mundo, né? E atualmente esse negócio, as leis, eu tô por fora, porque como eu cheguei como eu te disse assim, eu tenho a minha permanência, mas obviamente quando eu quiser tirar meu passaporte, aí já vou pensar nisso, mas eu não posso ficar pensando nas coisas assim, porque eu me stresso muito, né? Então quer dizer eu não penso, mas eu acredito que agora seja, toda essa situação de imigração, que é difícil se não tiver aquela situação toda, é praticamente impossível ficar aqui, então eu acredito que seja isso também. Mas o brasileiro, agora tem tanto brasileiro aqui, que não é problema, a diferença é que as pessoas, elas se integram muito no meio dos brasileiros e não dos dinamarqueses

Então isso ajuda, é natural, eu acho que é muito natural. No BR também, em São Paulo, os dinamarqueses eles se encontram, aliás eles se encontram porque eu sei disso. Eles fazem as festas deles, eu acredito que eles se falem também, todo mundo vivem em grupo, as pessoas precisam disso como referência pra sua identidade mesmo, pra não perder a identidade. Então eu acredito que muitos brasileiros falam tão mal da DK, nem porque sentem isso, é uma relação de amor e ódio, mas é mais pra não perder a identidade deles, né? Assim, é não aceitar completamente porque se não, né? Sempre tá ali com um garfinho ficando de alguma forma, então eu acho que, eu acredito muito nisso. Mas obviamente os problemas aparecem, não é fácil pros dinamarqueses eles são mais fechados, mas isso não é errado ser mais fechados, é uma cultura, né? Assim, é uma cultura, por isso que eu acho que nós é que

temos também que fazer muito, nós é que temos também que nos esforçar, né? Pra sermos aceitos

A minha infância foi ótima, fui filha única até os cinco anos de idade. Então eu fui, eu sempre fui muito mimada pelo meu pai. Mais pelo meu pai, me lembro mais de meu pai me mimando, né?

Meu pai era jornalista, eu sou de Belo Horizonte, né? Então ele morou em Belo Horizonte muitos anos, foi lá que ele conheceu minha mãe. Ele trabalhava naquela rádio Itatiaia, porque ele era radialista também. Meu pai foi preso político. Ele trabalhava no ministério das comunicações. Ele escreveu um artigo para um jornal, não me lembro bem qual era. Enfim, e aí ele ficou oito meses preso, e aí ele tinha até um dossiê. Esse dossiê morreu, sumiu, mamãe não conseguiu achar, porque meu pai morreu, né?

Ela²⁵⁷ tentou trabalhar, mas aí papai não deixava, e aparecia no emprego, sabe?

A casa eu comprei na planta, quando eu vim pra cá eu recebi a chave da casa duas semanas antes, duas semanas antes eu recebi a casa, a chave da casa, e eu achava assim bom, porque não, minha mãe morava de aluguel, aí fica a casa ta la, ainda.

Mas meu pai era irresponsável e mulherengo, então meu pai o que ele tinha de bom com os filhos assim, ele era mulherengo e aventureiro, então ele sumia as vezes, desaparecia no mundo, via um rabo de saia, corria, né? E então o que acontecia, ele já teve apartamento e perdeu

²⁵⁷ A mãe

assim, mas nunca pensou, as oportunidades apareciam, mas ele sempre gastava, gastava, um vez olha ele deixou de comprar, da uma entrada num apartamento porque ele queria ter dois carros na garagem, dois carros, a mamãe falou já temos um, não preciso desses dois, porque na época dava pra fazer isso, essa negociação, hoje em dia acho que não tem como, carro em apartamento, né assim? Mas naquela época fazia isso, então ele, mas ele nunca pensou nisso ele sempre viveu muito o hoje, ele nunca pensou muito no amanhã.

Adolescência foi, foi boa, né? Deixa eu lembrar aqui, meu pai me dominava muito, porque ele ficava com ciúme, né? Então uma vez eu fui, com 15 anos, né? Porque ele era muito mulherengo que prender a filha porque sabe o que é que os outros fazem né? Então uma vez eu fui, falei que ia, fui a uma festa de aniversário de 15 anos, né? Mas aí de lá todo mundo ia pro clube, e aí o que é que aconteceu, eu falei eu vou, né? Falei com papai que ia dormir lá na casa da menina, mas ia mesmo, né? Só que a gente ia pro clube, todo mundo. Papai apareceu no meio da festa, não tinha mais ninguém, né? Todo mundo tinha ido pro clube dançar, ele apareceu no clube, armou um escândalo, você precisa ver, quase morri de vergonha, meu pai queria me bater quase dentro do clube, e eu escondida no banheiro, e perguntaram tem alguém chamado Maria Júlia, aqui, que tem um homem lá fora que. Ai que vergonha, eu fiquei tão humilhada que eu comecei a ter problema com meu pai depois disso, nunca perdoei, nunca perdoei ele, por essa vergonha, vergonha assim na cidade toda, porque assim adolescente conhece todo mundo no colégio, todo mundo no clube, olha eu fiquei falada assim, que vergonha, fiquei tão inimiga do meu pai, você sabe que até antes dele morrer, eu não conversava com ele direito, eu perdi totalmente o respeito por ele depois daquilo.

Comprei a passagem de avião, pra ele ir pra Recife visitar a família, aí né, dada, ele foi e não voltou mais, porque chegou lá e encontrou uma ex-namorada dele de muitos anos, e ficou, já foi morando com ela, pra você vê, ele ainda era casado, mas ele falou uma coisa, que ele não ia se divorciar da mamãe, que ele queria que a mamãe ficasse com a pensão também, né? Então, pelo menos ele foi justo, né? E agora as duas recebem pensão, porque a mulher que morava com ele, recebe também é claro.

Eu trabalhava com, tinha era assim, eu comecei a trabalhar com uma loja, quando tinha o que, 18 anos assim, meu primeiro emprego foi naquela associação liberal dos estudantes universitários do Brasil, foi meu pai que me arrumou esse emprego, com os contatos, então eu trabalhava no escritório, trabalhei lá dois anos, né?

Esse foi o primeiro, foi, esse foi o primeiro aos dezoito, aí depois a firma fechou lá em Vitória, né? Do Rio Grande do Sul. Aí depois eu arrumei um emprego numa loja que era assim tipo araresca, não sei se você conhece, tinha Getúlio também, não sei se já ouviu falar, assim como tem a Arezzo, era Getúlio, era a mesma coisa mais coisa, se separaram Arezzo e Getúlio, aí eu comecei, porque naquela época, porque ainda ganha, quem acha assim que ganha por comissão ganha bem, né? na época era igual o pessoal que trabalha na fórum, num sei o que, é, que so vai gente rica comprar, só quem tem dinheiro, e aí eu comecei lá, eu comecei a trabalhar lá, passei por uns dois lugares e terminei na lei básica hoje, que hoje agora ficou maior ainda, e na lei básica eu comecei como vendedora, e passei a gerente da loja e aí depois eu passei a supervisora, né? Porque aí abriu em outros lugares, no Espírito Santo também, e depois eu passei a ser compradora da loja, porque aí eu já saia e comprava a coleção, né? E então, comprava a

coleção e ficava nas lojas também, né? Rodando, observando, enchendo o saco do povo pra vender, porque eu tinha, eu que comprava, tinha que vender, né?

Mas eu tinha o trabalho. As vezes entrava as nove saia as dez da noite. Então tinha que viajar, quando era época de coleção, pra ver as coleções. Aí não tinha, não tinha pique nem energia pra estudar, né? E além do mais, ia ter que pagar a faculdade, né? Porque se fosse hoje, quanto custa hoje, 800, 900? Muito cara uma faculdade? Então quer dizer, ficava difícil pensar nisso, né? Mas meu plano era, estava bem próximo de se realizar, era abrir um showroom, com algumas marcas, então ao invés de sair, que os compradores do interior viessem a capital pro meu showroom.

Aqui você não faz nada sem ter uma educação. No Brasil você consegue. Você consegue ser alguém também se você não tiver. A minha amiga, por exemplo, ela está multíssimo bem de vida e ela só tem o segundo grau, mas ela tem um tino comercial.

Eu acho a Dinamarca um país justo, justo, muito justo. Eu acho que as pessoas aqui se empenham muito. Você vê também que as pessoas vem aqui, aí vem aquele negócio, pedir dinheiro naquelas caixinhas²⁵⁸, né? Que você bota assim, as pessoas vem sempre, já começa de pequenininhas, crianças que pedem aquela ajuda, pra doar pra África, né? Tem muitas dessas campanhas pra doação pra África, é eu acho que eles são bons nisso, é lógico que quando você vê assim que tem aquele

²⁵⁸ São projetos de várias organizações nos quais os voluntários, muitas vezes famílias, saem para uma área perto da que habitam, em um determinado dia do ano, pedindo ajuda financeira para diferentes projetos. Este tipo de atividade de solidariedade é encontrado em todas as áreas do país.

escândalo do pessoal que tem aquele asilo, né? Esses refugiados que ficam lá anos e anos no asilo então já ficam, poxa vida.

Mas a gente pensa também, tem que pensar também nas condições do país que mudou muito nos últimos anos, agora a DK não tem aquele como é que se diz é nível de vida, status. Não é mais a mesma coisa, a DK não tem aquele dinheiro como tinha antes. Que cada pessoa que chegasse pedia, e depois já depositava na conta, assim. Agora não tem mais, então eles tão muito mais seguros. Eu acho uma injustiça, por exemplo, com pessoas que já estão aqui, que se integraram, que têm tudo isso que o país exige pra que fique, mas mesmo assim tá difícil, isso eu acho que é pesado. Mas é lógico que agora não pode tá tão aberto como era antes pra entrada de todo mundo, porque não tem, não tem emprego pra todo mundo, as coisas são bem mais difíceis agora.

As coisas são mais fáceis aqui, se eu preciso resolver um problema eu aperto um botão aqui. Aí eles vão saber quem eu sou em qualquer lugar, todo mundo vai saber: o banco, a comuna, a faculdade. Eu sou eu, eu sou a Maria Júlia, entendeu? Então eles sabem, que mais ou menos tá tudo interligado, então por isso as coisas são mais fáceis de se resolver. No Brasil você vai resolver um negócio, você entra numa fila. Quando você entra num banco, você tem que sentar numa cadeira, pegar uma senha, né? Ficar lá sentadoooo. Na Caixa Econômica Federal, ficar sentada ali esperando. Parece que, é como entrar num túnel do tempo, só falta voltar a máquina de escrever, né?

Quando eu tô de férias depende assim, mas uma coisa que eu acho que eu nunca me acostumaria com o ocaso das pessoas e com a indiferença. Pra mim isso tem muito haver com respeito e prioridade. Se eu te convido pra você vir a minha casa, então eu quero que você venha,

então quando você vir, eu vou te dar atenção, eu vou ficar só ali com você, quer dizer já tá tudo certo, sabe? No Brasil minhas amigas falam assim, ah tá vou passar e pegar você lá, vou passar as oito horas, aí nós vamos lá pro num sei o que. As seis você sai do trabalho, vai fazer uma unha ali no salão rapidinho, gente assim, sabe que tem compromisso comigo às oito, e se tiver gente na frente no salão? Não contam com isso, Ah, vou fazer uma escova, aí depois fala vou passar em casa, vou tomar banho, num sei o que, as vezes passa dez horas da noite, eu vou ficar duas horas esperando. Porque aqui é diferente. Eu já fiz jantar na minha casa, no Brasil, sabe que você faz aquele prato que tem que ser na hora? Tava esperando o povo chegar, já comecei a fazer o prato e o povo não chegou na hora, a comida desanda toda..

É a brasileira. Entendeu? Então eu acho, eu não me acostumaria, assim como eu quero ser prioridade eu vou dar prioridade a esse encontro, né? Se eu tenho um encontro eu dou prioridade ao encontro, então é muito stressante. Gente meu próprio amigo, ele tinha que me levar ao aeroporto, aquela praga não chegou cedo de jeito nenhum, que foi lavar o carro. Gente ele tinha que me levar ao aeroporto, mas porque que foi lavar o carro antes, mas é lógico tem a fila, né? Lavar o carro, assim, entendeu? Essas coisas não consigo, eu não consigo.

Não Volto. Só se mandarem embora daqui, é. Eu não tenho planos nem se eu ficar velha, nem quando eu ficar velha, porque eu acho que ser velha no BR é uma coisa, no BR se conta muito que os filhos cuidem dos pais, assim. Só que minha filha é dinamarquesa, e ela tá aqui agora, e ela não vai cuidar de mim, eu não vou ter quem cuide de mim, entendeu? Então o jeito vai ser ficar por aqui mesmo. Eu tendo computador, podendo acessar as notícias e vendo tudo, eu não sinto tanto essa necessidade de voltar.

Eu não tenho assim uma definição. Eu não posso dizer que eu seja dinamarquesa, ou não sou dinamarquesa, é, brasileira eu sou, né? Mas eu tenho uma grande admiração pela DK, eu gosto muito daqui, eu gosto muito do sistema daqui, eu gosto da segurança, eu me sinto segura aqui. Eu não me sinto segura no Brasil quando eu to lá, mas eu me sinto segura aqui, em todos os sentidos eu me sinto segura. To no mercado eu me sinto segura, mesmo morando aqui no gueto que as vezes o pau come, né? Eu aprendi muito, mas eu sou mais crítica agora de muitas coisas do BR, é que a gente só vê depois, de fora. Por isso que eu acho que é necessário que as pessoas viagem muito, sabe? Eu acho que é importante, você faz mais do que essa bagagem que você adquiri na vida.

Tem gente que acredita piamente que o BR é que é mas que bom. Mas que triste pra elas porque não podem viver bem, nem aqui, nem lá, né? Existem pessoas assim, que acham que o BR é aquela coisa fantástica, mas é fantástico, é um país fantástico realmente, mas só que é um país que as vezes não dá aquela oportunidade para as pessoas, né? Pra se desenvolverem, até mesmo que intelectualmente. Muita gente chegou aqui mal sabia falar português, né? Muita gente que evoluiu muito assim, teve oportunidade.

No BR, em alguns prédios, empregada doméstica não entra no elevador social, não pode. Não entra, é proibido, é só discriminação. Na DK eu já vi gente assim, sabe? Médicos, dentistas, gente assim que trabalha, executivos, num sei o que, sentado junto de quem limpa banheiro, sabe? Sabe sentado ali, mas sentado conversando numa boa, assim. No BR isso não aconteceria nunca.

O brasileiro tem aquela coisa ainda, o que eu quero dizer é assim, como um brasileiro no BR não ia conversar com uma empregada doméstica, assim na rede social, assim também essa outra classe dificilmente faria isso aqui também.

É, porque é cultura, né? É bagagem cultural. As pessoas tem a sua bagagem cultural e carregam, é as vezes ruim, porque tem gente boa em todo lugar, é tem muita gente que consegue sair realmente daquele casulo, né? Mas existe sim, eu acho que existe sim essa diferença, de você tá incluída em um grupo, são vários grupos, vários núcleos, e, enfim tem aquela coisa de que semelhantes se atraem. Tem vários ditados, semelhante se atraem, na verdade eu nem acho que isso é certo, mas eu acho que é questão de afinidades também, a gente não sabe explicar direito, mas existe sim, preconceito existe²⁵⁹.

∞

Uma família desestruturada financeiramente pode ter levado Maria Júlia a buscar e valorizar uma vida organizada, encontrada na DK. As dificuldades encontradas, no primeiro ano, foram superadas, assim como foram superadas, antes, as dificuldades que se apresentaram no âmbito familiar.

Apesar de ser originária de uma família classe média, porem economicamente desorganizada, a necessidade de se colocar no mercado de trabalho na adolescencia a impossibilitou de estudar. O sonho de estudar se concretizou na DK. Se sente identificada com a

²⁵⁹ Analisando o preconceito existente internamente dentro do grupo, ou grupos, de imigrantes brasileiros.

cultura e o papel da mulher na sociedade dinamarquesa. Aproveitou todas as possibilidades oferecidas e construiu uma vida independente com sua filha.

Buscou romper com o modelo familiar de um pai “mulherengo” e uma mãe submissa e encontrou o modelo da sociedade dinamarquesa como um aliado aos seus objetivos.

Tem consciência do seu papel frente aos amigos e familiares. A visão crítica em relação ao BR não se reduz a um pessimismo, mas sim a uma reflexão das possibilidades vividas lá e a contraposição do que a ela possível na DK.

O fascínio pelo diferente, por construir outras possibilidades sempre esteve presente em sua vida. Casar com um dinamarques foi também uma forma de buscar por outras possibilidades de se relacionar dentro de um outro modelo.

5.1.5 A história de Maria Alice

Eu já tô aqui tem dois anos e uns três meses mais ou menos, e sinceramente eu sou apaixonada pelo país. Porque assim, eu me sinto segura. Eu sou de Belo Horizonte, que é a terceira maior capital do BR, que já tá extremamente violenta. No BR a gente dirigia o carro com os vidros fechados, andava com a bolsa segurando. Agora aqui, na DK ,não. Eu simplesmente posso sair com bijuteria, posso sair com qualquer coisa que eu quiser, sem ter medo. É claro que tem outros tipos de violência, mas aqui é, aqui não existe stress, por mais que o dinamarquês fale, aqui não existe. Eu sempre quis morar num lugar muito plano, muito tranquilo, aqui é um lugar silencioso, aqui é realmente, parece que foi desenhado pra eu morar. Eu nunca sofri nenhum tipo de preconceito no país, nem com relação a ser estrangeira, nem por dinamarquês, nem por estrangeiros, já escutei muitas brasileira que sofreram.

Muitas brasileiras já sofreram, mas assim, eu procuro me adaptar ao país o mais rápido possível. Eu fiz o curso de dinamarquês, sei falar dinamarquês. Terminei o curso, mas não quer dizer que eu falo extremamente fluente, sei me comunicar, mas enfim. Eu não creio que minha experiência técnica tenha sido boa, porque quando eu apliquei pro visto aqui, eu tava morando com meu marido, que era namorado na época, eu apliquei para o Green Card, que eu não sei se nos dias de hoje, é o mesmo sistema de antigamente.

Ah, isso foi 2009, ou 2010 eu acho. Enfim, era praticamente certo que eu teria, só tava esperando a aprovação deles, mas eu não consegui. Tive que ficar três meses no Brasil, e isso atrapalhou minha integração

aqui, meu curso de dinamarquês, enfim. Eu tive que casar pra ter permanência aqui no país, e enfim resumindo, até hoje eles estão olhando meus documentos, até hoje eu não tenho meu cartão de residencia. Toda vez que eu tenho que sair do país, eu tenho que ir até o departamento de estrangeiros pra pegar um carimbo, porque eu não tenho o cartão. Já era pra eu ter recebido cartão, eu tenho que renovar, porque a cada dois anos você renova, né? Até agora não tenho nenhum documento, ou seja, emprego na minha área é muito difícil. Então assim, foi muito stressante pra mim. Eu cheguei ao ponto de quase mudar de plano, de ir pra Suécia, porque todo mundo sabe que a burocracia na Suécia é mais flexível.

Olha, eu não sei exatamente, mas por exemplo, eu tenho uma grande amiga que ela aplicou pro visto do Brasil pra Suécia, o visto dela saiu, mora junto com o namorado, saiu em dois meses, sabe? O grau de instrução dela de escolaridade não é muito alto, então assim, são requerimentos que a DK faz que são absurdos. Eu fiquei sabendo que no ano passado, em agosto em acho, fizeram uma nova lei, era um absurdo, eram requerimentos, não sei se para um novo Green Card ou pra outra coisa, eu sei que as pessoas com dois meses, três meses aqui, tinham que falar o dinamarquês pra se comunicar, isso é impossível.

Sabe então, são coisas que a Suécia é muito mais flexível, escola, por exemplo eu não teria que pagar escola, se eles tivessem vendo meus documentos enquanto tivesse aplicando, aqui não, aqui eu apliquei, eu tinha permissão pra ficar no país, mas não tinha CPR, eu não tinha absolutamente nada, eu não era tão cidadã, mas eu não era um número no país, então na Suécia é muito mais fácil.

É porque eles falaram que a minha faculdade não equivale a universidade daqui, assim. Claro que não equivale, eu estudei direito brasileiro, mas foi uma desculpa extremamente esfarrapada, foi tão absurdo a desculpa.

Depois da resposta eu tinha 15 dias pra voltar pro BR, então o que é que a gente queria fazer? Casar aqui na DK porque já adiantava a burocracia um pouco, que na hora que eu chegasse aqui eu já tinha um visto, e não três meses depois de chegar aqui aí começaríamos uma nova, né? Eu sei que a gente procurou um monte de gente, faltando dois dias pra ir pro BR, eu consegui a permissão do prefeito de Copenhague, pra me casar, porque ele teve acesso aos meus documentos, ele deu uma olhada e falou assim: é, realmente não é justo, de acordo com a lei, eu to achando isso meio abusivo, então eu vou conceder que você case. Isso não era permitido, eu não sei o que eles fizeram, eu sei que a gente encontrou uma brecha na lei, colocamos pra ele, ele assinou, e eu casei, antes de voltar pro BR.

Quando você tem esses 15 dias você não pode fazer nada, nem se você encontra um emprego ganhando cem mil por mês, você pode ficar aqui. Até então nesses dois anos e poucos meses eu não tive nenhuma experiência boa, porque eu já apliquei para Universidades, foi negada minha aplicação, sabe? Muita gente fala, ah, mas pelo menos você terminou o curso de dinamarquês, sim, mas e daí?

Tentei emprego quando eu cheguei aqui no verão, eu batia de porta em porta, pra trabalhar de graça como estagiária, falava, olha eu trabalho pra você por três meses de graça, só por experiência, sabe? Mas assim, nada, por três meses eu fiz isso. Então chega um momento que você perde a sua confiança, você chega no maior gás, eu vou dar um jeito

e tal. Quando eu cheguei aqui eu queria continuar na minha área, mas depois, com essas situações, eu já to mudando de área, eu já tenho outros planos, outros projetos.

Olha, eu sou filha única e tive acesso assim a muitas coisas boas, a minha família é de nível social médio, eu tive acesso a muitas coisas, a clubes, a sociais de clubes, eu estudei em faculdade pública e privada, eu tinha vários amigos. Eu fiz uma, parei, e fiz a de direito e concluir. Mas eu tinha vida social muito boa, encontrava meus amigos, praticava muito esporte, e era a pessoa mais assim do dia. Minha infância foi saudável, adolescência também, mas desde pequenininha eu já tinha essa ideia de morar no exterior.

Era um sonho, na verdade eu sempre tive um sonho de fazer intercâmbio cultural, mas como eu era filha única, os meus pais, meio protetores, sabe? Nunca deixaram, mas eu vim ter realmente ter essa paixão quando eu comecei a viajar pelo exterior, e a partir da primeira viagem eu tinha eu acho que 14 anos, aí eu tive certeza que realmente eu queria morar, trabalhar, estudar.

Olha, a gente se comunicava em inglês, e a gente continua se comunicando em inglês, porque eu não sei assim, é claro que a gente conversa em dinamarquês, mas o cotidiano é em inglês, ele teve uns dois meses de português antes de ir pro Brasil, mas assim ele se comunica com meus pais em português, sabe? E, mas assim, não é muito, ele não consegue falar muito em português não, mas eu falando dinamarquês, eu consigo falar com a família dele com os pais. Foi numa festa que a gente se conheceu.

Na verdade eu tava com uma amiga minha lá. Ela viveu uns 20 anos no EUA, então ela era totalmente americanizada, e as americanas são muito mais pra frente, então eu lembro que era um show, tava lotado. Aí eu vi dois caras loiros gigantes. Aí eu falei com ela: meu Deeeeeeus do céu que cara maravilhoso é esse? e ela: vem cá que eu vou te apresentar. E eu: de jeeeeito nenhum, assim, ele nem tinha me visto, sabe? E ele é alto, ele tem um e noventa e três, aí eu cheguei perto dele assim, falei, oi, ele, oi, assim, sabe? Eu nunca ia ter chance de conversar com ele, eu nem ia nessa festa na verdade, fui de roupa suja, tô falando sério, sabe assim, sem salto e eu só saiu de salto, mas foi totalmente despretensioso, e acabou que agente se conheceu, três meses depois ele teve que voltar porque o projeto dele acabou. A gente ficou namorando a distância, ele ia ao BR, eu vinha pra cá, ou seja, desde aquela época eu já vinha assim, se eu realmente quisesse ficar com ele, eu já tava conhecendo a DK, antes de vim pra cá, eu vim nas quatro estações, no verão, no inverno, pra saber como que é o país, como que é diferente, né?

Já ouvi falar sobre racismo, sobre as pessoas não falarem, não se comunicarem em dinamarquês. Talvez porque, eu não sei se dar pra perceber assim quando a pessoa é turista, ou quando a pessoa mora no país, talvez seja fácil pra eles, mas eu já vi muita gente maltratada, porque não falava dinamarquês, por causa da cor de pele, por qualquer motivo simples, pelo tipo de roupa, e não era tão vulgar a roupa.

Ela tava com um vestido curto, nada indecente, só tava uma coisa mais chamativa, mas não estava indecente, e era um restaurante até mais fino e ele não queria liberar a mesa pra ela. Porque ele tava guardando as mesas, mas ela colocou o nome dela na lista, e ele não quis liberar pra ela, e falou assim, disse que gente desse nível assim não

poderia. Não to falando contra as brasileiras, mas assim, acabou que a pessoa tinha nacionalidade brasileira, mas acho que ele devia ter achado ela vulgar, pela roupa dela, e ele não liberava a mesa de jeito nenhum. A gente teve que ir pra outro restaurante. Então nessa situação eu não sei se é porque é brasileira. Outra história, mas que eu não sei se é verdade mais eu já ouvi muita história, até de mulçumana achando que brasileira era mulçumana, por algum motivo não tava usando a burca²⁶⁰, já ouvi história também falando disso.

Eu tenho saudade de coisas pontuais. Por exemplo: domingo de manhã ver Faustão com a minha mãe, é claro, meus amigos, comida, óbvio, mas assim eu não tenho, aaaaah que saudade! Por exemplo, ontem eu tava ouvindo You Tube, ouvindo Raça Negra, Leonardo, aí eu comecei a cantar e começou a me dar um baixo astral, aí eu falei: pode parar, mas não é assim, eu não tenho saudaaaaades, aquela coisa incontrolável, saudade, mais uma falta.

Eu tenho o maior orgulho de falar que eu sou brasileira, é, eu acho que nossa economia tá cada vez mais avançando, eu acho que esse papel do BRIC, que o BR tá desenvolvendo tá sendo muito bem visto em todos os países. É claro que tem umas situações, por exemplo, a copa do BR e esse negócio das olimpíadas, foi um orgulho ter visto lá na praca central, que a gente ganhou, mas sinceramente isso aí não vai fazer bem pro Brasil, é o que eu acho. Então são coisas assim, economicamente o país tá subindo muito, mas na área social, sabe? A gente continua a desejar muito, é claro que a economia tá ligada a área social, mas eu to

²⁶⁰ Cita o caso de uma brasileira criticada, por um muçulmano, por não estar usando a burca. Este caso demonstra a dificuldade de definir a caracterização física do “ser brasileira”.

querendo dizer assim, que ainda não tem muitas escolas, tem gente morrendo na fila do hospital.

A qualidade de vida, é a única coisa que eu acho de positivo, porque aqui eu respiro um ar limpo. Eu moro numa área considerada gueto de muçumano, aqui é a barra pesada da DK, ano passado teve esse tiroteio, mas assim infelizmente foi aqui do lado de casa, mas mesmo assim, mesmo sendo um bairro considerado perigoso, isso aqui é muito tranquilo. Sabe, qualidade de vida? aqui não tem poluição de caminhão no meio da rua como tem no Brasil, aqui não tem poluição visual, sabe?

Eu gosto dessas diferenças, eu tenho muitas amigas, de vários locais no mundo. Eu adoro aprender. Por exemplo, eu não tenho amigos dinamarqueses, os amigos que eu tenho eu consegui através das namoradas dos amigos do Tho, porque eu não frequento, ainda, os ambientes onde eu possa ter amizade: uma universidade, que foi negada pra mim. Eu não tenho como ter amigo dinamarquês. Na academia ninguém conversa aqui na academia na DK. As pessoas falam dinamarquês é muito frio, não é que eles são frios, eles são normais pra frios, brasileiro que é muito expansivo, né? Que é muito amigo, mas dinamarquês não é isso tudo que as pessoas falam, eu acho.

Quando eu cheguei aqui escutei muitos casamentos felizes, muitas histórias felizes, mas ultimamente eu venho escutando muita coisa negativa, não sei se é coincidência não, mas muita coisa negativa, então primeiro seria falta de emprego, né? E talvez esses desentendimentos, porque casar com uma pessoa de outra cultura, de outro país, com outro idioma, sempre vai ter um certo probleminha assim, né? De comunicação.

Eu tive dificuldade de aprender dinamarquês, porque assim, é igual o que eu falo: eu amo o país, amo as pessoas, mas eu odeio o idioma. Então pra mim fica muito difícil, mas eu acho porque eu conheço assim, vários níveis sociais de brasileiros aqui, eu vejo que as pessoas mais simples, elas vieram pra cá sem saber outro idioma, ou seja, os maridos ou os namorados falavam espanhol ou um idioma que elas poderiam se comunicar. Mas várias delas não falam sequer inglês, então vêm pra cá mas se tiver que sair pra comprar um pão, como é que faz?

Fica apontando, fala em português, é o que eu acho então assim, pra elas talvez isso até ajude aprender dinamarquês na marra, né? Mais rápido, eu conheço pelo menos duas pessoas que aprenderam dinamarquês muito rápido, por não ter outro idioma pra se comunicar aqui. Então pode ser que ajude, e tem outros também que tiveram problemas.

Acham que morar na Europa, pra morar na Europa tá rica. Todos pensam assim. É só mais a imagem que os amigos tem, né? Mas assim, ao mesmo tempo é ruim, sabe? Porque todo mundo da minha sala, todo mundo tá trabalhando, com o próprio escritório, concursado. Maria Alice, o que é que você tá fazendo? Aaaah.

É eu falo gente não é bem assim, sabe eu tive que passar por um processo muito longo. Se não falar dinamarquês aqui, não consegue um emprego bom, as brasileiras só conseguiram porque elas chegaram aqui há cinco anos, naquela época tinha emprego assim.

Filha única de uma família classe média, Maria Alice sempre foi fascinada pelo diferente e desejou morar fora do BR. Teve acesso aos melhores colégios e faculdades, clubes e todas as facilidades que a sociedade brasileira oferece aos que têm um padrão econômico superior.

Migrou para a DK quando as leis de migração se apresentaram mais rígidas em relação à reunificação familiar. Mesmo oficialmente casada, teve que sair, obrigatoriamente, do país. Teve a experiência, incomum no país, de enfrentar as filas do serviço de imigração dinamarques.

Apesar de todas as dificuldades que se apresentaram em conseguir o visto de moradia e na convalidação dos diplomas brasileiros, se identifica com o país e com aspectos da cultura local. A segurança proporcionada se mostra como uma possibilidade importante a ser vivenciada para quem experimentou o medo da violência urbana no país de origem.

5.1.6 A história de Maria Nazaré

Foi maravilhosa, tive uma infância assim. Meus pais, eles eram artistas. Meu pai mais, era joalheiro, artista plástico, e eles se mudaram pra uma casa fora de São Paulo, assim, uma casa bem grande, super confortável, pra criar a gente, né? Então a gente foi criado no meio da natureza, andávamos meio soltos, pelados assim, e mas sempre com a assistência da minha Vó, que morava lá perto da chácara Flora. Também que a gente sempre tava visitando ela, e ela sempre tava nos visitando, sempre trazendo coisas também e ela era daquele tipo assim, “senhorazinha”. Senhorazinha com luvinhas assim, unhas pintadas, cabelos sempre com permanente assim, e a casa impecável, uma casa enorme assim, de acho que uns 200 m², encima e embaixo, né? Em cima era menos do que embaixo, que meu avô construiu, ele era médico. Ela também punha filmes pra gente, que meu bisavô ele trabalhava na Tupy, ele foi que, uns do que, trouxe a TV colorida pro Brasil com Assis Chateaubrian. Então ele tinha muitos filmes, a minha vó ia lá e passava uns filmes, meu bisavô, né? E era essa magia assim, e também lá em casa, junto com os artistas, aparecia os amigos do meu pai fantasiados, aquela coisa meia assim, e era muito massa assim.

A adolescência foi meio que, eu acho que depois que meus pais se separaram que até foi muito duro pra gente entender. A gente foi pra uma escola boa até, uma escola inglesa, a gente aprendeu inglês desde pequenininho assim, desde o maternal, lá no Campo Belo. Eu era super, a primeira da classe, isso de sete até uns 7, 8, 9, 10, até os 11 anos eu era assim, TOP, eu era só A, A+, eu adorava estudar, era a maior “nerd”, eu lembrava assim que uma vez tava todo mundo fazendo barulho e eu era sempre quietinha, aí a professora falou, Maria Nazaré sai pro recreio

e todo mundo fica, aí eu passeia ficar na janela todo mundo me olhando querendo me matar, porque eu ficava quietinha, né? Adorava estudar, ler assim, minha paixão, aí a diretora da escola ofereceu uma bolsa de estudo pra minha mãe, pra mim, falou olha a Maria Nazaré pode ficar aqui, não precisa sair da escola, minha mãe falou olha não tenho condições de pagar, começou a decair, né? Situação social, situação financeira, eles se separaram aí meu pai já não tinha muito dinheiro nessa época, não sei o que minha vó também não ajudava muito, minha mãe as coisas, as bonecas de pano, também não tavam indo bem, aí ela falou não, vou ter que te tirar e botar em escola pública, foi aí que a diretora me ofereceu bolsa, aí minha mãe falou: não, porque a minha outra filha minha outra filha numa escola pública e a Maria Nazaré numa particular. Aí fomos as duas pra uma escola pública. Eu acho que eu me revoltei. Não ligava pra nada, comecei a decair nos estudos assim, aí comecei a andar com uma turminha, aí comecei a curtir punk rock, e comecei a raspar cabelo (rsrsrrsrsr).

Aí foi que foi, aí eu comecei a fumar maconha, fumei durante uns três nos, eu achava o máximo, e não me concentrei nos estudos e eu perdi um ano, perdi um ou dois anos assim. Aí depois disso arrumei um namorado, já tava namorando aqui, ali, né? Mas o namorado eu fiquei cinco anos, que ele era punk rock também. Fiz um curso técnico em processamento de dados, e terminei tudo direitinho. Aí entrei na escola americana pra fazer tradução e intérprete, mas aí achei um saco. Principalmente porque tinha que apresentar em inglês.

Tem esse amigo que ele é metade dinamarquês, metade brasileiro, a gente se conhece assim desde pequeno, de Ilhabela, eu tinha quatro anos de idade, o pai dele é dinamarquês, e ele morou aqui na Dinamarca, era vai e volta, e aí ele conhecia o R., e uma dessas que eu tava numa

empresa, depois eu sair da empresa pequena e fui pra uma empresa americana e aí eu tava conversando com o Ian pelo MSN uma vez, aí ele falou ah mas eu tenho um amigo aqui, que ele fala inglês, e assim, a gente nem pensou na verdade assim, nada assim, não tinha nada em mente assim sabe, ele fala inglês e você pode treinar, aí ele me deu o e-mail do R., eu até pensei quando o R. entrou eu pensei que era uma menina, não sei porque, eu falei ah então ta.

Aí começamos a conversar, lálálálálá, aí assim, tinha uma curiosidade assim, tipo, pra mim eu tava apaixonada assim, né? Uma ilusão, assim putz, conhecer, imaginava ele assim, um viking, pelas fotos assim e tudo, câmera, e daí a gente começou na Web Cam, no telefone, e ele era um fofo, muito querido assim, e aí foi que ele falou vem pra cá tal, passa umas férias, fica aqui comigo, e aí eu fiz. Mas eu pedi demissão do emprego assim, né? Qualquer coisa eu volto e arrumo outro e tal.

Foi que primeiro a recepção não foi muito boa porque me pararam no aeroporto e revistaram minha mala, não sei o que é que pensaram, tipo não foram com a minha cara. Mas aí mais tarde eu vim descobrir o motivo assim, alguém falou que tem uma conexão Foz do Iguaçu-Dinamarca, tava vindo um monte de brasileiros que vem e fazem aviãozinho, de droga, e eu tava nessa faixa etária.

Aí foi maravilhoso assim, em cada lugar que eu ia, falava nossa! Eu tinha a sensação que eu tinha sonhado em vim pra cá, uma coisas assim, uns flashes, putz, eu sonhei com isso aqui.

Na verdade eu tinha ido pra Buenos Aires, quando era pequena assim, mas eu nunca tinha ido pra outros lugares.

Foi massa, né? A gente trancado assim um tempo em casa, umas duas semanas sem sair. Uma semana sem sair, sem sair mesmo. Só nos beijos e abraços. Assim, eu tinha aquela ilusão, tava naquela ilusão de dar certo. Depois de sair de um monte de relações, sempre sofrendo, muita coisa na cabeça assim, mas o sonho que dessa vez poderia dar certo.

A gente ficou juntos acho que um ano e meio no máximo. Assim, a coisa começou a degradingolar quando a gente tava com seis meses juntos, já comecei a perceber assim, uns humores dele, a gente não tava legal assim a relação. Mas o que ajudou bastante é que minha sogra tava sempre por perto, depois que a gente mudou, a gente tava morando na cidade, e resolvemos mudar pro campo pra ver se melhorava o humor dele. Tudo pra gente ver se a gente salvava a relação, né? Ele tinha outras coisas, ele é bipolar. No começo foi bem difícil, a história toda era assim e a gente falava inglês e tudo. Mas sempre foi assim, sabe a comunicação? Parece que dá um piripaque. Eu achava que o problema era comigo na verdade, tipo assim: ah, eu fiz alguma coisa de errado e ele tá puto comigo. Aí a gente se separou. Teve um lance que ele começou a jogar as coisas na parede e tal, de acesso de fúria mesmo.

Foi difícil a adaptação, essa coisa de aprender dinamarquês, e passei a trabalhar, você se sente assim, como é que eu vou fazer, tentei até arrumar algum emprego assim, mandei currículo para várias empresas aqui e tudo, mas nunca responderam, né? Porque viram que meu currículo tava bem assim, mas a carta de apresentação, num dinamarquês bem chulé.

Eu tenho bacharelado em administração de empresas, trabalhei 10 anos em uma empresa, cheguei a ser gerente até, é geral assim, uma

empresa pequena, uma escola de inglês, claro não tinha muitas pessoas que eu cuidava, cuidava mais do setor de vendas assim, depósitos, essas coisas assim, empresa pequena.

Comecei a trabalhar depois de acho que quatro meses que eu tava aqui, eu já comecei a ver se eu podia fazer cuidar de casa, fazer , ser au pair de criança, e aí eu achei essa mexicana que tava procurando e tal, aí trabalhei com ela uns oito meses assim, cuidando da casa dela e cuidando das crianças. Mas tudo bem, aí encarei na boa e tal. Aí peguei vários trabalhos de limpeza, aí depois disso achei um emprego fixo numa escola perto dessa fazenda, e lá foi um trabalho super duro assim, muito mais duro do que limpeza em pequenas empresas, porque escola a criança suja muito.

Era de limpeza. Mas aí era bom porque eu tinha um emprego fixo. Eu tava feliz assim de verdade, foi bem nessa época que a gente se separou na verdade. Porque eu via assim que toda vez que eu chegava em casa, ele tava lá sentado no computador, fumando e não fazia nada e aquela deprê toda. Aí eu comecei a discutir, falar não, você tem que arrumar um trabalho. Fiquei um ano nessa escola, aí uma colega minha de trabalho falou: porque que você não vai trabalhar na casa de idosos? Ela me deu o canal e tudo. Aí comecei a fazer limpeza pros idosos. Aí eles ficaram doidos comigo e ficavam ligando pras empresas: ai não, mas eu quero a Maria Nazaré de novo não sei o que. Aí eu fiquei super feliz, eu fiquei um ano lá também, certinho, mas foi bom porque eu aprendi dinamarquês, tinha contato com a cultura, foi ótimo a experiência, acho que porque entende muito mais a cabeça deles assim um pouco mais né? Principalmente com os idosos.

É porque não sei qual a diferença, mas eles me adoravam, mas já vi eles falando assim: é porque eles vem aqui mas não conversa com a gente! E o que eu fazia era: eu limpava tudo, e sentava e conversava um pouquinho, cinco minutos que eu tinha. Os dinamarqueses, eles geralmente saem sei lá, 5, 10, 15 minutos antes, e vão embora sem falar nada.

Meu ex-marido dizia: eu não vou te dar o visto, e a gente vai divorciar. Mas ele tinha assim esses altos e baixos, ele ficava me ameaçando e chegou a ameaçar tipo, se você não me pagar duas mil coroas eu vou te denunciar pra imigração. Coisas assim, isso depois de uns três anos assim, e aí foi piorando a situação, foi piorando a situação. Depois que ele começou a namorar uma menina tal, ele até falou assim: É porque ela não gosta de estrangeiro mesmo e ela tá me pressionando com isso. Metendo pau nos estrangeiros, né? Ele é meio assim, depois de ter ido no Brasil juntos e tudo, a gente curtiu mil, mesmo assim ele tinha um preconceito assim, e é, nesse sentido violência verbal uma violência psicológica mesmo.

Então, eu tenho o Green card, é uma coisa que eu penso assim, se não fosse o Green Card, eu não sei como seria? Foi uma boa oportunidade.

Porque eu já tinha um trabalho, porque o tipo de trabalho também conta, por ter o dinamarquês, por falar inglês no trabalho, da uma diferença. Tudo que eu tinha assim de prova que eu fiz, tudo eu mandei. Esse curso que a gente tem que fazer no começo, faz uma diferença, né? Mesmo que conte ponto abaixo, e as horas, e o quanto de horas que eu já trabalhei, mas contou também trabalho na escola, mas todas essas horas que eu trabalhei, trabalhei com os idosos também.

Foi muito stressante esse período assim, muita ansiedade, sem saber o que ia acontecer, tudo, e é porque eu também achava que se eu voltasse pro BR ia ser naquele período assim, ia ser sabe? Ela foi pra lá e não adquiriu nada, não estudou, não fez nada. Sabe assim, a família, né?

E também é difícil assim depois que você tá fora, sai daquela bolha assim, que você tá dentro do BR, você fala assim, tá tudo certinho, mas quando você sai de fora você fala também, peraê não é tão assim, sabe? A realidade não é mais tipo, eu sou mais aqui, aaah, a mentalidade das pessoas, eu sempre me sentia meio que fora, sempre, da “thurma”.

É, isso ajuda também, eles tem essa visão, é na verdade assim, a última vez que eu fui no Brasil, tinha esse cara, foi a comida do cachorro, a minha mãe bateu a língua pra ele, porque a minha filha é da DK, tá vindo pra cá. Aí a gente foi comprar a comida do cachorro e o preço assim lá nas alturas. né? É eu realmente as pessoas tem uma noção assim, que você tá nadando em dinheiro, tá super bem.

Eu fui meio que uma adolescente bitolada e assim apesar de já ter mostrado que eu já tinha uma certa responsabilidade, eu terminei a faculdade, e tudo, mas de repente toma esse impulso de ir pra um lugar desconhecido, e eles assim, tipo sem, ah, não sei, é tipo, eu sinto que é bom esse reconhecimento, eu não sei explicar, mas é bom. E assim tipo, agora, eu mando dinheiro pra minha mãe, né? Confia em mim, não confia mais assim, ela depende de mim de certa forma e tal, mas é bom não sei explicar.

Foi muito difícil aprender dinamarques, falar pra mim, pior coisa, eu demorei muito pra aprender, na verdade eu acho que eu só aprendi mesmo depois que eu comecei a trabalhar, eu tinha que falar, tinha que.

Bom, primeiro é que a pessoa fica isolada, acho que isso é a pior coisa assim, que a gente não sabe muito bem, onde, aonde você pode achar certas coisas, né? E as pessoas também não são amigáveis, né? Então existe uma barreira assim, no dinamarquês e principalmente a língua, né? Não sabendo a língua, você não consegue ir pra lugar nenhum.

∞

Uma história de contos de fadas? Para Maria Nazaré a vida poderia ser um conto de fadas. O acesso a uma vida saudável e a natureza, uma família unida e um caminho cheio de possibilidades se apresentava para uma menina criada em um bairro de alto padrão paulistano e frequentadora de escola de alto nível. Não experimentou na, infância, as dificuldades enfrentadas pela maioria da população brasileira.

A separação dos pais e a pauperização da família apresenta uma nova realidade social, até antes desconhecida. Desde a adolescência que se sente uma “outsider”²⁶¹ e procurar em outros grupos a afirmação de sua identidade.

²⁶¹ Em uma roda de samba de brasileiros ela se aproxima de mim e envergonhada fala baixinho, quase que pedindo segredo: “Eu me sinto excluída! Não sei sambar, não sei fazer caipirinha e gosto de rock”. Num ambiente de imigrantes brasileiros é impensável uma brasileira com este perfil.

A necessidade de buscar algo novo, diferente, fica claro na atitude de pedir demissão do emprego depois de receber um simples convite de uma visita à DK.

Isto se confirma na decisão de lutar para ficar, mesmo tendo o casamento terminado um ano e meio depois da chegada. O clima frio, a dificuldade da língua, a saudade da família ficam em um plano inferior ao estabelecido pela mudança. A vida autônoma que adquiriu, aliada ao respeito recém adquirido frente a família se torna o mais importante.

Mesmo tendo terminado uma Faculdade no BR, começa trabalhando com limpeza e rompendo com o ideário de uma menina classe média alta brasileira, assume o trabalho e se orgulha de tê-lo feito bem.

5.1.7 A história de Maria Renilda

A primeira vez que eu vim aqui na Dinamarca, eu vim a convite de uma prima quando tinha terminado a faculdade, na verdade ela sempre me convidava, mas meus pais não deixava vir. Eles falavam que eu só poderia vir depois que me formasse.

Foi em 2004. Aí eu fiquei 3 meses como turista. Gostei, achei interessantíssimo, foi o primeiro país que eu viajei fora de Brasil. renovei o visto por mais três meses, e aí quando o visto de turista tava pra terminar, eu perguntei a minha prima se a gente não podia fazer alguma coisa, queria aprender a língua. Nessa época eu não falava dinamarquês, que eu tava como turista, e também falando português com meus primos, que eles tinham que aprender o português que minha prima queria. Aí ela falou assim: você pode conseguir um trabalho como au pair. Eu trabalhei como au pair. Esperei mais 3 meses pra sair o visto, nesse tempo eu já comecei na escola. Au pair de uma família em um castelo.

Mas na época que eu cheguei, na época que eu tava lá, o marido da condessa não era o conde, o conde realmente, ele morreu, né? É ela não pode se casar novamente senão perderia o título. Então, o companheiro dela, quando ele bebia ele ficava agressivo, e nessa época eu não falava dinamarquês, eu tinha começado na escola, e aí ele me empurrava. Tinha duas meninas da Filipinas, isso é proibido, porque na verdade numa casa só é permitido uma au pair e lá eram três. O meu nome estava em uma outra família, e uma outra menina das Filipinas tinha o nome em outra casa lá. Então na verdade, não era trabalho de au

pair, a gente trabalhava mesmo em casa, e a gente só tinha livre cada 15 dias, aí eu engordei, fiquei com depressão tal.

Eles me exploravam mesmo, eu acordava 7h da manhã, às vezes 6 h, trabalhava até 8h da noite, três meses, não aguentei assim, três meses foram até demais, mas é justamente porque eu não falava a língua, né? E aí num desses dias livres que eu tive, conheci uma pessoa, que hoje em dia é minha amiga, que ela é também de lá da Bahia, aí você sabe, né? Ah, baiano, baiano, a gente começa a conversar aí ela falou assim, ah, eu conheço uma amiga e ela já se mudou várias vezes de família porque o pessoal não respeitava, e eu vou conversar com ela, ela vai colocar seu nome na internet e você vai encontrar uma família.

Eu assim, eu me joguei no dinamarquês, me joguei realmente e muitas coisas eu não entendia, agora, eu entendo inglês, eu não falo inglês mesmo porque a gente tem inglês no Brasil, o inglês da gente só não é no nível de conversação como o daqui, mas eu entendia inglês, agora pra me expressar que era difícil. E aí eu sei que Lu, ela conseguiu uma família pra mim. Era uma jovem que tinha duas meninas gêmeas e tava grávida de mais uma, e aí eu falei com ela, que eu queria estudar, era muito importante pra mim estudar, que era por isso que eu tava aqui, que eu não queria ta trabalhando 8 h, 9h, que eu sabia as regras. Um au pair tinha que trabalhar 5h, tinha que ter um dia livre na semana, tal e tal. E ela vinha com um papo assim, chantagem emocional, que já teve dez meninas, que ninguém ficava, eu falei claro que ninguém ficava, porque dessa forma ninguém quer ficar. Ah, por favor você não me abandone, eu falei assim olhe, eu vou fazer uma coisa, porque ela também não abria mão que eu trabalhasse das 7, 8 horas da manhã até 8 horas da noite também. Eu falei assim, eu vou fazer o seguinte eu te prometo que eu não vou sair daqui antes de encontrar uma pessoa. Aí encontrei uma

pessoa pra ir trabalhar na casa dela, era uma amiga dessas Filipinas que eu tinha trabalhado no castelo, e aí em três semanas eu falei com ela que realmente que eu tinha encontrado uma pessoa pra ela, que eu tava saindo, ela ficou super triste. Depois disso eu encontrei um trabalho direito em uma família que é a família do meu coração e que a gente tem contato até hoje.

E aí nessa época também comecei a namorar. Minha filha, eu morei com os meus pais até os 27 anos de idade sabe, eu fui a última a sair de casa, minha irmã se casou cedo, meu irmão saiu de casa com dezoito anos, porque ele já foi formar sua firma lá na chapada diamantina e eu fiquei com minha família porque eu tava estudando, tava fazendo faculdade, e aquele paparico, aquele cuidado, eu não podia sair sozinha, eu não conhecia o mundo,. Quando eu cheguei aqui, aí eu falei pronto!

Fui morar com essa minha amiga, foi que eu conheci C. E ele era um amigo assim muito querido, me ajudou a escrever pra o departamento de imigração, falando que eu tinha conseguido escola, que eu tinha conseguido emprego, que eles estavam trazendo pessoas da Polônia pra trabalhar aqui na época foi aquela época que estava precisando de trabalhadores. Era uma espécie de assistente, e porque ele não entendia porque é que eu não conseguia emprego, e aí eu recebi um não. E aí nessa época depois que meu ex noivo me traiu, eu falei assim, oh, eu não quero mais saber de nada não, eu quero ir embora, já fiquei aqui o tempo que eu tinha que ficar, aprendi a língua. Aí uns dois meses antes de eu viajar, C. me diz que ele estava apaixonado, que ele não queria que eu voltasse pro Brasil, que ele queria que eu ficasse com ele. Mas eu falei assim: você é o melhor amigo do mundo, você é um tesouro, um anjo, eu tenho muito respeito por você, mas, assim, eu não gosto de você. ah, mas então casa comigo pra forma, só pra você ficar aqui. Eu falei, eu não vou

fazer isso, porque se eu conhecer uma pessoa que eu ache interessante que eu comece a namorar eu vou te fazer sofrer, eu não quero te fazer sofrer, eu vou embora, aí ele foi comigo no aeroporto, e depois então ele escrevia pra mim, pelo skype, ligava, todas as noites 6hs, na hora do nosso café, meu pai já conhecia a voz dele.

A casa da gente, bem grande, e assim meu pai, veio, meu pai veio de uma vida muito difícil, o pai dele era pescador, ele tinha 11 irmãos, ele saiu de maragogipe com 12 anos, pra ir trabalhar, porque o pai dele batia muito nele, nos irmãos, na mãe dele, em todo mundo. Ele prometeu pra minha vó que ele um dia ia trazer ela pra Salvador, ele ia trabalhar lá e ia trazer ela e a família toda pra morar lá, aí com 19 anos, ele realmente conseguiu, conseguiu um bom emprego, na cimento Aratú, ele comprou uma casa, trouxe a família inteira, deixou o pai lá, a família inteira veio. ele conheceu minha mãe, comprou uma outra casa, a casa que ele morava com os irmãos, tudo, ele deu pra mãe, e um outro irmão mais velho que hoje em dia mora em Portugal, ajudou ele a pagar, dividiu a casa, e meu pai comprou uma outra casa pra minha mãe e pra gente. Então meu pai ele veio praticamente do nada e ele era, sempre foi empreendedor, e meu irmão a mesma coisa, meu irmão ele saiu de casa com um computador, somente um computador pra montar a firma dele.

Minha mãe estudou até o segundo grau, minha mãe se formou, era professora, ela trabalhava tal, mas aí meu pai era muito ciumento, possessivo demais, e minha mãe sempre foi muito bonita, né? E ele tinha um ciúme louco da minha mãe, aí ele falou assim, se você deixar de trabalhar eu te dou seu salário todos os meses. Até que um dia ela deixou o trabalho e ele pagou os primeiros meses sabe? E depois não pagou mais, e aí minha mãe passou então a ser dona de casa.

Eu sempre gostei de estudar, eu era a mais estudiosa de lá de casa, hoje em dia eu não suporto, não suporto assim, eu não tenho mais paciência, mas eu gostaaaava, eu ia lá pro terraço e ficava lá lendo, fazia poesias, eu fazia tantas poesias. Eu tenho tanta tristeza que meu pai jogou meu livro de poesias fora, eu com 14 anos, posso falar uma poesia que eu fiz quando eu tinha 14 anos?

Olha, o que eu ouço sempre é a cultura, né?²⁶² Os dinamarqueses, a forma que os dinamarqueses são, mas não tô vendo nada de novo porque a gente sabe que nos países mais frios, as pessoas são assim, existem teorias porque as pessoas são assim aqui na DK. É o que eu mais vejo elas falando, as minhas amigas que eu tenho aqui, elas são bem de vida, são bem casadas, tem bons trabalhos, trabalham na UNICEF, trabalham na prefeitura então, as pessoas que eu conheço não tem problemas.

A maioria vem por casamento, algumas conhecem o marido delas no BR, porque eles trabalham numa empresa no BR. De casamento é, eu não conheço nenhuma que veio pra estudar.

Não, não me sinto de jeito nenhum isolada. Eu gosto de morar aqui, C. já cogitou duas vezes a possibilidade de morar no BR, e eu não quero me mudar, quero morar aqui. Em relação as minha amigas, eu tenho uma amiga I. que ela, ela não gosta de morar aqui, o casamento dela quase terminou, são pessoas maravilhosas, se dão super bem, mas ela tava assim, passou por vários períodos de depressão porque ela quer morar no BR, ela não gosta daqui, existem as pessoas que se adaptam, existem as pessoas que não se adaptam, e hoje em dia ela tem uma filha,

²⁶² Sobre as dificuldades enfrentadas por brasileiras na DK.

ela se formou em fisioterapeuta e tá procurando emprego, eles quase foram pro BR e ela ficou muito feliz, e ela ficou muito feliz, eles colocaram o ponto nos "is", e por causa da filhinha deles eles resolveram ficar aqui, então agora ela se conformou porque ela mesmo decidiu junto com o marido que ela queria ficar aqui. Mas do contrário, as amigas que eu tenho aqui elas são felizes aqui.

Tem duas coisas assim, tem várias coisas na verdade, uma delas é que eu sou ambiciosa, eu sei que aqui eu tenho mais possibilidades, pela localização da DK, eu tenho mais possibilidades de conhecer outros países, eu tenho mais possibilidades de concluir estudos, com a facilidade maior penso eu, não sei também se é correto essa forma de pensar, eu acho que o BR é um país muito grande, tem muita violência. Eu moro na terceira maior cidade do BR, antes de pensar em viajar pra outro país, sempre me incomodou demais, porque eu sempre vi pessoas entrando no ônibus pra pedir dinheiro, com os filhinhos, ou então bêbados, ou com os filhinhos, ou então pessoas que estavam em situações terríveis e pessoas que moram debaixo da ponte. Eu sempre me importei com isso, eu não sei se eu fico querendo fugir da realidade e aqui não tem tantas pessoas assim, mas eu acho que eu sofro menos, eu acho que a violência no BR em comparação com a violência na DK é muito grande, como eu falei com você, na minha casa eu era muito protegida, eu não saía, eu comecei a viver depois que eu vim pra DK, talvez por isso eu gosto da DK.

Eu trabalhei (no BR) em multinacionais, eu trabalhei em uma empresa de, numa distribuidora de bebidas, eu trabalhei. Trabalhava em escritório, sempre escritório, eu trabalhei como operadora de telemarketing, e trabalhei também como instrutora de cursos, Word, meu primeiro trabalho foi com 15 anos, eu fui fazer um curso de informática, e tava tirando notas muito boas, eles perguntaram se eu queria ser

monitora da turma, e eu passei a ser monitora da turma, e aí eles tavam precisando depois de um professor, e aí eu comecei bem cedinho a trabalhar, nessa época eu tava fazendo também estágio no banco, no BANEBA, que não existe mais, eu tirei notas boas na escola e aí consegui um estágio.

Eu acho que é porque eu era a única, a primeira, eu fui a primeira e a única pessoa até hoje estrangeira, num grupo de 15 pessoas, no início eles eram muito doce, tal, tal, tal, mas quando eu comecei a pegar mesmo o meu trabalho, a aprender, eu tive uma pessoa que concorria comigo mesmo e foi ela que me ensinou, e ela me tratava muito mal, eu vinha pra casa triste todos os dias, até o dia que eu comecei a falar basta e discutir com ela no trabalho e esse fosse pra falar alto e gritar mesmo e isso ficou assim tão terrível, eu pedi a minha chefe pra me mudar de local, eu não precisava mais de uma mentora. São pessoas que já trabalharam na prefeitura há 25 anos então eles têm medo de perder o cargo deles pros mais novos que estão chegando, eles não são tão fáceis.

Eu comecei, eu dei entrada no visto permanente antes de viajar pro Brasil em novembro, e eles falaram que eu só vou ter resposta em junho, e aí eu tô esperando, mas aí eu acho que eu consigo sim, porque eu trabalho aqui desde que eu cheguei.

Eu concordo em parte (sobre as regras restritivas de imigração) e tenho as minhas discordâncias também, porque é claro que um país pequeno como a DK que tem uma economia tão organizada, tem que tentar manter isso, o sistema aqui na DK, mas eu acho que eles também não podem ser tão muito duros, eles na hora de verificar quem é que é essa pessoa aqui, ela já trabalhou, eles não fazem uma análise pela pessoa, pelo o que a pessoa é, eles pegam uma lei e eles não tão nem aí

que a gente coloca documentação, que a gente tá dentro da lei, que a gente trabalhou, que aquilo e aquilo outro, se tiver alguma parte na lei não existe exceção, então a pessoa é desqualificada, eu não gosto disso e eu acho injusto, é uma injustiça.

Eu acho que são regras absurdas como eu falei, eles não olham cada caso em particular, eles fazem uma leis super difíceis e eles não querem nem saber, qual é o caso, qual é o seu caso, porque se você tem um marido rico que te banca, realmente você não precisa trabalhar se você não quiser, porque se ele te banca, eles não vão tá usufruindo do Estado, do que o Estado tem, mas eles não fazem isso, na minha época que agente escreveu para o departamento de imigração, tavam trazendo pessoas da polônia, as pessoas tinham que aprender o dinamarquês do zero, eu já tinha o dinamarquês, eu já tinha conseguido emprego, eu já tinha conseguido estudo, e eu não consegui.

∞

Originária de uma família pobre do interior da Bahia, com um avó pescador e violento, Maria Renilda nasceu na capital do estado. Apesar da origem humilde, teve dos pais o incentivo para estudar. Como outros membros oriundos de uma família de baixa renda teve que aliar o estudos com a necessidade de trabalhar desde cedo.

A união da família é a base para a sua vida e a tem como uma referencia de luta e conquistas. O trabalho árduo do pai para ajudar os irmãos e a avó, é um exemplo de determinação. Tem um pai dominante e uma mãe submissa. Buscou o diferente na cultura nórdica.

Manifesta a vontade de tentar coisas novas e buscar possibilidades em um país desconhecido e migra, de forma temporária, para DK. Submete-se a uma situação de emprego que foge as regras estabelecidas, podendo ser definido como dentro de conceito de tráfico de pessoas, na tentativa de garantir a sua residência no país. O importante, para ela, era garantir a mudança no sentido de um abrir de possibilidades para estudar e conhecer outras culturas.

O obstáculo da língua é somente um entre outros que se apresentam. Assim como os demais ele é superado com muita determinação.

5.1.8 A história de Maria Antônia

Eu sou a filha mais velha de uma família de cinco filhos. Meus pais, os dois, tem origem no Maranhão e foram para Goiânia e depois mudaram pra Brasília na época da construção. Então eu nasci em Brasília, né? Sou dessa primeira geração de Brasília. Mas eu acho que assim, quando se fala de Brasília, da corrupção e tal, as pessoas sempre se esquecem das pessoas que construíram Brasília, e que nunca se beneficiaram dela, né? Foram sempre, de certa forma, preteridos eu acho, na história de Brasília, e eu acho que meus pais de certa forma foram. Nada que eles tenham sido injustiçados, mas assim, eles tiveram uma vida humilde, sempre teve, uma vida justa, correta, e tal. Nunca teve, nós nunca tivemos dificuldades mas a vida deles foi sempre em Itaguatinga, eles não participaram de plano piloto, aquela coisa, todo mundo fala em Brasília, o avião e tal. A minha infância não, foi em Itaguatinga, para onde eles foram transferidos depois da construção. As pessoas que foram construir Brasília, que trabalharam na construção, foram transferidos depois pra assentamentos, e eles foram transferidos pra Itaguatinga.

Bom, uma infância tranquila, boa, não foi uma infância rica, mas foi uma infância que o tempo todo, minha família, meus pais, priorizaram o estudo, então todo tempo, o alvo dos meus pais, o grande objetivo da vida dos meus pais, era da educação dos filhos, né? E as filhas, tiveram quatro filhas e um rapaz, então pra eles, eles sempre perceberam a importância da educação, pra que as filhas saíssem, pulassem o degrau na escala social e realmente as quatro filhas findaram o curso superior, o único que não terminou foi o filho (rsrsrsrs).

Minha mãe tinha segundo grau, e ela começou a fazer e não terminou o curso superior de contabilidade. Meu pai não, meu pai tinha na época, acho que era Madureira, 6º série que o pessoal falava antigamente. E meu pai era policial militar e minha mãe, ela trabalhou num hospital de base de Brasília, que é o maior hospital de Brasília, depois ela foi trabalhar no governo do distrito federal, sempre foi escriturária. É isso, a gente cresceu ali em Brasília, muito contato com o Serrado e eu o tempo todo tinha um objetivo na vida que era entrar na Universidade de Brasília. Não podia ser em uma universidade particular, e eu consegui.

No primeiro vestibular não passei. No segundo passei e para o curso que eu queria, que era jornalismo. Na época era bem concorrido, ainda é, sei lá. Agora eu acho assim, você vê que mesmo na Universidade há diferenças sociais, por mais que você lute. Você tá ali na Universidade e tal, mas eu, enquanto eu estudava, eu tinha que trabalhar, que meus pais não tinham condições de me manter na universidade. Eu trabalhava e, talvez por isso, eu não tive as mesmas oportunidades que meus colegas tiveram, que podiam fazer estágios não remunerados e eu não, não podia. Eu tinha que ter uma remuneração, alguma renda, né? E aí, depois trabalhei no governo do distrito federal durante algum tempo, e aí logo depois eu consegui, logo que eu terminei o meu curso na Universidade de Brasília, de jornalismo, eu trabalhei no correio brasileiro, quase três anos, de lá fui para uma revista, “Ciências hoje”, uma revista de divulgação científica no BR. Trabalhei cinco anos, e aí naquele momento eu achei que era coisa de tentar uma coisa nova na vida. Eu já tava estudando inglês por minha conta, tava estudando espanhol, mas eu achava que eu precisava de uma experiência internacional, e aí consegui uma bolsa de estudo na Inglaterra. Fui lá fiz um mestrado, fiquei lá quase um ano e meio. Na época aproveitei na

minha passagem pela Inglaterra, pra conhecer um pouco da Europa, visitei amigos que eu tinha aqui também.

Fiz Política e Planejamento Ambiental numa Universidade de base, e foi uma experiência fantástica. É difícil, é muito difícil, porque a gente sempre acha que sabe falar muito bem inglês quando ta lá no BR. Quando chega e depois não consegue comprar um ticket de trem, aí você começa a falar oh, oh, foi bom ter vindo. Depois disso, foi lá também que eu conheci meu marido, e lá nós decidimos que queríamos ficar juntos, né? Pelo menos enquanto quiséssemos ficar juntos.

Eu morava num alojamento estudantil, numa moradia estudantil, né? Era dividido por andares, tinha andares de meninas e andares de rapazes, né? E nos encontramos numa das festas(rsrsrsrs) vivíamos fazendo festa lá, estudávamos muito mas também íamos as festas, e aí nos conhecemos, foi curioso porque, eu nunca imaginei que eu iria me interessar por um dinamarquês na Inglaterra. De lá voltei ao Brasil, trabalhei um ano no Fundo Mundial pela Natureza. A ideia era que meu atual marido fosse para o BR, né?

Mas no meio do caminho ele arranhou essa bolsa de estudo na Universidade Técnica aqui na DK, e nós achamos que seria uma boa oportunidade pra ele, era uma coisa que ele queria fazer, e aí eu vim. Eu vim pra DK com a intenção de ficar dois, três anos, enquanto ele tivesse no doutorado dele, depois nós iríamos pro BR. Aí fomos ficando, ficando, e a minha insistência em ficar foi um pouco de teimosia também, né? Claro que eu podia ter voltado, mas eu queria provar pra mim mesma, sempre teve essa coisa assim dentro de mim, eu queria provar pra mim mesma que podia dar certo, que podia dar certo na DK. Profissionalmente

principalmente, que eu queria, eu queria ter sucesso profissional, né? Que seria um desafio, mas foi muito mais difícil que eu imaginava.

O fato de eu falar inglês muito bem, escrever muito bem inglês fluente, não ajudou. Eu procurei pessoas da organização do Fundo Mundial pela Natureza, eu procurei e falei da possibilidade de trabalhar lá, ah, mesmo voluntariamente no começo, mas uma resposta muito comum que eu recebia no começo, é que eu não podia porque eu não falava dinamarquês, muitas portas foram fechadas pela falta de conhecimento da língua, e eu me dediquei muito a estudar o dinamarquês. No primeiro ano eu não tinha emprego fixo, trabalhei como jornalista “free lance”.

Fiz alguns artigos, e tal, não tive emprego fixo, e aí eu me dediquei muito a aprender a língua. Depois desse ano, mas aí nesse meio tempo eu consegui emprego na UNICEF, que também foi muito interessante, mas era uma área de trabalho que não era relacionada com comunicação, nem com meio ambiente, não tinha nada haver com a minha educação, como a minha formação acadêmica, nem com a minha experiência profissional e não era algo que me satisfazia muito. Então eu consegui uma vaga na Universidade de IT, tecnologias e informação de Copenhague, para o mestrado, e de lá consegui emprego numa organização dinamarquesa, aleluia! Finalmente eu consegui entrar no mercado. Como estudante no começo, depois eles me contrataram, e aí depois eu fiquei lá, quatro, quase cinco anos. Depois fui pro Conselho Nacional para Vítima de Tortura. Então é isso, em termos bem resumidos.

Bom, então agora eu to completando quatorze anos de vida na DK e eu não sei, claro, tudo na vida vale apenas se a alma não é pequena. Mas eu acho que foi uma experiência muito dura, eu acho que a DK é uma experiência muito difícil, é muito difícil. Eu sou uma pessoa muito

sociável, eu gosto muito de contato convívio social, eu gosto muito de me expressar, de dizer minhas opiniões, de criticar, de ser criticada, de brincar, de interagir socialmente de várias formas e a Dinamarca é um país onde é muito difícil você interagir socialmente, pelo menos pra mim.

Não tô dizendo que foi uma experiência que todos brasileiros e brasileiras tenham, a mim foi uma experiência muito difícil, e a questão da língua, que eu me sinto assim, um pouco, analfabeta, em termos de expressão e também culturalmente. Há alguns códigos que até hoje eu não entendi, que eu ainda não consigo traduzir na cultura dinamarquesa. Então muitas vezes, pra evitar usar um código errado, eu me afasto. Não que eu vá ser uma pessoa isolada, entendeu? Mas não corro alguns riscos que eu correria.

Eu acho que por exemplo, em termos de relação social mesmo, básico, elementar, não sei, você tem vizinhos com os quais, por exemplo, eu tive uma doença, eu sofri câncer de mama, e, quer dizer, não é nenhuma grande tragédia hoje em dia, tem muitas pessoas que se curam mais, eu não sei, eu acho muito estranho a relação das pessoas aqui entendeu? Eu acho que no BR as pessoas são muito mais transparente, né? Daqui há, eu acho muito difícil traduzir o que as pessoas querem, entendeu? Se diz muito que o dinamarquês é muito sincero, que ele diz exatamente o que ele pensa, e tal. Mas eu não tenho, eu não sei exatamente se é assim, eu não sei, tenho ainda dificuldade pra entender o que é, e acho que nunca vou conseguir, pra mim, de certa forma eu me afasto um pouco do convívio mais constante com os dinamarqueses porque eu não consigo entender esses códigos.

Também porque me cansa, o tempo todo é um esforço pra mim, eu não sou eu, o tempo todo eu tô tentando traduzir, tô tentando entender,

me fazer ser entendida e cansa, é muito cansativo. Então muitas vezes eu prefiro ficar assim, não, claro, que isolada. Na escola da minha filha eu faço parte de um grupo de pais e, então, eu tenho certo contato com os pais, com os pais da colega da minha filha, e tal, mas eu acho que ainda contos nos dedos da mão o número de amigos que eu tenho na DK, amigos que eu fiz. Existem os amigos do meu marido, mais os meus amigos.

Porque inclusive, eu cheguei aqui eu vi, eu tentei emprego em várias empresas de perfil internacional, empresas que estão voltadas pro mercado externo, exportadoras, eu não consegui nenhuma entrevista de emprego, nenhuma, nenhuma única entrevista, e eu tentei muitas e mandei o meu currículo pra muitas. Eu acho que é muito bom na DK, o que eles chamam da rede, netværk, e se você não tem uma netværk na DK, você tá em dificuldades.

As vezes eu acho curioso, falam muito de corrupção no Brasil de quem indica quem, mas na DK existe muito isso de quem indica quem, sim senhor. A tal netværk, no BR, em algumas situações a gente poderia até chamar de clientelismo, mas é o que acontece aqui, eu não to dizendo que isso é ruim, ou é errado, não to dizendo que é [...] mas é a forma que a cultura, né? E também que o mercado de trabalho, que ele se movimenta funciona muito com a rede, mas é uma barreira enorme pra estrangeiro, entendeu? É claro que depois de alguns anos aqui, você acaba construindo a sua rede, mas a sua rede dificilmente você vai alcançar o mesmo nível de uma rede que os dinamarqueses, entendeu? Mesmo com o nível de educação e formação profissional que você tenha, de experiência profissional que você tenha, entendeu? Porque a rede deles começou na creche, e a sua rede começa quando você já chega aqui depois de trinta anos.

Eu mudei muito, muito, em algumas coisas eu mudei pra muito melhor, eu acho que hoje em dia eu sou muito mais tolerante, eu consigo ver muito mais os ângulos, antes da DK, eu era muito mais, talvez dogmática, em relação as minhas opiniões políticas, minhas posições e tal. Hoje em dia não, eu acho que eu sou muito menos, eu acho que sou mais flexível, mais tolerante, em relação a pontos de vista diferentes. Mas em algumas outras coisas eu acho que, eu não sei se é melhor, se eu tô melhor, eu sou uma pessoas diferente, eu acho que eu perdi um pouco talvez de espontaneidade, de bom humor, de capacidade de apreciar o agora. Aqui na DK eu me sinto muito preocupada com essa movimentação social, com o jogo social, como é que eu me comporto, como é que eu sou vista e tal.

Já me falaram que eu sou uma pessoas mais formal, que eu sou uma pessoa é, uma coisa que falam comigo é que eu não paro. Quando eu tô no BR, eu não paro um minuto, eu não relaxo, e acho que é uma coisa também da DK. Na DK você não relaxa, entendeu? Ou você tá trabalhando ou você tá estudando, ou você tá cuidando de filho, ou você tá limpando a casa, ou você tá no supermercado, então não há momento de relaxamento de tranquilidade de se esquecer. Aqui você fica o tempo todo atrás de alguma coisa, e é cansativo, né?

O que é que eu vou sentir falta? (quando voltar para o Brasil) É, hum, a falta de burocracia, por exemplo (rsrsrrsrs), vou sentir falta de algumas coisas da alimentação dinamarquesa, vou sentir falta do valor, da valorização da comida orgânica, vou sentir falta do pão preto. Agora, eu não tenho pessoas aqui que vou sentir, a não ser os brasileiros, os meus amigos brasileiros, deles eu vou sentir falta. Dos meus amigos

dinamarqueses, há muito poucos, aliás eu não me lembro de nenhum, talvez uma, duas amigas dinamarquesas, as quais eu vou sentir falta.

Ah, sim, pra elas²⁶³ a barreira de vê ser muito maior, essa barreira de contato, de interação social, deve ser muito maior. Nós, por outro lado, como brasileiras, especificamente, temos que lutar contra alguns estigmas. Aquela coisa de que brasileira, de que brasileiro é sempre festivo, ou sempre gosta de carnaval, sempre dança, da impressão de que não levam muito a sério do que nós brasileiros somos e ,aliás, eu acho que isso também tem haver com algumas das faltas de oportunidades profissionais que você tem aqui, né?

Eu tinha até impressão que eles duvidavam que existia jornalismo no Brasil, né? Um pouco de ceticismos em relação a capacidade que a gente tem, isso é uma outra coisa que eu sempre sinto aqui. O tempo todo eu tô precisando provar, ou mostrar a evidência de que eu tenho capacidade profissional, entendeu? Parece que não basta assim. Eu não tenho a netværk dinamarquesa, então eu preciso, o que é que eu faço, eu preciso ter o currículo, né? Mas parece não ser suficiente, né? Não sei, e mesmo assim em algumas discussões, em alguns debates, em algumas reuniões, há sempre uma certa, um certo ceticismo em relação a capacidade de quem vem de fora, entendeu?

Assim, talvez eu acho que porque as pessoas reconheçam que se você sabe que a pessoa veio da Universidade de Roskilde, que estudou nessa universidade, essa pessoa, tem capacidade, ela foi pra uma universidade dinamarquesa. Agora uma pessoa que vem de fora, parece que ela tá sempre necessitando provar da evidência de que da

²⁶³ Para as mulheres imigrantes muçulmanas

capacidade ou dos certificados que ela tem, sabe? Eu acho que é um esforço um pouco duplo pro estrangeiro aqui, né? Você tem que provar mais, você tem que mostrar mais, você tem que ser mais eficiente, você tem que ser melhor do que a média, pra você ter as mesmas chances.

Eu fui criada em uma família, talvez porque tinham quatro meninas, filhas, havia uma divisão muito, não havia uma divisão, homem e mulher pros trabalhos domésticos, o meu pai, ele ia lavar roupa, ele fazia comida, ele lavava prato, ele trocava fralda, ele punha a gente pra dormir, e meu pai sempre foi um cara muito aberto, muito avançado para geração dele, né?

Eu não fui criada, educada pra ocupar aquele papel de mulher que assume mais as obrigações domésticas que o marido. Os homens no BR estão menos acostumados a dividir que os dinamarqueses. Mas no meu meio social e cultural, a igualdade entre homens e mulheres é muito maior, do que talvez a média no BR, entre os jornalistas que eram meus grande amigos lá no BR, claro que eu vejo amigas minhas que têm mais tarefas domésticas que eu tenho na Dinamarca, entendeu? Talvez porque o marido dela é brasileiro, mas isso não seria o meu caso, porque eu não me casaria, eu não aceitaria me casar ou viver com um homem que não assumisse o papel de igualdade dentro de casa, entendeu?

As pessoas que chegam com menos educação na DK, aqui elas tem oportunidade de estudar o que elas nunca estudaram no BR. No BR as oportunidades pra estudo são muito menores, você não recebe o apoio que você recebe aqui na DK. Agora, se você vem com o curso superior aqui pra DK, talvez você tenha que recomeçar às vezes, né? Então nesse aspecto eu não sei, eu acho que as dificuldades [...] acho meio difícil de definir, de dizer claramente quem tem mais dificuldade, mas eu acho que

talvez as pessoas com educação superior sofram mais, né? Por que elas já tiveram as oportunidades que elas precisavam de educação no BR, ou por causa da família de classe média que elas tem no BR, ou sei lá o que e aqui elas tem que recomeçar, né? E as pessoas que não tem educação vêm a DK como um “el dorado”, quase, de oportunidades, “el dorado” de oportunidades que elas não tiveram no BR, tá? E quem tem curso superior não, tem uma visão muito mais crítica talvez, e por isso sofrem mais, né?

A cultura dinamarquesa é assim, os dinamarqueses são assim, não há muito o que fazer, você não pode mudar a cabeça das pessoas, a mentalidade deles, a cultura de uma sociedade de um dia pro outro. Eu acho que também tive muito azar de vir pra DK num período que houve muita xenofobia, né? Uma ascensão do partido do povo e tal, porque pelos relatos que eu ouço, que eu ouvi de anos atrás de que a sociedade dinamarquesa era mais tolerante, e ela se fechou a uns 15 anos, exatamente quando eu cheguei aqui, logo que eu cheguei aqui as coisas começaram a deslanchar, eu também tive um pouco de azar, em termos históricos foi um pouco de azar, né?

As pessoas tem uma situação de conforto, de segurança, de comodidade que é ameaçada, e essa ameaça ela é muito menos do que na realidade ela é. Mas há alguns setores da sociedade que usam uma possível ameaça em potencial e aumentam. Usam essa ameaça em potencial como uma arma política, né? E exageram na importância disso. eu acho que foi o ano que aconteceu isso, que havia uma certa insegurança, um certo desconforto, em relação a questão dos imigrantes. Que há problemas é inegável. Esse problema foi assim inflado em termos políticos e usados como uma arma política, entendeu? Por um partido de direita e que acabou angariando, conseguiram garantir apoio, e aí os

outros partidos acabaram indo na mesma direção. Eu acho que é medo, medo, as pessoas tem medo de perder o que elas têm, medo de perder a segurança, o conforto, a qualidade, né? E aí essa, o que representava esse medo? O imigrante, o imigrante vindo em levás, o imigrante invadindo a Europa, que é tudo um grande exagero, eu acho. Mas acho que foi muito bem usado politicamente, né? E as pessoas caíam na onda também, né? Agora a onda tá abaixando de novo.

Existe também a estratificação social na comunidade, que se repete, reprodução do que acontece no Brasil, né? Não tenho dúvidas. Ah, mas ao mesmo tempo, o fato de você ser brasileiro une mais as pessoas aqui eu acho. Então pra mim é complicado, porque eu me sinto um pouco em cima do muro em termos sociais, né? Mas eu reconheço isso, eu vejo que há pessoas que são discriminadas, eu não sei se são discriminadas, mas há grupos diferentes. Há um grupo de pessoas com educação superior, ou pessoas que tem um status de mais cultas, às vezes não precisa nem de um diploma, mas serem mais cultas, e tem outras pessoas com status, né?

Um dia desses pensando, que agora com essa primavera, e é hora de começar a trabalhar no jardim. Aí eu falei assim, aí que legal porque no jardim na DK eu semeio, eu adubo, eu planto, então eu vejo resultado, entendeu? E aí daqui a pouco lá pra abril, maio uma explosão de cores, é gratificante você vê o resultado do seu trabalho, jardinagem na DK, né? Que é uma coisa que eu não fazia no BR, aqui eu faço. Eu vejo resultado. Mas em termos profissionais, em termos de integração social, em termos de integração na DK, eu não acho que eu me esforcei pouco, eu me esforço, me esforço, trabalhei, trabalhei, trabalho e não desisti, não é isso. Mas eu acho que os resultados são muito pequenos, sabe assim, muito, muito sabe? Você luta, luta, luta e não vê grandes resultados, entendeu?

Eu não sei se é porque eu sou exigente demais, eu quero demais da vida, talvez eu exija demais da vida, entendeu? Mas é uma coisa que eu sempre fui assim, eu nunca quero meio termo, e quando eu falo assim não é em termos de dinheiro não, é em termos de satisfação profissional, satisfação pessoal, então uma coisa que eu acho assim, a DK é um país que você luta, luta, luta, luta, luta e os resultados não são tão correspondentes ao tamanho do esforço, entendeu? É uma coisa que é frustrante, muito frustrante.

Eles aceitam sotaque inglês, sotaque americano, americano e inglês são mais ou menos o mesmo nível que eles, eu acho que um complexo de superioridade.

Eu acho que os dinamarqueses tem preconceito em relação ao sotaque que não é qualificado, sotaque qualificado é o que? Sotaque de americano, sotaque de Inglês, entendeu? Sabe? Até um pouco de francês, alemão, entendeu? Porque eles respeitam, respeitam mais, em termos de talvez como sociedade mais avançada que é a cultura brasileira, eu acho que é isso.

∞

O depoimento de Maria Antonia é representativo de um grupo de brasileiras que chegam a DK com uma vida acadêmica definida e possibilidades de uma boa posição no mercado de trabalho no BR.

A frustração pelas dificuldades encontradas de ser reconhecida dentro do mercado de trabalho, mesmo tendo qualificação marca a sua vida.

Ela aponta um dos elos importantes a ser construído para a sobrevivência na DK: uma rede de relações. Esta rede não pode ser confundida com rede de amizades. São redes que se constroem durante uma vida, e é como uma carta de apresentação, uma afirmação de sua capacidade profissional e social garantida por outros.

5.1.9 A história de Maria Vitória

Eu conheci uma moça que morava na Suíça²⁶⁴, e ela gostava muito de mim. Nessa época eu tava até com um namorado que não tava dando certo, vivia com ele, e ela me fez uma proposta. Disse que gostava muito de mim e que nas horas mais difíceis dela quem ficou do lado dela foi eu, e ela queria me dar um presente e esse presente era uma viagem pra Suíça. Mas não era intenção de eu ficar nem na Suíça nem aqui, mas quando eu cheguei na Suíça, ela me revelou que tava apaixonada por um dinamarquês e que ia para a DK. O que era que ia fazer? Eu vim também, e aqui tem esses três meses²⁶⁵, né? Esses três pra ficar, aí foi o tempo também que eu conheci meu marido, né? Então foi assim, mas não foi assim planejado, porque na verdade era pra eu ter voltado pro Brasil.

Eu tava num bar, escutando música brasileira lá no e ele ia para um concerto com dois amigos. O concerto foi cancelado e ele foi parar nesse bar, e foi assim que nós nos conhecemos.

Vamos começar pela política, que eu acho que a política. Eu não gosto da política que tem agora, são muitas leis que eles tão inventando, é muita coisa, muito, tão dificultando mais as coisas pra todo mundo, não só pra estrangeiro, mas acho que pra todo mundo, pra jovem, pra velho, pra questão de educação, eu acho que eles tão dificultando, estão o tempo todinho falando que, por exemplo, os estudantes não pode mais ter ajuda como antes, tá também essas ajudas que eles dão para a família,

²⁶⁴ Maria Vitória informa que não deseja falar de sua infância, por ter sido muito sofrida. Por isto inicia sua história tomando como ponto de partida a mudança para a Dinamarca.

²⁶⁵ Maria Vitória começou a trabalhar como faxineira, sem nenhum registro, com visto de turista.

das crianças, já falaram que ia cortar. E eu tenho medo também que a DK entre numa crise econômica.

A visão que eu tenho do BR hoje é que a cada dia ta melhor. Eu tenho a assinatura da globo e acompanho muito as coisas do BR. Eu estou positiva em relação ao BR, e eu já vi e agora eu vejo pela TV, não existe mais aquela, tanto aquela miséria que tinha antes, existe pessoas pobres, claro que existe, porque o Brasil é um país grande e não tem mais aquela pobreza miserável que tinha antes. Eu acho que todo mundo agora tá com condições, pelo menos de comer, e quando eu vou no BR, eu tenho assim uma visão de que as pessoas tão bem, não tem mais aquela, não tá mais aquela violência, por exemplo eu ando com os meninos, não fico mais naquela paranóia, aquele medo que qualquer hora vem um muleque de rua e me tome a carteira, como era antes, não tenho. E economicamente tá indo muito bem, né? Muito emprego pra toda classe social, pra todo mundo, tá tendo bastante emprego.

Tinha vontade de morar no BR, antes eu tinha mais, mas eu tenho que ser realista que não é possível agora. Mas no futuro se Deus quiser eu e meu marido fazemos planos de ir para o BR, quando as crianças tiverem voado, como dizem voado do ninho.

Na DK eu tive a oportunidade de ter uma formação que no BR jamais eu teria, isso eu tenho certeza. Na educação, né? Eu fiz, eu estudei eu fiz o meu curso, eu exerço a minha profissão. Isso pra mim me da muito orgulho, eu tive oportunidade. Então por exemplo, eu não tive facilidade de engravidar, eu tive toda assistência aqui no hospital público. A única coisa que nós gastamos foi o dinheiro do remédio, né? Bastante caro, mas foi tudo feito pelo governo. Tive assistência antes e durante a gravidez, durante o parto, é já fiz várias cirurgias e fui assim tratada com

muito respeito muito carinho, não tive nada de negativo de dizer. Aqui é assim, se você quiser entrar numa escola pra aprender chinês você tem oportunidade. No BR, no mru meio nível social eu não teria, e tenho certeza que tem muita gente também que quer fazer e não pode, não consegue, não tem condições. Isso é positivo e segurança também eu me sinto muito segura, não tenho medo de sair e voltar tarde da noite, essas coisas.

Hoje eu posso desfrutar de coisas do Brasil que antes eu não podia, eu posso encontrar outras pessoas que antes eu não podia , então é claro que eu vejo com outros olhos, eu vou em lugar que quando eu morava lá eu jamais ia, entende?

Vou lhe dar uma exemplo, uma vez eu conheci um advogado no BR, o irmão dele é super gente fina, ele também, mas a mulher dele por exemplo, a esposa, passava assim de cara dura e nem me cumprimentava, porque pra ela passar pro armazém dela passava na frente da minha casa, né? As vezes eu tava sentada lá, nem cumprimentar, cumprimentava. Uma vez eu fui para o BR, e ela me viu, me chamou até pra comer caranguejo cervado na casa dela, e eu disse: “- Não, muito obrigada que eu já tenho um compromisso”. Então porque? Quando eu vivia lá, ela não me convidava nem pra lavar os pratos. E agora vai me convidar? Então muito obrigada, não. Assim educadamente, né? Porque toda vida fui pobre, mas sempre fui muito educada. Porque a pobreza e a educação não tem nada haver uma coisa com a outra.

Minha minha mãe morreu eu acho que eu tinha,²⁶⁶ nem lembro a idade. Interesse eu tenho²⁶⁷, mas é, não, tenho vontade, mas ao mesmo tempo eu não tenho, ela se destruiu, ela virou alcoólatra, a última vez que eu a vi, ela 9 horas da manhã ela já tava bêbada, dei-lhe um esporro,(rsrsrsrs) e essas coisa não é.

Eu acho que o dinamarquês, por exemplo, vê não só talvez o brasileiro, mas o latino americano em geral, porque eu acho que nós somos mais bem vindos, mais bem vistos do que por exemplo os árabes, os africanos de muitos países, eu acho. Porque eu acho que a gente é umas pessoas, somos aberto, é não temos essa coisa da religião porque eu acho que muitos dinamarquês eles se fecham talvez por conta da, porque por exemplo, a gente não chega assim, eu não posso comer carne de porco, não posso entrar na sala porque tem um homem, ai não somos parecidos com eles, não tem essa em muitos países, em muitas religiões e culturas os homens e mulheres não pode ficar misturados, então eu acho que isso já faz com que eles mantenham uma distância desse povo, eu acho que o povo latino é diferente.

Me sinto bem, me sinto feliz, as vezes assim eu, por exemplo no meu trabalho mesmo as pessoas tem uns que falam, eu to vendo que você fala com sotaque, você é de onde? Sou brasileira. “- Ah, você é do BR? Eu já fui em São Paulo. Ah, eu conheço a Bahia, de onde é que você vem mesmo? Eu venho de Pernambuco. “- Ah, mas o que é que você ta fazendo aqui? Você vem de um lugar tão quente, tão bom. Eu me casei, aí foi o amor, aí eles compreendem. Já vejo assim não vejo uma rejeição

²⁶⁶ Revela depois que perdeu a mãe aos 3 anos e foi criada pela avó materna. Ouvia constantemente da avó reclamações: “ como é que [...]foi morrer para me deixar este castigo para eu criar”

²⁶⁷ Fala em sobre entrar em contato com a única irmã.

aquela coisa não. É claro que tem gente que não gosta de estrangeiro, pode ser de qualquer nacionalidade, não só brasileiro ou arabe ou africanos, ou argentino, eu acho que tem gente que decididamente não gosta de estrangeiro.

∞

Maria Vitória sofreu as dificuldades de uma família desagregada pela morte da mãe. Como é comum na cultura nordestina, a morte da mulher acarreta a desestruturação familiar. Aos três anos de idade foi morar com a avó, que verbalizava o descontentamento de ter que “criar” as duas filhas da filha falecida.

Não foi incentivada a estudar. Não terminou o ensino fundamental e sempre teve que ajudar nos serviços domésticos. A uma infância foi marcada pela carência de afeto, dificuldades financeiras e pela ausência de seu pai.

Muito jovem migra para a capital do estado em busca de oportunidades. Trabalhar em casas de famílias e estabelece relações amorosas com parceiros que não satisfaziam a sua expectativa.

O sofrimento da infância contrasta com o leque de oportunidades possibilitados pela migração.

Entrou na DK como turista. Aqui conseguiu romper com o que estava destinado para ela no BR. Casou e teve três filhos. Tem uma vida estruturada, fez um curso técnico e trabalha no que gosta.

Tem consciência do seu capital simbólico, frente a um determinado grupo de brasileiros, pelo fato de viver em um país europeu. Mas, se orgulha de sua história de conquista e não se sente fascinada por uma nova posição social no BR, nem pela possibilidade de aquisição de novos amigos proporcionada por esta nova condição de vida.

5.1.10 A história de Maria Laura

Somos setes em família, eu sou número três. Eu tenho dois mais velhos, dois irmãos e eu número três, né? Minha mãe sempre precisou trabalhar fora, minha mãe sempre trabalhou fora. Assim, as vezes ela ia trabalhar numa lanchonete, as vezes ela ia trabalhar como cozinheira em um restaurante. Quem é que ficava em casa era eu. Que sempre cuidava dos meus irmãos, da minha família era eu. Que botava, mandava, dava banho em meus irmãos, trocava de roupa, mandava pra escola e eu estudava a tarde, de manhã meus irmãos ia pra escola, e eu ficava sempre, ficava ali cuidando da casa.

De tarde meus irmãos chegava, então eu ia pra escola. Então, porque lá no BR a gente tem essa facilidade de estudo²⁶⁸, né? Então assim, eu sempre me dediquei desde criança a minha família, né? A meus irmãos, eu sempre fui bem família e tive uma infância assim maaaravilhosa. Brincava de tudo, jogava bola, nadava no rio, aprendi nadar sozinha, nadava no mar, brincava de boneca, fazia de tudo, de tudo. Eu não podia ver música, quando tocava o trio elétrico, época de carnaval, pronto, Maria Laura desaparecia e era um problema pra minha mãe, dor de cabeça pra minha mãe. Porque aí, Maria Laura simplesmente saia com as amigas pra dançar, atrás do trio elétrico, e só chegava no outro dia. Então eu sempre gostei de música, sempre gostei de dança, eu tive uma infância muito, muito boa. Eu sempre fui assim ativa, sempre assim tava procurando brincar ou construir algumas coisas com a mão, fazer algo assim de positivo, sempre.

²⁶⁸ Refere-se aos diferentes turnos de ensino oferecidos pela escola no Brasil.

Eu já nasci, como minha mãe fala, eu já nasci assim é, fazendo as coisas, né? Então eu sempre fui ativa, eu nunca gostei de ficar sentada esperando que os outros me dê algo, na época quando eu já tinha, imagina, quando eu tinha 15 anos, do meu grupo, naquela época, era eu a única que tinha dinheiro. Assim pra comprar roupa pra mim mesma, pra ir ao cinema, as vezes eu até chamava minhas amigas pra ir ao cinema. Ah, que eu não tenho dinheiro. Tinha que pedir ao pai, tinha que pedir a mãe, mas eu não. Eu já tinha meu dinheiro, eu sempre ganhei meu dinheiro, sempre. Então eu sempre tive as minhas próprias roupas e, inclusive, tinha muita briga entre eu e minhas irmãs, porque era eu que tinha dinheiro, eu que comprava minhas roupas e elas pegavam minhas roupas, e aí dava aquela briga danada em família, né?

Mas eu tive uma infância muito boa. Trabalhei de tudo, trabalhei de baby sitter, quando nascia as crianças pequenininhas, ah, estão precisando de uma babá por alguns, algumas horas, um mês ou dois, ah, quanto que tá pagando? Tá bom, lá estava eu, não? E sempre tive meu dinheiro, sempre quis ter o dinheiro na mão.

Sempre, sempre, sempre trabalhei em tudo mesmo, era só falar assim oh, estão precisando de alguém, estão pagando tanto, opa! Não? Lá estava eu, e ia estudar, por que lá a gente tem essa facilidade, né? Lá no BR, tem vários turnos, em comparação aqui na DK. Então eu estudava e conseguia, eu balancear estudo com trabalho.

Meu pai, ele trabalhava na roça, ele era mecânico. Ele fazia assim: ele trabalhava nas fazendas de Cacau, né? E no fim de semana, sábado e domingo ele trabalhava como mecânico, ele fazia as duas coisas. E olha naquela época, você pode ver, muito, muitos anos atrás, eles que eram proprietários da fazenda, eles registraram meu pai, não? É por isso

que minha mão recebe a pensão do meu pai hoje. Tu imagina, a quantos anos atrás isso, os patrões dele já tinha aquela visão, certo? E registraram ele. Meu pai morreu, se não minha mãe não tinha essa pensão que tem hoje. Então ele tinha, ele trabalhava durante a semana na fazenda e sábado e domingo ele tinha uma oficina lá em frente de casa.

Mas sempre tomei cuidado pra não engravidar, porque naquele tempo, naquela época você pode ver, não tinha pílula né? Não é como hoje, né?

Imagina, eu só andava no meio dos meninos. O problema é que os amigos do meus irmãos fala assim: ah, tua irmã é bonita, sempre quando eu saia com meus irmãos, meus irmãos sofria, não? Porque os amigos deles ficava falando: tua irmã é bonita. Ah, um dia eu vou dormir com tua irmã, não?

Como eu falei, naquela época minha filha, preto pra conseguir fazer, conseguir tirar o segundo grau era muita coisa, não? Naquela época, imagina, como eu te falei, preto era pra tá limpando casa, né? Não era, não era pra ter conseguido. Então eu consegui tirar o segundo grau com muita dificuldade. Já tinha família que já morava lá em São Paulo, minhas tias, meus tios, todo mundo morava, sempre, meu primo morava em SP, então eu fui morar com minha tia. Meu tio me conseguiu um trabalho pra trabalhar nas lojas, como vendedora, balconista, né? Pra ganhar mais e eu morava lá com eles. Chegava onze horas da noite em casa e não tinha comida.

Porque minha tia fazia comida, pegava uma marmita botava no forno, não? Então os outros que chegavam, antes deu, ia lá e pegava,

então muitas vezes eu ia dormir com fome, porque eu chegava ia abrir o forno, cadê minha comida? Todo mundo já tinha pego minha comida, isso era[...]isso era muito duro. Quando você mora com parente, né? Isso realmente era muito duro. Mas eu ajudava na casa, assim, eu pagava água, eu pagava luz, né? Mas foi isso, eu fui muito bem, eu não reclamei muito desta época não, tá? Eu vivi muuuuito bem, muito bem.

Foi muito namoro, muita festa, muitas casas de samba, toda sexta feira, eu terminava e saía das lojas cansada, você fica em pé ali dia todo vendendo, né? Então pra tirar aquele stress né minha filha, “- Ah fulana, as dez em tal lugar, vamo, vamo lá pro Ibirapuera, lá tinha casa de samba, tinha casa de samba mesmo, era muito boa na época, chamava “Uema” samba, ah vamo, imagina, dava tempo chegar em casa, tomar banho, dormir.

Foi um convite que eu recebi, de um empresário do hotel lá do Maksoud Plaza, eles tavam precisando de uma cozinheira, não? de alguém que soubesse cozinhar a comida de vários países, eles ensinavam. Eles só precisavam de uma pessoa pra eles dá um treinamento. Eu falei tudo bem! Eles me pagavam muuito bem, aí eles me ensinaram fazer toda a comida escandinava, olhe você vê, antes nem sequer eu conhecia o P., eu não sei, eu acho que, tudo já tá assim marcado, sabe? Porque eu nem, nem imaginava na época em conhecer o P., nem pensava em DK em nada, mas já tava trabalhando lá no Maksoud como cozinheira, onde tive um treinamento como fazer toda comida escandinava. Sempre tive a minha poupança lá no Brasil, eu mandava dinheiro pra minha mãe na Bahia, e ainda ajudava meu tio, minha tia, lá em casa. Eu sempre tinha uma boa economia, porque eu sempre ganhei muito bem. Minha situação econômica, só piorou depois exatamente que eu casei com o P., por incrível que pareça. Porque como eu já tava tão

acostumada a trabalhar, a levantar cinco horas da manhã pra pegar no batente. Então eu falava: tomara que eu case logo, meu sonho é ter minha própria casa, meu marido, meus filhos, devido a esse, que você mora com parente, né? E trabalhando duro. É duro mesmo, então eu sempre quis ter minha casa, um dia eu tenho que ter minha casa, meus filhos, pra sair dessa vida, e foi aí realmente quando eu conheci o P., aí o P. falava: “- Ah, mas isso aí que você ganha não da pra nada”, você não precisa trabalhar mais não. Que você ganha, isso aí eu te dou em um mês. E aí eu parei de trabalhar e fiquei dependendo dele, né? E aí eu fiquei dependendo econômica dele. Lógico que ele me dava dinheiro, mas não era a mesma coisa que você tá ali se virando, né? Batalhando pra ganhar seu dinheiro, né?

Quando eu cheguei aqui na DK, que eu comecei a trabalhar aqui na DK, que entrou dinheiro em minha conta, aí minha independência financeira melhorou mesmo. Por isso eu adoro a DK.

Depois de viver 18 anos aqui já me sinto melhor. Melhor do que quando estava no Mexico. Lá tinha casa grande, empregada e etc, Aqui eu tenho meu salário²⁶⁹ e minha independência e faço o que quero. Lá meu marido aprontou e aqui ele age diferente e me respeita. Aqui ele sente que a DK não aceita este tipo de comportamento que ele tinha.

∞

²⁶⁹ Depois de muita luta e cursos básicos, Maria Laura conseguiu terminar o curso de Pedagogia. Trabalha na área e se sente uma vencedora.

Nascida em uma família negra e pobre no interior nordestino, Maria Laura tinha seu destino quase certo: empregada doméstica em casa de família. Trabalho este que desempenhou muito jovem ainda.

As dificuldades de sobrevivência no sertão levou o pai, um camponês, à migrar para a região do cacau, no sul da Bahia em busca de trabalho.

Inserida dentro da cultura típica de uma família pobre do interior nordestino, fica responsável, ainda criança, pela casa e irmãos menores, enquanto os pais saem para trabalharem.

A vida dura não foi uma barreira para a alegria, festas e sonhos. Sempre quis estudar e ser independente financeiramente.

Fazendo uso de uma rede familiar de apoio, migra para São Paulo em busca de trabalho. Passa a morar com familiares e concretiza o desejo de trabalho e estudos, mesmo em condições adversas.

Casa com um dinamarquês e migra para o México e, depois, para a Dinamarca. Um novo desafio se apresenta: estudar dinamarquês e se qualificar.

A dificuldade em lidar com a língua transforma a luta mais árdua, mas não desiste e se forma em pedagogia.

O valor colocado no dinheiro ganho com o seu próprio trabalho é de importância básica na vida de Maria Laura. A alegria e o orgulho em ter seu próprio dinheiro e poder ajudar a sua família se apresenta em todas as etapas de sua vida.

5.1.11 A história de Maria Celma

Cheguei aqui, casada. A DK foi responsável pelo fato da gente ter ficado mais tempo junto do que teria ficado se não fosse isso. Eu era, presa política e consegui sair do BR. Se você quiser, depois eu conto a história de como sai, eu fui presa em 71. Sai do BR pro Uruguai, fiquei quase um ano no Uruguai, aí quando a situação política no Uruguai começou a se deteriorar, eu tomei a sábia decisão de ir pro Chile, rrsrsrs.

A tempo pro golpe, né? Mas é, cheguei a morar quase um ano também no Chile antes do golpe, e aí sai do Chile pela embaixada da Argentina. Essa situação da embaixada da Argentina era uma situação muito pressionada, porque ninguém queria refugiado político chileno, refugiado político chileno tem que tirar da América Latina, então tinha. Na própria argentina inventaram uma coisa: asilo em trânsito. Foi um conceito inventado para a ocasião, então você não podia pedir asilo político na Argentina, e lhe conservavam na embaixada até você ter aceitado pedir asilo em outros lugares do mundo.

Eu vim pra Europa, teve gente que foi pra Argélia, teve gente que foi pra Cuba. E aí vinha um representante de organizações internacionais e você tinha que olhar na lista assim, aqui eu quero ir. Ir pra um país que você não tinha ideia onde era, muita gente vinha me perguntar, onde é que fica tal país? Porque a coisa era você sair, na hora, você passava dias em outro lugar, aí então provavelmente iam te retirar da embaixada pra Argentina. A embaixada era uma casa, uma mansão, normal, um determinado momento tinham mil pessoas lá dentro, mais um número

desconhecido de crianças. Cercadas, praticamente em estado de guerra, que você passava a noite escutando tiro. Ah, inclusive, com gente tentando entrar na embaixada e sendo apedrejadas, sendo presas, eram uma situação de pressão, né?

Então quer dizer você ficava pensando, será que eu vou gostar desse país? Mas, você queria era sair, na Argentina a mesma coisa um ano depois, os brasileiros todos foram alojados em um hospital que estava em reforma, então pararam a reforma e alojaram a gente lá dentro, sei lá quantos, quinhentos, seiscentos brasileiros, um lugar com pouquíssimo conforto e nenhuma segurança, enquanto eu estava lá no período que eu estava lá, tiveram dois brasileiros que desapareceram, saíram e não voltaram mais. Um tempo depois a gente teve notícias de que eles tinham sido vistos nas dependências do DOPS, no Rio Grande do Sul. Tinha colaboração muito próxima entre as polícias na Argentina, BR e Uruguai.

Eu sou Gaúcha. Então quer dizer mais uma vez, uma situação política se deteriorando. Perón morreu naquele momento, a Argentina já não era um lugar seguro pra mim, o primeiro país que me ofereceu asilo foi a DK . Disse: é pra lá que eu vou. Chegar aqui foi um, simplesmente, ser alojada num lugar que tinha uma porta que você podia fechar, que ninguém ia entrar se você não abrisse a porta, era um sonho. Você andar na rua na hora que quiser, a DK era, é ainda, um país extremamente tranquilo, extremamente seguro. Primeiro tinha ainda toda coisa, dos refugiados vindos do Chile, lá você era muito bem recebido, e como brasileiro você era exótico, interessante, as pessoas ficavam maravilhadas quando você dizia que era brasileira. Então, realmente assim, cercado não só de segurança, de tranquilidade, mas de muita simpatia. Aliás a gente como brasileiro ainda hoje, dizer que é brasileiro

em qualquer lugar, as pessoas sorriem, fazem reverências. Agora na DK naquela época, ela era ainda mais. Teve gente que veio pra cá como um ponto de passagem e foi pra outros lugares. Eu decidi ficar aqui. Primeiro porque realmente eu me sentia bem, tava com filho pequeno como disse, em seguida em engravidei de Ma, dois filhos pequenos. E já na perspectiva de me separar, quer dizer, eu já estava pensando assim: sozinha com duas crianças pequenas, onde é que eu vou achar um lugar melhor no mundo pra criar as crianças? não tem. Decidi ficar. E um outro motivo, também, político. Eu tava querendo, naquele momento, distâncias das comunidades políticas brasileiras do mundo. Na época era França, que pulava de brasileiro. Os brasileiros na França viviam praticamente num BR imaginário. É a outra referência era Portugal, recém dividido, a revolução, então, tinha enchido de brasileiro, como numa época tinha sido o Chile, né? Justo, todo mundo ir pra lá, e eu na verdade tava num processo de revisão de toda minha história política, de toda minha ação política, eu não queria viver, continuar vivendo nesse BR, América Latina imaginários. Nos quais, eu tenho impressão que, a maioria de nós tinha vivido nos últimos anos.

Ação Popular²⁷⁰, né? Aah, tinha passado por vários processos. Por exemplo a ruptura no Chile, que foi quando José Serra, Betinho, saíram da organização, eu fiquei. Depois aí nesse momento quando eu cheguei aqui, comecei a repassar as coisas. Eu fiquei sem me dar conta, que eu deveria ter saído junto com eles. Porque eles saíram em função da posição da organização em relação ao movimento democrático no BR, e eu pra minha vergonha devo dizer que eu fiquei com os não democráticos, rsrsrs. Agora, de uma certa maneira eu me redimi, porque quando eu tive mais tempo pra pensar por exemplo o processo no Chile,

²⁷⁰ A organização em que militava.

o que eu tinha visto, tinha experimentado no Chile. Aí depois o que eu vi na Argentina. Eu cheguei aqui e tive tempo de pensar, eu comecei a me dar conta que tinha andado por um caminho que eu já não considerava correto, que já não era o meu. Por isso eu escolhi ficar aqui, na periferia da Europa, mantendo um diálogo, lógico, com meus ex companheiros na França, etc. mas fora, saindo da organização e tentando criar uma vida mais normal, num país democrático. Inclusive a DK me ajudou muito numa coisa, criar o meu conceito, minha ideia de democracia. Eu passei esses anos todos sem pensar na minha condição de mulher, e sem me dar conta na verdade que os movimentos de esquerda, no Brasil, eram profundamente machistas e sempre foi assim. Aí eu comecei a trabalhar com a questão da mulher na Universidade e militar no movimento feminista.

Eu tinha feito Filosofia no Brasil e me faltava meio ano, um semestre de Direito. Eu escolhi fazer (um outro curso na DK) porque também foi um processo de aprendizagem, de uma outra prática intelectual, foi realmente um dos períodos mais fantástico da minha vida. Eu fiz o básico na universidade, e aí depois eu fiz história e francês, ah, comecei a estudar, eu senti facilidade de fazer amizade, eu comecei um segundo grupo com quem eu trabalhei, eu fiz amizade que eu tenho até hoje, um grupo de mulheres que eu até hoje encontro. É uma das coisas que eu também gosto aqui na DK, geralmente o brasileiros tem aquela tendência de dizer, ah, os dinamarqueses, os europeus, são muito frios. Bom, primeiro, a gente tem que abrir um pouco a mente pra ver que as expressões de afetos, de emoções, são diferentes, em diferentes lugares, né? Quer dizer tem gente que beija na boca, Groelandês esfrega o nariz, eles são mais frios ou não, então, é a coisa muito da expressão, e segundo eu acho que essa, uma certa reserva, eu gosto, eu prefiro, uma pessoa que leva um ano até olhar pra você e dizer eu sou sua amiga, e a

partir daí você pode contar que é. Do que a pessoa que cinco minutos depois de ter te encontrado, diz ah, eu sou sua amiga, e no dia seguinte quando você liga, já nem lembra mais. infelizmente acontece

Quando você passa tanto tempo em um outro lugar, onde você se sente em casa, não é um lugar estranho, eu não sou uma brasileira morando na DK. Eu sou brasileira dinamarquesa, assim como meus filhos são brasileiros dinamarqueses, eu acho essa coisa muita assim, de uma nacionalidade excludente, a gente já não vive mais. Porque na verdade, por exemplo, meus filhos, qual é a língua materna deles, eles começaram falando dinamarquês e português, dinamarquês na rua, português em casa, são iguais, a gente quando conversa passa de uma língua pra outra, então essa nacionalidade excludente, uma identidade e tal, é uma coisa que pra gente não é real, pra mim não é. Eu sei que eu sou tanto brasileira, quanto dinamarquesa. Pra mim, por exemplo, pra falar do meu trabalho de pesquisa em relação a mulheres, gêneros, etc, pra mim é muito mais fácil em dinamarquês. Eu tenho o vocabulário. Nesse trabalho de pesquisa sobre etnicidade negra, claro em português. Então não é porque o português ou o dinamarquês seja mais fácil, depende de onde você está, o que você tá fazendo, o que você tá falando. Ah, então eu tenho bem claro isso, eu me sinto tão em casa, ou tão estranha, em qualquer um desses lugares.

Eu quando eu voltei do BR no final dos anos 80, 89, 90, reencontrei amigos, houveram regiões que eu fiquei completamente chocada de escutar amigos, conhecidos, colegas dizerem frases que alguns anos antes, teriam sido absolutamente impensáveis, sobre estrangeiros, muçulmanos, etc. De eu ficar assim parada, dizer peraí, isso aí tá saindo da boca de uma pessoa, de você ouvir colegas dizendo: é mas a maioria dos estrangeiros que vem pra cá, vem pra explorar o sistema. Lembre oh,

eu sou estrangeira, quer dizer o discurso público tinha se movido para um lugar onde eu jamais teria pensado que ele poderia, porque uma característica muito forte da DK, a DK é um país basicamente de gente decente, as pessoas são basicamente decentes, com exceções é claro, e, de repente, você via pessoas expressando opiniões, que não eram decentes, a respeito de outros seres humanos.

Eu acho que uma das coisas que aconteceram, no decorrer desses anos 80, 90, 2000, é que em relação a partidos políticos. Os partidos políticos se moveram, que infelizmente se moveram a maioria deles, num sentido muito populista, ao invés por exemplo da social democracia, e até mesmo a SF²⁷¹, ao invés de cumprirem o papel de colocar limites legais para as expressões de racismo, de xenofobia, etc. eles se deixaram levar junto, na esperança de conseguir mais votos. Até que a própria sociedade dinamarquesa, deu mais ou menos um basta, e disse não peraí, eu acho que tem muito haver com essa coisa da decência, que de repente uma parte da sociedade dinamarquesa se deu conta de que eles já tinham passado a linha de limite entre o que é descente e o que não é, o que é aceitável pra uma pessoa decente e o que não é.

Por exemplo, as mulheres que se parecem comigo, como por exemplo, eu acho que basicamente nós não temos problemas excepcionais, porque a sociedade dinamarquesa que a gente encontra e a qual a gente vem nos inserir, se parece muito a sociedade onde a gente vivia no BR, não tem maiores diferenças, ah, aí eu to pensando em uma dessas brasileiras, que talvez, tenha tido um processo mais longo de adaptação, eu acho que é em função da origem regional dela, ela é baiana. a Bahia, é outro país que não é por exemplo o meu, que é do Sul,

²⁷¹ Partido Socialista

Porto Alegre, conheci outras de São Paulo, Rio, etc. Ah, agora basicamente eu acho que se a gente é acadêmica, você tem algumas pequenas diferenças, mas basicamente você tem tudo em comum, eu digo tranquilamente eu tenho mais em comum com minhas colegas acadêmicas, dinamarquesas, suecas, etc. do que eu tenho com uma costureira baiana, a linguagem, o conhecimento, a visão de mundo, de relações, de gênero, etc., agora existe uma outra parcela de brasileiras que são exatamente é mais, do Rio pra cima, Rio de Janeiro, até a Bahia, mas nordeste não, que é um BR diferente do BR do sul, um BR com um nível de educação mais baixo, com estruturas mais tradicionais, por exemplo relações homem e mulher, relações de família, que eu acho que tem uma dificuldade muito grande não de se adaptar, porque são maleáveis vivem aqui, os brasileiros são excepcionalmente bem integrados, eu acho, né?

Mas de realmente perceber a realidade que elas encontram aqui, se você olhar pra relações homem, mulher, eu acho que essas brasileiras tem muita dificuldade de perceber que o homem dinamarquês, além de ser marido ou amante, basicamente é um companheiro, e espera também, que você seja também companheira, que tenha interesses incomum, quer que você faça coisas junto, tenha atividades junto, que você tenha amigos comum, que você crie um espaço de vida em comum, além de conservar, preservar um espaço de vida de cada um, eu vejo pelo menos, muitos casais, mulher brasileira, homem dinamarquês, onde eu tenho a impressão de que a mulher tem toda uma vida brasileira da qual o marido, não participa. isso é porque elas tem uma concepção muito tradicional, de relações de gêneros, e na verdade elas não enxergam o que é um homem dinamarquês, ou o que é uma mulher dinamarquesa.

Não é influência européia, simplesmente, o Sul, é uma região, Rio Grande do Sul, São Paulo, são regiões mais desenvolvidas, mais urbanizadas, menos tradicionalistas, mas basicamente, economicamente mais desenvolvidas com um sistema de educação melhor do que em outros lugares do Brasil. Produziu antes do que outros lugares do Brasil, uma sociedade com formas de relação mais modernas

Bom, eu nasci em Pelotas, agora foi só nascer. Meu pai e minha mãe vêm de Pelotas, e minha mãe tinha uma coisa com as irmãs, tal, ela viajou pra eu nascer em Pelotas. Mas ela e meu pai moravam em Jaguarão, que era uma cidadezinha pequenininha na fronteira com Uruguai.

Na verdade pra mim, na minha experiência assim de família eram dois, eu e meu irmão, meu terceiro irmão, quando meu terceiro irmão nasceu eu já tava indo pro centro, universidade. A minha mãe era professora, então era uma vida assim, uma vida tranquila, de cidade pequena, mas eu acho que em função do fato de minha mãe ser professora, e meu pai filho de fazendeiro, gostava muito de ler, a paixão dele, era literatura.

A minha família era uma família típica de cidade pequena, ah, primeiro mais intelectualizada, a um tempo atrás teve a filha de uma vizinha nossa, que achou meu irmão e depois achou a mim, é pelo facebook, escreveu, a casa de vocês, a família de vocês, era uma janela aberta pra um outro mundo.

Ah, mas é, era eu lembro assim, a casa da minha família, eram lá que os amiguinhos, e as amiguinhas iam la brincar, depois nossos colegas de ginásio era la que agente se reunia, não era só nossa assim,

os colegas lá, o meu pai e a minha mãe participavam, e meus colegas eu lembro adoravam conversar com meu pai, meu era um homem de muito conhecimento, muita cultura, bom humor.

Comecei lá, na Universidade Católica de Pelotas. Foi aí, que eu comecei mais ou menos a militância política. Meu pai sempre me apoiou, aliás era de conversas com meu pai que eu também buscava ideias, posições tá?

Bom, eu era estagiária de direito, então aí você já tem alguns privilégios, aí eu fui presa, eu hoje vejo assim, como a gente era burrinho, bobalhão, depois que eu fui presa eu percebi claro, teve interrogatório, que o DOPS tinha me seguido, que vigiado durante semanas, até chegar um dia de manhã, uma sexta-feira de um feriadão, em que eu estava sozinha, num apartamento que eu dividia com duas outras colegas, que tinham viajado pra visitar as famílias, eles chegaram 5h da manhã, rrsrs.

O apartamento era pequenininho, aqueles apartamentos de estudante, aquela coisinha “desse tamanho”, a cozinha era só uma pessoa que entrava, se entrasse outra já a primeira não saia, entraram chegaram no meu apartamento 5h da manhã, ah quatro policiais civis, três policiais militares e um cachorro.

Coitado do cachorro, bom, fui presa, e aí passaram-se dias e dias que ninguém sabia, porque eu tinha mandado dizer pra minha família que eu não ia naquele fim de semana, o meu escritório fechado, óbvio, a Universidade não tava funcionando feriadão, minhas colegas viajaram, pra vê a família. Aí passaram-se vários dias, porque no meu escritório, na minha cidade, pensavam ela deve ter ido pra Pelotas, visitar a família. Porque não voltou? será que tá doente? Passaram-se vários dias,

ninguém sabia onde é que eu tava. Até que um colega de um outro escritório de advocacia vizinho do nosso, casualmente foi até o DOPS pra vê um cliente dele e por acaso tinham deixado uma porta aberta que dava pra um corredorzão onde lá no fundo tinham as celas e eu tava passando, tavam me levando pra o banheiro, o cara me enxergou, aí avisou.

Quando finalmente eu fui processada, indiciada, e meu advogado me disse: você pode pegar no mínimo oito anos e o máximo de 42, eu falei: “aqui oh”, que eu vou ficar esperando. não sou louca. Aí eu pedi permissão a justiça militar pra ir visitar meus pais em Pelotas, um fim de semana longo, fui conversei com meu pai, como meu pai trabalhava no ministério da fazenda, e o ministério da fazenda em Jaguarão, onde a gente tinha morado era junto da fronteira, então meu pai conhecia tudo aquilo lá, eu conhecia. Conversei com meu pai, a gente planejou tudo. Eu voltei pra Porto Alegre e, duas semanas depois, pedi novamente permissão pra eu ir visitar a minha família. Eu sai do Brasil a pé, de braços com meu pai, atravessei a ponte a pé.

Quando eu tive presa no DOPS eu estive sozinha, não podia encontrar com ninguém, e depois no presídio eu tive presa com duas pessoas, aí a gente era uma comunidade pequena, organizadinha, tá? A gente tinha uma disciplina, um esquema. Ah, mas eu não tive experiência naquelas comunidades maiores de presos, como tinha em São Paulo, no Rio. Agora cadeia, cadeia, não melhora o caráter de ninguém, Você tem que fazer um esforço pra que não piore.

Menina classe média, Maria Celma chegou a primeira vez na DK como refugiada política. Militou em uma organização de esquerda e foi presa política.

Fez o curso universitário na DK e se engajou na vida acadêmica e na área de pesquisa sobre o feminismo.

Retornou ao BR depois da anistia. Se identificou como o modo de vida dinamarquês, casou e retornou para a DK.

Transita sem problemas entre as duas culturas. Não se sentindo pertencente a apenas uma delas, mas a um movimento de inclusão cultural que inclui a cultura brasileira e dinamarquesa.

Divide o Brasil em duas partes excludente: o sul/sudeste e o nordeste. Considera que, por ser oriunda do sul, tenha mais facilidade de manejar os códigos culturais europeus – que seriam mais próximos a cultura do Sul do Brasil.

5.1.12 A história de Maria Janete

Eu morei em Santarém no Pará, em Recife, muitos anos em Olinda, morei em Morro de São Paulo, na Bahia, morei na Suécia, não muito tempo, mas alguns meses. No Brasil, tentei morar em São Paulo não deu pra mim.

Eu conheci meu ex-companheiro num café, que tinha aqui em CPH, era o Banana República, um local bem frequentado por brasileiros e pessoas de todo lugar do mundo. Porque tinha música de tudo quanto é lugar. Era um lugar agradável das pessoas se encontrarem, eu encontrei com ele ali.

Eu fui pra Alemanha primeiro. Eu ganhei uma passagem de um grupo de amigos, porque eu dava aula de português no BR. Fui pra Alemanha, e da Alemanha vim pra cá visitar amigos.

As dificuldades que eu vejo é que entre um dinamarquês e um estrangeiro no mercado de trabalho, nessa área, na arte, por exemplo, eles vão dar prioridade ao dinamarquês, não a mim, porque é um mercado limitado e a concorrência é muito grande. Não importa se eu tenha talento, se eu não tenha talento, se eu tenha mais capacidade que ele ou não. Isso eu experimentei em vários lugares, vários, vários, vários. Senti no teatro. Eu fui como assistente de cenografia e me vi passando aspirador.

Eu conheço várias pessoas que estão passando por isso, que sofrem uma pressão muito grande psicológica, desenvolve um medo, vou ficar, não vou ficar, vão me mandar embora, não vão me mandar embora,

é, acabam desenvolvendo a síndrome do pânico mesmo, ou depressão. Não ficam lá, não ficam aqui, não conseguem se concentrar no que tem que fazer pra poder ficar aqui. Porque quando eu cheguei vivi isso também. Eu cheguei e com dois anos se conseguia a permanência, mas você tinha que estudar, eu estudei. Não tinha essa pressão que você tem que ter tantas horas de trabalho, não tinha isso, e isso vai provocando uma sobrecarga, eu é o que eu to sentindo que tá acontecendo.

Já fui chamada de porca preta, já me empurraram na rua com meu carrinho de bebê, já me bateram no ombro, sai desse lugar, porque esse lugar é meu, já pediram pra um garçom me pedir pra sair do sofá que eu estava numa cafeteria conversando com uma amiga porque a pessoa tava estudando e pediu pro garçom pra tirar a gente do sofá e mandar a gente pra outro lugar porque a gente tava incomodando ela. Ela estava num lugar público também, então ela poderia está em casa estudando e não esse tipo de coisa, eu falei não, isso não pode acontecer, é discriminação. Ela falou assim: eu espero que vocês nunca mais voltem pra DK, foi o que eu ouvi dela.

A violência doméstica não é só física , ela é verbal também, né? Muuuuuitas, muuuuuitas, muuuuuitas mulheres que sofrem disso aqui. Continuam no casamento porque bem ou mal estão numa situação melhor do que elas viviam lá no BR, ou porque amam, ou porque têm filhos, têm medo de perder os filhos porque não conhecem bem a lei, entendeu? Eu sofri muito isso, desse medo de perder, tō separada do meu marido, do pai dos meus filhos, ah, meu Deus ele vai me tirar meus filhos, vai me mandar embora, eu sofri isso. Mesmo sabendo que não era tão fácil que isso acontecesse. Eu já tinha minha permanência, eu falava a língua, eu já vivia aqui a muito tempo, né? Eu so não conhecia as leis dos meus direitos, então isso provocava. A falta de informação faz com

que elas dê o passo pra mudança. Eu acho que a mulher brasileira, toda estrangeira devia primeiro aprender a língua. Eu aprendi muito tarde, e aprendendo a língua se informar dos direitos dela, como estrangeira, como mãe como mulher, como trabalhadora, como estudante, deveria se informar.

Eu sofri violência no Rio de Janeiro, né? Já tentaram me matar, já atiraram no carro que eu estava, fui agredida fisicamente na rua, mas isso não fez com que eu odiasse o BR, tivesse medo do BR, até hoje eu não tenho medo. Quando falam o BR é violento, o BR isso, o BR aquilo, não é o que eu vejo. O que eu vejo é a família, é o clima, é a alegria, aquela riqueza que a gente tem, né? O BR borbulha, era isso que eu via.

Bom, levou muito tempo pra eu me sentir em casa, eu me sinto, não que eu me sinta assim, mas me fazem me sentir uma intrusa, então de 2006 pra cá, eu cheguei já com uma coisa do BR, passei dois meses no BR. Quando eu voltei, quer saber é a minha casa, é a minha casa. Eu vivo aqui há muitos anos, eu tenho que me sentir em casa e me colocar como se aqui fosse a minha casa também. Eu não posso me sentir intimidada por eles. O que é que você tá fazendo aqui? Eu vivo aqui, né? Por que que você não volta pra sua terra? Porque é que eu tenho que voltar pra minha terra, se eu vivo aqui? se eu tenho uma vida aqui,? Então eu comecei a ver a DK, de uma outra maneira, como a minha casa, meus filhos moram aqui.

Chegar lá e viver tudo em um curto espaço de tempo, com tanta intensidade, com tanta emoção, que quando você começa a se acostumar, é que você tem que voltar. Começa a sentir o chão do BR, as pessoas, tudo, agora eu tô em casa, que pelas duas, três, primeiras semanas, ai meu Deus tem que me situar de novo, né? Quando você tá

lá, quando você se situa novamente, é a hora da volta. Essa volta pra mim sempre foi muito dolorosa, porque a vontade que eu tenho e sempre tive foi de ficar lá, de morar, voltar a morar lá, entendeu? e pra não sentir mais essa dor, o que aconteceu, foi isso mesmo que aconteceu. pra não sentir essa dor, quando eu cheguei aqui, a S. e o F tavam aqui, a S. desenhando o F no computador. Eu olhei pra eles e falei: gente, essa aqui é a nossa casa. e a partir daí eu passei a sentir saudade do BR, mas de uma forma mais leve, eu queria ir pro BR, mas de uma outra forma. A viver mais os meus amigos, sempre fiz isso, mas eu passei a ter uma tranquilidade interna, né?

Eu até escrevi ontem uma coisa que me marca muito e me marcou muito sempre, que é o que mais me faz falta que é essa, o brasileiro a facilidade que o brasileiro tem de se comunicar com as pessoas, de se relacionar com as pessoas, de fazer amizade com as pessoas, de fazer carinho, de ser solidário, de abraçar, de beijar. Brasileiro rir muito, brasileiro rir o tempo inteiro, isso pra mim é o de mais positivo, é o que faz com que eles superem qualquer história errada, até mesmo vivendo fora do BR. O improviso, não digo nem o jeitinho brasileiro, não, isso pra mim não existe, mas essa capacidade que a gente tem de contornar as situações, improvisando.

Não, não, nenhuma, de jeito nenhum²⁷², porque desde o início eu sempre coloquei a minha realidade, como eu sou muito aberta eu sempre falei com a minha família o que acontece, o que acontecia comigo, eu nunca esbanjei. É, não, minha simplicidade diz muito, nunca senti isso não, mas tenho amigas que sentem, que sofrem isso, que a família pensa que morar na Europa é ter dinheiro, né?

²⁷² Sobre a família esperar ajuda.

No BR é, paga isso, paga aquilo, quando voltam, voltam sem nada, ou entram no conflito muito grande, ou não querem mais voltar pro BR, eu não tenho isso, nunca vivi isso.

Eu não viajo todo ano, eu fiquei sete anos sem ir ao Rio de Janeiro, e seis anos sem ir ao Pará onde minha mãe vivia, né? Sete anos, mãe solteira com dois filhos. Muito difícil, muito difícil ficar aqui sem poder, sem ter condições de ir a outros países, outros lugares, né?

Não deu certo porque somos muito diferentes, muito diferentes, eu tenho necessidade de sentir afeto, conversar, de trocar, trocar o dia a dia, qualquer coisa, e ele é uma pessoa muito fechada, muito fechada, centrado só no trabalho dele, aliás eu acho que isso é uma coisa característica do homem dinamarquês, o trabalho dele, os interesses dele vem sempre em primeiro lugar, isso pra mim ninguém tira da cabeça, porque eu já conversei com mulheres de tudo que é lugar do mundo e todas tem o mesmo problema, a mesma opinião.

Bom, eu me sinto bem, se fosse mais quente eu me sentiria melhor, porque o clima interfere no meu físico, na minha mente também. Eu preciso de luz, eu preciso de calor, eu preciso de sol. Mas eu me sinto bem vivendo aqui. Vivendo aqui nesse apartamento, eu me sinto bem. Eu ando com tranquilidade, eu adoro, vou pra galeria de arte, vou pro cinema, vou pro spar, eu ando muito, adoro música, eu sempre procuro o que me faz bem pra me sentir bem aqui.

A língua, a dificuldade de se comunicar, porque o dinamarquês tem uma pressa muito grande, né? Quer que a gente aprenda muito rápido e fale a língua deles como eles falam, essa pressão é constante, não só

comigo mas com muita gente. Eu acho que o estrangeiro, não só o brasileiro, precisa do tempo pra sentir aonde tá chegando, precisa aprender a língua, e aquele tempo aprendendo a língua é quando começa a compreender como o sistema é, como tudo acontece em volta, é uma exigência muito grande, não existe uma tolerância com o período de adaptação, entendeu? De integração? eu não sinto isso, é uma pressão muito grande. Tudo tem que ser muito rápido, isso provoca medo, insegurança, insatisfação, solidão.

Eu fui uma criança muito feliz, criada numa família grande. Pai, mãe. São sete irmãos. Seis mulheres e um homem, é muito amor, muita compreensão, muita dedicação, as vezes até exagerado, que eu acho que isso. Mamãe dona de casa, papai trabalhava, trabalha até hoje, aos 83 anos.

Ele trabalhava, sempre trabalhou com informática, ele sempre a vida toda, depois abriu a própria empresa fazendo programas de computação e manutenção e depois ele passou a ser escritor, ele é escritor, e trabalha com meu irmão na corretora do meu irmão e trabalhou muito tempo com o irmão dele que é engenheiro, né?

Quis continuar a estudar, só que eu viajava muito, eu queria viajar, eu queria conhecer, eu queria ver, me arrependo de não ter feito uma faculdade, eu confesso, poderia, mas também não sabia o que eu queria, eu queria ser bióloga, queria ser [...] nunca arte, engraçado, né? Que eu sempre pinte desde criança, desenhei desde criança, desde os 6 anos de idade, mas eu nunca pensei na arte como uma coisa pra viver, né? Uma profissão, eu sempre pensei em ser bióloga, agrônoma, fazer engenharia naval, né? Aí chegando aqui o meu interesse, sempre gostei de fotografia, né? Eu queria ser fotografa, mas não consegui, por causa da língua e

porque também era caríssimo na época e o pai dos meus filhos também não tinha condição de me ajudar nisso. Aí fui buscando, outras coisas, aí fui caindo, com filhos eu comecei a pintar, mas pintar mesmo, pintar tela, e pintava quarto de criança, né? Fazia decoração de parede de restaurante.

Quando eu viajava eu arranjava sempre um trabalho num lugar né? Sempre. Desde limpar, lavar carro, garçõete, até vender as roupas que minha irmã fazia, sempre arranjava um trabalhinho, eu era jovem, muito jovem também, né? Gostava de aventura, mas trabalhava sim, né? estudava claro e trabalhava, mas eu não podia, estudava, fazia curso, cursinho, curso de inglês, sabe? Curso de desenho. Gostava de viajar, eu queria viajar, isso me atrapalhou muito, então eu acho que se minha mãe tivesse segurado, Maria Joana para aí, para, para, para, é, eu não sei, via minhas irmãs com filhos, com marido, aquilo me dava um medo, sabe? Me assustava. Falava, caramba eu quero viver, quero viver. E eu via, elas tiveram filhos e casaram muito cedo, né? E eu não queria aquilo pra mim, acho que foi o que me fez sair por aí.

Eu não me arrependo de nada, sofri muito, sofri demais, eu sofro ainda, mas meu foco tá no belo, nas coisas boas, eu acho que da pra ser feliz um pouquinho todo dia, não pra gente ser feliz totalmente, mas da pra gente ser feliz um pouquinho todo dia, acredito nisso. Tem dias que a gente tá lá embaixo, tem dias que a gente tá lá encima. Eu amo a vida demais! Eu amo muito a vida, e tenho filhos lindos, muitos amigos, minhas plantas. Eu sou uma pessoa muito simples e eu acho que a simplicidade faz com que eu supere muita coisa, a minha felicidade, o meu foco no lado simples, na simplicidade da vida, faz com que eu supere, né? Eu acho que o ser humano é tão ganancioso, tá sempre tão ligado as coisas materiais, eu agosto de conforto claro.

Eu quero voltar pro BR, não pelo BR, não quero sair da DK, não porque eu não gosto da DK, eu amo isso aqui, tô totalmente dividida, muito dividida, eu quero voltar por mim, sabe? Eu preciso do BR, eu preciso me ver lá, eu preciso de ver as possibilidades que eu tenho com tudo que eu aprendi aqui, sabe? Com toda a minha bagagem de vinte anos aqui. O que eu posso fazer lá, é nisso que eu penso. Minha família tá toda unida novamente num lugar só, aí facilita tudo, né? Antes tava um no Pará, outro em Recife, outro em São Paulo, agora não, tá todo mundo num lugar só, mais por perto, e eu tenho vontade dessa convivência.

Eu me saia muito bem antes de vir pra DK. eu não tinha dinheiro da minha família, de vez em quando numa emergência, mas eu me virava. no BR eu não tinha o que eu tenho aqui, voltando pra lá não vai ser diferente. tem a família por perto, tem o clima que ajuda muito, tem um leque de possibilidades. Eu posso trabalhar dentro da minha área, ou com animação, com demonstração, com serigrafia, ou com hotel, com turismo, com arte, fazendo dando aula de arte, com tudo que eu sei, né? Que eu aprendi, posso montar minha escolinha de arte pra criança, ter minha galeria de arte é mais fácil, no quintal de casa, você vai ter um ateliê, né?

∞

Maria Janete vive o drama de muitas brasileiras: uma relação ambígua de aceitação e rejeição da vida na DK. Fixou residência no país há vinte anos, quando as regras de imigração possibilitavam a concessão de residência com facilidade, depois de ter passado por alguns países da Europa.

Durante o período em que viveu no BR esteve em um processo de migração interna, não se estabelecendo em nenhum lugar por muito tempo. Vivia uma eterna busca que permanece evidente ainda hoje. Mesmo quando diz que já vê a DK com outros olhos, é como se fosse uma tentativa de acreditar no que está dizendo.

Sofre com o clima e a escuridão do norte da Europa e justifica ficar em razão dos filhos. No entanto, viveu na DK durante alguns anos antes de decidir ser mãe.

Foi vivendo nesta relação conflituosa que lhe foi proporcionado a possibilidade de estudar. Mesmo sem ter um curso superior, sonha em voltar para o BR e conseguir um bom trabalho. Demonstra desconhecer as exigências de qualificação do mercado de trabalho brasileiro.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*O trem que chega
É o mesmo trem da partida
A hora do encontro
É também despedida
A plataforma dessa estação
É a vida desse meu lugar
É a vida desse meu lugar
É a vida*

(Milton Nascimento e Fernando Brant)

Os estudos sobre migração, nacional e internacional, apresentaram, durante décadas, a invisibilidade da mulher enquanto categoria importante no processo migratório perpetuando a visão endocêntrica da ciência, que via a mulher como um apêndice da família, sem participação no mercado de trabalho nem na vida cotidiana fora do âmbito familiar.

A luta feminista, para a construção das histórias das mulheres, desbocou em novos estudos e pesquisas, chegando também aos estudos sobre gênero e migração. Entretanto, a maioria destes estudos está centrada na questão da mulher enquanto vítima de tráfico de pessoas, com enfoque especial na prostituição feminina.

A migração feminina baseada na reunificação familiar está longe de ser uma migração reduzida ao âmbito da família. As mulheres migrantes dentro deste estatuto jurídico buscam um processo de socialização nos países receptores, construindo alternativas de sobrevivência econômica, social e política, rompendo com estigmas e preconceitos preestabelecidos.

O direito a reunificação familiar, consagrado no artigo 44.º da Convenção Internacional sobre a Proteção dos Direitos de Todos os Trabalhadores Migrantes e suas Famílias, não é aplicado em sua plenitude pela legislação dinamarquesa. Como o maior número dos reunificados migram com o objetivo de encontro com familiares de residência legal e permanente, estão submetidos a uma legislação local específica e restritiva definida no artigo 9 da lei de imigração. Mesmo os trabalhadores migrantes e seus familiares estão sujeitos a uma legislação restritiva, pois, se por um lado podem, em certos casos, trazerem suas famílias, por outro, como não estão submetidos às regras locais de imigração, não conseguem obter a residência permanente sem ter que se submeterem às exigências estabelecidas aos demais e já explicitadas neste trabalho.

O artigo 9 da lei de imigração dinamarquesa, além de ser considerado um desrespeito aos Direitos Humanos por organizações não governamentais e pela oposição dinamarquesa, e suas constantes mudanças, criam uma situação de insegurança entre as mulheres migrantes. Estas mudanças atingem também de forma emocional as mulheres que já tem residência permanente, haja vista que as mesmas se encontram dentro do bojo das políticas restritivas aos estrangeiros que não se limita somente ao ato de concessão de residência, mas também ao sentimento de se sentirem aceitas e respeitadas.

Entretanto, em relação ao conjunto de leis que atinge os cidadãos, estas não fazem diferenciação entre um imigrante com residência permanente e um dinamarquês nato. Podendo os imigrantes, mesmo com o visto de residência temporário, o direito de exercer a opção

de voto nas eleições municipais, os de residência permanente o direito de votos em todas as instâncias.

A única diferença existente entre um nativo e um migrante que ainda não tenha adquirido a cidadania dinamarquesa está relacionada ao direito ou não de expulsão por um motivo grave. Enquanto uma pessoa com nacionalidade dinamarquesa não poderá ser expulsa, o mesmo não pode ser garantido aos demais.

Objetivei com este trabalho descortinar uma história até então silenciada: A história da migração feminina brasileira para a Dinamarca. Esta comunidade, apesar de poder ser considerada numericamente pequena, tem uma curva ascendente nos dados migratórios.

Recorro mais uma vez a Duarte (2002) quando salienta a importância da socialização da experiência experimentada no trabalho de campo pelo pesquisador pois cada pesquisador tem o seu olhar próprio, mesmo quando o objeto já foi estudado. No caso específico deste trabalho, me imprime mais ainda esta perspectiva, haja visto ser um trabalho pioneiro sobre o grupo pesquisado.

Ao analisar as vivências de mulheres brasileiras na Dinamarca, que migraram em função de casamento, e suas formas de inserção social e dos processos identitários que experimentam, levando em consideração ao que alerta Hall (2005) para a construção de *identidades possíveis*, dentro do quadro atual da globalização onde estas identidades são deslocadas para outras possibilidades plurais perdendo a fixidez das identidades nacionais e unificadas, passando assim para um novo plano de identidades “trans-históricas.

Pude constatar a impossibilidade de se traçar um único perfil ou uma identidade única destas mulheres migrantes, uma vez que as mesmas:

- Vivenciaram, no Brasil, situações econômicas diversas.
- São oriundas de situações geográficas e culturais várias.
- Tiveram oportunidades de escolarização diferenciada no Brasil.
- São de raça/cor/etnia diferentes, o que remete a uma vivência de gênero diferenciada.

Dividindo este grupo em dois subgrupos é possível observar uma diferenciação da expectativa de vida entre os membros da classe média e das classes populares. A não possibilidade de ter o uso do trabalho doméstico como auxiliar e o não reconhecimento de suas capacidades intelectuais é um entrave entre as imigrantes oriundas da classe média, que, inclusive usa esta situação como uma afirmação de posição de pertencimento a uma classe mais privilegiada da qual têm que se despojar diante da realidade dinamarquesa. Enquanto, entre as mulheres oriundas das classes populares este problema se manifesta de outra maneira, por já serem portadoras de uma história cheia de necessidades. Elas experimentam identificações nos sonhos que trazem e nas condições que enfrentam para a obtenção da cidadania dinamarquesa – ao fim, tornam-se brasileiras em Dinamarca.

São submetidas à violência simbólica do não reconhecimento de suas capacidades intelectuais com o não reconhecimento dos diplomas e dos níveis de escolaridades, o que as levam a um sentimento de revolta e inferioridade, resultando, muitas vezes, em um exercício de cidadania limitado. Entretanto, este mesmo Estado que restringe, oferece oportunidades de qualificação e requalificação para todas. Possibilitando,

para algumas, a primeira oportunidade real de adquirirem uma educação formal.

Declararam-se 50% das entrevistadas se como pertencentes à classe média, no Brasil, seguida por média alta com incidência de 20,5% e baixa/pobre/proletária com 14,7%. Esta situação de pertencimento à classe média brasileira encontra-se baseada nos novos parâmetros de inserção elaborados pelo Governo Federal sobre a classe média no Brasil.

E 47% destas mulheres conheceu seu parceiro em festas, bar ou café. Amigos/familiares proporcionaram este encontro com 23%. O que demonstra serem estes espaços e contatos os prioritários no início de contatos amorosos.

Foi observado durante o trabalho exploratório de campo e confirmado em algumas das entrevistas, embora não fosse esse o objetivo do trabalho, a incidência de tráfico internacional de pessoas. Isto se dá dentro e fora do conceito de tráfico definido pelo Protocolo de Palermo, já citado anteriormente, e, muitas vezes, nem a própria pessoa tem consciência desta situação. No caso específico constata-se a afirmação através da fala das entrevistadas quando revelam que, a) foi a convite de uma amiga que queria ajudá-la levando-a para a Suíça e redirecionou-a para a Dinamarca, b) trabalhou como *au pair*, legalmente, sem ter seus direitos de hora de trabalho e folga respeitados e c) na mãe que, intermediada por um membro familiar, casou-se com um pedófilo, que tinha como único objetivo, ao contrair casamento com ela, o abuso sexual de seus filhos ainda em idade infantil.

Estas três situações de difícil detecção poderiam estar contempladas na categoria de tráfico de pessoas defendida pelas organizações internacionais e que está explícita no Protocolo de Palermo: (...) *à fraude, ao engano, ao abuso de autoridade ou à situação de vulnerabilidade.*²⁷³ Sendo, entretanto, de difícil detecção, por se tratar de situações muitas vezes encontradas dentro de um marco de compreensão não avaliado como uma forma de tráfico de pessoas.

Entretanto, o caso de maior complexidade de análise dentro da categoria de tráfico de pessoas é o de número três, por envolver uma complexibilidade subjetiva que dificulta a detecção como tráfico de pessoas dentro do marco teórico definido tanto pelo governo brasileiro, quanto pelo Protocolo de Palermo. A oferta de casamento se concretizou e a pessoa migrou legalmente para o país dentro das regras definidas pelas leis de imigração. Isto demonstra a necessidade de um aprofundamento da definição da tipologia de tráfico de pessoas que, deverá abarcar situações que envolvam fraudes subjetivas de raras e profundas complexidades.

O desconhecimento sobre a cultura, códigos e hábitos do país receptor e, especialmente, sobre a língua falada, demonstra que estas mulheres estão abertas para a perspectiva de mudarem suas vidas geograficamente e culturalmente enfrentando desafios. Mais ainda, demonstra que são guerreiras e dispostas a tentar o diferente, o novo o desafiante.

O ideário do amor romântico, o imaginado, o sonhado, o construído e desconstruído e reconstruído no cotidiano, se pauta em uma

²⁷³ Protocolo de Palermo.

relação que, muitas vezes não está baseada no diálogo verbal da língua dominada por um dos membros do casal. Em muitos casos os gestos se transformam na forma de comunicação familiar.

Dentro do ideário romantizado do casamento com o “outro” reflete também uma necessidade de mudança dos padrões de relacionamentos encontrados na sociedade brasileira por relações baseadas em códigos de condutas, que se não podem ser considerados igualitários, podem ser definidos com um nível reciprocidade superior ao encontrado nas relações de gênero no Brasil.

Importante também foi constatar que o ideário do estado nação brasileiro, como o país das oportunidades e dos braços abertos para todos, inúmeras vezes manifestados nos encontros e reunião, não foi confirmado nas entrevistas individuais nem na aplicação dos questionários. Avalio como o resultado de uma “coerção” coletiva se manifesta numa expectativa de que *ser* migrante denota uma relação de queixa e insatisfação da vida fora do país de origem. Quando o assunto é posto numa situação de reflexão individual, o sujeito reflete sua vivência de outra forma e expõe os sentimentos dentro de um contexto reflexivo da vida.

Manifestam o desejo de uma vida com todas as conquistas sociais existentes na DK, aliadas ao clima do BR e a alegria de viver dos brasileiros. Reconhecem uma relação mais igualitária dentro de um casamento com um nativo, refletido nas falas diretas ou indiretas quando avaliam a divisão do trabalho doméstico na Dinamarca e a forma em que os parceiros participam das tarefas domésticas.

A dificuldade com o idioma perpassa por todas as entrevistas. Além da dificuldade real do aprendizado da língua dinamarquesa, sempre observado por expressões de diferentes migrantes, no caso brasileiro esta dificuldade se alia a uma necessidade de comunicação oral e verbalização de sentimentos. A não compreensão de suas falas, por parte do “outro”, acarreta em um sentimento de frustração e incompetência.

Morar na Europa, ou “no estrangeiro” é uma possibilidade real de aquisição de um capital simbólico frente aos amigos e familiares no Brasil. Isto também é observado na expectativa de um capital econômico por parte de familiares e que resultaria numa possibilidade de ajuda financeira. Entretanto, já demonstram um olhar crítico sobre esta questão, quando buscam informar os familiares sobre a situação financeira dos imigrantes, buscando assim romper com o imaginário de uma riqueza automática ocasionada pelo fato de viverem em um país europeu.

Uma experiência comum observada na quase totalidade das entrevistadas relaciona-se a uma situação que poderíamos chamar de mulheres em um movimento de transmigração, vivendo fora do país de origem mas construindo um ponte concreta de relação entre as duas realidades sociais vividas: São brasileiras em outras terras e negociam estas vivências no cotidiano.

A única entrevistada que não tinha, antes, vivido em um outro estado, cidade ou mesmo em outros países, manifestou a vontade de viver fora do Brasil, de conhecer outros mundos. As demais estiveram sempre inseridas em movimentos migratórios internos e externos. Algumas, inclusive, já tinham morado em outros países da Europa, por um curto espaço de tempo, antes de fixar residência na Dinamarca. Internamente, no Brasil, é possível detectar um movimento de linhas que

tanto ligam Norte-Sudeste-Nordeste-Sul-Centro-Oeste, tanto quanto outro que parte do interior para os grandes centros urbanos, demonstrando a mobilidade destas mulheres.

Vivenciam também uma relação de inclusão e exclusão dentro do que se pode chamar de “as brasileiras”. A língua portuguesa, é um elemento de aproximação em um primeiro momento, mas também é um elemento de exclusão, num segundo momento. O que agrega, também exclui. A forma de uso da língua: culta ou não, define o estabelecimento de relações de aproximação ou exclusão.

Não foi observado uma conotação pejorativa em relação às mulheres migrantes brasileiras em matérias nos jornais dinamarqueses. Poucas são as referências a este grupo, sendo mais concentradas notícias sobre economia, música e esportes brasileiros. No entanto, ao analisar as imagens fotográficas do carnaval em Copenhague, pude constatar que as mesmas reforçam o estereótipo de uma sexualidade latente da mulata brasileira.

Embora as mulheres migrantes se constituem como uma parcela significativa das usuárias dos centros de referências “Krise Center” de apoio às mulheres vítimas de violência domésticas, este grupo pesquisado não sofrem, ou não sofreram ainda, este tipo de violência. Nenhuma das entrevistadas respondeu afirmamente se já tinha sido vítima de violência doméstica na Dinamarca.

Por isto é importante compreender que estes sujeitos já experimentaram a situação de viverem em uma condição de *insider* e *outsider* ao mesmo tempo. Mesmo dentro do mesmo país de origem, mudar significa a apreensão de nova linguagem, hábitos e códigos.

Buscam a aquisição da nacionalidade dinamarquesa como um porto seguro frente às políticas migratórias restritivas. Esta decisão não é conflitante com o sentimento de “ser” brasileira, mas sim, uma posição pragmática frente à realidade que se apresenta.

Apesar de o Brasil ser um país de clima privilegiado, sonhado para as férias e para as visitas familiares, não foi manifestado o desejo de um retorno para moradia fixa no país, de forma incondicional. Apesar da saudade dos amigos e familiares fazer parte do cotidiano, estas mulheres reconstruíram suas vidas na Dinamarca e demonstram, inclusive, dificuldades de readaptação dentro do sistema das políticas públicas brasileiras e dos serviços oferecidos pelo Estado. São brasileiras que vivenciam uma nova modalidade de ser: Brasileira que vivem fora do Brasil e conseguem negociar esta nova condição de viver entre duas culturas num processo de transmigração.

O final desta “viagem” abre novas possibilidades de novos “viajar” pela problemática, com novos olhares e novas abordagens sobre os sujeitos estudados. Este é um convite/desafio que se abre para futuros estudos e inserções.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIRRE BAZTÁN, Ángel (ed.). **Etnografía: Metodología cualitativa en la investigación socio-cultural**. Barcelona: Marcombo, 1995.

ALENCAR, José de. **Iracema**. (Col. Travessias). São Paulo, SP: Editora Moderna, 1993.

Anmistía Internacional. **La trampa del género- mulheres, violencia y pobreza**. Noviembre, 2009.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas- reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo**. Trad. Eduardo L. Suarez. México DF: Fondo de Cultura Económica, 1993.

ANTHIAS, Floya; YUVAL-DAVIS, Nira. "Whose Nation? Whose State? Racial/ Ethnic divisions and "the nation". In: **Racialized boundaries. Race, nation, gender, colour and class and the anti-racist struggle**. London and New York: Routledge, 1992. p. 21-60.

AQUINO, Silvia; LEITE, Jaqueline. Tráfico de mulheres e migração feminina: violências encobertas. **Bahia Análise & Dados**, Salvador, v. 7, n. 2, p. 208-213, 1997.

ATAIDE, Yara Dulce Bandeira de. **Do rango a utopia – História oral de vida das famílias dos meninos de rua**. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1998. Tese (Doutorado).

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução: Waltensir Dutra. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BALLESTEROS, Maria de la Paz (ed.). **Musulmanas y Derecho a la Cultura- Tradición y modernidade**. Valladolid: Edicions la xara, 2011.

BARLACH, Lise; STNAGER, Kristina. **Kvinder og Børn på Krisecenter**. Odense: LOKK Årsstatistisk 2011, 2012.

BHABHA, Homi. DissimiNation: time, narrative, and the margins of the modern nation. In: **Nation and Narration**. London and New York: Routledge, 2010. p. 291-322.

BOBBIO, Norberto. **Da Estrutura à Função: Novos Estudos de Teoria do Direito**. São Paulo: Manole, 2007.

BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. **Revista Educação e Realidade**, v. 20, n. 2. jul./dez., 1995. p 133-184.

_____. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo. Perspectiva, 2007.

_____. Conferência do Prêmio Goffman: A Dominação Masculina Revisitada. In: LINS, Daniel (org.) **A Dominação Masculina Revisitada**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

_____. **O Poder Simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1998.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Capítulo III da nacionalidade. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm

Acesso em: 27 set. 2012.

_____. Ministério de Relações Exteriores. **Brasileiros no Mundo Estimativas** . 2. ed. Setembro de 2009. Disponível em:

<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades/brasileiros-no-mundo-2009-estimativas-final.pdf> Acesso em: 27 fev. 2012.

BRESSER PEREIRA, Luis Carlos. **Nação, Sociedade civil, Estado e Estado-Nação: Uma perspectiva histórica**. Versão de 18 de marco de 2008. Texto para discussão 189, junho de 2009. Disponível em:

<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/2659/TD%20189%20-%20Luiz%20Carlos%20Bresser%20Pereira.pdf?sequence=1>

Acesso em: 28 jul. 2012.

BRITO, Gilliard Souza e RIBEIRO, Aureo E. M. Migrações Rurais e fluxos de conhecimentos agroecológico: O caso de Monte Claros, MG. **Qualit@s revista eletrônica**. v. 9, n. 2, p. 5-14, 2010. Disponível em:

<http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/viewFile/689/493>

Acesso em: 18 set. 2012.

BRUSCHINI, Cristina. O uso de abordagens quantitativas em pesquisas sobre relações de gênero. In: **Uma questão de gênero**. São Paulo: Rosa dos Ventos/Fundação Carlos Chagas, p. 289-309, 1992.

CAMARGO, Aspásia. O método qualitativo: usos e perspectivas. In: III CONGRESSO NACIONAL DE SOCIOLOGIA. **Sociologia e Sociologias**. Brasília, 1987, p. 19-31.

CARMO-NETO, Dionísio. **Metodologia científica para iniciantes**. 3. ed. Salvador-BA: American Word University Press, 1996.

CARVALHO, José. A. M. et al. Notas acerca das categorias de cor dos censos e sobre a classificação subjetiva de cor no Brasil: 1980/90. **Revista Brasileira de Estudos da População**, v. 20, n.1. jan./jun. 2003.

CASTILHOS, Daniela. **Mulheres imigrantes em Portugal: o discurso normativo e mediático de 2004 a 2007**. Salamanca: Universidade de Salamanca, 2012. Tese (Doutorado).

———. Mulheres imigrantes: reagrupamento e reunião familiar. In: SOS Racismo. **Imigração e Etnicidade: Vivências e Trajectórias de Mulheres em Portugal**. Lisboa, 2005. p. 119-124.

CASTRO, Mary Garcia; LAVINAS, Lena. Do feminino ao gênero: a construção de um objeto. In: **Uma questão de gênero**. São Paulo: Rosa dos Ventos/Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 216-251.

Danmark er alene om pointsystem for udlændinge. **Politiken.Dk**, Dinamarca, 17 nov. 2010. Politik. Disponível em: <http://politiken.dk/politik/ECE1111030/danmark-er-alene-om-pointsystem-for-udlaendinge/> Acesso em: 18 set. 2012.

DEL PRIORI, Mary. **Ao sul do corpo: Condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil colônia**. Rio de Janeiro: José Olímpio; Brasília, DF: EDUNB, 1993.

DEMO, Pedro. **Educação & Conhecimento - Relação necessária, insuficiente e controversa**. Petropolis/RJ: Vozes, 2000.

———. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1995.

DERRIDA, Jacques . **Gramatologia**. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo:

Perspectiva, 2004.

_____. **A Escritura e a Diferença**. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1995.

DIAS FILHO, A. J. As mulatas que não estão no mapa. **Cadernos Pagu** (6-7), Campinas, p. 51-66, 1996.

DUARTE, Rosália. Pesquisa Qualitativa: Reflexões Sobre o Trabalho de Campo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 115, p. 139-154. mar. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf>
Acesso em: 18 set. 2012.

DURÃO, Fábio A. Da Desconstrução à Politização em Gayatri Spivak. **Rev. Let.**, São Paulo, v. 49, n.2, p.289-301, jul./dez. 2009.

DURKHEIM, Emile. **As regras do método sociológico**. Editorial Presença, Coleção: Universidade Hoje, 1998.

FARGANIS, Sondra. O feminismo e a reconstrução social. In: JAGGAR, Alison M.; BORBO, Susan R. (Ed.) **Gênero, Corpo, Conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

FERNANDES, Durvak Magalhães; RIGOTTI, Jose Irineu Rangel. **Os Brasileiros na Europa. Notas introdutórias**. Trabalho apresentado ao seminário Brasileiros no Mundo, Palácio do Itamaraty, Rio de Janeiro, 17-18 de julho, 2008. Disponível em:
<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/file/Fernandes.pdf>
Acesso em: 28 jul. 2012.

FERNÁNDEZ, Jesús Labrador. Identidad e Inmigración-Un estudio cualitativo con inmigrantes peruanos em Madrid. **Sociedad-Cultura-Migraciones**, Universidad Pontificia Comillas. Madrid, n. 4. 2001.

FRAILE, Gonzales; FRADES, Maya. Técnicas de investigación social. **Ciencias de la Seguridad (CISE)**. Universidad de Salamanca, 2008.

GAATW- Global Alliance Against Traffic in Women. Boletim informativo, 1999.

GEERTZ, Clifford. **O Saber Local – novos ensaios em antropologia interpretativa**. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. ISBN 85-326-1932-0

GIDDENS, Anthony. **As consequências da Modernidade**. Tradução Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991. ISBN 85-7139-022-3

_____. **A Transformação da Intimidade – Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas**. Tradução Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1993a.

_____. **Política, Sociologia e Teoria Social – Encontros com o pensamento social clássico e contemporâneo**. Tradução Cibele Saliba Rizek. São Paulo: UNESP, 1993b.

_____. **Modernidade e Identidade**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008a.

_____. **Métodos como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008b.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1987.

HALL, Stuart. As culturas nacionais como comunidades imaginadas. In: **A identidade Cultural na pós modernidade**. São Paulo: DP&A, 2003. p. 47-63.

_____. **A identidade Cultural na pós modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HEILBORN, Maria Luiza. Entre as tramas da sexualidade brasileira. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.14, n.1, p. 43-59, jan./abr. 2006.

HARZIG, Christiane. **Women Migrants as Global and Local Agents: New Research Strategies on Gender and Migration**. Germany: University of Bremen, 1999.

HOBSBAWN, Ernest. **Nations and Nationalism since 1780**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

HOLLANDA, Heloisa Buarque. (Org.) **Tendências e Impasses-O feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HONDAGNEU-SOTELO, Pieerette; Avila, Ernestine. I'm Here, but I'm There: The meanings of Latina Transnacional Motherhood. **Gender and Society**, v.11, n. 5, p. 548-571. 1997.

IANNI, Octavio. As ciências sociais na época da globalização. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 13, n. 37, p. 33-41. Jun 1998.

_____. O Estado Nação na época da globalização. **Revista econômica**, Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p. 105-118, 1999. Disponível em: http://www.proppi.uff.br/revistaeconomica/sites/default/files/V.1_N.1_Octavio_Ianni.pdf Acesso em: 18 set. 2012.

JEFFREY, Sheila. **The Idea of prostitution**. Melboure: Spinifex, 1997.

JEPPESEN, Kristen Just. **Unge Indvandrede: In Undersøgelse af Andengeneration fra Jugoslavien, Tyrkie og Pakistan**. Serie rapport 89:6. Socialforskninginstituttet. København, 1989.

KEMPADOO, Kamala. Introducing: globalizing sex workers' rights. In: KEMPADOO, Kamala; DOEZEMA, Jo (Eds). **Global sex workers: rights, resistance, and redefinition**. London/New York: Routledge, 1998, p. 1-29.

KOFMAN, Eleorore. Female 'Birds of passage' a decade later: Gender and Immigration in the European Union. **International Migration Review**, v. 33, n. 2, p. 0269-0299, 1999.

LEOPARDI, Maria Tereza. **Metodologia de Pesquisa na Saúde**. 2 ed. Florianópolis: Pallotti, 2002.

LINHARES, Juliana; CARELLI, Gabriela e BUTTI, Nathália. As Leis da Atração. **Revista VEJA**, São Paulo, Seção Internacional. Edição 2261, p. 81-91, 21 mar.2012.

LISBOA, Teresa Kleba. Fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo: a globalização da assistência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, p. 805-821, set/dez. 2007.

LUTZ, Helma. The limits of Europeans-ness: Immigrants Women in Fortress Europe. **Feminist review**, n. 57, p. 93-111. autumn 1997.

MACHADO, Lia Zanotta. Gênero, um novo paradigma? **Cadernos Pagu**, Campinas, p. 107-125,1998.

MARTINEZ, Maria Esther. Crises de la Modernidad y Derechos Humanos. In: WICKHAN, Chris et al. **Las Crisis en La História**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1997, p. 161-188.

MARTÍNEZ QUINTEIRO, Maria Esther. Discursos y contradiscursos. Las relaciones de género en el cine. In: HIDALGO RODRÍGUEZ, David, CUBAS MARTÍN, Noemí e MARTÍNEZ QUINTEIRO, Maria Esther. **Mujeres En La História, El Arte Y El Cine**. Discursos de género, variantes de contenidos y soportes: de la palabra al audiovisual. Salamanca. Ediciones Universidad de Salamanca, 2011, p. 11-32.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisa, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Petrópolis: Vozes, 1989.

MATIAS, Goncalo Saraiva e MARTINS, Patrícia Fragoso. A Convenção Internacional sobre a Proteção dos Direitos dos Trabalhadores Migrantes e dos Membros das suas Famílias: perspectiva e paradoxos nacionais e internacionais em matéria de imigração. **Observatório de Imigração**, n. 25, dez. 2007.
Disponível em: http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col_EstudiosOI/OI_25.pdf
Acesso em: 28 jul. 2012.

MATOS, Railda de Macêdo. **Elas Sonham Acordadas em Santo Antônio dos Prazeres: Mulheres em prostituição**. Salvador: UFBA, 2000. Dissertação (Mestrado).

MINAYO, Ma. Cecília de Souza. **Pesquisa Social**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MORIN, Françoise. Praxis antropológica e história de vida. In: ESTEVEZ, Jorge (org.) **História Oral**. Mexico: Editorial Antologias Universitárias, Instituto Mora/UAM, 1993. p. 83-113.

MOROKVASIC, Mirjana. Birds of passage are also Women. **International migrante Review**, v.18, p. 886-907. 1984.

MURILLO, Soledad. Introducción a Las Técnicas Cualitativas en un Marco Documental. En: RIOS HILARIO, Ana Belén y FRIAS MONTOYA, José

Antonio. **Metodologías de investigación en información y documentación**. Ediciones Universidad de Salamanca, 2002, p. 213-224.

NICHOLSON, Linda. Feminismo e Marx: Integrando o Parentesco com o Econômico. In: BENHABIB, Seyla e CORNELL, Brucilla. **Feminismo como Crítica da Modernidade**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1987.

PISCITELLI, Adriana. El tráfico del deseo: interseccionalidades no marco do turismo sexual no Nordeste do Brasil. **Quaderns de l'Institut Catalé d'Antropologia**, Barcelona, v. 2004/b, p. 01-15. 2005.

_____. Brasileiras na indústria transnacional do sexo, migrações direitos humanos e antropologia. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, v. 7. 2007. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/document3744.html>
Acesso em: 28 jul. 2012.

_____. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, Universidade Federal de Goiás, v. 11, n.2, jul./dez. 2008.

Disponível em:

<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=70311249015>

Acesso em: 28 jul. 2012.

_____. **Entre as “máfias” e a “ajuda”: a construção do conhecimento sobre tráfico de pessoas**. Campinas: Caderno Pagu (31), jul./dez. 2008. p. 29-63.

PHILIPP, Rita Radl. (Org.) **Cuestiones Actuales de Sociología del Género**. Madri: Centro de Investigaciones Sociológicas, 2001.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Orais: do "indizível" ao "dizível". In: VON SIMSON, O.M. (Org.). **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice, 1988, p. 15-43.

RAGO, Margareth. Epistemologia Feminista, Gênero e História. In: PEDRO, Maria Joana; GROSSI, Mirian Pillar (Orgs.). **Masculino, Feminino, Plural**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998.

RANGEL, Olivia. Os direitos das mulheres como direitos humanos. **Revista Presença da Mulher**, n. 35, p 42-45, 1999.

RENAN, Ernest. **What is a Nation**. London/New York: Routledge, 1999.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Rearticulando Gênero e Classe Social. In: **Uma questão de gênero**. São Paulo: Rosa dos Tempos/ Fundação Carlos Chagas, 1992, p. 183-217.

SAID, Edward. **Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente**. Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Do Pós-Moderno Ao Pós-Colonial. E para Além de Um e Outro**. Conferência de Abertura do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra, 16 a 18 de setembro, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. 2. ed. Coimbra, 2010.

SASSEN, Saskia. **Contrageografías de la globalización- género y ciudadanía en los circuitos transfronterizos**. Madri: Traficantes de su sueños, 2003.

SASSEN, Saskia. **The Mobility of Labor and Capital**. Cambridge University Press, 1988.

SCHMIDT, Garbi et al. **Ændrede Familiesammenføringsregler**. Hvad Har de Nye Regler Betydet for Pardannelsesmønstret Blandt Etniske Minoriteter. SFI- Det National Forskningscenter for Velfærd. København, 2009.

SCHWARTMAN, S. Fora do foco: diversidade e identidades étnicas no Brasil. **Novos estudos Cebrap**, n. 55, p. 83-96.1999.

SIMÕES, Euclides Dâmaso. Tráfico de pessoas - breve análise da situação em Portugal. Notícia do novo protocolo adicional à Convenção das Nações Unidas contra a criminalidade organizada transnacional. **Revista do Ministério Público**, v. 23, n. 91, p. 81-93. jul.-set. 2002.

SOARES, Luiz Eduardo. **O Rigor da Indisciplina: ensaios de antropologia interpretativa**. Rio de Janeiro: Relune-Dumará, 1994.

SPIVAK, Gayatri. ¿ **Puede hablar el sujeto subalterno?** Buenos Aires: FaHCE, Orbis Tertius, año 3, n. 6, 1998, p. 175-235.

STACEY, M. The sociology of health, illness and healing. In: R. C. Burgess, Exploring society. **British Sociological Association**. London, p. 49-67.1982.

SOLÉ, Carlota (Coord.). **El impacto de la inmigración en la economía y en la sociedad receptora**. Barcelona: Amthropo Editorial, 2001.

SØRENSEN, Ninna. Narrating Identity Acros Dominican Words. In: SMITH, Michael and GUOSMIZO, Luis (org.) **Transnacionalism from Below**. New Brunswick/London: Transaction Publishers, p. 241-269. 1998.

TEIXEIRA, M. De Poli; BELTRÃO, K. I. **O Eu e o Outro: A alteridade próxima na declaração de cor no quesito aberto da PME 98**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. Disponível em: http://www.ence.ibge.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=f4be0e6f-5720-40ba-96c3-b59cd35fee39&groupId=37690208
Acesso em: 28 jul. 2012.

THOMAS, W.I e ZNANIECKI, Florianm. **The Polish Peasant in Europe and America**. 2. ed. Nova Iorque, 1927.

THOMSON, Alistair. Histórias (co)movedoras: História Oral e Estudos de Migração. Trad. Magda França Lopes. **Revista Brasileira de História**. v. 22, n. 44, p. 345-364. 2002.

UNFPA. Estado de la población mundial 2006. **Hacia la Esperanza: Las mujeres y la migración internacional**, p.1. Disponível em: http://www.unfpa.org/swp/2006/pdf/sp_sowp06.pdf
Acesso em: 28 jul. 2012.

VELHO, Gilberto. **Subjetividade e Sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

WEBER, M. - A "Objetividade" do Conhecimento na Ciência Social e na Ciência Política (1904). In: **Metodologia das Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez Editora/ UNICAMP, 1992, v. 1, p. 107-154.

YAMANAKA, Keiko. Return Migration of Japanese Brazilian Women: Household Strategies and Search for the Homeland. In: BAXTER, Diane; KRULFELD, Ruth (Eds.). **Deeyond Boundaries**. Arlington: American Anthropological Association, 1997, p. 11-34.

ØSTERGAARD, Bent. **Invandrerne i Danmarks historie**. Kultur – og religionsmøder. Odense: Syddansk Universitetsforlag, 2007.

7.1 BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALEMÁN OCHOTORENA, Pilar; BALAGUER, Alberto; FERNÁNDEZ PRADOS, Juan Sebastian. **Mirando desde fuera: historias de migración**. Madrid: Colectivo Algarabía, 2000. ISBN 978848973947.

ALTAMIRANO, Teófilo (2004). Transnacionalismo, Remesas y Economía Doméstica. **Cuadernos Electrónicos de Filosofía del Derecho**, n. 10. Disponível em: <http://www.uv.es/CEFD/10/Altamirano.pdf> Acesso em: 26 jun. 2012.

ALVIM, Teresa; BRITO, Paula; CASTRO, Isabel de; PALHA, Luísa. Mulheres Migrantes, Duas Faces de uma Realidade. **Actas**. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 2005.

ANTUNES, João; OLIVEIRA, Manuela. Xenofobia e discriminação no estatuto da carreira docente. In: SOS Racismo. **A Imigração em Portugal: os movimentos humanos e culturais em Portugal**. Lisboa, 2005, p. 260-263.

ARRUDA, José Jobson de Andrade. Prismas da História de Portugal. In: José Tengarrinha (Org.). **História de Portugal**. São Paulo: Edusc/Unesp, 2002. ISBN 8571393699.

BAGANHA, Maria Ionnis; MARQUES, José Carlos; GÓIS, Pedro (Org.) **Imigração Ucrâniana: a emergência de uma ou várias comunidades?** Coleção Comunidades. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2010. Disponível em: http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Coleccao_Comunidades/Estudo_Comun_3.pdf Acesso em: 16 Jun. 2011.

BASSEGIO, Luiz. As migrações no contexto da globalização. In: **Migrações: discriminação e alternativas**. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 57-69.

BLANCO, María Cristina. **Las migraciones contemporáneas**. Madrid: Alianza Editoria, 2000.

BOAS, Maria. Tensões na experiência migratória de brasileiros em Portugal. In: Igor José de Renó Machado (Org.). **Um Mar de Identidades. A Imigração Brasileira em Portugal**. São Carlos: EdUFScar, 2006. p. 275-297.

BÓGUS, Lúcia. Esperança além-mar: Portugal no arquipélago migratório brasileiro. In: Jorge Macaísta Malheiros (Org.). **Imigração Brasileira em Portugal**, Coleção Comunidades, 1. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2007. p. 39-58.

Disponível em:

http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col_Comunidades/1_ImigrBrasileira.pdf

Acesso em: 28 Abr. 2012.

CABRAL, Alcinda; VIEIRA, Xénia. Políticas integrativas e conceitos ligados às migrações. **Antropológicas**, 10, p. 369-407, 2007.

CANOTILHO, José Joaquim Gomes (Coord.) **Direitos Humanos, Estrangeiros, Comunidades Migrantes e Minorias**. Oeiras: Celta, 2000.

CARCHEDI, Francesco Considerations on foreign prostitution in Italy. A background picture. **Revista de Sociologia**, 60, p. 85-97. 2000.

Disponível em: <http://ddd.uab.es/pub/papers/02102862n60p85.pdf>

Acesso em: 30 Ago. 2010.

CARILLO-SALCEDO, Juan Antonio. El problema de la universalidad de los derechos humanos en un mundo único y diverso. En: **Derechos culturales y derechos humanos de los inmigrantes**. Madrid, 2000. p. 39-52. ISBN 84-89708-79-7.

CARNEIRO, Roberto et al. O futuro da imigração brasileira para Portugal: olhares, perspectivas e interrogações. In: Jorge Macaísta Malheiros (Org.). **Imigração Brasileira em Portugal**, Coleção Comunidades, 1. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2007. p. 191-202. Disponível em:

http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col_Comunidades/1_ImigrBrasileira.pdf

Acesso em: 30 Ago. 2010.

CASTLES, Stephen; MILLER, Mark J. **La era de la migración : movimientos internacionales de población en el mundo moderno**. México: Universidad Autónoma de Zacatecas, 2004. ISBN 970-701-541-1.

CASTRO, Fátima Velez. A Europa do Outro. **A Imigração em Portugal no Início do Século XXI**. Coleção Teses, 16. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2008. Disponível em:

<http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Colec_Teses/tese_16.pdf

Acesso em: 30 de Mar. 2011.

CATARINO, Christine; OSO, Laura. La inmigración femenina en Madrid y Lisboa: hacia una etnización del servicio doméstico y de las empresas de limpieza. **Papers**, 60, p. 183-207. 2000. Disponível em:

<<http://www.raco.cat/index.php/papers/article/viewFile/25572/25406>

Acesso em: 30 Mar. 2011.

CUNHA, Isabel Ferin et al. **Media, Imigração e Minorias Étnicas**. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas, 2004.

CUNHA, Vicente Falcão e. **Imigração na Europa: a directiva do retorno**. 2008. Disponível em:

http://ultimainstancia.uol.com.br/artigos/ler_noticia.php?idNoticia=57310

Acesso em: 26 Jul. 2011.

CURTINHAL, Elisabete Maria de Almeida. **“Deus é Brasileiro”. Vivências Religiosas e o Quotidiano entre Imigrantes Brasileiros Católicos e Evangélicos**. Dissertação de Mestrado. Lisboa: ISCTE, 2008.

DECOURCELLE, Antoine. Verdadeiros e falsos refugiados, o falso debate. In: SOS Racismo. **A Imigração em Portugal: os movimentos humanos e culturais em Portugal**. Lisboa, 2002. p. 80-88.

DIAS, Bruno. Os imigrantes e o mundo do trabalho em Portugal. In: SOS Racismo. **A imigração em Portugal: os movimentos humanos e culturais em Portugal**. Lisboa, 2002. p. 328-338.

DIAS, Guilherme Mansur. Expansão e choque: a IURD em Portugal. In: Igor Machado (Org.). **Um Mar de Identidades. A Imigração Brasileira em Portugal**. São Carlos, EdUFScar, 2006. p. 299-323.

DINIZ, Éder Carlos. A Mulher Brasileira na Imigração em Portugal. In: SOS Racismo. **Imigração e Etnicidade: Vivências e Trajectórias de Mulheres em Portugal**. Lisboa, 2005. p. 199-203.

FELDMAN-BIANCO, Bela. Portugueses no Brasil, brasileiros em Portugal. Antigas rotas, novos trânsitos e as construções de semelhanças e diferenças culturais. In: Maria Irene Ramalho, e António Sousa Ribeiro (orgs). **Entre Ser e Estar. Raízes, Percursos e Discursos da Identidade**. Porto: Afrontamento, 2002. p. 143-184.

FERREIRA, Ana Carla Ferreira. Autorizações de permanência. In: SOS Racismo. **A imigração em Portugal: os movimentos humanos e culturais em Portugal**. Lisboa, 2002. p. 186-189.

———. Reagrupamento familiar. In: SOS Racismo. **Imigração e Etnicidade: Vivências e Trajectórias de Mulheres em Portugal**. Lisboa, 2005. p. 264-268.

FERREIRA, Ana Cristina; RAMOS, Madalena. Padrões de casamento entre os imigrantes em Portugal. **Revista de Estudos Demográficos**, n. 43, p. 79-107. 2008.

Disponível em:

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_genero_estudo&menuBOUI=13707294&contexto=pge&ESTUDOSest_boui=56511481&ESTUDOSmodo=2&selTab=tab2&perfil=1464373&xlang=pt

Acesso em: 26 Jun. 2012.

FERREIRA, André. O serviço de estrangeiros e fronteiras. In: SOS Racismo. **A Imigração em Portugal: os movimentos humanos e culturais em Portugal**. Lisboa, 2002. p.190-199.

FONSECA, Maria Lucinda (Coord.). **Reunificação Familiar e Imigração em Portugal**. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas, 2005.

———. (2007). Inserção territorial. Urbanismo, desenvolvimento regional e políticas locais de atracção. In: António Vitorino (Coord.). **Imigração: Oportunidade ou Ameaça? Recomendações do Fórum Gulbenkian Imigração**. Estoril: Principia. p. 105-150. Disponível em:

http://mighealth.net/pt/images/8/8c/LucindaFonseca_ForumImig.pdf

Acesso em: 20 Abr. 2012.

FONSECA, Maria Lucinda; GORACCI, Monica (Coord.). **Mapa de Boas Práticas: Acolhimento e Integração de Imigrantes em Portugal**. Lisboa: Organização Internacional para as Migrações e Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2007.

GARCÍA-CANO, Maria Torrico. **Migraciones y género. El caso de la comunidad marroquí en la ciudad de Málaga**. Málaga: CEDMA, 2000. ISBN 8477853878.

GARCIA, José Luís. **Migrações e Relações Multiculturais – Uma Bibliografia**. Oeiras: Celta, 2000.

GARCIA, José Luís (Org.) **Portugal migrante: emigrantes e imigrados, dois estudos introdutórios**. Oeiras: Celta, 2000.

GASPARD, Françoise. Invisíveis, diabolizadas, instrumentalizadas: figuras de mulheres migrantes e das suas filhas na Europa. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 50, p. 83-101. 1998.

GOFFMAN, E. Estigma. **Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1963/1988.

GÓIS, Pedro; MARQUES, José Carlos. **Estudo Prospectivo sobre Imigrantes Qualificados em Portugal**. Coleção Estudos do OI, 24. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2007.

GRASSI, Marzia. Casar com o Passaporte no Espaço Schengen: uma Introdução ao Caso de Portugal. **Working Paper**, 4. Lisboa: ICS, Universidade de Lisboa, 2005.

———. Formas migratórias: casar com o passaporte no Espaço Schengen. Uma introdução ao caso de Portugal, **Etnográfica**, X(2), p. 283- 306. 2006.

GRASSI, Marzia; MELO, Daniel. Portugal na Europa e a Questão Migratória: Associativismo, Identidade e Políticas Públicas de Integração. **Working Paper**, 4. Lisboa: ICS, Universidade de Lisboa, 2007. Disponível em:

http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2007/wp2007_4.pdf

Acesso em: 20 Jun. 2012.

GREGORIO GIL, Carmen. El estudio de las migraciones internacionales desde una perspectiva de género. **Revista Migraciones**, 1. p. 145-176. 1997. ISSN 1138-5774.

———. **Migración femenina: su impacto en las relaciones de género**. Madrid: Narcea Ediciones, 1998. ISBN 8427712502.

GREGORIO GIL, Carmen; RAMÍREZ FERNÁNDEZ, Ángeles. ¿En España es diferente...? Mujeres inmigrantes dominicanas y marroquíes. **Papers: Revista de Sociologia**, 60, p. 257-273. 2000. Disponível em:

<http://ddd.uab.es/pub/papers/02102862n60p257.pdf>

Acesso em: 20 Jun. 2012.

GUERRA, Isabel; MOTA, Joaquim M.; CARNEIRO, Roberto. **Imigração, Desenvolvimento e Coesão Social em Portugal. Parecer Face ao**

Anteprojecto de Proposta de Lei que Regula as Condições de Entrada, Permanência, Saída e Afastamento de Estrangeiros do Território Português. Lisboa: Conselho Económico e Social, 2006. Disponível em: <http://www.ces.pt/download/90> Acesso em: 20 Jun. 2012.

HEIDEMANN, Dieter. Os migrantes e a crise da sociedade do trabalho: humilhação secundária, resistência e emancipação. In: **Migrações: discriminação e alternativas.** São Paulo: Paulinas, 2004.

HORTA, Ana Paula Beja. **A Construção da Alteridade. Nacionalidade, Políticas de Imigração e Acção Colectiva Migrante na Sociedade Portuguesa Pós-Colonial.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2008.

HORTA, Ana Paula Beja; MALHEIROS, Jorge. Os cabo-verdianos em Portugal. Processo de consolidação, estratégias individuais e acção colectiva. **Estratégia – Revista de Estudos Internacionais**, 20, p. 83-103. 2004.

HORTA, Rosário; DIAS, Sónia Ferreira; ROCHA, Christianne Famer. **Saúde Sexual e Reprodutiva de Mulheres Imigrantes Africanas e Brasileiras. Um Estudo Qualitativo.** Observatório da Imigração, 32. Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2009. ISBN 978-989-8000-84-2. Disponível em: http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Estudos_OI/OI_32.pdf Acesso em: 20 Jun. 2012.

International Organization for Migration (IOM). **The Role of Regional Consultative Processes in Managing International Migration.** 2001. Disponível em: <http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/pdf/Sondagem%20Imigrantes.pdf> Acesso em: 20 Jun. 2012.

———. **The return and reintegration of rejected asylum seekers and irregular migrants.** 2001. Disponível em: http://www.iom.int/jahia/webdav/shared/shared/mainsite/microsites/IDM/workshops/managing_return_migration_042108/return_reintegration_mrs4.pdf Acesso em: 20 Jun. 2012.

IZQUIERDO, A. **La inmigración inesperada, la población extranjera en España(1991-1995).** Madrid: Trotta, 1996.

JAVIER DE LUCAS, Francisco. Inmigración, ciudadanía, derechos: el paradigma de la exclusiónII. En: Maria Eugenia Rodríguez, Andrés Tornos

(Eds.). **Derechos culturales y derechos humanos de los inmigrantes**. Madrid, 2000. p. 13-38.

JORGE, V. O. Racismo, xenofobia, outras formas de discriminação – não podemos ser indiferentes, temos o dever de intervir. In: H. G. de Araújo, P. M. Santos, e P. C. Seixas (Coords). **Nós e os Outros: A exclusão social em Portugal e na Europa**. Porto: S.P.A.E, 1998. p. 11-14.

JULIANO, Dolores. Fronteras de género. En: Género, clase y etnia en los nuevos procesos de globalización. **XI Jornadas de Investigación Interdisciplinaria sobre la Mujer**. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid. Instituto Universitario de Estudios de la Mujer, 1997.

JULIANO, Dolores. Mujeres estructuralmente viajeras: estereotipos y estrategias, **Papers**, 60, p. 381-389. 2000. Disponível em: <http://ddd.uab.cat/pub/papers/02102862n60p381.pdf>
Acesso em: 2 Jun. 2011.

KARIMO, Neila. Igualdade de oportunidades e diminuição das barreiras no acesso ao mercado de trabalho português: a importância das parcerias. **Migrações**, 2 (número temático - Imigração e Mercado de Trabalho), p. 163-169. 2008. Disponível em: http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Revista_2/migracoes2_art6.pdf
Acesso em: 2 Jun. 2011.

KING, Russell e ZONTINI, Elisabetta. The role of gender in the South European immigration model. **Revista de Sociologia – Universidade Aberta de Barcelona**, 60, p. 35-52. 2000. Disponível em: <http://www.raco.cat/index.php/papers/article/viewFile/25564/25398>
Acesso em: 22 Jun. 2012.

LAGES, Mário (Coord.) **Os Imigrantes e a População Portuguesa: Imagens Recíprocas. Análise de Duas Sondagens**. Coleção Estudos do OI, 21. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas, 2006.

LAGES, Mário, POLICARPO, Verónica. **Análise preliminar de duas sondagens sobre os imigrantes em Portugal**. 2002. Disponível em: <http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/pdf/Sondagem%20Imigrantes.pdf>
Acesso em: 22 Jun. 2012.

LAGES, Mário , POLICARPO, Verónica. (Eds.). **Atitudes e valores perante a imigração**. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas 2003.

LÁZARO GONZALÉZ, Isabel. Inmigración y derecho internacional privado español. Apuntes para un estudio. En: Maria Eugenia Rodríguez, Andrés Tornos (Eds.). **Derechos culturales y derechos humanos de los inmigrantes**. Madrid, 2000. p. 97-140.

LEANDRO, Maria Engrácia. Dinâmica social e familiar dos projectos migratórios: uma perspectiva analítica. **Análise Social**, 2004, XXXIX n.170. p. 95-118.

LEMIÉRE, Jacques. Regularização de estrangeiros indocumentados em Portugal e França. In: **A Imigração em Portugal: os movimentos humanos e culturais em Portugal**. Lisboa: SOS Racismo, 2002. p. 112-129.

MACHADO, Fernando Luís; ABRANCHES, Maria (2006). O capital social externo os imigrantes – uma análise extensiva e comparativa. In: Jorge Vala, e Anália Torres (Orgs.). **Contextos e Atitudes Sociais na Europa**. Coleção Atitudes Sociais os Portugueses, 6. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006. p. 251-269.

MACHADO, Igor José de Renó. **Cárcere Público: Processos de Exotização entre Imigrantes Brasileiros no Porto**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2003. Tese (Doutorado).

———.Apontamentos para uma etnografia da imigração brasileira no Porto. In: A Questão Social no Novo Milénio, VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro. **Actas**. Coimbra: CES-UC, 2004a. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/IgorMachado.pdf>
Acesso em: 20 Jun. 2012.

———. Imigrantes brasileiros no Porto. Aproximação à perenidade de ordens raciais e coloniais portuguesas, **Lusotopie 2004**, p. 121-142, 2004b.

———. Implicações da imigração estimulada por redes ilegais de aliciamento: o caso dos brasileiros em Portugal. In: A Questão Social no Novo Milénio, VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro. **Actas**. Coimbra: CES-UC, 2004c. Disponível em: www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel16/IgorMachado.pdf
Acesso em: 12 Set. 2012.

- . Estereótipos e encarceramento simbólico no cotidiano de imigrantes brasileiros no Porto. In: Igor Machado (Org.). **Um Mar de Identidades. A Imigração Brasileira em Portugal**. São Carlos: EdUFScar, 2006a. p. 229-250.
- . Imigração em Portugal. **Estudos Avanzados**, 20(57) (Dossier Migrações). p. 119-135. 2006b.
- . (Org.) **Um Mar de Identidades. A Imigração Brasileira em Portugal**. São Carlos: EdUFScar, 2006.
- . Alegria, Hierarquia e Subordinação: Reflexões sobre a Imigração Brasileira em Portugal. **Working Papers**. Lisboa: CEMME-UNL, 2007a.
- . Reflexões sobre a imigração brasileira em Portugal, **Nuevo Mundo-Mundos Nuevos**, 7, p. 1-11. 2007b.
- . Reflexões sobre as identidades brasileiras em Portugal. In: Jorge Macaísta Malheiros (Org.). **Imigração Brasileira em Portugal**. Coleção Comunidades, 1. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2007c. p. 171-189.
- MACHADO, Igor; REIS, Ellen Saraiva Algumas conclusões acerca do fluxo de Valadarenses para Portugal. **Teoria & Pesquisa**, 16, p. 153-166. 2007.
- MALHEIROS, Jorge Macaísta. Os brasileiros em Portugal – a síntese do que sabemos. In: Jorge Macaísta Malheiros (Org.). **Imigração Brasileira em Portugal**. Coleção Comunidades, 1. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2007. p. 11-37. ISBN 978-989-8000-30-9 Disponível em:
http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col_Comunidades/1_ImigrBrasileira.pdf
Acesso em: 12 Set. 2012.
- MANZINI, Eduardo José. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) **Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial**. Londrina: Eduel, 2003a. p.11-25.
- . **Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros**. 2003b. Disponível em:
<http://www.sepq.org.br/lisipeq/anais/pdf/gt3/04.pdf>
Acesso em: 12 Set. 2012.

———. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e roteiros: a pesquisa qualitativa em debate. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2, 25-27 Março. **Anais...** São Paulo: Sociedade de Estudo e Pesquisa Qualitativa, Universidade Sagrado Coração, 2004.

MARQUES, João Filipe. Ainda podemos falar de ‘raças’? A ‘raça’ enquanto conceito sociológico. In: M. Silva, F. Reis, J. A. Silva, e I. Meneses (Orgs.). **O que é a Raça? Um debate entre Antropologia e Biologia**. Lisboa: Oikos, 1997. p. 65-70.

MARQUES, José Carlos. Imigrantes altamente qualificados em Portugal: uma tipologia. **Migrações**, 2 (número temático - Imigração e Mercado de Trabalho), p. 73-94. 2008. Disponível em: http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Revista_2/migracoes2_art3.pdf
Acesso em: 12 Set. 2012.

MARQUES, Maria Margarida; SANTOS, Rui; LEITÃO, José. **Migrações e Participação Social. As Associações e a Construção da Cidadania em Contexto de Diversidade – o Caso de Oeiras**. Lisboa: Fim de Século, 2008.

MARTINGO, Carla. **O corte dos genitais femininos em Portugal: o caso das guineenses. Estudo Exploratório**. Teses, 22. Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2009. ISBN 978-989-8000-77-4. Disponível em: http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Colec_Teses/tese_22.pdf
Acesso em: 12 Set. 2012.

MARTINS, António Sota **A Escola e a Escolarização em Portugal. Representações dos Imigrantes da Europa de Leste**, Coleção Teses, 15. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2008. ISBN 978-989-8000-49-1. Disponível em: http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Colec_Teses/tese_15.pdf
Acesso em: 12 Set. 2012.

MARTINS, José Soares. Minorias, migrantes e participação política não convencional. In: Teresa Toldy, Cláudia Toriz Ramos, Paulo Vila Maior, e Sérgio Lira (Orgs.). **Cidadania(s): Discursos e Práticas**. Porto: Edições UFP, 2007.

MARTINS, Lina Susana Rodrigues. **Um Olhar sobre o (In)Sucesso Escolar na Diversidade Cultural: Estudo de Caso**. Dissertação de Mestrado. Porto: Universidade Aberta, 2007.

MARTINS, Manuel Gonçalves. Imigrações, racismo e xenofobia em Portugal (1974-2000). In: VI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. **Actas**. Porto: Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 2002.

MATIAS, Gonçalo Saraiva; MARTINS, Patrícia Fragoso. **A convenção internacional sobre e protecção dos direitos de todos os trabalhadores migrantes e dos membros das suas famílias. Perspectivas e Paradoxos Nacionais e Internacionais em Matéria de Imigração**. Coleção Estudos do OI, 25. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Dialogo Intercultural, 2007.

Disponível em:

http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col_EstudiosOI/OI_25.pdf

Acesso em: 12 Set. 2012.

MENDES, João Maria. Leis para a imigração: convergência europeia em esboço. In: AA. VV. **Janus 2007, Anuário das Relações Exteriores**. Lisboa: Jornal Público e Universidade Autónoma de Lisboa, 2007. p. 84-85. Disponível em: http://janusonline.pt/2007/2007_3_5.html

Acesso em: 12 Set. 2012.

MENDES, Maria Manuela. Representações ‘institucionais’ face a algumas populações migrantes e não migrantes minoritárias na sociedade portuguesa. In: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro, A Questão Social no Novo Milénio. **Actas**. Coimbra, CES-UC, 2004. Disponível em: www.ces.uc.pt/lab2004 Acesso em: 20 Jun. 2010.

MENDES, Maura. **Mulheres em Diáspora – Narrativas Identitárias de Mulheres Imigrantes em Portugal**. Dissertação de Mestrado. Porto: FPCEUP, 2008.

MENDES, Maura; VIEIRA, Ricardo. Mulheres em diáspora: margens culturais e busca de sentidos através da entrevista etnobiográfica. In: Fernando Cruz (Org.). III Congresso Internacional de Etnografia. **Actas**. Póvoa do Varzim, AGIR, 2004.

MENESES, Maria Paula. Os espaços criados pelas palavras: racismos, etnicidades e o encontro colonial. In: Nilma Lino Gomes (Org.). **Um Olhar Além das Fronteiras – Educação e Relações Raciais**, Belo Horizonte, Autêntica, 2007.

MIRANDA, J. C. **Os estereótipos que os "portugueses" desenvolvem sobre os grupos étnicos residentes em Portugal**. Tese de Mestrado. Lisboa: Universidade Aberta, 1994.

MIRANDA, Joana. **A Identidade Nacional: Do Mito ao Sentido Estratégico. Uma Análise Psicossociológica das Comparações Entre os Portugueses e os Outros.**Oeiras:Celta, 2002.

———. **Mulheres Imigrantes em Portugal: Memórias, Dificuldades de Integração e Projectos de Vida.** Estudos OI; 35, 2009. ISBN 978-989-8000-93-4 Disponível em:

http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Estudos_OI/OI_35.pdf

Acesso em: 20 Jun. 2012.

MONIZ, Luísa Lobão. **Não Sei se Sou Diferente... A (In)visibilidade da Diversidade Cultural.** Lisboa: Horizonte, 2008.

MONTEIRO, Joyce Anne Rodrigues. **Dupla Cidadania em uma Europa Globalizada: Portugal e os Desafios dos Novos Fluxos Migratórios.** Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006. Disponível em:

http://ged1.capes.gov.br/CapesProcessos/926849-ARQ/926849_6.PDF

Acesso em: 20 Jun. 2012.

MOREIRA, Humberto. Panorama das populações estrangeiras nos estados membros da União Europeia (composição por nacionalidades), **Revista de Estudos Demográficos**, 43, p. 19-78. 2008.

MOTA, P. G. A essência da raça: variações sobre o conceito de raça. In: M. Silva, F. Reis, J. A. Silva, e I. Meneses (Orgs.). **O que é a Raça? Um debate entre Antropologia e Biologia.** Lisboa: Oikos, 1997. p. 29-42.

MOTA-RIBEIRO, Silvana. **Retratos de mulher: Construções sociais e representações visuais do feminino na publicidade.** Dissertação de Mestrado. Braga: Universidade do Minho, 2002.

———. Retratos de mulher: Construções sociais e representações visuais do feminino. In: III SOPCOM, VI LUSOCOM e II Ibérico – Volume III. **Actas.** Covilhã, 2004. Disponível em:

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/mota-ribeiro-silvana-retratos-de-mulher-um-estudo-das-imagens-visuais-e-sociais-do-feminino.pdf>

Acesso em: 20 Jun. 2012.

MOUILLAUD, Maurice. A informação ou a parte da sombra. In: PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). **O Jornal: da forma ao sentido.** Brasília: Editora UnB, 2002.

MOURA, Paulo. **Passaporte para o céu**. Lisboa: Dom Quixote, 2006. ISBN 972-20-3074-4.

MOURÃO, Paulo Reis. **A Liberdade Religiosa como Estímulo à Migração**. Coleção Cadernos OI, 2. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2008. ISBN 978-989-8000-74-3
Disponível em:
http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col_Cadernos_OI/caderno_2.pdf
Acesso em: 20 Jun. 2012.

MOURO, Carla. **Repensar las representaciones mediáticas de las mujeres inmigrantes**. 2007 Disponível em:
http://www.iemed.org/publicacions/quaderns/7/e059_Nash.pdf
Acesso em: 20 Jun. 2010.

NEVES, Miguel Santos; ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. As diásporas e a globalização – a comunidade de negócios chinesa em Portugal e a integração da China na economia. In: OLIVEIRA, Catarina Reis e RATH, Jan (Org.), **Migrações**, 3 (número temático —Empreendedorismo Imigrantell). p. 165-189. 2008. Disponível em:
http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Revista_3/Migr3_Sec2_Art3_PT.pdf
Acesso em: 20 Jun. 2012.

OLIVEIRA, Ana; GALEGO, Carla; GODINHO, Laura. **A Mediação Sócio-Cultural: um Puzzle em Construção**. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas, 2005.

OLIVEIRA, Belkis. **Imigração: Guia de Orientação para Agentes Sociais e Migrantes**. Porto: Associação de Solidariedade Internacional, 2007a.

———. (Coord.) **Factores Preditores de Empregabilidade de Migrantes**. Porto: Associação de Solidariedade Internacional, 2007b.

OLIVEIRA, Nuno. Discursos Políticos sobre Minorias Imigrantes: - A Construção de uma «Questão». **Working Papers**, 16. Lisboa: SociNova – Gabinete de Investigação em Sociologia Aplicada, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2000.

———. **Portugal, País de Imigração, a Política de um Imaginário. Representações da Imigração no Discurso Político Nacional**. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2001.

OLIVEIRA, Sérgio. Espaços e tempos de ilegalidade: a construção quotidiana do 'imigrante ilegal'. In: A Questão Social no Novo Milénio, VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro. **Actas**. Coimbra, Centro de Estudos Sociais, 2004. Disponível em: www.ces.uc.pt/lab2004
Acesso em: 20 Jun. 2012.

———.Sem lenço, sem documento: brasileiros não documentados em Portugal. In: Igor Machado (Org.). **Um Mar de Identidades. A Imigração Brasileira em Portugal**. São Carlos, EdUFScar, 2006. p. 131-168.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **International Migration Report 2002**. Nova Iorque: United Nations Publication, 2002.

OSO, Laura. **La migración hacia España de mujeres jefas de hogar**. Madrid: Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales, Instituto de la Mujer, 1998.

PADILLA, Beatriz Le reti sociali dei brasiliani recentemente arrivati in Portogallo: solidarietà etnica o empatia etnica? In: Maurizio Ambrosini e Luca Queirolo Palmas (Eds.). **I Latinos alla Scoperta dell'Europa: Nuove Migrazioni e Spazi della Cittadinanza**. Milão: Franco Angeli, 2005. p. 111-123.

———.Integração dos 'imigrantes brasileiros recém-chegados' na sociedade portuguesa: problemas e possibilidades. In: Igor Machado (Org.). **Um Mar de Identidades. A Imigração Brasileira em Portugal**. São Carlos, EdUFScar, 2006^a. p.19-42.

———.Redes sociales de los brasileiros recién llegados a Portugal: ¿solidaridad étnica o empatía étnica?. **Alternativas. Cuadernos de Trabajo Social**, 14, p. 49-61. 2006b.

———. Brazilian migration to Portugal: social networks and ethnic solidarity. **CIES e-working paper**, 12. Lisboa: CIES-ISCTE, 2006c. Disponível em: <http://www.cies.iscte.pt/documents/CIES-WP12.pdf>
Acesso em: 20 Jun. 2010.

———.A imigrante brasileira em Portugal: considerando o género na análise. In: Jorge Macaísta Malheiros (Org.). **Imigração Brasileira em Portugal**. Coleção Comunidades, 1. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2007. p. 113-134. 2007.

———.O empreendedorismo na perspectiva de género: uma primeira aproximação ao caso das brasileiras em Portugal. In: OLIVEIRA, Catarina

Reis e RATH, Jan (Org.), **Migrações**, 3 (número temático —Empreendedorismo Imigrantell). p. 191-215. 2008. Disponível em: http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Revista_3/Migr3_Sec2_Art4_PT.pdf

Acesso em: 20 Jun. 2012.

PADILLA, Beatriz; PEIXOTO, João. Latin American immigration to Southern Europe. In: **Migration Information Source**. 2007. Disponível em:

<http://www.migrationinformation.org/Feature/display.cfm?id=609>

Acesso em: 20 Jun. 2012.

PADILLA, Beatriz; PORTUGAL, Rui. Saúde e migrações: boas práticas na União Europeia. **Migrações**, 1 (número temático —Imigração e Saúdel). p. 143- 153. 2007.

PEIXOTO, João. Portugal e as migrações internacionais: as perspectivas de evolução. In: II Congresso Português de Sociologia, Lisboa 1992: Estruturas Sociais e Desenvolvimento. **Actas**. Lisboa: Fragmentos/Associação Portuguesa de Sociologia, 1993.

———. **As Migrações dos Quadros altamente qualificados em Portugal: Fluxos Migratórios Inter-Regionais e Internacionais e Mobilidade Infra-Organizacional**. Tese de Doutoramento em Sociologia Económica e das Organizações. Lisboa: ISEG, 1998.

———. Migrações e políticas migratórias na União Europeia: livre circulação e reconhecimento de diplomas. **Análise Social**, XXXVI (158-159), p. 153-183. 2001. Disponível em:

<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218726268N3vZK0ty5Mj52AE8.pdf> Acesso em: 20 Jun. 2012.

———. Strong market and weak state: the case of recent foreign immigration in Portugal. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v.28, n. 3, p. 483-497. 2002.

———. **Highly Skilled Migration in Portugal: an Overview**. Lisboa: Socius. 2004a.

———. O impacto migratório do alargamento da União Europeia a Leste. A perspectiva europeia e a de Portugal. In: Maria Paula Fontoura, e Nuno Crespo (Org.). **O Alargamento da União Europeia – Consequências para a Economia Portuguesa**. Oeiras: Celta, 2004b. p. 105-122.

- . País de Emigração ou País de Imigração? Mudança e Continuidade no Regime Migratório em Portugal. **SOCIUS Working Papers**, 2. Lisboa: SOCIUS-ISEG, 2004c. Disponível em: <http://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/2028/1/wp200402.pdf>
Acesso em: 20 Jun. 2012.
- . (Coord.) **O Tráfico de Migrantes em Portugal. Perspectivas Sociológicas, Jurídicas e Políticas**. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas, 2005. ISBN 989-8000-04-X Disponível em: http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Estudos%20OI/Estudo_OI_12.pdf
Acesso em: 20 Jun. 2012.
- . (Coord.) **Mulheres Migrantes: Percursos Laborais e Modos de Inserção Socioeconómica das Imigrantes em Portugal**. Lisboa: SOCIUSISEG, 2006. Disponível em: http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/RelatorioPT/Relatorio_Mulheres_Migrantes.pdf Acesso em: 20 Jun. 2012.
- . Dinâmicas e regimes migratórios: o caso das migrações internacionais em Portugal. **Análise Social**, XLII (183), p. 445-469, 2007a. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aso/n183/n183a04.pdf>
Acesso em: 20 Jun. 2012.
- . Emprego e protecção social. Oportunidades no mercado de trabalho português, competição e complementaridade, reconhecimento de habilitações e de competências, projectos da Gulbenkian, empreendedorismo. In: António Vitorino (Coord.). **Imigração: Oportunidade ou Ameaça? Recomendações do Fórum Gulbenkian Imigração**. Estoril: Principia, 2007b. p. 199-231.
- . Tráfico, contrabando e imigração irregular: os novos contornos da imigração brasileira em Portugal, **Sociologia, Problemas e Práticas**, 53, p. 71-90, 2007c. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n53/n53a04.pdf>
Acesso em: 20 Jun. 2012.
- . Imigração e mercado de trabalho em Portugal: investigação e tendências recentes. **Migrações**, 2 (número temático —Imigração e Mercado de Trabalho), p. 19-46. 2008. Disponível em: http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Revista_2/migracoes2_art1.pdf
Acesso em: 20 Jun. 2012.

PENEDO, Cristina Carmona. **O Crime nos Media. O que nos dizem as notícias quando nos falamos de crime**. Lisboa: Livros Horizonte, 2003. ISBN: 9722412663.

PEREIRA, Júlio Alberto. Direito à emigração e imigração com direitos. **Revista do Ministério Público**, 90, p. 113-123, 2002.

PEREIRA, Júlio A. C.; PINHO, José Cândido de. **Direito de estrangeiros: entrada, permanência, saída e afastamento**. Coimbra: Coimbra Editora, 2008.

PERISTA, Heloísa. Mulheres na diáspora da União Europeia. Percursos migratórios e trajetórias profissionais e familiares. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 50. Coimbra: ICS, p. 153-165, 1998.

Disponível em: www.ces.uc.pt/rccs/includes/download.php?id=659

Acesso em: 20 de Abril de 2011.

———. EU migrant women: migration, family life and Professional trajectories, **Papers**, 60, p. 153-166, 2000. Disponível em:

<http://ddd.uab.es/pub/papers/02102862n60p153.pdf>

Acesso em: 20 Jun. 2012.

PINA-CABRAL, J. Racismo ou etnocentrismo. In H. G. de Araújo, P. M. Santos, e P. C. Seixas (Coords). **Nós e os Outros: A exclusão social em Portugal e na Europa**. Porto: S.P.A.E, 1998. p. 19-26.

PINHO, Ana Filipa Antunes. **Migrações e Processos Comunicacionais: O caso dos brasileiros em Portugal**. Lisboa: ISCTE, 2001. Dissertação (Mestrado).

PINTO, Manuel (Coord.) **A Comunicação e os Media em Portugal, 1995-1999: Cronologia e Leitura de Tendências**. Braga: Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, 2000. ('Comunicação e Sociedade' Series).

PINTO, Ricardo Jorge; SOUSA, Jorge Pedro. Jornalismo e Democracia Representativa. In: III Jornadas Internacionais de Jornalismo. **Actas**. Porto: Universidade Fernando Pessoa (Eds.), 2008. Disponível em:

<https://bdigital.ufp.pt/dspace/bitstream/10284/325/1/Actas%20das%20Jornadas%202008.pdf> Acesso em: 20 Jun. 2012.

PINTO, Ricardo Leite; CORREIA, José de Matos; SEARA, Fernando Robredo. **Ciência Política e Direito Constitucional: Teoria geral**.

Estado, Formas de Governo, Eleições e Partidos Políticos. 4.^a ed. Lisboa: Universidade Lusíada Editora, 2009. (Coleção Manuais)

PIRES DE LIMA, J. A. **Mouros, Judeus e negros na história de Portugal.** Porto: Livraria Civilização, 1940.

PIRES, Rui Pena. A imigração. In: Francisco Bethencourt; Kirti Chauduri (Orgs.). **História da Expansão Portuguesa**, vol. 5. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000. p. 197-213.

———. **Migrações e Integração. Teoria e aplicações à sociedade portuguesa.** Oeiras: Celta, 2003.

PIRES, Rui Pena; PINHO, Filipa. Políticas de imigração em Portugal. In: José Leite Viegas, Helena Carreiras; Andrés Malamud (Orgs.). **Instituições e Política (Portugal no Contexto Europeu)**, vol. I. Lisboa: Celta Editora, p. 137-160, 2007.

PIRES, Rui Pena; SAINT-MAURICE, A. (1989). Descolonização e migrações: os imigrantes dos PALOP em Portugal. **Revista Internacional de Estudos Africanos**, 10/11, p. 203- 226, 1989.

PIRES, Sónia. **O Terceiro Sector Imigrante e as Associações dos Imigrantes do Leste Europeu em Portugal: Estruturação de um Novo Espaço de Cidadania?**. Coimbra: CES, 2004.

PORTES, Alejandro. **Migrações Internacionais: origens, tipos e modos de incorporação.** Lisboa: Editora Celta, 1999.

POVOA NETO, H. Imigração na Europa: Desafios na Itália e nos Países da área mediterrânea. In: **Migrações Internacionais: Desafios para o Século XXI.** São Paulo: Memorial do Imigrante, 2009. (Série Reflexões, vol. 1.)

QUEIROZ, Danielle Teixeira et al. Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. **Revista de Enfermagem.** Rio de Janeiro: UERJ, 15(2), p. 276-83, 2007. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v15n2/v15n2a19.pdf>
Acesso em: 20 Jun. 2012.

RAMALHO, Sónia; TROVÃO, Susana. **Repertórios femininos em construção num contexto migratório pós-colonial: Dinâmicas familiares, de género e geração.** v. 1. (Estudos OI; 42), Alto

Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2010. Disponível em: http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Estudos_OI/Estudo42Vol1_Web.pdf
Acesso em: 20 Jun. 2012.

———. **Repertórios femininos em construção num contexto migratório pós-colonial: Participação Cívica e Política de Mulheres de Origem Africana**. v. 2. Observatório da Imigração, 42. Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2010. Disponível em: http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Estudos_OI/Estudo42_Vol_II.pdf
Acesso em: 20 Jun. 2012.

RAMÍREZ, Ángeles (1998). **Migraciones, Género e Islam. Mujeres Marroquíes en España**. Madrid: Agencia Española de Cooperación Internacional, 1998.

RAMOS, Cláudia Toriz. Discurso político e integração de imigrantes: uma análise do discurso parlamentar. In: Terceiro Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia. **Actas**. Lisboa: ISCTE/ICS, 2006.
Disponível em:
<http://www.apantropologia.net/publicacoes/actascongresso2006/cap4/RamosClaudia.pdf> Acesso em: 20 Jun. 2012.

RAPOSO, Isabel. Habitação: o pecado mora ao lado. In: **SOS Racismo. A imigração em Portugal: os movimentos humanos e culturais em Portugal**. Lisboa, 2002. p. 396-405.

RAPOSO, Paulo; TOGNI, Paula C. **Fluxos Matrimoniais Transnacionais entre Brasileiras e Portugueses: Género e Imigração**. Observatório da Imigração, 38. Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2009.

REDE DE ESTUDOS DAS MULHERES. **As mulheres na União europeia: família, cidadania e migração**. Barradas, Ana.(trad.). Lisboa: Ela por ela, 2006.

RIBEIRO, Joana Sousa. Imigrantes qualificados no sector da saúde. In: Vº Congresso Português de Sociologia, Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção. **Actas**. Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia, 2004.

RIBEIRO, Máira Mahfuz. **As representações do imigrante brasileiro no jornalismo impresso local: estudo de caso comparado entre o Diário do Minho (Braga – Portugal) e L'Adige (Trento – Itália)**. Braga:

Universidade do Minho, 2008. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação. Disponível em:

https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9638/1/tese_mestrado_maira_ribeiro.pdf Acesso em: 20 Jun. 2012.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. Perspectivas sociológicas da interculturalidade. **Análise Social**, 123-124 (28), p. 869-878, 1993.

———. A sociedade civil e a defesa dos direitos dos imigrantes, *Desenvolvimento/Colóquios*, n. 10, p. 113-129, 2002.

———. A integração dos imigrantes na União Europeia, Estratégia. **Revista de Estudos Internacionais**, n. 21, p. 187-200, 2005a. Disponível em:

http://www.ieei.pt/files/Integracao_imigrantes_Europa_Maria_Beatriz_Rocha_Trindade.pdf Acesso em: 10 Jun. 2012.

———. Integration Policies for Immigrants in Portugal. In: AEMI Journal, Association of European Migration Institutions, n. 6/7; p. 20-30, 2005b Disponível em: <http://www.aemi.dk/publications/AEMI%20Journal%2008-09.pdf>

Acesso em: 10 Jun. 2012.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz; CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza (Orgs.). **História, Memória e Imagens nas Migrações: Abordagens Metodológicas**. Oeiras: Celta, 2005.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz et al. **Sociologia das Migrações**. Lisboa: Universidade Aberta, 1999.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: Nelson Traquina (1994). **Jornalismo: questões, teorias e `estórias`**. Lisboa: Vega, 1998. p. 27-33.

RODRIGUES, Teresa; PINTO Maria Luísa Rocha (2002). Migrações no Portugal do século XX. **Ler História**, 43, p. 179-204, 2002.

ROSA, Alexandra Multiculturalidade e educação. In: **SOS Racismo. A imigração em Portugal: os movimentos humanos e culturais em Portugal**. Lisboa, 2002a. p. 352-365.

———. Os números oficiais da imigração. In: **SOS Racismo. A imigração em Portugal: os movimentos humanos e culturais em Portugal**. Lisboa, 2002b. p. 291-297.

ROSA, Maria João Valente. **Imigrantes Internacionais: Dos Factos aos Conceitos**. Lisboa: SOCINOVA, 2000.

———. Notas sobre a população: saldos migratórios compensam o envelhecimento?. **Análise Social**, 158-159, p. 367-372, 2001.

ROSA, Maria João Valente; SEABRA, Hugo de; SANTOS, Tiago. **Contributos dos imigrantes na demografia portuguesa. O papel das populações de nacionalidade estrangeira**. Lisboa: Alto-Comissariado para os Imigrantes e Minorias Étnicas (ACIME), 2004.

ROSA, M. J. et al. **Imigrantes Internacionais: - dos factos ao conceito**, Working paper, 17. Lisboa: SociNova – Gabinete de Investigação em Sociologia Aplicada, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa; (Comunicação apresentada ao 5º Workshop do Programa Metropolis Internacional, Vancouver, Novembro 2000), 2001.

ROSÁRIO, Edite de Fátima Vila Nova do. **Representações de Mobilidade: Imigrantes e Minorias Étnicas no Vale de Algés : um estudo de caso**. Lisboa: FCSH-UNL, 1999. Dissertação (Mestrado em Sociologia).

RUIZ LÓPEZ, Blanca; RUIZ VIEYTEZ, Eduardo J. Las políticas de inmigración: la legitimación de la exclusión. **Cuadernos Deusto de Derechos humanos**. Bilbao: Universidad de Deusto, 2001.

SANTOS, Maria Clara Almeida. Mulheres imigrantes na imprensa portuguesa. In: **SOS Racismo. Imigração e Etnicidade: Vivências e Trajectórias de Mulheres em Portugal**. Lisboa, 2005. p. 51-62.

———. **Imagens de Mulheres Imigrantes na Imprensa Portuguesa: Análise do ano 2003**. Lisboa: Auto-Comissariado para Imigração e Diálogo Intercultural, 2007. [Teses 14]. Disponível em: http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col_Teses/14_CAS.pdf
Acesso em: 22 Abril 2012.

SANTOS, Euclides de Brito (Coord.). **Combate ao Racismo. Sistema Jurídico**. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas, 2004.

SANTOS, Gustavo Daltro. Encontros, alianças e desencontros: partidos, associações de imigrantes e o Estado português nos embates em torno

da política para imigrantes. In: Igor Machado (Org.). **Um Mar de Identidades. A Imigração Brasileira em Portugal**. São Carlos: EdUFScar, 2006. p. 103-130.

SANTOS, M.E.B.; DIAS, M. Bem-estar individual, relações interpessoais e participação social. In: L. França (Coord.). **Portugal, Valores Europeus e Identidade Cultural**. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, 1993. p. 43-74.

SANTOS, Mónica. **Migrações, mobilidade e globalização : imigrantes do Leste Europeu em Portugal**. Coimbra: FEUC, 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia).

SANTOS, Pedro Filipe. **Vento do Leste: a Nova Imigração em Portugal**. Lisboa: Edeline, 2004.

SANTOS, Vanda. **O Discurso Oficial do Estado sobre e Emigração dos Anos 60 aos 80 e a Imigração dos Anos 90 à Actualidade**. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas, 2004.

SEABRA, Hugo Martinez. **Delinquência a Preto e Branco: Estudo de Jovens em Reinserção**. Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2005. [Teses 1].

SEABRA, Hugo Martinez de; SANTOS, Tiago. **A Criminalidade de Estrangeiros em Portugal: Um inquérito científico**. Coleção Estudos do OI, 13. Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2005.

———. **Reclusos Estrangeiros em Portugal: Esteios de uma problematização**. Coleção Estudos do OI, 20. Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2006.

SEABRA, T. Cidadania: a europa e os imigrantes. In: Encontro Sobre Dinâmicas Culturais, Cidade e Desenvolvimento Local, em Vila do Conde. **Actas**. Lisboa: APS, 1994. p. 87-96.

SERTÓRIO, Elsa. **Livro negro do racismo em Portugal**. Lisboa: Edições Dinossauro, 2001.

SERTÓRIO, Elsa; PEREIRA, Filipa Sousa. **Mulheres Imigrantes**. Lisboa: Ela por Ela, 2004.

SHARPE, Pamela (Ed.) **Women, gender and labour migration: historical and global perspectives**. London: Routledge, 2001.

SHUDSON, Michael. A política da forma narrativa: a emergência das convenções noticiosas na imprensa e na televisão. In: Nelson Traquina (Org.). **Jornalismo: Questões, teorias e “estóriasII**. Lisboa: Vega, 1993. p. 278-293.

SILVA, Ana Margarida de Oliveira e. **União Europeia: Cidadania e Imigração**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2000. Dissertação (Mestrado).

SILVA, Jorge Pereira da. **Direitos de Cidadania e Direito à Cidadania**. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas, 2004.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da et al. (Eds.). **Emigração/Imigração em Portugal**. Lisboa: Fragmentos, 1993.

SILVA, M; REIS, F.; SILVA, J. A.; MENESES, I. (Org.). **O que é a Raça? Um debate entre Antropologia e Biologia**. Lisboa: Oikos, 1997.

SILVA, Pedro Duarte. **A Protecção Social da População Imigrante**. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas, 2005.

SILVEIRINHA, Maria João. **O discurso feminista e os estudos dos media: em busca da ligação necessária**. [s.d]. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/texto.php?html2=silveirinhamariajoaodiscorso.html>

Acesso em: 20 Abr. 2012.

SILVEIRINHA, Maria João (Org.). **As mulheres e os media**. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

SILVEIRINHA, Maria João; CASTRO, Ana Teresa Peixinho de. A construção discursiva dos imigrantes na imprensa. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 69, p. 117-137, 2004.

SIMÕES, Euclides Dâmaso. Tráfico de pessoas: breve análise da situação em Portugal. Notícia do novo protocolo adicional à Convenção das Nações Unidas contra a criminalidade organizada transnacional. **Revista do Ministério Público**, v. 91, p. 81-93, 2002.

SINGER, Benjamin D. Minorities and the media: a content analysis of native Canadians in the daily press. **Canadian Review of**

Sociology/Revue canadienne de sociologie, v. 30, n. 3, p. 348-359, 1993.

SOLÉ, Carlota (Coord.). **El impacto de la inmigración en la economía y en la sociedad receptora**. Barcelona: Antropos, 2001.

SOUSA, Bernardo. The migratory experience of Portugal. In Joseph Chamie, e Luca Dall'Oglio (ed.). **International Migration and Development. Continuing the Dialogue: Legal and Policy Perspectives**, Genebra, CMS/IOM, p. 173-179, 2008.

SOUSA FERREIRA, Eduardo de; RATO, Helena. **Economia e Imigrantes – Contribuição dos Imigrantes para a Economia Portuguesa**. Oeiras, Editora Celta, 2000.

SOUSA, Helena. **A Comunicação e os Media em Portugal: 1995-1999**. Braga: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, 2000.

SOUSA, Jorge Pedro. Uma história breve do jornalismo no Ocidente. In: Sousa, J. P. (Org.). **Jornalismo: História, Teoria e Metodologia da Pesquisa**. Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa, 2008a. p. 12-93.

———. Uma história do jornalismo em Portugal até 1974. In: Sousa, J. P. (Org.). **Jornalismo: História, Teoria e Metodologia da Pesquisa**. Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa, 2008b. p. 93- 118.

TÉCHIO, Kachia. **Imigrantes Brasileiros não Documentados. Uma Análise Comparativa entre Lisboa e Madrid**. Lisboa: Socius, 2006.

———. **Conhecimentos de Alterne. A Outra Diáspora das Imigrantes Brasileiras**. Lisboa: Socius, 2006.

TEIXEIRA, Ana; ALBUQUERQUE, Rosana. **Active Civic Participation of Immigrants in Portugal**. Oldenburg: University of Oldenburg, 2005. Disponível em: <http://www.unioldenburg.de/politis-europe/9812.html>
Acesso em: 20 Abr. 2012.

THOMSON, Alistair. Histórias (co) movedoras: História Oral e Estudos de Migração. Trad. Magda França Lopes. **Revista Brasileira de História**, v. 22, n. 44, p. 345-364. 2002.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TROYANO, José Fernando. **Los otros emigrantes : alteridad e inmigración**. Málaga: Universidad de Málaga, 1998. Colección Estudios y ensaios, 19.

TROYANO, José Fernando. **A propósito de inmigración**. Málaga: ALJIBE, 2001.

VALA, Jorge. Representações sociais e percepções intergrupais. **Análise Social**, v. 140, p. 7-29, 1997. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1221840494M6zFQ7xv9Rd55BV5.pdf> Acesso em: 20 Abr. 2012.

———. (Coord.) **Novos Racismos: Perspectivas comparativas**. Oeiras: Celta, 1999.

———. (Org.) **Simetrias e Identidades: Jovens Negros em Portugal**. Oeiras: Celta Editora, 2003.

VALA, Jorge; BRITO, Rodrigo; LOPES, Diniz. **Expressões dos Racismos em Portugal**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1999. (Coleção Estudos e Investigações).

VALA, Jorge; BRITO, Rodrigo; LOPES, Diniz. A construção social da diferença: Racialização e etnização das minorias. In: J. Vala (Org.). **Novos Racismos: Perspectivas comparativas**. Oeiras: Celta, 1999. p. 145-167.

VALE DE ALMEIDA, M. **Um mar da cor da terra: Raça, cultura e política da identidade**. Oeiras: Celta, 2000.

VALENTE ROSA, Maria João; SEABRA, Hugo de; SANTOS, Tiago. **Contributos dos “imigrantes” na demografia portuguesa**, 2004. Disponível em: <http://www.acime.gov.pt> . Acesso em: 20 Jun. 2010.

VAZ, Maria João; RELVAS, Eunice; PINHIEIRO, Nuno (Orgs). Exclusão na História. In: Colóquio Internacional sobre Exclusão Social. (**Actas**. Oeiras: Celta, 2000.

VERMEULEN, H. **Imigração, Integração e Dimensão Política da Cultura**. Lisboa: Colibri, 2001.

VERTOVEC, Steven. **Les transformations sociales: sociétés multiculturelles et multi-ethniques**. Paris: UNESCO, 1998.

VICENTE, Ana. **As mulheres em Portugal na transição do Milénio: valores, vivências, poderes nas relações sociais entre os dois sexos**. Lisboa: Multinova, 1998.

VICENTE, ANA. **Direitos das mulheres/Direitos Humanos**. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 2000.

VICENTE, Ana. **Os Poderes das Mulheres, Os Poderes dos Homens**. Lisboa: Gótica, 2002.

VIEIRA, Alberto (Coord.). **A Madeira e o Brasil: Colectânea de Estudos**, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico. administração interna. Lisboa, 8 de Outubro de 2001, 2004. p. 29-34. Disponível em: <http://www.igai.pt/publicdocs/Intervencoes_Seminario2001.pdf> Acesso em: 20 Abr. 2012.

VITORINO, António (coord.). **Imigração: Oportunidade ou Ameaça?** Recomendações do Fórum Gulbenkian Imigração. Estoril: Principia, 2007.

VITORINO, António. Objectivos da Política de Imigração da União Europeia. **Revista «Elo»** (Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Económico e a Cooperação, n. 34, Ano 10 - 2001, Dezembro/Fevereiro, 2001.

WALL, Karin; NUNES, Cátia e MATIAS, Ana Raquel. **Immigrant Women in Portugal: Migration Trajectories, Main Problems and Policies**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2005. Disponível em: http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2005/wp2005_7.pdf Acesso em: 20 Abr. 2012.

8 APÊNDICE

8.1 ROTEIRO DE ENTREVISTA

Pesquisa: Mulheres brasileiras na Dinamarca

Questionário semi aberto

A. DADOS PESSOAIS

1. Nome:
2. Idade:
3. Naturalidade/Cidade e Estado:
 - a. Local de moradia:
4. Como você se define em relação a sua raça/cor?
5. Estado civil:
6. Religião:
7. É casada com um dinamarquês?
8. Como conheceu seu marido/companheiro?
9. É o primeiro casamento?
10. Se negativo, qual a nacionalidade do antigo companheiro?
11. Tem filhos?
12. Se tem, quantos?
13. Em que classe social você estava inserida no Brasil?
14. Há quanto tempo mora na Dinamarca?

a. O que a levou a sair do Brasil e imigrar para Dinamarca?

15. Já adquiriu a nacionalidade dinamarquesa?

16. Quanto tempo depois de ter chegado na Dinamarca você adquiriu a nacionalidade?

17. Sentiu alguma diferença na relação com a sociedade dinamarquesa/autoridades depois de ter adquirido a nacionalidade? Descreva a diferença:

B. HISTÓRICO ACADÊMICO

18. Nível de escolaridade quando chegou na Dinamarca:

19. Se tem diploma brasileiro, informar se foi convalidado na Dinamarca:

20. Enfrentou alguma dificuldade de ter seu diploma reconhecido na Dinamarca?

21. Se sim, qual?

22. Fez ou está fazendo algum curso na Dinamarca?

23. Se afirmativo, qual curso?

24. É o curso que desejou fazer?

25. Se negativo, qual o curso que queria fazer e a razão de não ter feito o curso desejado:

C. HISTÓRICO PROFISSIONAL

26. Tem trabalho?

27. Trabalha na área de sua formação?

28. Que tipo de trabalho faz?

29. Quanto ganha:

- a) Salário compatível com a função que ocupa?
- b) Ganha menos do que deveria pela função que ocupa?

30. Se sente respeitada no seu trabalho?

31. Você está satisfeita com o trabalho que faz?

D. ADAPTAÇÃO E LEIS DE IMIGRAÇÃO NA DINAMARCA

32. Como você se sente morando na Dinamarca?

33. Você tem conhecimento das mudanças das leis de imigração ocorridas nos últimos 10 anos?

34. Escreva a sua opinião sobre estas leis e como elas lhe afetaram:

35. Conhece alguém que tenha sido afetado pelas novas leis de imigração na Dinamarca? Que tipo?

36. Você já sofreu algum tipo de preconceito pelo fato de ser imigrante? Descreva:

37. Você já sofreu ou conhece alguém que tenha sofrido algum tipo de violência na Dinamarca? Que tipo?

E. VISÃO SOBRE A DINAMARCA E BRASIL

38. Qual era a sua visão sobre o Brasil antes de vir para Dinamarca? E agora?

39. Qual era a sua visão da Dinamarca antes de vir morar aqui? E agora?

40. Sente vontade de voltar a morar no Brasil? Por quê?

41. Descreva o que você considera de negativo no Brasil:

42. Descreva o que você considera de negativo na Dinamarca:

-
43. Descreva o que você considera positivo no Brasil:
 44. Descreva o que você considera positivo na Dinamarca:
 45. Dizem que: “As brasileiras são bem-vindas aqui”. Você concorda com isto?
 46. Como você se sente sendo brasileira e morando na Dinamarca?
 47. Para você quais são os principais problemas que uma brasileira enfrenta quando migra para a Dinamarca?

F. LAÇOS EM RELAÇÃO AO BRASIL

48. Tem família no Brasil?
49. Qual a relação que você tem com a sua família:
50. Sua família depende financeiramente de você?
51. O fato de você poder ajudar a sua família melhorou de alguma forma a sua relação com eles? Explique de que forma:
52. O fato de você morar na Dinamarca mudou de alguma forma a visão de sua família/amigos/conhecidos sobre você? Explique:
53. Sente necessidade de visitar o Brasil?
54. Viaja sempre para o Brasil? Com que frequência?

G. ATUAL SITUAÇÃO DOMÉSTICA EM RELAÇÃO AO PARCEIRO

55. Na sua casa quem faz a maioria dos trabalhos domésticos: Você, seu marido/companheiro ou outros?
56. Descreva que tipo de atividades você desenvolve em casa:
57. Descreva que tipo de atividades seu marido/companheiro desenvolve em casa:
58. Outros:

H. EMBAIXADA BRASILEIRA NA DINAMARCA

59. Você é registrada na embaixada? Caso negativo, porque não?

60. Já precisou da embaixada em algum momento? Que tratamento recebeu?

61. Se sentiu satisfeita com os serviços recebidos?

8.2 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCL

Eu, _____, RG _____, abaixo qualificado, DECLARO para fins de participação em pesquisa, que estou de acordo com o registro de minha entrevista na tese abaixo como parte da coleta de dados da pesquisa “*Gênero, Migração e Identidade: Brasileiras na Dinamarca*” desenvolvida pela Prof^a. Rilda de Macêdo Matos, *aluna do Curso de Doutorado Pasado y Presente de los Derechos Humanos* da Universidade de Salamanca - Espanha.

1. O consentimento para a o registro dessa entrevista na referida tese não exclui a liberdade de que, em qualquer fase da pesquisa, possa ser retirado sem qualquer penalidade.
2. Será garantido à entrevistada que a transcrição de suas respostas corresponderão *ipsis literis* ao que foi gravado respeitando assim a integridade de duas respostas.
3. Durante o curso da pesquisa, a pesquisadora coloca-se à disposição para garantir quaisquer esclarecimentos quando a metodologia adotada.
4. Não haverá quaisquer tipos de despesas decorrentes da participação na pesquisa, não sendo previsto, portanto, quaisquer formas de ressarcimentos. DECLARO, outrossim, que após convenientemente esclarecido consinto voluntariamente que minha entrevista componha a referida pesquisa.

Dinamarca, ____ de Setembro de 2011.

QUALIFICAÇÃO DO DECLARANTE

Eu _____ RG: _____ SSP: _____

Data de Nascimento: ____ / ____ / ____ Sexo: M () F () Telefone: _____

End.: _____ Nº.: _____ Aptº.: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: _____

Assinatura do Declarante

DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR

DECLARO, para fins de realização de pesquisa, ter elaborado este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cumprindo as exigências éticas e que obtive, de forma apropriada e voluntária, o consentimento livre e esclarecido do declarante acima qualificado para realização desta pesquisa com filmagens.

Dinamarca, ____ de setembro de 2011.

Assinaturada da pesquisadora

9 ANEXO

FA1



UDLÆNDINGESTYRELSEN

Forbeholdt myndighederne			HUSK OGSÅ AT UDFYLDE DEN SIDSTE SIDE I SKEMA 1
Modtaget dato	Modtaget af (navn)	Myndighed (stempel)	Udl.nr./Person ID

FA1a_da_010112

SKEMA 1 (FA1a)

Ansøgning om ægtefællesammenføring i Danmark

- ansøgning om opholdstilladelse på baggrund af ægteskab, fast samliv eller registreret partnerskab

Sådan gør du

For at søge om ægtefællesammenføring skal ægtefællerne udfylde hvert sit skema.

Nedenfor forklarer vi, hvad du, der **ikke** allerede har ret til at bo i Danmark som familiesammenført (ansøger), bedes gøre.

Du bedes gøre følgende:

1. Udfylde og underskrive dette skema (skema 1). Følg anvisningerne i skemaet
2. Vedlægge nødvendige dokumenter
3. Indgive ansøgningen til en dansk repræsentation i det land, hvor du bor. Hvis du opholder dig lovligt i Danmark, kan ansøgningen normalt indgives i Danmark. Hvis ansøgningen kan indgives i Danmark, indgives den til Servicecentret i Udlændingestyrelsen. Bor du uden for Storkøbenhavn, kan den også afleveres til det lokale politi

Hvilke dokumenter bedes du vedlægge?

Du bedes vedlægge følgende dokumenter sammen med skema 1:

- Dokumentation for gebyrbetaling.
- Kopi af dit pas (alle sider inklusiv forside) eller kopi af dit id-kort (kun EU-statsborgere).
- Pasfoto (3 stk.). Det ene pasfoto påklistres stamkort til opholdskort i bilag 1.
- Vielses- eller partnerskabsattest (kopi med autoriseret oversættelse til dansk eller engelsk).
- Dokumentation for samliv (skal kun vedlægges, hvis I hverken er gift eller har indgået registreret partnerskab).
- Dokumentation for gennemført danskursus.
- Dokumentation for opfyldelse af pointkravet (se pkt. 10).

Skal du have andre dokumenter med, når du indgiver din ansøgning?

Ja, du skal have dit originale pas eller dit id-kort (kun EU-statsborgere) med, så myndighederne kan kontrollere din identitet.

Hvis du vil have hurtigt svar

Din ansøgning kan blive behandlet i den såkaldte selvbetjeningsprocedure med en særligt hurtig sagsbehandling, hvis

- du og din ægtefælle udfylder hhv. skema 1 og skema 2 korrekt og vedlægger de nødvendige dokumenter,
- ansøgningen umiddelbart giver indtryk af, at de almindelige betingelser for ægtefællesammenføring er opfyldt, og
- din ægtefælle indgiver skema 2 senest 14 dage efter, at du har indgivet din ansøgning til en dansk repræsentation i udlandet, eller indgiver skema 2 i forbindelse med skema 1, hvis du indgiver din ansøgning i Danmark.

Mangler der dokumenter eller oplysninger, kan jeres ansøgning blive afvist

Udlændingestyrelsen kan afvise en ansøgning, hvis den ikke indeholder de nødvendige oplysninger eller dokumenter. Husk derfor at **benytte tjeklisten bagest i skemaet**, inden ansøgningen indgives.

Hvis du vil vide mere

Du kan få flere oplysninger om reglerne for ægtefællesammenføring på www.nyidanmark.dk. Der kan du også få yderligere information om sagsbehandlingstider mv. Hvis du er i tvivl, kan du altid kontakte Udlændingestyrelsen – skriftligt, telefonisk eller personligt – og få vejledning om reglerne og om, hvordan du udfylder skemaerne (se kontaktoplysninger nederst på siden).

Ansøger		UDFYLDES MED BLOKBOGSTAVER
Efternavn		
Fornavn(e)		
Nationalitet	Evt. tidligere nationalitet	
Fødselsdato (dag, måned, år)	Evt. CPR-nr.	
Evt. Udl.nr. (udlændingenummer)/Person ID		
Fødested (by)	Fødeland	

Navn og CPR-nr. på din ægtefælle/samlever/registrerede partner i Danmark

Alle danske statsborgere og personer med en opholdstilladelse i Danmark har et såkaldt CPR-nr. Din ægtefælle i Danmark kan oplyse dig om sit CPR-nr.

Ægtefælles navn (fornavn(e) og efternavn)	Ægtefælles CPR-nr.
---	--------------------

FA1



UDLÆNDINGESTYRELSEN

0. Om gebyr

Fra den 1. januar 2011 skal du normalt betale et gebyr, hvis du ønsker at indgive en ansøgning om opholdstilladelse, en ansøgning om forlængelse af en nuværende opholdstilladelse eller en ansøgning om permanent opholdstilladelse i Danmark. Gebyrsatsen afhænger af, hvilken type ansøgning du indgiver. Du finder de aktuelle gebyrsatser på www.nyidanmark.dk/gebyr.

Alle, der indgiver en ansøgning om familiesammenføring, skal gøre følgende i den nævnte rækkefølge:

1. Oprette et sagsbestillings-id. **Bemærk:** Sagsbestillings-id'et skal anføres i feltet herunder.
2. Betale gebyret. **Bemærk:** Enkelte grupper af ansøgere kan være fritaget for betaling af gebyr, men skal alligevel oprette et sagsbestillings-id.
3. Indgive ansøgningen.

Der betales gebyr for sagsbehandlingen, hvilket betyder, at gebyret ikke refunderes, hvis du får afslag på din ansøgning. Endvidere refunderes gebyret ikke, hvis du frafalder din ansøgning under sagsbehandlingen. Hvis du ikke har betalt gebyret afvises ansøgningen. Hvis ansøgningen afvises på andet grundlag end manglende gebyrbetaling refunderes gebyret fratrukket et administrationsgebyr.

Hvordan oprettes et sagsbestillings-id?

Alle kan oprette et sagsbestillings-id på www.nyidanmark.dk/gebyr. Sagsbestillings-id'et skal tydeligt anføres i feltet herunder og ved evt. betaling.

Hvordan betales gebyret?

Du kan betale gebyret på flere forskellige måder, fx via netbank, i banken eller på posthuset. På www.nyidanmark.dk/gebyr kan du vælge, hvordan du ønsker at betale, og du kan se de informationer, som du skal bruge, for at betale gebyret.

Bemærk: Gebyret skal indbetales senest samtidig med, at ansøgningen indgives. Det betyder normalt, at gebyret skal være betalt **inden** ansøgningen indgives. Det er kun udvalgte danske repræsentationer, som accepterer, at du betaler gebyret, når du indleverer din ansøgning. Du kan **ikke** betale gebyret i Servicecentret i Udlændingestyrelsen eller hos politiet i Danmark.

Du bedes **vedlægge dokumentation for gebyrbetaling**, fx i form af kvittering fra overførsel via netbank eller kvittering fra bank eller posthus.

Hvem er fritaget for gebyrbetaling?

Der kan være særlige tilfælde, hvor du (ansøger) kan indgive en ansøgning om familiesammenføring uden at betale gebyr. Det kan eksempelvis være tilfældet, hvis den person, der allerede bor i Danmark, har opholdstilladelse som flygtning og ikke kan tage ophold i dit (ansøgers) hjemland, eller den pågældende er alvorligt syg eller alvorligt handicappet. Du kan også være fritaget for betaling af gebyr, hvis den herboende er et særbarn i Danmark, som han eller hun har forældremyndighed over eller samværsret med, og som han eller hun udøver samvær med i et vist og regelmæssigt omfang. Endvidere kan du være fritaget for betaling af gebyr, hvis den herboende er tyrkisk statsborger, der er økonomisk aktiv som arbejdstager, selvstændig erhvervsdrivende eller tjenesteyder. På www.nyidanmark.dk/gebyr, kan du læse mere om, hvem der er undtaget for krav om gebyrbetaling.

Hvis du mener, at du er fritaget for betaling af gebyr, bedes du sætte kryds ud for 'Ansøger er fritaget for gebyr' i feltet nedenfor, og du behøver ikke at udfylde oplysningerne til brug for eventuel tilbagebetaling. Når du opretter et sagsbestillings-id, skal du ligeledes angive, hvis du mener, at du er fritaget. **Bemærk:** Hvis udlændingemyndighederne efterfølgende afgør, at du ikke er fritaget for gebyrbetaling, vil ansøgningen blive afvist, hvis du ikke har betalt gebyr. Hvis du har betalt gebyr og er fritaget for gebyrbetaling, vil gebyret blive tilbagebetalt.

0.1 Sagsbestillings-id

Du bedes oplyse dit (ansøgers) **sagsbestillings-id**. Det oplyste sagsbestillings-id skal være identisk med det sagsbestillings-id, som er oplyst ved betaling af gebyr. Husk at vedlægge dokumentation for gebyrbetaling. Mener du, at du er fritaget for betaling af gebyr, skal du oplyse dit sagsbestillings-id og sætte kryds under 'Ansøger er fritaget for gebyr'.

Sagsbestillings-id

 Ansøger er fritaget for gebyr

0.2 Tilbagebetalingsoplysninger (til brug for evt. tilbagebetaling af gebyr)

Du bedes nedenfor anføre oplysninger til brug for en eventuel **tilbagebetaling af gebyr**. Tilbagebetaling af gebyr kan ske enten ved overførsel til dansk NEM-konto, dansk bankkonto, udenlandsk bankkonto eller kontant via en dansk repræsentation. Tilbagebetaling via en dansk repræsentation kan kun ske, hvis gebyret er indbetalt på den pågældende repræsentation. Oplys hvem gebyret skal tilbagebetales til (kontohaver/modtager), sæt kryds ud for den ønskede tilbagebetalingsform og udfyld de tilhørende felter.

Hvis tilbagebetaling skal ske ved overførsel til udenlandsk bankkonto, anbefaler vi, at du konsulterer din bank med hensyn til,

Udlændingestyrelsen - Ryesgade 53 - DK 2100 København - Tlf.: +45 3530 8888 - e-mail: aegtefaelle@us.dk - www.nyidanmark.dk
Telefontid mandag til fredag 9:00 - 15:00 - Åbningstider i Servicecentret mandag til fredag 8:30 - 12:00 torsdag tillige 15:30 - 17:30

Side 2 af 43

FA1


 UDLÆNDINGESTYRELSEN

hvilke oplysninger der er nødvendige for, at pengene kan overføres fra Danmark. Udover kontooplysningerne kan det fx være bankens adresse.

Kontohaver/modtager

 Ansøger Anden person/virksomhed, oplys navn: Dansk NEM-konto CPR-nr Dansk bankkonto Pengeinstitut Registreringsnr. Kontonr. Udenlandsk bankkonto Kontooplysninger (kontonummer/BIC/SWIFT/IBAN)

Evt. andre oplysninger, fx bankens adresse, kontohavers adresse mv.

 Kontant via dansk repræsentation (kun hvis gebyret også er indbetalt på repræsentationen) Dansk repræsentation (by og land)

1. Oplysninger om dig (ansøger)

UDFYLDES MED BLOKBOGSTAVER

Køn	Stilling
<input type="checkbox"/> Mand <input type="checkbox"/> Kvinde	
Nuværende ægteskabelig stilling	
<input type="checkbox"/> Samlevende/ugift <input type="checkbox"/> Gift/registreret partnerskab <input type="checkbox"/> Enke/enkemand <input type="checkbox"/> Fraskilt/opløst registreret partnerskab	
Har du børn? <input type="checkbox"/> Ja <input type="checkbox"/> Nej	
Din adresse i udlandet/hjemlandet (gade/vej og nr.)	Postnr., by og land
Telefonnr.	E-mail-adresse

Hvis du **allerede er i Danmark**, bedes du nedenfor oplyse indrejsedato, adresse og kontaktoplysninger i Danmark.
Bemærk: Hvis du oplyser en adresse i Danmark, og myndighederne allerede har kontrolleret din identitet i forbindelse med indgivelsen af din ansøgning, vil afgørelsen i sagen blive sendt med posten til din adresse i Danmark. Har du oplyst en adresse i Danmark, og har myndighederne endnu ikke kontrolleret din identitet, vil du få besked, når afgørelsen i sagen kan afhentes hos det lokale politi eller i Servicecenteret i Udlændingestyrelsen.

Vigtigt: Skifter du adresse, eller sker der ændringer i dine kontaktoplysninger, bedes du oplyse Udlændingestyrelsen herom.

Indrejsedato i Danmark	
Din adresse i Danmark (gade/vej og nr.)	Postnr. og by
Telefonnr.	E-mail-adresse
Bor hos (navn)	

Udlændingestyrelsen - Ryesgade 53 - DK 2100 København - Tlf.: +45 3530 8888 - e-mail: aegtefaelle@us.dk - www.nyidanmark.dk
 Telefonid mandag til fredag 9:00 - 15:00 - Åbningstider i Servicecenteret mandag til fredag 8:30 - 12:00 torsdag tillige 15:30 - 17:30

Side 4 af 43

FA1

2. Oplysninger om dit pas UDFYLDES MED BLOKBOGSTAVER

<input type="checkbox"/> Nationalitetspas	<input type="checkbox"/> Anden rejselegitimation, hvilken?
Pasnummer	Udstedelsesdato
Pas gyldigt til	I hvilket land er passet udstedt?

3. Oplysninger om din ægtefælle/samlever/partner UDFYLDES MED BLOKBOGSTAVER

Efternavn	Evt. tidligere efternavn
Fornavn(e)	
Nationalitet	Evt. tidligere nationalitet
Fødselsdato (dag, måned, år)	Hvis I er gift eller har indgået registreret partnerskab, bedes du oplyse sted og dato for vielsen/indgåelse af partnerskab
Fødested (by) og land	
Adresse (gade/vej og nr.)	Postnr. og by
Land	Telefonnr.

Ifølge dansk lov kan Udlændingestyrelsen normalt ikke give tilladelse til ægtefællesammenføring, hvis det må anses for tvivlsomt, at ægteskabet/samlivet/partnerskabet er indgået efter begge parters eget ønske.

Hvis du og din ægtefælle/samlever/partner er nærmere beslægtet, vil Udlændingestyrelsen anse det for tvivlsomt, at ægteskabet/samlivet/partnerskabet er indgået efter jeres begge ønske, medmindre særlige grunde taler imod en sådan formodning. Du kan nedenfor anføre eventuelle grunde, som du mener, taler i mod den formodning, at jeres ægteskab/samliv/partnerskab ikke er indgået efter jeres begge ønske.

Er du og din ægtefælle/samlever/partner beslægtede i bedsteforældres ret op- og nedstigende linie eller i bedsteforældres søskendes ret op- og nedstigende linie (Gruppen omfatter bl.a. bedsteforældrenes børn (onkler og tanter), bedsteforældrenes børnebørn (fætre og kusiner), bedsteforældrenes oldebørn (fætre og kusiners børn), bedsteforældrenes søskendes børn (forældres fætre og kusiner) og bedsteforældrenes søskendes børnebørn (næstsøskendebørn)), eller via stedforældre eller deres slægtninge?

Ja Nej

Hvis ja, bedes du oplyse, hvordan du og din ægtefælle/samlever/partner er beslægtet med hinanden

Hvis ja, bedes du oplyse eventuelle grunde, som du mener, taler imod den formodning, at jeres ægteskab/samliv/partnerskab ikke er indgået efter jeres begge ønske

4. Oplysninger om tidligere ægtefæller UDFYLDES MED BLOKBOGSTAVER

Har du været gift før? Ja Nej

Hvis ja, bedes du oplyse følgende om dine tidligere ægtefæller:

	Fornavn(e) og efternavn	Fødselsdato (dag, måned, år)	Nationalitet	Dato for indgåelse og afslutning af ægteskab
1.				
2.				
3.				

Udlændingestyrelsen - Ryegade 53 - DK 2100 København - Tlf.: +45 3530 8888 - e-mail: aegtefaelle@us.dk - www.nyidanmark.dk
 Telefonetid mandag til fredag 9:00 - 15:00 - Åbningstider i Servicecentret mandag til fredag 8:30 - 12:00 torsdag tillige 15:30 - 17:30

FA1

5. Oplysninger om dine børn, herunder børn der opholder sig i hjemlandet

UDFYLDES MED BLOKBOGSTAVER

Fornavn(e)	Nationalitet	Fødselsdato (dag, måned, år)	Køn		Er barnet i Danmark?		Søger barnet samtidig om opholdstilladelse? Hvis ja, skal børn under 18 år udfylde skema FA2a og børn over 18 år skal udfylde skema SG1a.	
			Dreng	Pige	Ja	Nej	Ja	Nej
			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>				
			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>				
			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>				
			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>				
			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>				
			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>				
			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>				

6. Oplysninger om dine familieforhold

UDFYLDES MED BLOKBOGSTAVER

Har du forældre eller søskende, der tidligere er blevet ægtefællesammenført til Danmark? Ja Nej

Hvis ja, bedes du oplyse hvem (fornavn(e) og efternavn)

Har du forældre i hjemlandet? Ja NejHar du søskende i hjemlandet? Ja Nej

7. Om ægteskabet/partnerskabet

UDFYLDES MED BLOKBOGSTAVER

Du skal kun udfylde pkt. 7, hvis I er gift eller har indgået registreret partnerskab. Hvis I ikke er gift eller har indgået registreret partnerskab, skal du gå til pkt. 8.

Efter den danske lovgivning skal vi undersøge følgende:

- Om dit ægteskab er gyldigt efter danske regler
- Om ægteskabet er indgået ved tvang
- Om ægteskabet er indgået proforma, dvs. med det afgørende formål at opnå opholdstilladelse til ansøgeren

Bemærk: Efter danske regler er ægteskaber, som er indgået ved stedfortræder (hvor begge ægtefæller ikke var til stede ved vielsen) ikke gyldige, ligesom ægteskaber indgået for en rent religiøs instans uden retlig vielseskompetence heller ikke er gyldige. Sådanne ægteskaber kan derfor ikke danne grundlag for ægtefællesammenføring.

Nedenfor stiller vi nogle spørgsmål for at belyse disse forhold. Vi stiller spørgsmålene i alle sager, og vi stiller kun spørgsmål, der kan være relevante for behandlingen af en sag om ægtefællesammenføring.

Hvor, hvornår og hvordan mødte du din ægtefælle første gang?

FA1


 UDLÆNDINGESTYRELSEN

Var det jer selv, der besluttede, at I skulle giftes? Ja Nej
 Hvis nej, hvem besluttede det så?

Hvornår blev beslutningen truffet?

Hvis I har boet sammen, inden I blev gift, bedes du oplyse hvor og i hvilke perioder

Hvis I ikke har boet sammen, inden I blev gift, bedes du oplyse, hvordan og hvor ofte du og din ægtefælle har haft kontakt

Planlagde I selv jeres bryllup? Ja Nej
 Hvis nej, hvem planlagde så jeres bryllup?

Hvor og hvornår blev I gift?

Var I begge til stede, da I blev gift? Ja Nej

Hvilken kontakt har I haft, siden I blev gift med hinanden?

Hvornår har I sidst set hinanden?

På hvilke(t) sprog taler I sammen?

8. Oplysninger om din uddannelse og beskæftigelse

UDFYLDES MED BLOKBOGSTAVER

- Grundskole
 Gymnasium
 Højere uddannelse
 Hovedbeskæftigelse

Modersmål

Sprogkunderskaber:

Anden uddannelse, anden tidligere beskæftigelse, andre kvalifikationer, specialer og lign.

Udlændingestyrelsen - Ryesgade 53 - DK 2100 København - Tlf.: +45 3530 8888 - e-mail: aegtefaelle@us.dk - www.nyidanmark.dk
 Telefonid mandag til fredag 9:00 - 15:00 - Åbningstider i Servicecentret mandag til fredag 8:30 - 12:00 torsdag tillige 15:30 - 17:30

Side 7 af 43

FA1



UDLÆNDINGESTYRELSEN

9. Tilknytning til Danmark

UDFYLDES MED BLOKBOGSTAVER

For at du kan få opholdstilladelse i Danmark, er det normalt en betingelse, at din og din ægtefælles/samlevers/partners samlede tilknytning til Danmark er væsentlig større end jeres samlede tilknytning til et andet land. For at du opfylder din del af tilknytningskravet, er det normalt en betingelse, at du har været i Danmark mindst to gange tidligere eller tidligere har haft en opholdstilladelse her i landet. Desuden skal du have gennemført et kursus i dansk på minimum A1-niveau. Du kan læse mere om kravet til din tilknytning til Danmark på www.nyidanmark.dk/familie

Har du haft minimum 2 besøg i Danmark (inkl. dit eventuelt nuværende ophold i Danmark)?

Ja Nej

Hvis ja, bedes du oplyse perioder (fra dato til dato):

Har du boet mere end 6 måneder i et andet land end hjemlandet?

Ja Nej

Hvis ja, oplys land(e) og tidsrum

Har du gennemført et kursus i dansk på minimum A1-niveau?

Ja Nej

Hvis ja, bedes du vedlægge dokumentation for gennemført dansk kursus

10. Pointsystemet

Hvis du og/eller din ægtefælle/samlever/partner er **under 24 år**, skal du normalt opnå i alt **120 point** for at kunne blive ægtefællesammenført. Hvis både du og din ægtefælle/samlever/partner er **over 24 år**, skal du opnå i alt **60 point**.

Du vil blive tildelt point efter fire kriterier:

- Erhvervs erfaring
- Sprogkendskaber
- Færdiggjort uddannelse
- Supplerende point

Under hvert af disse kriterier er der en række krav, som skal være opfyldt for at få point. Vi beder dig nedenfor om at besvare en række spørgsmål, der vedrører disse krav. De oplysninger, som du giver, vil sammen med din vedlagte dokumentation danne grundlag for tildelingen af point. Hvis du opfylder flere af kravene for inden for samme kriterium, kan du alene opnå point for opfyldelse af det krav, der giver flest point. Pointtallet i parentes under hvert krav angiver hvor mange point, du kan få tildelt, hvis du opfylder kravet. På nyidanmark.dk/familie kan du læse mere om pointsystemet. Der kan du også se en oversigt over alle pointgivende krav fordelt på de fire ovenstående kriterier.

10.1 Erhvervs erfaring

UDFYLDES MED BLOKBOGSTAVER

Du kan alene opnå point for erhvervs erfaring, hvis arbejdet har været fuld tid, og hvis arbejdet har været reelt og lovligt. Ved arbejde i udlandet er det et krav, at der efter dette lands standard er tale om fuldtidsarbejde og at løn- og ansættelsesvilkår er sædvanlige. Du bedes vedlægge dokumentation for relevant erhvervs erfaring, fx i form af ansættelseskontrakt, udtalelse fra arbejdsgiver mv.

Nedenfor bedes du bl.a. oplyse, hvorvidt du har haft et job omfattet af den såkaldte positivliste. Positivlisten er en liste over erhverv, hvor der er mangel på kvalificeret arbejdskraft i Danmark. Udlændinge, som har fået arbejde inden for et af de erhverv - fx læger eller socialrådgivere - har særlig let adgang til det danske arbejdsmarked. På nyidanmark.dk/positivlisten kan du se, hvilke erhverv der er omfattet af positivlisten.

FA1



Har du haft almindeligt fuldtidsarbejde i 2 år og 6 måneder ud af de seneste 3 år i Danmark eller i Udlandet?

Ja (40 point) Nej (0 point)

Hvis **ja**, bedes du oplyse hvilken type arbejde:

Hvis **ja**, bedes du også **vedlægge dokumentation** for relevant fuldtidsarbejde.

Har du erhvervs erfaring fra job i udlandet omfattet af positivlisten i 2 år og 6 måneder ud af de seneste 3 år?

Ja (60 point) Nej (0 point)

Hvis **ja**, bedes du oplyse hvilket job:

Hvis **ja**, bedes du også **vedlægge dokumentation** for relevant erhvervs erfaring

Har du erhvervs erfaring fra job i Danmark i mindst 2 år med opholdstilladelse efter concernordningen (udlændingelovens § 9 a, stk. 2, nr. 4) eller som specialist (udlændingelovens § 9 a, stk. 2, nr. 6)?

Ja (80 point) Nej (0 point)

Hvis **ja**, bedes du oplyse hvilket job:

Hvis **ja**, bedes du også **vedlægge dokumentation** for relevant erhvervs erfaring.

Har du haft et job i Danmark omfattet af positivlisten?

Ja (80 point) Nej (0 point)

Hvis **ja**, bedes du oplyse hvilket job:

Hvis **ja**, bedes du også **vedlægge dokumentation** for relevant erhvervs erfaring

Har du haft et job i Danmark med en årlig bruttoindkomst på mindst 375.000 kr.

Ja (80 point) Nej (0 point)

Hvis **ja**, bedes du oplyse hvilket job:

Hvis **ja**, bedes du også **vedlægge dokumentation** for bruttoindkomst.

10.2 Sprogkunderskaber

Du kan alene opnå point på baggrund af dine sprogkunderskaber, hvis du kan dokumentere at beherske sproget på et niveau svarende til den såkaldte studieprøve (C1-niveau). En oversigt over prøver, som kan godkendes som dokumentation for sprogfærdigheder på C1-niveau er tilgængelig på www.nyidanmark.dk.

Har du enten **dansk**, **svensk**- eller **norsk**kunderskaber på niveau svarende til studieprøven (C1)

Ja (50 point) Nej (0 point)

Hvis **ja**, bedes du **vedlægge dokumentation** for relevante sprogfærdigheder.

Har du enten **engelsk**-, **tysk**-, **fransk**- eller **spansk**kunderskaber på niveau svarende til studieprøven (C1)?

Ja (40 point) Nej (0 point)

Hvis **ja**, bedes du **vedlægge dokumentation** for relevante sprogfærdigheder.

FA1

10.3 Færdiggjort uddannelse

UDFYLDES MED BLOKBOGSTAVER

Du kan opnå point på baggrund af færdiggjort uddannelse. Det betyder, at uddannelsen skal være afsluttet og alle eksaminer bestået.

Nærmere oplysninger om de nævnte typer uddannelser kan du finde på hjemmesiden: www.ug.dk (UddannelsesGuiden – se under "Uddannelser").

Hvis du har færdiggjort en bacheloruddannelse, ph.d.- eller kandidatuddannelse på et universitet, der er anerkendt som værende blandt de 50 bedste i verden ifølge **QS World University Rankings**, har det betydning for tildelingen af point.

Har du færdiggjort en uddannelse i udlandet, som er på niveau med en dansk erhvervsuddannelse af mindst 2 år og 6 måneders varighed, en dansk erhvervsakademiuddannelse, en dansk professionsbacheloruddannelse eller en uddannelse ligestillet hermed?

Ja (40 point) Nej (0 point)

Hvis **ja**, bedes du oplyse hvilken uddannelse:

Hvis **ja**, bedes du også **vedlægge dokumentation** for beståede eksamener.

Har du færdiggjort en erhvervsuddannelse af mindst 2 år og 6 måneders varighed, en erhvervsakademiuddannelse, en professionsbacheloruddannelse eller en uddannelse på tilsvarende niveau i Danmark?

Ja (50 point) Nej (0 point)

Hvis **ja**, bedes du oplyse hvilken uddannelse:

Hvis **ja**, bedes du også **vedlægge dokumentation** for beståede eksamener.

Har du færdiggjort en bacheloruddannelse på et universitet i udlandet eller en uddannelse ligestillet hermed, som er på niveau med en dansk bacheloruddannelse?

Ja (50 point) Nej (0 point)

Hvis **ja**, bedes du oplyse hvilken uddannelse:

Hvis **ja**, bedes du også **vedlægge dokumentation** for beståede eksamener.

Har du færdiggjort en bacheloruddannelse på et universitet eller en uddannelse på et tilsvarende niveau i Danmark eller på et universitet, der er anerkendt som værende blandt de 50 bedste i verden ifølge QS World University Rankings?

Ja (70 point) Nej (0 point)

Hvis **ja**, bedes du oplyse hvilken uddannelse:

Hvis **ja**, bedes du også **vedlægge dokumentation** for beståede eksamener.

Har du færdiggjort en ph.d.- eller kandidatuddannelse på et universitet i udlandet, som er på niveau med en dansk ph.d.- eller kandidatuddannelse eller en uddannelse ligestillet hermed?

Ja (80 point) Nej (0 point)

Hvis **ja**, bedes du oplyse hvilken uddannelse:

Hvis **ja**, bedes du også **vedlægge dokumentation** for beståede eksamener.

Har du færdiggjort en ph.d.- eller kandidatuddannelse på et universitet eller en uddannelse på et tilsvarende niveau i Danmark eller på et universitet, der er anerkendt som værende blandt de 50 bedste i verden ifølge QS World University Rankings?

Ja (100 point) Nej (0 point)

Hvis **ja**, bedes du oplyse hvilken uddannelse:

Hvis **ja**, bedes du også **vedlægge dokumentation** for beståede eksamener.

FA1

10.4 Supplerende point

UDFYLDES MED BLOKBOGSTAVER

Du kan under dette kriterium supplere dine point med op til yderligere 20 point.

Du kan opnå supplerende point ved:

- Yderligere sprogkunderskaber
- Ikke at bosætte dig i et udsat boligområde
- Aktiv deltagelse i en global humanitær organisation
- Selvforsørgelse i hjemlandet

Bemærk: Hvis du opfylder flere af kravene for supplerende point, kan du ligesom under de øvrige kriterier alene opnå point for opfyldelse af det krav, der giver flest point.

Du kan opnå supplerende point ved at have yderligere sprogkunderskaber ud over de sprogkunderskaber, som du eventuelt har oplyst under pkt. 10.2. Du kan dog højst opnå supplerende point for ét yderligere sprog. Du kan læse mere om supplerende point for sprogkunderskaber på nyidanmark.dk/familie

Har du enten engelsk-, tysk-, fransk- eller spanskunderskaber på et niveau svarende til Prøve i Dansk 2 (B1-B2)?

Ja (20 point) Nej (0 point)

Hvis **ja**, bedes du **vedlægge dokumentation** for relevante sprogfærdigheder.

Har du danskunderskaber på et niveau svarende til Prøve i Dansk 2 (B1-B2)?

Ja (20 point) Nej (0 point)

Hvis **ja**, bedes du **vedlægge dokumentation** for relevante sprogfærdigheder.

Du kan opnå supplerende point, hvis du kan dokumentere, at du ikke vil bosætte dig i et udsat boligområde omfattet af § 51 b, stk. 3 og 4, i lov om almene boliger. Udlændingestyrelsen vil tage udgangspunkt i den adresse, som din ægtefælle/samlever/partner har angivet som sin adresse i skema 1 af ansøgningspakken. Du kan se hvilke adresser, der betragtes som et udsat boligområde på www.nyidanmark.dk/familie

Bor din ægtefælle/samlever/partner i et udsat boligområde?

Ja (0 point) Nej (20 point)

Du kan opnå supplerende point, hvis du kan dokumentere aktiv deltagelse i en global humanitær organisation i mindst 1 år. Du kan på www.icva.ch, www.interaction.org og www.ngovoice.org finde lister over de organisationer, der er omfattet af dette krav.

Har du deltaget aktivt og ulønnet i en global humanitær organisation i mindst 1 år?

Ja (10 point) Nej (0 point)

Hvis **ja**, bedes du oplyse hvilken organisation:

Hvis **ja**, bedes du **vedlægge dokumentation** for deltagelse.

Du kan opnå supplerende point, hvis du har været selvforsørgende i hjemlandet (kan dog ikke kombineres med point for erhvervsfering). Du bedes oplyse, hvorvidt du har været selvforsørgende i hjemlandet. Ved selvforsørgende skal forstås at du ikke i hjemlandet har modtaget offentlig hjælp til forsørgelse i en vis periode forud for indgivelsen af ansøgningen om opholdstilladelse. Derimod vil det ikke være til hinder for opfyldelse af betingelsen, at du er blevet forsørgt af en anden person, f.eks. din ægtefælle. Du vil således kunne anses for at have været selvforsørgende i hjemlandet, uanset at du ikke har været i beskæftigelse i hjemlandet.

Har du været selvforsørgende i dit hjemland/tidligere opholdsland?

Ja (10 point) Nej (0 point)

11. Indvandringsprøven

UDFYLDES MED BLOKBOGSTAVER

Hvis Udlændingestyrelsen finder, at du og din ægtefælle/partner lever op til alle de grundlæggende krav til ægtefællesammenføring, vil du skulle bestå **indvandringsprøven**. Indvandringsprøven er en mundtlig prøve, hvor man på dansk skal besvare en række spørgsmål.

Udlændingestyrelsen - Rymsgade 53 - DK 2100 København - Tlf.: +45 3530 8888 - e-mail: aegtefaelle@us.dk - www.nyidanmark.dk
Telefontid mandag til fredag 9:00 - 15:00 - Åbningstider i Servicecentret mandag til fredag 8:30 - 12:00 torsdag tillige 15:30 - 17:30

FA1



UDLÆNDINGESTYRELSEN

Hvis du har haft opholdstilladelse i Danmark i mindst fem år på et andet grundlag og kan dokumentere, at du har danskuddannelse svarende til Prøve i Dansk 2 eller et højere niveau, skal du ikke bestå indvandringsprøven som betingelse for at blive ægtefællesammenført. Danskuddannelse svarende til Prøve i Dansk 2 opfylder danskprøvekravet i forbindelse med tidsubegrænset (permanent) opholdstilladelse og overstiger således niveauet i indvandringsprøven. Du kan på www.nyidanmark.dk se en oversigt over hvilke sprogprøver, der svarer til Prøve i Dansk 2.

Har du danskuddannelse svarende til Prøve i Dansk 2 eller et højere niveau?

Ja Nej

Hvis ja, bedes du vedlægge dokumentation herfor.

Hvis du har særlige handicaps, som forhindrer dig i at gennemføre prøven (eksempelvis syns- eller hørehandicap), kan du anføre det her. **Husk at vedlægge dokumentation i form af lægeerklæring.**

1.2. Erklæring efter udlændingeloven (§ 9, stk. 2) om aktiv deltagelse i dansklæring og integration i det danske samfund

Denne erklæring har til formål at fremhæve betydningen af et godt kendskab til det danske sprog, dansk kultur og danske samfundsforhold, når man som udlænding tager bopæl i Danmark. Erklæringen er udformet med sigte på de tilfælde, hvor ansøgeren ikke på forhånd har kendskab til eller særlige forudsætninger for at kende dansk sprog, kultur og samfundsforhold.

Jeg erklærer, at jeg efter bedste evne vil deltage aktivt i min egen og mine eventuelle børns danskuddannelse og integration i det danske samfund. Jeg erklærer derfor følgende:

- Jeg vil arbejde for at blive selvforsørgende gennem beskæftigelse
- Jeg vil arbejde for at lære det danske sprog
- Jeg vil arbejde for at tilegne mig en forståelse for det danske samfunds grundlæggende værdier og normer
- Jeg vil deltage aktivt i samfundslivet
- Jeg vil deltage aktivt i det integrationsprogram, jeg bliver tilbudt
- Jeg vil arbejde for mine børns integration ved – i samarbejde med daginstitutioner, skoler m.v. – at sikre, at børnene så tidligt som muligt tilegner sig det danske sprog, og at de vejledes om at tage ansvar for egen læring
- Jeg er klar over, at det som udgangspunkt er en betingelse for opnåelse af tidsubegrænset opholdstilladelse og indfødsret i Danmark, at jeg består en danskprøve
- Jeg er klar over, at den økonomiske sikkerhed (102.900 kr. i 2012-niveau), som min ægtefælle/samlever/partner som udgangspunkt skal stille i forbindelse med min sag om opholdstilladelse i Danmark, efter anmodning nedskrives med halvdelen, når jeg har bestået min afsluttende danskprøve eller modtaget bevis for aktiv deltagelse ved afslutningen af danskuddannelsen
- Jeg er klar over, at der i Danmark gælder principper om, at der skal være respekt og udfoldelsesmuligheder for både piger og drenge, at man skal lytte til børnene, og at man ikke må afstraffe børn fysisk. Endvidere er jeg klar over, at der i skolerne gælder principper om eleveres og forældres medbestemmelse og samarbejde mellem forældre og skole

FA1

13. Øvrige erklæringer

A. Erklæring på tro og love om, at de oplysninger, jeg har givet, er korrekte

[ErAn1]

Jeg erklærer på tro og love, at jeg har givet sande og fuldstændige oplysninger i dette ansøgningsskema.

- Hvis det senere viser sig, at oplysningerne ikke var sande og fuldstændige, kan det have følgende konsekvenser:
- Jeg kan blive straffet med bøde eller fængsel i indtil 2 år (straffelovens § 161, jf. udlændingelovens § 40).
 - Jeg kan blive dømt til at erstatte de udgifter, som den danske stat har haft på grund af de falske oplysninger (udlændingelovens § 40).
 - Min opholdstilladelse kan blive inddraget (udlændingelovens § 19).

B. Erklæring om samtykke til, at myndighederne skaffer de nødvendige oplysninger

[ErAn2]

Jeg giver samtykke til, at de danske udlændingemyndigheder kan videregive og indhente oplysninger om mine private forhold, hvis det er nødvendigt for at kunne behandle denne ansøgning (forvaltningslovens §§ 28-29). Oplysningerne kan videregives til og indhentes fra andre danske eller udenlandske myndigheder, herunder politimyndigheder.

Det gælder fx oplysninger om:

- Evt. straffesager mod mig.
- Min familie.
- De dokumenter, som jeg har vedlagt min ansøgning, herunder oplysninger om dokumenternes ægthed.

Jeg giver desuden samtykke til, at myndigheder, som til brug for behandlingen af min ansøgning hører af Udlændingestyrelsen, kan indhente oplysninger om mine private forhold til brug for besvarelsen af høringen.

C. Information om, at myndighederne kan give oplysninger om dig videre til de danske efterretningstjenester og til den danske anklagemyndighed

[InAn1]

De oplysninger og dokumenter, som du har givet i forbindelse med din ansøgning, kan blive videregivet til de danske efterretningstjenester og til den danske anklagemyndighed (udlændingelovens § 45 a og § 45 c). Dette kan ske på udlændingemyndighedernes initiativ eller på initiativ fra efterretningstjenesterne eller anklagemyndigheden.

Anklagemyndigheden vil kunne benytte disse oplysninger til at vurdere, om der er grundlag for at rejse tiltale mod dig for forbrydelser begået i eller uden for Danmark, til at identificere ofre eller vidner til en konkret forbrydelse, eller til at bistå udenlandsk politi.

D. Information om, at nogle oplysninger også vil blive givet til de lokale danske myndigheder

[InAn2]

De danske udlændingemyndigheder giver visse oplysninger videre til den kommune, som du kommer til at bo i, hvis du får opholdstilladelse eller meddeles registreringsbevis eller opholdskort i medfør af EU-reglerne (udlændingelovens § 44 a).

Kommunen vil endvidere blive informeret, hvis

- din opholdstilladelse senere nægtes forlænget eller bliver inddraget,
- det senere konstateres, at din opholdstilladelse er bortfaldet, eller
- din opholdstilladelse bliver gjort tidsbegrænset.

Endelig vil den kommune, som du kommer til at bo i, have adgang til nogle af de oplysninger, der er registreret om dig i Udlændingestyrelsens registre, såfremt det er nødvendigt for varetagelsen af kommunens opgaver.

Kommunen vil have adgang til oplysninger af betydning for dens sagsbehandling, herunder blandt andet

- Oplysninger om nuværende og eventuelt tidligere opholdsgrundlag.
- Oplysninger om sagsforløb, herunder dato for ansøgningens indgivelse, ansøgningstype, om en afgørelse er blevet påklaget m.m.
- Oplysninger om danskuddannelsesforløb.
- Oplysninger om dine tidligere bopælskommuner.

Andre relevante myndigheder eller organisationer, herunder blandt andet politiet, statsforvaltningerne, SKAT og sprogcentre, har adgang til tilsvarende oplysninger.

E. Information om, at de danske myndigheder har registreret oplysninger om dig og dine forhold

[InAn3]

De oplysninger, som du giver eller har givet i forbindelse med din ansøgning om opholdstilladelse, vil blive registreret i Udlændingestyrelsens registre. Det samme gælder oplysninger, som du senere giver i forbindelse med ansøgninger om fortsat ophold i Danmark.

Det vil blive registreret i Det Centrale Personregister, hvis du får opholdstilladelse. Det Centrale Personregister er et edb-register, som det danske Økonomi- og Indenrigsministerium er ansvarligt for.

Oplysningerne i Udlændingestyrelsens registre og Det Centrale Personregister vil blive brugt i forbindelse med behandling af spørgsmål vedrørende dit ophold i Danmark (persondatalovens §§ 6-8). Statsforvaltningerne (sagsoplysning), politiet (sagsoplysning eller kontrol) samt Justitsministeriet (klagebehandling) vil have adgang til de oplysninger, der er registreret i Udlændingestyrelsens registre og Det Centrale Personregister om dig.

Udlændingestyrelsen - Rymsgade 53 - DK 2100 København - Tlf.: +45 3530 8888 - e-mail: aegtefaelle@us.dk - www.nyidanmark.dk
Telefontid mandag til fredag 9:00 - 15:00 - Åbningstider i Servicecentret mandag til fredag 8:30 - 12:00 torsdag tillige 15:30 - 17:30

FA1



UDLÆNDINGESTYRELSEN

Du har pligt til at meddele de oplysninger, som er nødvendige til bedømmelse af, om du kan få opholdstilladelse i Danmark (udlændingelovens § 40). Hvis du ikke meddeler disse oplysninger, risikerer du at blive straffet med bøde eller fængsel i indtil 1 år, og du risikerer, at du ikke får opholdstilladelse (udlændingelovens § 60). Du har ret til at få indsigt i de oplysninger, der registreres om dig i Udlændingestyrelsens registre og Det Centrale Personregister. Henvendelse herom kan ske til Udlændingestyrelsen, Rymsgade 53, 2100 København Ø.

F. Information om, at rigtigheden af dine oplysninger kan blive kontrolleret

[InAn4]

Rigtigheden af de oplysninger, som du har givet i forbindelse med din ansøgning, kan blive kontrolleret af Udlændingestyrelsen. Det kan både ske under selve behandlingen af din ansøgning og senere, når du eventuelt har fået en tilladelse. Hvis du har fået en tilladelse, og Udlændingestyrelsen finder, at du ikke længere opfylder betingelserne for din opholdstilladelse, kan din tilladelse blive inddraget. Din sag kan blive udtaget til kontrol, selv om der ikke er noget konkret, der tyder på, at dine oplysninger er urigtige, eller at du ikke længere opfylder betingelserne for din tilladelse.

Kontrollen kan foregå på følgende måder:

- Opslag i registre, fx Det Centrale Personregister.
- Samkøring af oplysninger i Udlændingestyrelsens registre, fx udlændingeregistret, med oplysninger fra Det Centrale Personregister (CPR), Bygnings- og Boligregistret (BBR) og indkomstregistret.
- Henvendelse til andre myndigheder, fx kommuner.
- Henvendelse til tredje part, fx arbejdsgiver eller studie- eller arbejdssted.
- Personlig henvendelse på bopæl, studie- eller arbejdssted.

Du kan i forbindelse med kontrollen blive bedt om at indsende yderligere oplysninger.

G. Information om eventuelle konsekvenser, hvis du indgiver ansøgning om opholdstilladelse, mens du opholder dig i Danmark på visum

[InAn5]

Hvis du opholder dig i Danmark på et visum, og du indgiver en ansøgning om opholdstilladelse her i landet, skal du være opmærksom på, at det kan have følgende konsekvenser:

- Du kan ikke få visum til Danmark i en periode på 5 år (udlændingelovens § 4 c).
- Hvis en person i Danmark har stillet en økonomisk garanti for dit visum, kan Udlændingestyrelsen inddrive garantien. Det betyder, at statskassen får pengene (udlændingelovens § 4).

Der er dog en række tilfælde, hvor du kan indgive ansøgning om opholdstilladelse, mens du opholder dig i Danmark på visum, uden at du udelukkes fra at få visum i 5 år, og uden at garantien bliver inddrevet. Det drejer sig om følgende tilfælde:

- Hvis du som barn under 15 år eller ægtefælle ansøger om **familiesammenføring**.
- Hvis du ansøger om opholdstilladelse på baggrund af **studier**.
- Hvis du ansøger om opholdstilladelse på baggrund af **fribyordningen**.
- Hvis du ansøger om opholdstilladelse på baggrund af **beskæftigelse**, og du **opfylder kravene** for at få en opholdstilladelse.
- Hvis **humanitære hensyn** taler afgørende imod, at du udelukkes fra at få visum i 5 år eller imod, at garantien bliver inddrevet.

Disse undtagelser forudsætter dog, at dit formål med at indgive ansøgningen er reelt.

14. Underskrift

Jeg søger om ægtefællesammenføring i Danmark og **bekræfter ved min underskrift at have læst, forstået og accepteret indholdet af pkt. 12 & 13.**

Dato og sted

Underskrift

FA1



Har du husket det hele?

Hvis din ansøgning om ægtefællesammenføring er udfyldt korrekt og vedlagt de nødvendige dokumenter, kan Udlændingestyrelsen love et svar inden for et bestemt tidsrum. På www.nyidanmark.dk kan du se sagsbehandlingstider for ægtefællesammenføring.

Er din ansøgning ikke korrekt udfyldt eller mangler der dokumenter, risikerer du ifølge den danske udlændingelov, at din ansøgning bliver afvist. Det er derfor meget vigtigt, at du, inden du indgiver skemaet, kontrollerer, at skemaet er udfyldt korrekt og vedlagt de nødvendige dokumenter.

Vi anbefaler, at du bruger tjeklisten herunder, inden du indgiver din ansøgning.

Tjekliste

Inden du indgiver din ansøgning, er det meget vigtigt, at du har vedlagt følgende (sæt gerne kryds):

- Dokumentation for gebyrbetaling, fx i form af kvittering fra overførsel via netbank eller kvittering fra bank eller posthus.
- Kopi af dit pas (alle sider inklusiv forside) eller kopi af id-kort (kun EU-statsborgere).
- 3 stk. pasfoto. Det ene pasfoto påklisteres stamkort til opholdskort i bilag 1.
- Vielsesattest/partnerskabsattest i kopi med autoriseret oversættelse til enten dansk eller engelsk.
- Dokumentation for samliv. Skal kun vedlægges, hvis I hverken er gift eller har indgået partnerskab. Denne dokumentation kan fx være lejekontrakt, hvor I begge er anført som lejere, breve modtaget på samme adresse, erklæringer fra udlejere, arbejdsgivere, m.v.
- Dokumentation for gennemført dansk kursus.
- Dokumentation for opfyldelse af pointkravet, fx dokumentation for relevant erhvervs erfaring, sprogkundskaber, færdiggjort uddannelse mv.

Det er også vigtigt, at du har

- besvaret alle spørgsmålene,
- underskrevet og dateret ansøgningen,
- underskrevet og dateret samlivserklæringen sammen med din ægtefælle (bilag 1, skema 2). Skal kun vedlægges den samlede ansøgning, hvis du allerede er i Danmark, og har
- udfyldt og underskrevet stamkort til opholdskort i bilag 1.

Husk at medbringe dit originale pas eller id-kort (kun EU-statsborgere), når du indgiver ansøgningen.

FA1

Bilag 1: Stamkort til opholdskort

Udlændinge, som får en opholdstilladelse i Danmark, vil normalt få udstedt et opholdskort. Stamkortet i dette bilag bruges til at udstede opholdskortet. Det er derfor vigtigt, at stamkortet udfyldes i overensstemmelse med nedenstående vejledning. Det udfyldte stamkort skal indgives sammen med ansøgningen - brug venligst stamkortet som **forside** til ansøgningen.

Du (ansøger) bedes gøre følgende:

- Oplyse dit udlændingenummer/Person ID, såfremt du har et sådant.
- Oplyse dit fulde navn og fødselsdato. Du bedes skrive dit navn med blokbogstaver.
- Underskrive stamkortet med **sort pen**. Underskriften skal holdes **inden for** det markerede felt.
- Påklistre dit ansigtsfoto i feltet til foto. Vær opmærksom på, at der gælder de samme krav til dette foto, som der gælder til et pasfoto. Se krav til pasfoto på www.politi.dk.

Stamkort til opholdskort

Udlændingenummer/Person ID (såfremt et sådant haves)

Navn

Fødselsdato

Underskrift

Bemærk: Underskriften skal skrives med **sort pen** og holdes **inden for** det markerede felt.

Udfyldes af myndighederne

Person ID:

Stamkortnr.:

Udlændingestyrelsen
Ryesgade 53
2100 København Ø

Krav til foto:

1. Klip evt. hvide kanter af fotoet.
2. Fotostørrelse 35mm x 45mm.
3. Hovedet mellem 30-36mm fra hagespids til hårtop.
4. Fotoet skal være taget forfra og egnet til indscanning.

FA1


 UDLÆNDINGESTYRELSEN

 Pasfoto
3,5 x 4,5 cm

 Pasfoto
3,5 x 4,5 cm

Forbeholdt myndighederne: Bemærkninger og fremsendelsespåtegninger

 Navne og pasoplysninger er i overensstemmelse med forevist legitimation

Der vedlægges:

 Kopi af pas, id-kort (kun EU-statsborgere), eller anden rejselegitimation

 Vielsesattest/partnerskabsattest

 Dokumentation for samliv

 3 stk. foto (det ene pasfoto påklippet stamkortet i bilag 1)

 Andet

Tilmeldt CPR (dato)

Hvem har indgivet ansøgningen?

 Ansøger

 Referencen

 Anden, oplys hvem: _____

Bemærkninger

HUSK OGSÅ AT UDFYLDE NAVN OG DATO FOR MODTAGELSE PÅ SIDE 2

 Udlændingestyrelsen - Rymsgade 53 - DK 2100 København - Tlf.: +45 3530 8888 - e-mail: aegtefaelle@us.dk - www.nyidanmark.dk
 Telefonetid mandag til fredag 9:00 - 15:00 - Åbningstider i Servicecentret mandag til fredag 8:30 - 12:00 torsdag tillige 15:30 - 17:30

Side 17 af 43

FA1



SKEMA 2 (FA1b)

Oplysningsskema til ansøgers ægtefælle i Danmark
- Oplysninger om ægtefælle, samlever eller registreret partner til en udlænding, som søger om opholdstilladelse i Danmark (ægtefællesammenføring)

FA1b_da_010112

Sådan gør du

For at søge om ægtefællesammenføring skal ægtefællerne udfylde hvert sit skema. Nedenfor forklarer vi, hvad du, der allerede **har** ret til at bo i Danmark (ansøgers ægtefælle i Danmark), bedes gøre. Du bedes gøre følgende:

1. Udfylde og underskrive dette skema. Følg anvisningerne i skemaet
2. Vedlægge nødvendige dokumenter
3. Indgive dette skema (skema 2) til Udlændingestyrelsen. Hvis din ægtefælle (ansøger) allerede er i Danmark, bør dette skema (skema 2) indgives i forbindelse med ansøgningen (skema 1) til Servicecenteret i Udlændingestyrelsen eller til det lokale politi

Hvilke dokumenter bedes du vedlægge?

Du bedes vedlægge følgende dokumenter sammen med skema 2:

- Udtalelse fra din kommune om, at du i de seneste 3 år ikke har modtaget offentlig hjælp (bilag 1). Bemærk: Du skal selv indhente udtalelsen fra din kommune. Såfremt du de seneste 3 år har boet i flere forskellige kommuner, skal du indhente udtalelse fra alle kommunerne.
- Samlivserklæring (bilag 2). Skal kun vedlægges, hvis din ægtefælle er i Danmark.
- Erklæring om, at du vil forsørge ansøgeren (bilag 3). Vedlægges kun, hvis I ikke er gift/har indgået registreret partnerskab.
- Dokumentation for, at du opfylder de gældende regler for tidsubegrænset (permanent) opholdstilladelse.
- Øvrige dokumenter. Hvilke fremgår af skemaet.

Hvis I vil have hurtigt svar

Din ægtefælles ansøgning kan blive behandlet i den såkaldte selvbetjeningsprocedure med en særlig hurtig sagsbehandling, hvis

- du og din ægtefælle udfylder hhv. skema 2 og skema 1 korrekt og vedlægger de nødvendige dokumenter,
- ansøgningen umiddelbart giver indtryk af, at de almindelige betingelser for ægtefællesammenføring er opfyldt, og
- du indgiver dette skema (skema 2) senest 14 dage efter, at din ægtefælle har indgivet skema 1 til en dansk repræsentation i udlandet. Hvis din ægtefælle indgiver sin ansøgning i Danmark, bør du indgive dette skema (skema 2) i forbindelse med ansøgningen (skema 1).

Mangler der dokumenter eller oplysninger, kan jeres ansøgning blive afvist

Udlændingestyrelsen kan afvise en ansøgning, hvis den ikke indeholder de nødvendige oplysninger eller dokumenter. Husk derfor at **benytte tjeklisten bagest i skemaet**, inden ansøgningen indgives.

Hvis du vil vide mere

Du kan få flere oplysninger om reglerne for ægtefællesammenføring på www.nyidanmark.dk/familie. Der kan du også få yderligere information om sagsbehandlingstider mv. Hvis du er i tvivl, kan du altid kontakte Udlændingestyrelsen – skriftligt, telefonisk eller personligt – og få vejledning om reglerne og om, hvordan du udfylder skemaerne (se kontaktoplysninger nederst på siden).

Oplysninger om dig, der allerede bor i Danmark og ønsker din ægtefælle/samlever/partner hertil

UDFYLDES MED BLOKBOGSTAVER

Efternavn	Evt. tidligere efternavn
Fornavn(e)	
Nationalitet	Evt. tidligere nationalitet
CPR-nr.	Køn <input type="checkbox"/> Mand <input type="checkbox"/> Kvinde
Fødested (by)	Evt. Udl.nr.
Telefonnr.	Fødeland
	E-mail-adresse

Udlændingestyrelsen - Rymsgade 53 - DK 2100 København - Tlf.: +45 3530 8888 - e-mail: aegtefaelle@us.dk - www.nyidanmark.dk
Telefontid mandag til fredag 9:00 - 15:00 - Åbningstider i Servicecentret mandag til fredag 8:30 - 12:00 torsdag til lige 15:30 - 17:30

Side 18 af 43

FA1


 UDLÆNDINGESTYRELSEN

Oplysninger om din ægtefælle/samlever/partner, der søger om opholdstilladelse

UDFYLDES MED BLOKBOGSTAVER

Efternavn	Fornavn(e)		
Fødselsdato (dag, måned, år)	Køn <input type="checkbox"/> Mand <input type="checkbox"/> Kvinde	Fødested (by)	
Fødeland	Nationalitet		
Evt. CPR-nr.	Evt. Udl.nr./Person ID		
Har din ægtefælle barn/børn fra tidligere forhold, som også søger om opholdstilladelse i Danmark? <input type="checkbox"/> Ja <input type="checkbox"/> Nej			
Hvis ja, bedes du udfylde bilag 4.			

1. Om ægteskabet/partnerskabet

UDFYLDES MED BLOKBOGSTAVER

Du skal kun udfylde pkt. 1, hvis I er gift eller har indgået registreret partnerskab. Hvis I ikke er gift eller har indgået registreret partnerskab, skal du gå til pkt. 2.

Efter den danske lovgivning skal vi undersøge følgende:

- Om dit ægteskab er gyldigt efter danske regler
- Om ægteskabet er indgået ved tvang
- Om ægteskabet er indgået proforma, dvs. med det afgørende formål at opnå opholdstilladelse til ansøgeren

Bemærk: Efter danske regler er ægteskaber, som er indgået ved stedfortræder (hvor begge ægtefæller ikke var til stede ved vielsen) ikke gyldige, ligesom ægteskaber indgået for en rent religiøs instans uden retlig vielseskompetence heller ikke er gyldige. Sådanne ægteskaber kan derfor ikke danne grundlag for ægtefællesammenføring.

Nedenfor stiller vi nogle spørgsmål for at belyse disse forhold. Vi stiller spørgsmålene i alle sager, og vi stiller kun spørgsmål, der kan være relevante for behandlingen af en sag om ægtefællesammenføring.

Hvor, hvornår og hvordan mødte du din ægtefælle første gang?

Var det jer selv, der besluttede, at I skulle giftes? Ja Nej

Hvis nej, hvem besluttede det så?

Hvornår blev beslutningen truffet?

Hvis I har boet sammen, inden I blev gift, bedes du oplyse hvor og i hvilke perioder

Hvis I ikke har boet sammen, inden I blev gift, bedes du oplyse, hvordan og hvor ofte du og din ægtefælle har haft kontakt

Planlagde I selv jeres bryllup? Ja Nej

Hvis nej, hvem planlagde så jeres bryllup?

Hvor og hvornår blev I gift?

Udlændingestyrelsen - Ryesgade 53 - DK 2100 København - Tlf.: +45 3530 8888 - e-mail: aegtefaelle@us.dk - www.nyidanmark.dk
Telefontid mandag til fredag 9:00 - 15:00 - Åbningstider i Servicecentret mandag til fredag 8:30 - 12:00 torsdag tillige 15:30 - 17:30

Side 19 af 43

FA1



UDLÆNDINGESTYRELSEN

Var I begge til stede, da I blev gift? Ja Nej

Hvilken kontakt har I haft, siden I blev gift?

Hvornår har I sidst set hinanden?

På hvilke(t) sprog taler I sammen?

Ifølge dansk lov kan Udlændingestyrelsen normalt ikke give tilladelse til ægtefællesammenføring, hvis det må anses for tvivlsomt, at ægteskabet er indgået efter begge ægtefællers eget ønske.

Hvis du og din ægtefælle er nærmere beslægtet, vil Udlændingestyrelsen anse det for tvivlsomt, at ægteskabet er indgået efter jeres begge ønske, medmindre særlige grunde taler imod en sådan formodning. Du kan nedenfor anføre eventuelle grunde, som du mener, taler i mod den formodning, at jeres ægteskab ikke er indgået efter jeres begge ønske.

Er du og din ægtefælle beslægtede i bedsteforældres ret op- og nedstigende linie eller i bedsteforældres søskendes ret op- og nedstigende linie (Gruppen omfatter bl.a. bedsteforældrenes børn (onkler og tanter), bedsteforældrenes børnebørn (fætre og kusiner), bedsteforældrenes oldebørn (fætre og kusiners børn), bedsteforældrenes søskendes børn (forældres fætre og kusiner) og bedsteforældrenes søskendes børnebørn (næst-søskendebørn)), eller via stedforældre eller deres slægtninge?

Ja Nej

Hvis ja, bedes du oplyse, hvordan du og din ægtefælle er beslægtet med hinanden

Hvis ja, bedes du oplyse eventuelle grunde, som du mener, taler imod den formodning, at jeres ægteskab ikke er indgået efter jeres begge ønske

2. Tidligere ægtefæller

UDFYLDES MED BLOKBOGSTAVER

Hvis du har været gift før, bedes du oplyse følgende om dine tidligere ægtefæller:

	Fornavn(e) og efternavn	Fødselsdato (dag, måned, år)	Nationalitet	Dato for indgåelse og afslutning af ægteskab (dag, måned, år)
1.				
2.				
3.				

3. Oplysninger om dine familieforhold

UDFYLDES MED BLOKBOGSTAVER

Har du forældre eller søskende, der tidligere er blevet ægtefællesammenført til Danmark? Ja Nej

Hvis ja, bedes du oplyse hvem (fornavn(e) og efternavn)

Har du forældre i hjemlandet? Ja Nej

Har du søskende i hjemlandet? Ja Nej

FA1



UDLÆNDINGESTYRELSEN
4. Samliv

UDFYLDES MED BLOKBOGSTAVER

Du skal kun udfylde pkt. 4, hvis I **ikke** er gift eller har indgået registreret partnerskab. Hvis I er gift eller har indgået registreret partnerskab, skal du gå til pkt. 5.

Du og din samlever har mulighed for at få ægtefællesammenføring, selv om I ikke er gift/registrerede partnere, men det er normalt en forudsætning, at I har boet sammen ca. 1½ år eller længere, og at samlivet kan dokumenteres.

Du bedes oplyse, hvor og hvornår du har boet sammen med ansøgeren. **Dokumentation for samliv skal vedlægges.**

Adresse (Gade/vej, nr, postnr., by)	Periode (fra dato - til dato)
	—
	—
	—
	—

Ifølge dansk lov kan Udlændingestyrelsen normalt ikke give tilladelse til ægtefællesammenføring, hvis det må anses for tvivlsomt, at samlivsforholdet er etableret efter begge parter eget ønske.

Hvis du og din samlever er nærmere beslægtet, vil Udlændingestyrelsen anse det for tvivlsomt, at samlivsforholdet er etableret efter jeres begge ønske, medmindre særlige grunde taler imod en sådan formodning. Du kan nedenfor anføre eventuelle grunde, som du mener, taler i mod den formodning, at jeres samlivsforhold ikke er etableret efter jeres begge ønske.

Er du og din samlever beslægtede i bedsteforældres ret op- og nedstigende linie eller i bedsteforældres søskendes ret op- og nedstigende linie? (Gruppen omfatter bl.a. bedsteforældrenes børn (onkler og tanter), bedsteforældrenes børnebørn (fætre og kusiner), bedsteforældrenes oldebørn (fætre og kusiners børn), bedsteforældrenes søskendes børn (forældres fætre og kusiner) og bedsteforældrenes søskendes børnebørn (næst-søskendebørn)), eller via stedforældre eller deres slægtninge.

Ja Nej

Hvis ja, bedes du oplyse, hvordan du og din samlever er beslægtet med hinanden

Hvis ja, bedes du oplyse eventuelle grunde, som du mener, taler imod den formodning, at jeres ægteskab/samlivsforhold ikke er indgået efter jeres begge ønske

5. Fællesbørn i Danmark

UDFYLDES MED BLOKBOGSTAVER

Har du og din ægtefælle **fællesbørn** under 18 år i Danmark? Ja Nej

Hvis ja, bedes du oplyse følgende:

Fornavn(e) og efternavn	CPR-nr.	Nationalitet

FA1



UDLÆNDINGESTYRELSEN

6. Særbørn i Danmark

UDFYLDES MED BLOKBOGSTAVER

Nedenfor stiller vi nogle spørgsmål om dine eventuelle børn fra tidligere forhold (særbørn). Vi stiller spørgsmålene om eventuelle særbørn, så vi kan vurdere, om vi på den baggrund kan fravige nogle af betingelserne for ægtefællesammenføring, fx kravet om økonomisk sikkerhedsstillelse.

Hvis du har særbørn, skal du være opmærksom på, at vi eventuelt vil kontakte dine særbørns far/mor for at få bekræftet dine oplysninger.

Hvis du ønsker, at Udlændingestyrelsen under behandlingen af sagen **ikke** skal lægge vægt på, at du har særbørn, kan du angive dette nedenfor. Hvis du angiver dette, vil det heller ikke være nødvendigt at kontakte dine særbørns far/mor. Du skal dog være opmærksom på, at det vil have den konsekvens, at vi **ikke kan fravige nogle af betingelserne på baggrund af dine særbørn**, og at alle betingelserne for ægtefællesammenføring derfor som udgangspunkt vil blive stillet. Der vil fx blive stillet krav om, at jeres tilknytning til Danmark er større end til et andet land, at du ikke har modtaget offentlig hjælp, at du har en bolig af rimelig størrelse, og at du stiller en økonomisk sikkerhed for din ægtefælle.

Har du **særbørn i Danmark under 18 år**? Ja Nej

Jeg ønsker **ikke**, at Udlændingestyrelsen under behandlingen af sagen skal lægge vægt på, at jeg har særbørn. Jeg er indforstået med, at mit ønske har den konsekvens, at alle betingelserne for ægtefællesammenføring som udgangspunkt vil blive stillet.

Hvis du ønsker, at Udlændingestyrelsen under behandlingen af sagen skal lægge vægt på, at du har særbørn, skal du under pkt. 6.A give samtykke til, at Udlændingestyrelsen kan videregive oplysninger om, at du er involveret i en ansøgning om opholdstilladelse. Du giver samtykke hertil ved at underskrive samtykkeerklæring. Desuden bedes du udfylde pkt. 6.B med oplysninger om hvert af særbørnene.

6.A Samtykkeerklæring til videregivelse af oplysninger

Jeg giver herved samtykke til, at Udlændingestyrelsen kan videregive oplysninger til mine herboende børns anden forælder, der bor i Danmark, om at jeg er involveret i en ansøgning om opholdstilladelse.

Dato og sted

Underskrift

6.B Oplysninger om særbørn

BARN 1:

Fornavn(e) og efternavn

CPR-nr.

Nationalitet

Har du forældremyndigheden over barnet? Ja Nej

Bor barnet hos dig?

 Ja NejGår barnet/har barnet gået i børnehave eller i skole i Danmark? Ja Nej

Hvor mange dage opholder barnet sig hos hver af forældrene i løbet af en normal 4-ugers-periode (28 dage)?

_____ dage hos **far** - du bedes oplyse ugedage

_____ dage hos **mor** - du bedes oplyse ugedage

Er samværet regelmæssigt?

 Ja Nej

Er der samvær i weekenderne?

 Ja NejOvernatter barnet hos begge forældre? Ja Nej

Hvor mange nætter overnatter barnet hos hver af forældrene i løbet af en normal 4-ugers-periode (28 dage)?

_____ nætter hos **far** - du bedes oplyse ugedage

_____ nætter hos **mor** - du bedes oplyse ugedage

Er der samvær i ferier/på helligdage? Ja Nej

Hvis ja, bedes du oplyse omfang og perioder _____

FA1



UDLÆNDINGESTYRELSEN

BARN 2:

Fornavn(e) og efternavn _____ CPR-nr. _____ Nationalitet _____

Har du forældremyndigheden over barnet? Ja Nej Bor barnet hos dig? Ja Nej Går barnet/har barnet gået i børnehave eller i skole i Danmark? Ja Nej

Hvor mange dage opholder barnet sig hos hver af forældrene i løbet af en normal 4-ugers-periode (28 dage)?
 _____ dage hos **far** - du bedes oplyse ugedage _____
 _____ dage hos **mor** - du bedes oplyse ugedage _____

Er samværet regelmæssigt? Ja Nej Er der samvær i weekenderne? Ja Nej Overnatter barnet hos begge forældre? Ja Nej

Hvor mange nætter overnatter barnet hos hver af forældrene i løbet af en normal 4-ugers-periode (28 dage)?
 _____ nætter hos **far** - du bedes oplyse ugedage _____
 _____ nætter hos **mor** - du bedes oplyse ugedage _____

Er der samvær i ferier/på helligdage? Ja Nej
 Hvis ja, bedes du oplyse omfang og perioder _____

BARN 3:

Fornavn(e) og efternavn _____ CPR-nr. _____ Nationalitet _____

Har du forældremyndigheden over barnet? Ja Nej Bor barnet hos dig? Ja Nej Går barnet/har barnet gået i børnehave eller i skole i Danmark? Ja Nej

Hvor mange dage opholder barnet sig hos hver af forældrene i løbet af en normal 4-ugers-periode (28 dage)?
 _____ dage hos **far** - du bedes oplyse ugedage _____
 _____ dage hos **mor** - du bedes oplyse ugedage _____

Er samværet regelmæssigt? Ja Nej Er der samvær i weekenderne? Ja Nej Overnatter barnet hos begge forældre? Ja Nej

Hvor mange nætter overnatter barnet hos hver af forældrene i løbet af en normal 4-ugers-periode (28 dage)?
 _____ nætter hos **far** - du bedes oplyse ugedage _____
 _____ nætter hos **mor** - du bedes oplyse ugedage _____

Er der samvær i ferier/på helligdage? Ja Nej
 Hvis ja, bedes du oplyse omfang og perioder _____

Om pkt. 7.A-B, 8 og 9

Du og din ægtefælle/samlever/partner skal normalt opfylde en række betingelser for, at din ægtefælle/samlever/partner kan få opholdstilladelse. Det kan fx være krav om, at jeres tilknytning til Danmark er større end til et andet land, at du ikke har modtaget offentlig hjælp, at du har en bolig af rimelig størrelse, og at du stiller en økonomisk sikkerhed for din ægtefælle. I pkt. 7.A-B, 8 og 9 stiller vi en række spørgsmål for at undersøge dette.

Udlændingestyrelsen kan i visse tilfælde se bort fra disse krav, hvis fx

- du har **forældremyndighed** over eller **samværsret** med børn under 18 år, der bor i Danmark. Vi kræver dog, at samværet faktisk finder sted, og at det har et vist omfang, eller
- du har opholdstilladelse i Danmark som **flygtning**, og vi vurderer, at du og din ægtefælle/partner/samlever ikke kan henvises til at leve som familie i et andet land.

Hvis du er beskæftiget inden for et erhverv, der er omfattet af **Positivlisten**, kan Udlændingestyrelsen se bort fra pointkravet og tilknytningskravet. Ønsker du, at vi under behandlingen af sagen skal lægge vægt på, at din beskæftigelse er omfattet af Positivlisten, skal du udfylde pkt. 7.B og **vedlægge dokumentation** i form af eksamensbevis og ansættelseskontrakt eller konkret ansættelsestilbud. Du kan læse nærmere om hvilke erhvervsområder, der er omfattet af Positivlisten på www.nyidanmark.dk/positivlisten (eksempler på stillinger: IT-konsulent, praktiserende læge, folkeskolelærer).

Det kan måske være vanskeligt for dig at vurdere, om vi kan se bort fra de normale betingelser for ægtefællesammenføring i din sag. Hvis du vælger ikke at besvare spørgsmålene i pkt. 7.A-B, 8 og 9, og vi vurderer, at vi mod din forventning ikke kan se bort fra de nævnte krav, skal vi indhente en række yderligere oplysninger fra dig. Det betyder, at din ægtefælle

Udlændingestyrelsen - Rymsgade 53 - DK 2100 København - Tlf.: +45 3530 8888 - e-mail: aegtefaelle@us.dk - www.nyidanmark.dk
 Telefonetid mandag til fredag 9:00 - 15:00 - Åbningstider i Servicecentret mandag til fredag 8:30 - 12:00 torsdag tillige 15:30 - 17:30

FA1


 UDLÆNDINGESTYRELSEN

ansøgning ikke vil blive behandlet i vores selvbetjeningsprocedure med særlig hurtig sagsbehandling. Vi vil derfor opfordre dig til - under alle omstændigheder - at udfylde pkt. 7.A-B, 8 og 9, så vi kan behandle sagen hurtigere.

7.A Tilknytning til Danmark

UDFYLDES MED BLOKBOGSTAVER

For at din ægtefælle/samlever/partner kan få opholdstilladelse i Danmark, er det normalt en betingelse, at jeres samlede tilknytning her til landet er større end jeres samlede tilknytning til et andet land. Du behøver dog ikke at besvare spørgsmålene om jeres tilknytning til Danmark, hvis du har været dansk statsborger i mere end 28 år, er født her i landet og nu har boet her uafbrudt i mindst 28 år eller er kommet hertil, inden du fyldte 6 år og nu har boet her uafbrudt i mindst 28 år, eller du er beskæftiget inden for et erhverv, der er omfattet af Positivlisten.

Jeg behøver ikke at svare på spørgsmålene om vores tilknytning til Danmark, fordi jeg (sæt kryds):

- Har været dansk statsborger i mere end 28 år
- Er født her i landet og nu har boet her uafbrudt i mindst 28 år (dvs. at jeg ikke har været uden for Danmark bortset fra kortere ferieophold)
- Er kommet hertil inden, jeg fyldte 6 år, og nu har boet her uafbrudt i mindst 28 år (dvs. at jeg ikke har været uden for Danmark bortset fra kortere ferieophold)

Hvis du har sat kryds i et af de tre felter ovenfor, behøver du ikke udfylde resten af pkt. 7.A-B, men du kan gå direkte til pkt. 8.

Er omfattet af Positivlisten (vedlæg dokumentation i form af eksamensbevis og ansættelseskontrakt eller konkret ansættelsestilbud)

Hvis du har sat et kryds i feltet ovenfor (vedr. Positivlisten), behøver du ikke udfylde resten af pkt. 7.A, men du kan gå direkte til pkt. 7.B.

Hvor er du født/opvokset?

Hvornår kom du første gang til Danmark?

Har du boet i Danmark, siden du kom hertil for første gang?

Ja Nej

Hvis du er blevet dansk statsborger, bedes du oplyse hvornår

Er du kommet til Danmark som flygtning og har siden fået dansk statsborgerskab?

Ja Nej

Hvis ja, har du - siden du første gang fik opholdstilladelse i Danmark som flygtning - besøgt det land, som du er flygtet fra?

Ja Nej

Har du været uden for Danmark i **længere** perioder end en måned?

Ja Nej

Hvis ja, bedes du oplyse følgende:

Periode(r)	Land(e)	Årsag(er)

Har du børn uden for Danmark?

Ja Nej

Hvis ja, bedes du oplyse følgende:

Fornavn(e) og efternavn	Fødselsdato (dag, måned, år)	Køn	I hvilket land opholder barnet sig?
		<input type="checkbox"/> Dreng <input type="checkbox"/> Pige	
		<input type="checkbox"/> Dreng <input type="checkbox"/> Pige	
		<input type="checkbox"/> Dreng <input type="checkbox"/> Pige	
		<input type="checkbox"/> Dreng <input type="checkbox"/> Pige	

Udlændingestyrelsen - Ryesgade 53 - DK 2100 København - Tlf.: +45 3530 8888 - e-mail: aegtefaelle@us.dk - www.nyidanmark.dk
Telefontid mandag til fredag 9:00 - 15:00 - Åbningstider i Servicecentret mandag til fredag 8:30 - 12:00 torsdag tillige 15:30 - 17:30

Side 24 af 43

FA1


 UDLÆNDINGESTYRELSEN

Du bedes oplyse følgende om dine forældre:

Far (efternavn og fornavn(e))	Fødselsdato (dag, måned, år)
Adresse (gade/vej, nr., postnr. og by)	Ægteskabelig stilling <input type="checkbox"/> Gift <input type="checkbox"/> Ugift
Mor (efternavn og fornavn(e))	Fødselsdato (dag, måned, år)
Adresse (gade/vej, nr., postnr. og by)	Ægteskabelig stilling <input type="checkbox"/> Gift <input type="checkbox"/> Ugift

Har du søskende i **Danmark**? Ja Nej
Hvis ja, bedes du oplyse følgende:

	Søster/bror 1	Søster/bror 2	Søster/bror 3	Søster/bror 4
Efternavn				
Fornavn(e)				
Fødselsdato (dag, måned, år)				
Adresse (gade/vej, nr., postnr. og by)				
Ægteskabelig stilling	<input type="checkbox"/> Gift <input type="checkbox"/> Ugift			

Har du søskende i **udlandet**? Ja Nej
Hvis ja, bedes du oplyse følgende:

	Søster/bror 1	Søster/bror 2	Søster/bror 3	Søster/bror 4
Efternavn				
Fornavn(e)				
Fødselsdato (dag, måned, år)				
Adresse (gade/vej, nr., postnr. og by)				
Ægteskabelig stilling	<input type="checkbox"/> Gift <input type="checkbox"/> Ugift			

7.B Beskæftigelse og uddannelse UDFYLDES MED BLOKBOGSTAVER

Har du arbejde i Danmark? Ja Nej
Hvis ja, bedes du oplyse følgende:

Arbudssted	Ugentlig arbejdstid (antal timer)	Dato for ansættelse
Stillingsbetegnelse	Arbejdsopgaver (kort beskrivelse)	

Udlændingestyrelsen - Rymsgade 53 - DK 2100 København - Tlf.: +45 3530 8888 - e-mail: aegtefaelle@us.dk - www.nyidanmark.dk
Telefontid mandag til fredag 9:00 - 15:00 - Åbningstider i Servicecentret mandag til fredag 8:30 - 12:00 torsdag tillige 15:30 - 17:30

FA1



UDLÆNDINGESTYRELSEN

Har du tidligere haft andet arbejde i Danmark? Ja Nej
 Hvis ja, bedes du oplyse følgende:

	Arbejdssted	Arbejdsopgaver (kort beskrivelse)	Ugentlig arbejdstid	Dato for ansættelse	Dato for fratrædelse
1.					
2.					
3.					
4.					

Har du taget eller er du i gang med at tage en erhvervskompetencegivende uddannelse i Danmark?
 Ja Nej
 Hvis ja, bedes du oplyse hvilken uddannelse og hvornår uddannelsen er/forventes gennemført

8. Forsørgelse

UDFYLDES MED BLOKBOGSTAVER

Som udgangspunkt skal alle udlændinge, der kommer til Danmark, kunne forsørge sig selv uden at modtage offentlig hjælp. Dvs. at du og din ægtefælle/partner/samlever skal være selvforsørgende. For at opfylde dette krav skal du vedlægge en udtalelse fra din kommune, som viser, at du ikke har modtaget økonomisk hjælp efter aktivloven eller integrationsloven de seneste 3 år.

Bagest i dette skema finder du en anmodning om en sådan udtalelse, som du skal sende eller aflevere til din kommune. Kommunen vil herefter sende en udtalelse retur til dig, som du skal vedlægge dette oplysningsskema, inden du indgiver det.

Hvis I ikke er gift/har indgået registreret partnerskab, skal du også underskrive og vedlægge en erklæring om, at du vil forsørge din samlever (bilag 3).

9. Bolig

UDFYLDES MED BLOKBOGSTAVER

For at din ægtefælle/samlever/partner kan få opholdstilladelse i Danmark er det normalt en betingelse, at du har egen bolig af rimelig størrelse. Derfor følger nu nogle spørgsmål om din bolig.

Bemærk: Hvis du bor til leje, og udlejer selv er lejer af boligen, opfylder du *ikke* boligkravet. Hvis du bor til leje, og udlejer selv er andelshaver, opfylder du kun boligkravet, hvis du kan dokumentere, at du råder over den lejede bolig i en tidsbegrænset periode, og at dette ikke er i strid med andelsboligforeningens vedtægter. Hvis du er i tvivl om, hvorvidt udlejer ejer din bolig eller selv er lejer af din bolig, bedes du kontakte udlejer, inden du besvarer spørgsmålene vedr. lejebolig. Boligkravet gælder også, hvis du bor hos dine forældre.

Bor du for øjeblikket i udlandet, og ønsker du først at tage ophold i Danmark, når/hvis din ægtefælle/samlever/partner får opholdstilladelse i Danmark, bedes du nedenfor – så vidt muligt – oplyse, hvilken kommune I planlægger at bo i.

Bor du for øjeblikket i udlandet? Ja Nej

Hvis **ja**, bedes du oplyse navnet på den kommune, som I vil flytte til, hvis din ægtefælle/samlever/partner får opholdstilladelse i Danmark:

Lejer du din bolig? Ja Nej

Hvis **ja**, lejer du din bolig i en tidsbegrænset periode (fremleje)?

Ja Nej

Du bedes **vedlægge kopi af din lejeaftale med udlejer.**

Udlændingestyrelsen - Ryesgade 53 - DK 2100 København - Tlf.: +45 3530 8888 - e-mail: aegtefaelle@us.dk - www.nyidanmark.dk
 Telefontid mandag til fredag 9:00 - 15:00 - Åbningstider i Servicecentret mandag til fredag 8:30 - 12:00 torsdag tillige 15:30 - 17:30

Side 26 af 43

FA1



UDLÆNDINGESTYRELSEN

Ejer du din bolig? Ja Nej
 Hvis **ja**, bedes du **vedlægge kopi af skøde eller endelig købsaftale**.

Har du en andel eller anpart i din bolig? Ja Nej
 Hvis **ja**, bedes du **vedlægge kopi af andels- eller anpartsbevis**.

Bor du på kollegie- eller klubværelse? Ja Nej
 Hvis **ja**, bedes du **vedlægge dokumentation** herfor.

Hvor stor er din bolig? (Du bedes oplyse boligareal i m².)

Hvor mange beboelsesrum er der i boligen? (Køkken, toilet, entré, gang, trapperum, depotrum eller lignende rum er ikke beboelsesrum og skal derfor ikke medregnes)

Hvor store er de enkelte beboelsesrum? (Du bedes oplyse antal m² for hvert enkelt beboelsesrum)

Hvor mange personer skal bo i boligen? (Både personer, der bor i boligen nu, og personer, der ønskes familiesammenført, skal medregnes)

10. Andre oplysninger, som du mener, er relevante for sagen **UDFYLDES MED BLOKBOGSTAVER**

Hvis du fx lider af alvorlig sygdom eller handicap, som, du mener, er relevant for behandlingen af din sag, bedes du oplyse dette nedenfor. Du bedes **vedlægge dokumentation for dine oplysninger** (fx lægeattest ved alvorlig sygdom eller handicap). Udlændingestyrelsen vil på den baggrund kunne vurdere, om dine oplysninger har betydning for behandlingen af sagen.

FA1



UDLÆNDINGESTYRELSEN

11. Erklæring efter udlændingeloven (§ 9 stk. 2) om min ægtefælle/samlevers/partners aktive deltagelse i danskindlæring og integration i det danske samfund

Denne erklæring skal fremhæve betydningen af et godt kendskab til det danske sprog, dansk kultur og danske samfundsforhold, når man som udlænding tager bopæl i Danmark. Erklæringen er udformet med sigte på de tilfælde, hvor ansøgeren ikke på forhånd har kendskab eller særlige forudsætninger for at kende dansk sprog, kultur og samfundsforhold.

Jeg erklærer herved, at jeg efter bedste evne vil deltage aktivt i min ægtefælle/samlevers/partners og mine børns danskindlæring og integration i det danske samfund. Jeg erklærer derfor følgende:

- Jeg vil arbejde for, at min ægtefælle/samlevers/partner bliver selvforsørgende gennem beskæftigelse
- Jeg vil arbejde for, at min ægtefælle/samlevers/partner lærer det danske sprog
- Jeg vil arbejde for, at min ægtefælle/samlevers/partner tilegner sig en forståelse for det danske samfunds grundlæggende værdier og normer
- Jeg vil arbejde for, at min ægtefælle/samlevers/partner deltager aktivt i samfundslivet
- Jeg vil arbejde for, at min ægtefælle/samlevers/partner deltager aktivt i det integrationsprogram, hun/han bliver tilbudt
- Jeg vil arbejde for mine børns integration ved – i samarbejde med daginstitutioner, skoler m.v. – at sikre, at børnene så tidligt som muligt tilegner sig det danske sprog, og at de vejledes om at tage ansvar for egen læring
- Jeg er klar over, at den økonomiske sikkerhed (102.900 kr. i 2012-niveau), som jeg som udgangspunkt skal stille i forbindelse med min ægtefælle/samlevers/partners sag om opholdstilladelse i Danmark, efter anmodning nedskrives med halvdelen, når min ægtefælle/samlevers/partner har bestået hendes/hans afsluttende danskprøve eller modtaget bevis for aktiv deltagelse ved afslutningen af danskuddannelsen.

12. Øvrige erklæringer

A. Erklæring på tro og love om, at de oplysninger, jeg har givet, er korrekte [ErRef1]

Jeg erklærer på tro og love, at jeg har givet sande oplysninger i dette skema.

Hvis det senere viser sig, at oplysningerne ikke var sande, kan det have følgende konsekvenser:

- Jeg kan blive straffet med bøde eller fængsel i indtil 2 år (straffelovens § 161, jf. udlændingelovens § 40).
- Jeg kan blive dømt til at erstatte de udgifter, som den danske stat har haft på grund af de falske oplysninger (udlændingelovens § 40).
- Ansøgers opholdstilladelse kan blive inddraget (udlændingelovens § 19).

B. Erklæring på tro og love om, at jeg ikke er straffet for forhold begået mod en ægtefælle, samlevers eller partner [ErRef2a]

Jeg erklærer på tro og love, at jeg ikke er dømt for alvorlig kriminalitet mod en ægtefælle, samlevers eller partner inden for de seneste 10 år. Med alvorlig kriminalitet menes forhold, hvor jeg er blevet idømt betinget eller ubetinget frihedsstraf eller anden strafferetlig retsfølge, der indebærer eller giver mulighed for frihedsberøvelse.

Det drejer sig om følgende bestemmelser i straffeloven:

- § 213 (krænkelse i familieforhold).
- §§ 216 eller 217, §§ 224 eller 225, jf. §§ 216 eller 217, § 228, § 229, stk. 1 (visse seksualforbrydelser).
- § 237 eller §§ 244-246 og § 250 (visse forbrydelser mod liv og legeme).
- §§ 260, 261 og 262 a (visse forbrydelser mod den personlige frihed).
- § 266 (strafbare trusler).

Hvis denne erklæring senere viser sig ikke at være sand, kan det have følgende konsekvenser:

- Jeg kan blive straffet med bøde eller fængsel indtil 2 år (straffelovens § 161, jf. udlændingelovens § 40).
- Jeg kan blive dømt til at erstatte de udgifter, som den danske stat har haft på grund af den falske erklæring (udlændingelovens § 40).
- Min ægtefælles/partners/samlevers opholdstilladelse kan blive inddraget (udlændingelovens § 19).

C. Erklæring om samtykke til, at myndighederne skaffer de nødvendige oplysninger om mig, som de skal bruge for at kunne behandle ansøgningen om familiesammenføring med mig [ErRef3a]

Jeg giver samtykke til, at de danske udlændingemyndigheder kan videregive og indhente oplysninger om mine private forhold, hvis det er nødvendigt for at kunne behandle den ansøgning, som dette skema vedrører (forvaltningslovens §§ 28-29). Oplysningerne kan videregives til og indhentes fra andre danske eller udenlandske myndigheder, herunder politimyndigheder.

Det gælder fx oplysninger om:

- Evt. straffesager mod mig.
- Hvem jeg er i familie med.
- Jeg har modtaget hjælp efter aktivloven eller integrationsloven.
- De dokumenter, som jeg har vedlagt dette skema, herunder oplysninger om dokumenternes ægthed.

Udlændingestyrelsen - Ryesgade 53 - DK 2100 København - Tlf.: +45 3530 8888 - e-mail: aegtefaelle@us.dk - www.nyidanmark.dk
Telefontid mandag til fredag 9:00 - 15:00 - Åbningstider i Servicecentret mandag til fredag 8:30 - 12:00 torsdag tillige 15:30 - 17:30

FA1



Jeg giver desuden samtykke til, at myndigheder, som til brug for behandlingen af ansøgningen hores af Udlændingestyrelsen, kan indhente oplysninger om mine private forhold til brug for besvarelsen af høringen.

Endelig giver jeg samtykke til, at udlændingemyndighederne fra Arbejdsmarkedsportalen kan indhente oplysninger om, hvorvidt jeg inden for det seneste år har modtaget ydelser efter lov om aktiv socialpolitik eller integrationsloven, og til at udlændingemyndighederne – hvis det er tilfældet – indhenter oplysninger hos kommunen om størrelsen og karakteren af de ydelser, som jeg har modtaget.

Information om, at rigtigheden af dine oplysninger kan blive kontrolleret

[InRef1]

Rigtigheden af de oplysninger, som du har givet i dette skema, kan blive kontrolleret af Udlændingestyrelsen. Det kan både ske under selve behandlingen af ansøgningen og senere, når ansøger eventuelt har fået en tilladelse. Hvis ansøger har fået en tilladelse, og Udlændingestyrelsen finder, at ansøger ikke længere opfylder betingelserne for opholdstilladelse, kan tilladelsen blive inddraget. Ansøgers sag kan blive udtaget til kontrol, selv om der ikke er noget konkret, der tyder på, at dine oplysninger er urigtige, eller at ansøger ikke længere opfylder betingelserne for tilladelsen.

Kontrollen kan foregå på følgende måder:

- Opslag i registre, fx Det Centrale Personregister.
- Samkøring af oplysninger i Udlændingestyrelsens registre, fx udlændingeregistret, med oplysninger fra Det Centrale Personregister (CPR), Bygnings- og Boligregistret (BBR) og indkomstregistret.
- Henvendelse til andre myndigheder, fx kommuner.
- Henvendelse til tredjepart, fx arbejdsgiver eller studiested.
- Personlig henvendelse på bopæl, studie- eller arbejdssted.

Du kan i forbindelse med kontrollen blive bedt om at indsende yderligere oplysninger.

13. Underskrift

Jeg **bekræfter ved min underskrift at have læst, forstået og accepteret indholdet af pkt. 11 og 12.**

Dato og sted

Underskrift

FA1



UDLÆNDINGESTYRELSEN

Bilag 1: Udtalelse fra kommunen til brug for ægtefællesammenføring

For at ansøger kan få opholdstilladelse, er det en betingelse, at du (ansøgers ægtefælle/partner/samlever) ikke har modtaget hjælp efter aktivloven eller integrationsloven i 3 år forud for afgørelsen om opholdstilladelse (udlændingelovens § 9, stk. 5). Dette skal du dokumentere ved at indhente en udtalelse fra din bopælskommune. Du kan indhente udtalelsen fra bopælskommunen ved at bruge dette bilag. Du kan kontakte din kommune for at få oplysninger om den aktuelle sagsbehandlingstid på en udtalelse.

Sådan gør du:

1. Udfyld og underskriv anmodningen til din bopælskommune (pkt. A)
2. Send eller aflever hele bilag 1 til din bopælskommune

Kommunen vil udfylde og underskrive udtalelsen (pkt. B) og sende udtalelsen retur til dig med kommunens stempel og en underskrift. Når du har modtaget udtalelsen fra kommunen, skal du aflevere (evt. sende) udtalelsen til Udlændingestyrelsen sammen med det udfyldte oplysningsskema og øvrige bilag.

Bemærk: Hvis du har boet i flere forskellige kommuner inden for de seneste 3 år, bedes du vedlægge en udtalelse fra hver af disse bopælskommuner.

Medarbejderen i kommunen bedes

1. Udfylde udtalelsen (pkt. B)
2. Returnere udtalelsen til ansøgers ægtefælle/partner/samlever

A. Anmodning om udtalelse fra kommunen til brug for ægtefællesammenføring

UDFYLDES MED BLOKBOGSTAVER

Min ægtefælle/partner/samlever søger om opholdstilladelse i Danmark på baggrund af ægteskab/partnerskab/samliv med mig.

1. Min ægtefælle/partner/samlever (den person, der søger om opholdstilladelse i Danmark) har følgende data:

Navn Fødselsdato

2. Jeg har følgende data:

Navn

Adresse

CPR-nr.

Det er som udgangspunkt en betingelse for opholdstilladelsen, at jeg i 3 år forud for afgørelsen om opholdstilladelse ikke har modtaget hjælp efter lov om aktiv socialpolitik eller integrationsloven, jfr. udlændingelovens § 9, stk. 5.

Til brug for min ægtefælles/partners/samlevers ansøgning om opholdstilladelse skal jeg derfor anmode kommunen om at udfylde og underskrive vedlagte erklæring og herefter fremsende den til mig på ovennævnte adresse.

Sted og dato

Underskrift

FA1



B. Udtalelse fra kommunen om modtagelse af hjælp efter aktivloven eller integrationsloven i forbindelse med en ansøgning om ægtefællesammenføring, jf. udlændingelovens § 9, stk. 5.

Til brug for behandling af ansøgning om ægtefællesammenføring bedes kommunen oplyse følgende om ansøgers herboende ægtefælle/partner/samlever:

1. Ikke modtaget hjælp

Ansøgers herboende ægtefælle har **ikke** modtaget hjælp efter lov om aktiv socialpolitik eller integrationsloven i 3 år forud for underskrivelsen af denne erklæring (kommunen bedes oplyse navn og CPR-nr.)

(sæt kryds)

Navn _____, CPR-nr. _____

2. Modtaget hjælp

Ansøgers herboende ægtefælle har modtaget hjælp efter lov om aktiv socialpolitik eller integrationsloven i 3 år forud for underskrivelsen af denne erklæring (kommunen bedes oplyse navn og CPR-nr. samt besvare spørgsmålene nedenfor vedr. ydelsen)

(sæt kryds)

Navn _____, CPR-nr. _____

	Ydelse 1	Ydelse 2	Ydelse 3	Ydelse 4
Efter hvilken bestemmelse er ydelsen udbetalt?				
Ydelsens beløbsmæssige størrelse				
Tidspunktet for udbetalingen af ydelsen				
Er ydelsen direkte relateret til forsørgelse:				
a. Er beløbet udbetalt til underhold?	<input type="checkbox"/> Ja <input type="checkbox"/> Nej			
b. Er beløbet ydet til dækning af enkeltstående udgift?	<input type="checkbox"/> Ja <input type="checkbox"/> Nej			
Hvis ja, hvilken form for udgift?				
Kan ydelsen sidestilles med løn eller pension, eller træder ydelsen i stedet herfor? *	<input type="checkbox"/> Ja <input type="checkbox"/> Nej			
Eventuelle bemærkninger til ydelsen				

*) En sådan ydelse skal som udgangspunkt være en ledighedsydelse udbetalt til personer, der opfylder betingelserne for at modtage fleksydelse med henblik på en tilbagetrækning fra arbejdsmarkedet, en ledighedsydelse til ansatte i fleksjob i forbindelse med afholdelse af ferie eller det tillæg, som kan udbetales til brøk-førtidspensionister efter § 27a i lov om aktiv socialpolitik.

Til brug for Udlændingestyrelsens journalisering af sagen, bedes kommunen oplyse navn og fødselsdato på den person, der søger om opholdstilladelse (navn og fødselsdato fremgår af pkt. A.1 i anmodningen):

Navn: _____, Fødselsdato _____

Sted og dato

Kommunens stempel og medarbejderens underskrift

Udlændingestyrelsen - Ryesgade 53 - DK 2100 København - Tlf.: +45 3530 8888 - e-mail: aegtefaelle@us.dk - www.nyidanmark.dk
Telefontid mandag til fredag 9:00 - 15:00 - Åbningstider i Servicecentret mandag til fredag 8:30 - 12:00 torsdag tillige 15:30 - 17:30

FA1



UDLÆNDINGESTYRELSEN

Bilag 2: Samlivserklæring

Denne erklæring skal kun vedlægges, hvis din ægtefælle/partner/samlever er i Danmark.

Undertegnede ægtefæller/registrerede partnere/samlevende par erklærer på tro og love,

- at vi lever sammen på fælles bopæl på nedenstående adresse, og
- at formålet med vores ægteskabs/registrerede partnerskabs indgåelse eller vores samlivsforholds etablering **ikke** alene er at opnå et selvstændigt opholdsgrundlag for ansøger.

Hvis det senere viser sig, at denne erklæring var urigtig, kan det have følgende konsekvenser:

- Vi kan blive straffet med bøde eller fængsel indtil 2 år (straffelovens § 161, jf. udlændingelovens § 40).
- Vi kan blive dømt til at erstatte de udgifter, som den danske stat har haft på grund af den urigtige erklæring (udlændingelovens § 40).
- Ansøgers opholdstilladelse kan blive inddraget (udlændingelovens § 19).

Adresse (gade/vej, nr., postnr. og by)

Dato og sted

Underskrift

Dato og sted

Underskrift

FA1



UDLÆNDINGESTYRELSEN

Bilag 3: Erklæring om, at jeg vil forsørge ansøgeren (Skal kun udfyldes, hvis I ikke er gift/har indgået registreret partnerskab)

UDFYLDES MED BLOKBOGSTAVER

Hvis du er gift eller registreret partner med den, der søger om opholdstilladelse efter udlændingeloven, har du efter dansk lov en pligt til at forsørge din ægtefælle/partner.

Hvis du ikke er gift eller registreret partner med ansøgeren, skal du påtage dig denne pligt.

Du påtager dig forpligtelsen ved at underskrive denne erklæring.

Hvis din samlever får opholdstilladelse, sender vi en kopi af erklæringen til den kommune, hvor du bor.

Bor du for øjeblikket i udlandet, sender vi en kopi af erklæringen til den kommune, som du planlægger at bo i. Navnet på kommunen har vi bedt dig oplyse under pkt. 9.

Undertegnede (navn)

CPR-nr.

Adresse

Erklærer herved, at jeg påtager mig den fulde forsørgelse for:

Navn

Fødselsdato

Nationalitet

Evt. udl.nr./Person ID

så længe han/hun har tidsbegrænset opholdstilladelse efter udlændingelovens § 9, stk. 1, nr. 3, eller § 9 c, stk. 1, 2. pkt.

Jeg er bekendt med, at det er en betingelse for, at min samlever kan få opholdstilladelse, at jeg har underskrevet denne garantierklæring (udlændingelovens § 9, stk. 1, nr. 3, eller § 9 c, stk. 1, 2. pkt., jf. § 9, stk. 17, 1. pkt., eller § 9, stk. 3).

Jeg er endvidere bekendt med, at hvis min samlever får hjælp til forsørgelse efter lov om aktiv socialpolitik eller integrationsloven, skal kommunalbestyrelsen pålægge mig at betale for hjælpen, og hvis jeg ikke betaler, skal kommunalbestyrelsen inddrive beløbet hos mig efter reglerne om inddrivelse af personlige skatter (udlændingelovens § 9, stk. 19).

Jeg er endelig bekendt med, at hvis min samlever får behov for vedvarende hjælp, kan Den Sociale Sikringsstyrelse beslutte, at min samlever skal hjemsendes (lov om aktiv socialpolitik § 3). I så fald bortfalder min samlevers opholdstilladelse (udlændingelovens § 18).

Dato og sted

Underskrift

FA1



Bilag 4: Erklæring på tro og love, om at jeg ikke er straffet for forhold begået mod mindreårige børn

Hvis din ægtefælle/partner/samlever (ansøger) har et barn/børn fra tidligere forhold, som også søger om opholdstilladelse i Danmark, bedes du underskrive denne erklæring om, at du inden for de seneste 10 år ikke er blevet dømt for forhold begået mod mindreårige børn.

Jeg erklærer på tro og love, at jeg ikke inden for de seneste 10 år er blevet dømt for overgreb mod mindreårige børn (betinget eller ubetinget frihedsstraf eller anden strafferetlig retsfølge, der indebærer eller giver mulighed for frihedsberøvelse) for overtrædelse af følgende bestemmelser i straffeloven:

- § 210, stk. 1 eller 3, jf. stk. 1, eller § 213 (visse forbrydelser i familieforhold)
- §§ 216-219, § 222 eller § 223, §§ 224 eller 225, jf. §§ 216-219, § 228, § 229, stk. 1, § 230, § 232, § 235 (visse forbrydelser mod kønsædeligheden)
- § 237, §§ 244-246, § 250 (visse forbrydelser mod liv og legeme)
- § 260, § 261, § 262 a, stk. 2 (visse forbrydelser mod den personlige frihed)
- § 266 (strafbare trusler)

Meddeles ansøgeren opholdstilladelse, og viser det sig efterfølgende, at denne erklæring ikke er rigtig, kan det få den konsekvens, at opholdstilladelsen inddrages. Endvidere risikerer jeg, hvis min erklæring ikke er rigtig

- at blive straffet med bøde eller fængsel indtil 2 år (straffelovens § 161, jf. udlændingelovens § 40) og
- at skulle erstatte de udgifter, der i anledning af de urigtige oplysninger er påført den danske stat (udlændingelovens § 40).

Jeg **bekræfter ved min underskrift at have læst, forstået og accepteret indholdet af denne erklæring**

Dato og sted

Underskrift

Bilag 5: Opfyldelse af de nuværende betingelser for tidsubegrænset (permanent) opholdstilladelse, hvis den herboende ægtefælle er udlænding

Hvem skal udfylde dette bilag?

Du skal **ikke** udfylde dette bilag, hvis du er

- Dansk statsborger,
- norsk, svensk, finsk eller islandsk statsborger, *eller* du har
- en tidsubegrænset (permanent) opholdstilladelse på baggrund af en ansøgning indgivet fra og med den 26. marts 2010.

Alle andre ikke-nordiske statsborgere og personer uden tidsubegrænset (permanent) opholdstilladelse i Danmark efter gældende regler bedes udfylde dette bilag.

Bemærk: Kravet gælder også, selv om du allerede har en tidsubegrænset opholdstilladelse, hvis du har fået denne tilladelse efter de **tidligere** gældende regler.

Hvorfor skal du udfylde dette bilag?

Det er normalt en betingelse for ægtefællesammenføring, at du (ansøgers ægtefælle/samlever/partner i Danmark) opnår point ved at opfylde en del af betingelserne for tidsubegrænset opholdstilladelse efter de **gældende** regler. For at Udlændingestyrelsen kan vurdere, hvorvidt du opnår disse point, bedes du udfylde dette bilag.

Hvilke kriterier skal du opfylde for at opfylde en del af de nuværende betingelser for tidsubegrænset opholdstilladelse?

Når man søger om tidsubegrænset (permanent) opholdstilladelse, skal man normalt opnå i alt 100 point for at få tidsubegrænset opholdstilladelse.

I dette tilfælde, hvor du skal opfylde en del af betingelserne for tidsubegrænset opholdstilladelse i forbindelse med en ansøgning om ægtefællesammenføring, skal du dog alene opnå **85 point** for at opfylde betingelserne.

Hvordan opnår du 85 point?

Du opnår **70 point** ved at opfylde følgende betingelser:

- Du skal have boet lovligt i Danmark i mindst 4 år.
- Du må ikke have begået kriminalitet (af en vis grovhed).
- Du må ikke have forfalden gæld til det offentlige, medmindre der er givet henstand med hensyn til tilbagebetalingen af gælden, og gælden ikke overstiger 104.855,10 kr. (2012-niveau).

- Du må ikke have modtaget offentlig hjælp/social bistand (efter lov om aktiv socialpolitik eller integrationsloven) i de sidste 3 år forud for indgivelsen af ansøgningen om ægtefællesammenføring, og indtil ansøger vil kunne meddeles opholdstilladelse.
- Du skal have underskrevet en erklæring om integration og aktivt medborgerskab i det danske samfund eller på anden vis have tilkendegivet at acceptere indholdet heraf.
- Du skal have bestået Prøve i Dansk 2 eller en danskprøve på et tilsvarende eller højere niveau.
- Du skal have haft ordinær fuldtidsbeskæftigelse i Danmark i mindst 2 år og 6 måneder inden for de sidste 3 år forud for indgivelsen af ansøgningen om ægtefællesammenføring, og du må antages fortsat at være tilknyttet arbejdsmarkedet på tidspunktet, hvor opholdstilladelse vil kunne meddeles.

De sidste **15 point** opnår du ved **enten**

- at have arbejdet i Danmark i mindst 4 år inden for de sidste 4 år og 6 måneder forud for indgivelsen af ansøgningen om ægtefællesammenføring, og du må antages fortsat at være tilknyttet arbejdsmarkedet på tidspunktet, hvor opholdstilladelse vil kunne meddeles, **eller**
- at have gennemført en lang videregående uddannelse, en professionsbacheloruddannelse, en erhvervsakademiuddannelse eller en erhvervsrettet ungdomsuddannelse i Danmark, **eller**
- at have bestået Prøve i Dansk 3 eller en danskprøve på et tilsvarende eller højere niveau.

FA1


 UDLÆNDINGESTYRELSEN

1. Persongrupper, der har et særlig stærkt tilknytningsforhold til Danmark

Har du opholdstilladelse i Danmark på baggrund af følgende?

Dansk mindretal i Sydslesvig, tidligere dansk indfødsret, danske forældre eller dansksindet fra Argentina med dansk forældre eller bedsteforældre.

Ja Nej

Såfremt du har opholdstilladelse på baggrund af ovenstående persongrupper, skal du kun udfylde pkt. 2, 4, 8 og 10. Såfremt du er dansksindet fra Argentina, og har danske forældre eller bedsteforældre, og er meddelt opholdstilladelse efter den 1. juli 2006 skal du endvidere udfylde pkt. 6 om 2 år og 6 måneders ordinær fuldtidsbeskæftigelse.

2. Erklæringer på tro og love om gæld til det offentlige

Du må ikke have forfalden gæld til det offentlige. Gæld er forfalden, når det tidspunkt, hvor det offentlige har krav på betaling af gælden eller dele heraf, er overskredet.

Du kan dog få tidsbegrænset (permanent)opholdstilladelse på trods af forfalden gæld til det offentlige, hvis den manglende afvikling af den forfaldne gæld skyldes, at der er givet henstand med gælden. Det er dog en forudsætning, at gælden ikke overstiger 104.855,10 kr. (2012-niveau).

Følgende typer gæld er omfattet:

- Tilbagebetalingspligtige ydelser efter lov om social service eller lov om aktiv socialpolitik
- Forskudsvis udbetalt børnebidrag
- Daginstitutionsbetaling
- Tilbagebetaling af for meget udbetalt boligstøtte
- Tilbagebetaling af boligtilskudsån
- Skatter og afgifter, medmindre skatte- eller afgiftsrestancen skyldes forhold, der ikke kan lægges ansøgeren til last

Det har ingen betydning, om der er aftalt en afdragsordning, som overholdes. Det betyder, at forfalden gæld er til hinder for, at man kan få tidsbegrænset (permanent)opholdstilladelse, uanset om der er aftalt en afdragsordning.

(sæt kryds)

Jeg erklærer på tro og love, at jeg **ikke** har forfalden gæld til det offentlige, som er omfattet af ovenstående gældstyper.

Jeg erklærer på tro og love, at jeg har forfalden gæld til det offentlige, som er omfattet af ovenstående gældstyper.

Er der givet henstand? Ja Nej

Hvor stor er gælden? _____

3. Erklæringer på tro og love om modtagelse af offentlig hjælp

For at få tidsbegrænset (permanent) opholdstilladelse i Danmark må man ikke have modtaget offentlig hjælp efter lov om aktiv socialpolitik eller integrationsloven inden for de sidste 3 år, og indtil man vil kunne meddeles tidsbegrænset (permanent)opholdstilladelse.

Alle typer af offentlig hjælp efter lov om aktiv socialpolitik eller integrationsloven er til hinder for, at man kan få tidsbegrænset (permanent)opholdstilladelse. Det gælder således f.eks. også enkeltstående ydelser og ikke kun ydelser såsom integrationsydelse, starthjælp og kontanthjælp.

(sæt kryds)

Jeg erklærer på tro og love, at jeg **ikke** inden for de seneste 3 år fra indgivelsen af ansøgningen om ægtefællesammenføring har modtaget offentlig hjælp efter lov om aktiv socialpolitik eller integrationsloven og fortsat ikke modtager dette.

Jeg erklærer, at jeg inden for de seneste 3 år fra indgivelsen af ansøgningen om ægtefællesammenføring har modtaget offentlig hjælp efter lov om aktiv socialpolitik eller integrationsloven.

Udlændingestyrelsen - Ryegade 53 - DK 2100 København - Tlf.: +45 3530 8888 - e-mail: aegtefaelle@us.dk - www.nyidanmark.dk
Telefontid mandag til fredag 9:00 - 15:00 - Åbningstider i Servicecentret mandag til fredag 8:30 - 12:00 torsdag tillige 15:30 - 17:30

Side 36 af 43

FA1


 UDLÆNDINGESTYRELSEN

4. Danskkundskaber

UDFYLDES MED BLOKBOGSTAVER

Det er en betingelse for at kunne få tidsubegrænset (permanent) opholdstilladelse, at du har bestået Prøve i Dansk 2 eller en danskprøve på et tilsvarende eller højere niveau. Du kan på www.nyidanmark.dk se, hvilke prøver der anses som fornøden dokumentation for, at du har bestået en danskprøve på et tilsvarende eller højere niveau end Prøve i Dansk 2.

Har du bestået Prøve i Dansk 2?

 Ja NejHvis **ja**, bedes du vedlægge dokumentation

Har du bestået Prøve i Dansk 3?

 Ja NejHvis **ja**, bedes du vedlægge dokumentation

Har du bestået andre danskprøver?

 Ja NejHvis **ja**, bedes du oplyse hvilke danskprøver og **vedlægge dokumentation** for beståede danskprøver

5. Folkepensionister

Folkepensionister undtages fra beskæftigelseskravet og fra kravet om 15 point opnået efter de supplerende integrationsrelevante betingelser.

Er du folkepensionist?

 Ja NejHvis **ja**, gå direkte til pkt. 8 nedenfor.

6. Beskæftigelse

UDFYLDES MED BLOKBOGSTAVER

Det er et krav for at opnå tidsubegrænset (permanent) opholdstilladelse, at du har haft ordinær fuldtidsbeskæftigelse i 2 år og 6 måneder inden for de sidste 3 år forud for indgivelsen af ansøgningen om ægtefællesammenføring, og at du må antages fortsat at være tilknyttet arbejdsmarkedet på tidspunktet, hvor opholdstilladelse vil kunne meddeles.

Ved **ordinær** beskæftigelse forstås lønnet beskæftigelse og selvstændig erhvervsvirksomhed uden offentligt tilskud. Fleksjob efter reglerne i lov om en aktiv beskæftigelsesindsats sidestilles dog med ordinær beskæftigelse. Praktik eller anden beskæftigelse som led i et uddannelsesforløb, fx elev- og lærlingeforløb, betragtes **ikke** som ordinær fuldtidsbeskæftigelse.

Perioder med fravær som følge af sygdom, ferie, omsorgsdage, barsel m.v. inden for rammerne af ansættelsesforholdet indgår i beregningen, således at der ses bort fra fravær af disse årsager.

Ved **fuldtidsbeskæftigelse** forstås normalt, at man er ansat med en ugentlig arbejdstid på mindst 37 timer. Se nærmere om arbejde på nedsat tid på www.nyidanmark.dk – se under "Beskæftigelse i mindst 2 ½ år".

A. Har du haft ordinær fuldtidsbeskæftigelse i Danmark som lønmodtager eller selvstændig erhvervsdrivende i mindst 2 år og 6 måneder inden for de sidste 3 år fra indgivelsen af ansøgningen om ægtefællesammenføring?

 Ja Nej

Du opnår yderligere point, hvis du har haft fuldtidsbeskæftigelse i mindst 4 år inden for de seneste 4 år og 6 måneder forud for indgivelsen af ansøgningen om ægtefællesammenføring, og du må antages fortsat at være tilknyttet arbejdsmarkedet på tidspunktet, hvor opholdstilladelse vil kunne meddeles.

Udlændingestyrelsen - Ryesgade 53 - DK 2100 København - Tlf.: +45 3530 8888 - e-mail: aegtefaelle@us.dk - www.nyidanmark.dk
Telefontid mandag til fredag 9:00 - 15:00 - Åbningstider i Servicecentret mandag til fredag 8:30 - 12:00 torsdag tillige 15:30 - 17:30

FA1



UDLÆNDINGESTYRELSEN

B. Har du haft ordinær fuldtidsbeskæftigelse i Danmark som lønmodtager eller selvstændig erhvervsdrivende i mindst 4 år inden for de sidste 4 år og 6 måneder fra indgivelsen af ansøgningen om ægtefællesammenføring?

Ja Nej

Hvis du har svaret **ja** under pkt. 6. A og/eller pkt. 6. B ovenfor bedes du oplyse følgende:

Periode(r)

Arbejdssted(er)

Er du selvstændig erhvervsdrivende bedes du oplyse din arbejdsindsats i virksomheden, virksomhedens art, omfang, omsætning, åbningstider, kundegrundlag, priser m.v.

Forventer du ændringer i dine arbejdsmæssige forhold inden for det kommende år?

Ja Nej

Hvis **ja**, hvilke ændringer forventer du? _____

Dokumentation skal vedlægges for hele den periode, hvor du har været tilknyttet arbejdsmarkedet, fx ansættelseskontrakter, lønsedler for hele perioden, arbejdsgivererklæringer (se pkt. 11), driftøkonomiske regnskaber, eller lignende.

7. Uddannelse

Har du gennemført en lang videregående uddannelse, en professionsbacheloruddannelse, en erhvervsakademiuddannelse eller en erhvervsrettet ungdomsuddannelse i Danmark?

Nærmere oplysninger om uddannelserne kan du finde på hjemmesiden: www.ug.dk (UddannelsesGuiden – se under "Uddannelser")

Ja Nej

Dokumentation i form af eksamenspapirer i farvekopi skal vedlægges.

Udlændingestyrelsen - Ryesgade 53 - DK 2100 København - Tlf.: +45 3530 8888 - e-mail: aegtefaelle@us.dk - www.nyidanmark.dk
Telefontid mandag til fredag 9:00 - 15:00 - Åbningstider i Servicecentret mandag til fredag 8:30 - 12:00 torsdag tillige 15:30 - 17:30

Side 38 af 43

FA1



UDLÆNDINGESTYRELSEN

8. Handicap og eventuelle andre forhold

UDFYLDES MED BLOKBOGSTAVER

I det omfang Danmarks internationale forpligtelser, herunder FN's Handicapkonvention, tilsiger det, vil en eller flere af betingelserne for at få tidsubegrænset (permanent) opholdstilladelse kunne fraviges.

Dette er fx muligt, hvis du har et handicap, der forhindrer dig i at opfylde en eller flere af betingelserne.

Danmarks forpligtelse til at beskytte kvinders rettigheder kan føre til, at kravet om ikke at have modtaget offentlig hjælp efter lov om aktiv socialpolitik eller integrationsloven fraviges. Det kan eksempelvis være tilfældet, hvis behovet for hjælp er opstået som følge af, at du er gået på barselsorlov fra et job og efter endt barsel skal vende tilbage til arbejdsmarkedet.

A. Har du et handicap, der forhindrer dig i opfyldelse af en eller flere af betingelserne for at få tidsubegrænset (permanent) opholdstilladelse?

Ja Nej

Hvis **ja**, hvilket handicap, og hvordan forhindrer det dig i at opfylde en eller flere af betingelserne?

Der skal vedlægges dokumentation – f.eks. i form af lægeerklæring eller lignende – for, at du har et handicap, som bevirker, at du ikke kan opfylde betingelserne for meddelelse af tidsubegrænset (permanent) opholdstilladelse.

B. Er der andre forhold, som Udlændingestyrelsen bør være opmærksom på i forbindelse med behandlingen af ansøgningen om ægtefællesammenføring?

Ja Nej

Hvis **ja**, hvilke forhold?

Relevant dokumentation skal vedlægges.

9. Erklæring

Erklæring på tro og love om, at de oplysninger, jeg har givet, er korrekte
Jeg erklærer på tro og love, at jeg har givet sande oplysninger i dette bilag.

Hvis det senere viser sig, at oplysningerne ikke var sande, kan det have følgende konsekvenser:

- Jeg kan blive straffet med bøde eller fængsel i indtil 2 år (straffelovens § 161, jf. udlændingelovens § 40).
- Jeg kan blive dømt til at erstatte de udgifter, som den danske stat har haft på grund af de falske oplysninger (udlændingelovens § 40).
- Ansøgers opholdstilladelse kan blive inddraget (udlændingelovens § 19).

10. Underskrift

Jeg bekræfter ved min underskrift at have læst, forstået og accepteret indholdet af pkt. 9

Dato og sted

Underskrift

Udlændingestyrelsen - Rymsgade 53 - DK 2100 København - Tlf.: +45 3530 8888 - e-mail: aegtefaelle@us.dk - www.nvidanmark.dk
Telefontid mandag til fredag 9:00 - 15:00 - Åbningstider i Servicecentret mandag til fredag 8:30 - 12:00 torsdag tillige 15:30 - 17:30

Side 39 af 43

FA1

**11. Arbejdsgivererklæring**

Erklæring udfyldes og underskrives af arbejdsgiver.

Virksomhedens navn

Adressen

Telefonnr.

Kontaktperson

Oplysninger om arbejdstager og hans/hendes arbejde i virksomheden:

Arbejdstagers navn

CPR-nr.

Ansættelsesperiode(er)

Arbejdstimer pr. uge

Stillingsbetegnelse

Er beskæftigelsen aflønnet efter gældende overenskomst eller udført under sædvanlige løn- og ansættelsesvilkår?

 Ja Nej

Dato og sted

Arbejdsgivers underskrift & stempel

FA1

Tjekliste til bilag 5

Inden bilaget indgives sammen med skema 2, er det vigtigt, at du har vedlagt følgende (sæt gerne kryds):

- Dokumentation for danskundskaber (beståede danskprøver)
- Dokumentation for beskæftigelse (hvis du er arbejdstager, skal du vedlægge arbejdsgivererklæringer/lønsedler for hele perioden. Hvis du er selvstændig erhvervsdrivende, skal du vedlægge dokumentation for ejerskab af virksomheden, registreringsbeviser fra skattemyndighederne vedrørende CVR. nr., momspligt og indeholdelsespligt, samt specificerede momsangivelser)
- Dokumentation for eventuelle handicaps i form af lægeerklæringer m.v.
- Eventuel dokumentation (i form af farvekopier af eksamenspapirer) for gennemført lang videregående uddannelse, professionsbacheloruddannelse, en erhvervsakademiuddannelse eller en erhvervsrettet ungdomsuddannelse i Danmark

Det er også vigtigt, at du har

- besvaret alle spørgsmålene, og har
- underskrevet og dateret dette bilag i pkt. 10.

FA1



UDLÆNDINGESTYRELSEN

Har du husket det hele?

Hvis din ansøgning om ægtefællesammenføring er udfyldt korrekt og vedlagt de nødvendige dokumenter, kan Udlændingestyrelsen love et svar inden for et bestemt tidsrum. På www.nyidanmark.dk kan du se sagsbehandlingstider for ægtefællesammenføring.

Er din ansøgning ikke korrekt udfyldt eller mangler der dokumenter, risikerer du ifølge den danske udlændingelov, at din ansøgning bliver afvist.

Det er derfor meget vigtigt, at du, inden du indgiver skemaet, kontrollerer, at skemaet er udfyldt korrekt og vedlagt de nødvendige dokumenter.

Vi anbefaler, at du bruger tjeklisten herunder inden, du indgiver din ansøgning.

Tjekliste

Inden du indgiver dette skema, er det meget vigtigt, at du har vedlagt følgende (sæt gerne kryds):

- Udtalelse fra din kommune om, at du i en periode ikke har fået offentlig hjælp (bilag 1). **Bemærk:** Du skal selv sørge for at indhente udtalelsen fra din kommune
- Dokumentation for dine boligforhold
- Dokumentation for samliv. Skal kun vedlægges, hvis I hverken er gift eller har indgået partnerskab
- Samlivserklæring (bilag 2). Skal kun vedlægges, hvis din ægtefælle/partner (ansøger) allerede er i Danmark
- Erklæring om, at du vil forsørge ansøgeren (bilag 3). Skal kun vedlægges, hvis I ikke er gift/har indgået registreret partnerskab
- Erklæring om, at du ikke er straffet for forhold begået mod mindreårige børn (bilag 4) (skal kun vedlægges, hvis din ægtefælle/partner/samlever (ansøger) har et barn/børn fra tidligere forhold, som også søger om opholdstilladelse i Danmark)
- Dokumentation for, at du opfylder de gældende regler for tidsubegrænset (permanent) opholdstilladelse. Skal ikke vedlægges, hvis du er dansk statsborger, statsborger i et andet nordisk land eller har tidsubegrænset (permanent) opholdstilladelse i Danmark efter de gældende regler
- Dokumentation for dine eventuelle oplysninger i bilag 5
- Dokumentation for dine eventuelle oplysninger under pkt. 10
- Dokumentation for eventuel navneændring

Det er også vigtigt, at du har

- besvaret alle spørgsmålene,
- underskrevet og dateret oplysningsskemaet,
- udfyldt og underskrevet bilag 5: *Opfyldelse af de nuværende betingelser for tidsubegrænset (permanent) opholdstilladelse, hvis den herboende ægtefælle er udlænding.* Skal **ikke** udfyldes, hvis du er dansk statsborger, statsborger i et andet nordisk land eller har tidsubegrænset (permanent) opholdstilladelse i Danmark efter de gældende regler,
- underskrevet og dateret samlivserklæringen (bilag 2) sammen med din ægtefælle (kun hvis din ægtefælle/partner allerede er i Danmark),
- underskrevet og dateret erklæringen om, at du vil forsørge ansøgeren (bilag 3) (kun hvis I ikke er gift/har indgået registreret partnerskab) og
- underskrevet og dateret erklæringen om, at du ikke er straffet for forhold begået mod mindreårige børn (bilag 4) (kun hvis din ægtefælle/partner/samlever (ansøger) har et barn/børn fra tidligere forhold, som også søger om opholdstilladelse i Danmark).

Udlændingestyrelsen - Ryesgade 53 - DK 2100 København - Tlf.: +45 3530 8888 - e-mail: aegtefaelle@us.dk - www.nyidanmark.dk
Telefontid mandag til fredag 9:00 - 15:00 - Åbningstider i Servicecentret mandag til fredag 8:30 - 12:00 torsdag tillige 15:30 - 17:30

Side 42 af 43

FA1



Information om reglerne for ægtefællesammenføring

På denne side kan du kort orientere dig om de betingelser, der normalt stilles i forbindelse med en ansøgning om ægtefællesammenføring.

Vær opmærksom på, at oversigten er en forenklet gengivelse af reglerne på området. Der kan således være særlige tilfælde, hvor en udenlandsk ægtefælle/partner kan få ægtefællesammenføring, selv om et eller flere af kravene ikke er opfyldt.

Hvis du ønsker en mere detaljeret gennemgang af reglerne for ægtefællesammenføring, kan vi henvise dig til www.nyidanmark.dk/familie eller til at kontakte Udlændingestyrelsen skriftligt, personligt eller telefonisk.

Krav til ægteskabet/partnerskabet/samlivet:

- Ægteskabet/partnerskabet skal være gyldigt indgået – også efter dansk ret.
- Samlivet skal være af længere varighed – normalt minimum 1½ års samliv på fælles bopæl.
- Ægteskabet/partnerskabet skal være indgået eller samlivet etableret efter begge parter eget ønske.
- Ægteskabet/partnerskabet må ikke være indgået eller samlivet etableret med det afgørende formål at opnå opholdstilladelse.

Krav til ansøger:

- Der skal betales gebyr for indgivelse af ansøgning om ægtefællesammenføring.
- Ansøger skal have været i Danmark mindst to gange.
- Ansøger skal have gennemført et kursus i dansk.
- Ansøger skal opfylde pointkravet om enten 60 point, hvis både ansøger og ægtefællen/partneren/samleveren er over 24 år, eller 120 point, hvis en eller begge er under 24 år.
- Ansøger skal bestå indvandringsprøven.

Krav til ægtefællen/partneren/samleveren, der allerede bor i Danmark:

- Ægtefællen/partneren/samleveren skal have haft opholdstilladelse i Danmark i mere end de seneste 3 år. Gælder dog ikke flygtninge.
- Ægtefællen/partneren/samleveren skal opfylde de gældende betingelser for at opnå tidsubegrænset (permanent) opholdstilladelse i Danmark.
- Ægtefællen/partneren/samleveren må ikke inden for de seneste 10 år have været dømt for visse straffelovsovertrædelser mod en tidligere ægtefælle eller samlever.
- Samleveren skal påtage sig at forsørge en udenlandsk samlever.
- Ægtefællen/partneren/samleveren skal være selvforsørgende – det vil sige, at han/hun ikke inden for de seneste 3 år må have modtaget ydelser efter lov om aktiv socialpolitik eller integrationsloven.
- Ægtefællen/partneren/samleveren skal råde over sin egen bolig af rimelig størrelse.
- Ægtefællen/partneren/samleveren skal stille økonomisk sikkerhed på 102.900 kr. til dækning af eventuelle fremtidige udgifter til hjælp efter lov om aktiv socialpolitik eller integrationsloven til ansøger.

Krav til begge:

- Ansøgers og ægtefælless/partnerens/samleverens samlede tilknytning til Danmark skal være væsentlig større end deres samlede tilknytning til et andet land.

Udlændingestyrelsen - Ryesgade 53 - DK 2100 København - Tlf.: +45 3530 8888 - e-mail: aegtefaelle@us.dk - www.nyidanmark.dk
Telefontid mandag til fredag 9:00 - 15:00 - Åbningstider i Servicecentret mandag til fredag 8:30 - 12:00 torsdag tillige 15:30 - 17:30